



Renée France de Carvalho
Uma vida de lutas



EDITORA FUNDAÇÃO
PERSEU ABRAMO

Organizadores
Marly de Almeida Gomes Vianna
René Louis de Carvalho
Ramón Peña Castro

RENÉE FRANCE DE CARVALHO
UMA VIDA DE LUTAS

Organizadores

Marly de Almeida Gomes Vianna
René Louis de Carvalho
Ramón Peña Castro

São Paulo, 2012

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

DIRETORIA

Presidente: Nilmário Miranda

Vice-presidente: Elói Pietá

Diretores: Flávio Jorge, Iole Ilíada, Paulo Fiorilo, Selma Rocha

EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Coordenação editorial

Rogério Chaves

Assistente editorial

Raquel Maria da Costa

Preparação de texto

Eloísa Aragão

Projeto gráfico e editoração (miolo)

Caco Bisol e Márcia Helena Ramos

Capa

Patrícia Jatobá

Imagem da capa

Sérgio Sister (*Sem título*, 2009, Óleo sobre papel)

Fotografias e documentos do caderno de fotos

Acervo da família

© copyright 2012 by Renée France de Carvalho

Todos os direitos reservados à Editora Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 224 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo/SP

Telefone: (11) 5571-4299 - Fax: (11) 5571-0910

Correio eletrônico: editora@fpabramo.org.br

Visite a página eletrônica da Fundação Perseu Abramo
www.fpabramo.org.br / www.efpa.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331v Carvalho, Renée France de.
Uma vida de lutas / Renée France de Carvalho ; organização Marly de Almeida Gomes Vianna, René Louis de Carvalho, Ramón Peña Castro. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.
240 p. : il.

ISBN 978-85-7643-126-8

1. Carvalho, Renée France de - Biografia. 2. Ativistas políticos - Brasil.
3. Brasil - História. I. Vianna, Marly de Almeida Gomes. II. Carvalho, René Louis. III. Castro, Ramón Peña. IV. Título.

CDU 929
CDD 920.81

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

SUMÁRIO

PREFÁCIO, POR LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	5
APRESENTAÇÃO	11
I MEMÓRIAS DE FAMÍLIA	15
II A PRIMEIRA GUERRA	33
III MARSELHA SOB A OCUPAÇÃO NAZISTA	65
IV VINDA AO BRASIL	101
V O GOLPE, A REPRESSÃO E O TERROR	147
VI A VIDA NO EXÍLIO E O RETORNO AO BRASIL	181
CADERNO DE FOTOS	193
VII MINHA MILITÂNCIA	209
VIII O FRESCOR DOS TEMPOS RECENTES	227
SOBRE OS ORGANIZADORES	235

RENÉE, MULHER BRASILEIRA

Já na apresentação deste livro, a professora Marly Vianna consegue uma síntese perfeita da imagem que sempre me vem quando penso na Renée: doçura e delicadeza. Mas durante a leitura vai aparecendo a rocha de firmeza que sustenta essas grandes qualidades humanas. Raízes profundas de convicções políticas abastecem com seiva de vida essa mulher que luta há mais de 70 anos pelas causas da igualdade e da liberdade.

Nasceu no Sul da França e tornou-se uma grande brasileira.

A adolescência ainda não tinha começado e vemos uma menina de 11 anos colhendo dinheiro nas ruas de Marselha, junto com seu irmão, em solidariedade às grandes greves operárias de 1936. A lutadora começa a despontar quando Renée mal deixava a infância, numa França da Frente Popular que nem imaginava a possibilidade de ocupação por Hitler pouco tempo depois.

Antes dos 18 anos, já temos a militante clandestina agarrada ao estribo de trens lotados e vigiados pelos nazistas, levando na outra mão a maleta com armas para os guerrilheiros da Resistência. Se fosse presa, sabia das torturas implacáveis que teria pela frente e dos riscos de ser levada a um campo de concentração, como aconteceu com a irmã mais velha.

Daqui a pouco, naqueles mesmos estribos de trem, já levava um bebê na barriga, fruto do amor que uniria Renée e Apolônio por uma vida inteira,

entre as mais belas páginas de amor que se pode selecionar nas lutas revolucionárias do século XX.

Libertação em 1945 e a vinda ao Brasil dois anos depois, grávida do segundo filho, para um engajamento definitivo nas lutas pela liberdade. Faz dele o seu país a partir de então, fecundando esta terra com sua generosidade, paciência, perseverança e por sua disposição ilimitada de luta. Com seu grande sentido de amor.

Em décadas de militância comunista na Europa e no Brasil, nunca permitiu que os ideais revolucionários anulassem sua visão crítica, de militante e de mulher. Fala da angústia que sentia entre a necessária disciplina partidária e os questionamentos que não queriam calar. Pacto entre Stalin e Hitler em 1939? Ocupação da Hungria pela União Soviética em 1956? Arrogantes dirigentes partidários, com cortina nas janelas do carro, rodando por uma Moscou cheia de carências? Como explicar tamanha distância entre os ideais de igualdade e a dura realidade que saltava à vista?

Vivendo no Brasil, sua visão crítica segue teimosa. Por que militantes experientes como Apolônio e ela eram confinados em tarefas de retaguarda ou domésticas? Por que o partido tão infalível nunca levou uma figura humana como Apolônio às mais altas esferas dirigentes?

Deste lado do Atlântico, a vida atravessaria três ou quatro etapas muito distintas. Na primeira, Renée não se conforma com a rigidez de uma clandestinidade que lhe parece desnecessária naquele grau de rigor. Uma vida abafada em aparelhos, quando sabia que tinha preparo para atividades políticas muito mais amplas, militante que era. O espírito de disciplina prevalece, mas a visão crítica não morre. Renée se pergunta, neste livro, se deveria ter interpelado mais cedo.

Na dureza da resistência ao regime ditatorial, a dor insuportável de saber que seu companheiro e os dois filhos, René Louis e Raul – os três irmãos então na militância clandestina durante as trevas do Ato Institucional nº 5 – estavam sendo massacrados nos porões do Doi-Codi, restando a ela a absurda impotência de quem se joga contra uma muralha. Dessas brutais torturas, o querido amigo e companheiro de lutas, Mário Alves, jamais voltaria para a esposa Dilma. Mas naquele mesmo ano de 1970 uma outra Dilma derrotaria seus torturadores para se tornar mais tarde a primeira mulher na Presidência da República em nossa história.

Renée é empurrada ao exílio, onde a família se reuniria mais tarde. Revive a França, se anima com as lutas pela Anistia no Brasil, se engaja na mobilização pela reconquista da democracia e brilha como uma das primeiras construtoras do PT, já de volta ao país. O livro mostra sua influência junto

ao grande Apolônio na superação do dilema sentido por tantos militantes da velha guarda: partido de massa ou partido puro em questões ideológicas?

Mantendo a visão crítica de sempre, Renée não hesita em reafirmar a opção tomada pelo caminho inovador. Registra que seu companheiro, finalmente, alça no PT a mais que merecida condição de dirigente partidário do mais alto escalão. Sou testemunha ocular da emoção e quase unanimidade com que o partido ouvia sua palavra abalizada de herói revolucionário.

Insisto sempre na ideia de que Apolônio – e todos os que dedicaram a própria vida ao esforço para que o Brasil chegasse ao seu momento atual de democracia e combate à pobreza – não deve ser lembrado como vítima, e sim como herói.

Em 2005, a triste perda do companheiro querido não interrompe a determinação militante de Renée. Somente ao ser convencida de que narrar sua vida neste livro era mais uma tarefa a ser cumprida, numa longa trajetória dedicada ao sonho socialista, afastou as resistências apresentadas por sua impressionante modéstia.

A narrativa sobre sua vida se converte, aqui, numa peça muito preciosa de formação política, resgate histórico, educação para a cidadania. Vale também como profunda reflexão sobre as dificuldades especiais da mulher na luta política, neste momento em que o país possui, pela primeira vez, uma mulher conduzindo os destinos da República. A vida de Renée é uma empolgante história de coragem. Muito mais que isso: é a história de outra mulher vencedora.

Que bom o Brasil ter mulheres como Renée.

Luiz Inácio Lula da Silva

Apesar da vida de Renée France de Carvalho ser exemplar, ela relutou muito em dar as entrevistas que resultaram neste livro. Entre suas muitas qualidades, está a modéstia. Renée passou sua vida lutando – e continua a luta – pelos valores que foram expressos pela Grande Revolução de seu país de origem: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Comunista militante, desde muito cedo Renée incorporou a essa bagagem de ideais o humanismo socialista.

Ainda menina, Renée France participou das ações de apoio à Frente Popular, recolheu dinheiro para operários em greve, fez campanha pela República Espanhola e foi ativamente solidária para com os exilados republicanos.

Vivendo em uma época extremamente conturbada, foi vigorosa combatente contra o nazifascismo. Desde os primeiros dias da ocupação da França pelo exército alemão, Renée engajou-se na luta contra os nazistas e os que o apoiavam na França. Na Resistência, realizou tarefas de ligação, de transporte de documentos, armas e dinheiro, passando depois à luta armada, à luta guerrilheira pela liberdade de seu país e para livrar o mundo da peste nazista.

Terminada a guerra, com um filho pequeno e outro por nascer, Renée veio para o Brasil, acompanhando seu marido e companheiro de lutas, Apolônio de Carvalho. Em um país desconhecido, sem saber a língua, com dois filhos pequenos, enfrentou, pouco depois de chegar ao Brasil, a clandestinidade do Partido Comunista, colocado fora da lei. Renée teve que viver uma clandestinidade tão rigorosa quanto duvidosamente necessária.

Ativa militante, guerrilheira contra o nazismo, Renée viu-se atuando na retaguarda, organizando aparelhos para reuniões da direção partidária e cozinhando para seus membros. Foi preciso muita consciência de seu valor para não se sentir diminuída ou desanimada!

À clandestinidade do partido somavam-se terrível falta de dinheiro e grande isolamento, muitas vezes fruto do sectarismo partidário da época, da segunda metade dos anos 1940 à metade dos anos 1950.

Em 1955 Renée foi estudar em Moscou, em um curso de formação política de dois anos, tarefa do partido que a fez deixar os filhos com a família em Marselha.

De volta ao Brasil em 1957, nos anos Juscelino Kubitschek (JK), viveu pouco tempo de tranquilidade, até o golpe de 1964. Pouco depois do golpe, ela acompanhou Apolônio de Carvalho – e tantos outros militantes – no rompimento com o Partido Comunista, o Partidão. Começaram os anos de chumbo, de terror, em que Renée teve o marido e os filhos presos, torturados, banidos.

Com a anistia, em 1979, Renée voltou ao Brasil para engajar-se logo na luta política da formação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Hoje, afastada de uma militância mais ativa, nem por isso deixa de acompanhar a política do país. Não faz muito tempo, Renée foi homenageada pelo Consulado francês no Rio de Janeiro, no quadro das comemorações do ano França-Brasil, em reconhecimento por sua luta pela libertação da França, nos anos 1940.

E ela continua, com sua doçura e delicadeza, a mesma firme combatente por um mundo em que as pessoas sejam irmãs de seus semelhantes. Renée France de Carvalho é um exemplo de vida, de militância e de luta, que merece ser conhecido por todos nós.

Marly de Almeida Gomes Vianna

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Laugery é meu sobrenome de solteira – eu sou Renée France. Embora meu pai não fosse muito dado a essas coisas, France bem pode ter sido um excesso de patriotismo dele... E Laugery é um nome da região dos Alpes Marítimos do Var, no Sul da França, quase fronteira com a Itália. Há várias famílias Laugery, mas que não têm entre si parentesco.

A grande matriarca da família foi Elisa Péclard, minha avó materna nascida na Suíça. Péclard é um nome comum nessa região da Suíça francesa. Por parte do pai, Ulysse Péclard, ela era filha de camponeses e, por parte da mãe, Julie Hamilton, de uma família de lordes escoceses.

O lorde nosso ascendente era para a família uma personagem por quem sempre tivemos muita curiosidade. Segundo as pessoas politicamente corretas da família ele teve divergências com a rainha – naquela época deveria ser a rainha Vitória –, foi obrigado a se exilar e comprou a nacionalidade suíça. Minha avó Elisa, que não era assim tão politicamente correta, dizia que esse seu avô deveria ter feito das suas, porque foi deserdado pela família e seguiu para a Suíça com um filho. Para obter a nacionalidade suíça comprava-se a “burguesia” de uma cidade. Assim, ele decidiu comprar a burguesia de Yverdon. Nessa época, a nacionalidade suíça era comprada e sua aprovação dependia dos burgos (cidades).

Esse lorde foi uma pessoa sobre quem o elemento feminino da família fantasiou certas coisas... A versão da minha avó era para mim a melhor: ele devia ter feito das suas... Outras pessoas da família, que foram à Inglaterra mais recentemente, fizeram pesquisas e, de fato, havia toda uma descendência de escoceses com as cores do clá e ainda um castelo belíssimo. Mas, de repente, toda essa linhagem desapareceu, o que deve ter ocorrido mais ou menos na altura em que esse avô deixou a Inglaterra e comprou a burguesia de Yverdon (temos até o recibo da compra, de tantos francos suíços, do que foi pago).

A família, a partir dessa época, se instalou na Suíça, e o filho do lorde veio a ser o pai da minha bisavó. Ele teve três filhas – as duas primeiras tiveram boa educação, porque nasceram e estudaram na Inglaterra. Era uma família... não sei se protestante ou anglicana; mas sei que era muito vitoriana. Esse tataravô era religioso. Nas cartas que escrevia para as filhas, dava para sentir que era um homem que falava como um pastor. Quando a terceira filha nasceu, o filho do lorde foi embora, porque a mulher só lhe tinha gerado filhas. Ele queria, porém, um filho e com esse episódio acabou abandonando a família.

Essa terceira filha, Julie – a minha bisavó –, teve uma boa instrução na Suíça, mas não viajou à Inglaterra para continuar a estudar. Não tinha tantos diplomas e casou-se com um camponês. Não sei bem como essas coisas foram acontecendo, conheço apenas os fatos. Ela casou-se com um camponês, meu bisavô Ulysse Péclard. Eles realmente viveram como camponeses, tiveram nove filhos e formaram uma família modesta, até porque com nove filhos nenhuma família pode ser muito remediada...

Eram pequenos proprietários e arrendavam mais terras. Viviam da renda da criação de vacas e do leite que vendiam para a Nestlé, já naquela época. A bisavó Julie acabou recebendo mais instrução que as outras camponesas do local onde vivia – talvez uma cidadezinha ou um vilarejo. O conselho da cidade e o síndico (nome dado ao prefeito) a escolheram para estudar e exercer o ofício de parteira, porque no lugar não havia médico. Quando necessário, era preciso ir buscá-lo com charrete ou a cavalo, em uma cidade maior. E, durante o inverno, com a neve, isso era quase impossível... Era preciso, ao menos, a presença de uma parteira no local. Julie, já com duas filhas, foi estudar, talvez por uns dois anos. Voltava para a casa nos fins de semana quando era possível, e se tornou parteira (não sei se recebia remuneração por isso) – era ela quem dizia se o médico deveria ser chamado ou não. E foram vivendo assim.

Diante da difícil situação familiar, cada um dos nove filhos trabalhava em um posto na administração da cidade. Dois dos filhos acendiam os bicos de gás à noite e apagavam pela manhã. O avô Ulysse era responsável

por verificar se os mortos estavam realmente mortos... No frio, os cadáveres ficavam bem conservados e as pessoas tinham medo de serem enterradas vivas. Dizia-se que ele picava a sola do pé para ver se o corpo reagia.

Julie era quem pesava o leite, para conferir se não havia água demais nele. O camponês produtor tinha direito de colocar certa quantidade de água no leite. Havia um pequeno aparelho para pesar e medir a quantidade certa de água a ser adicionada. Assim, cada um desempenhava uma função na família.

A família era protestante como todos naquele lugar. Os filhos foram crescendo e tiveram bastante instrução, levando-se em conta que eram camponeses. Por exemplo, sei que a minha avó fez os estudos obrigatórios até os 16 anos. Quando um camponês deixava um filho em casa para ajudar nos trabalhos do campo, o professor ia buscar o faltoso. Quer dizer, o pai não tinha o direito de deixar o filho sem ir à escola, para ajudar nos trabalhos do campo. A Suíça, já naquela época, era um país avançado, administrado de forma excepcional.

Minha avó Elisa gostava de trabalhar no campo, mas de acordo com a época isso não ficava bem para uma mulher. Foi trabalhar, então, como copeira em um pensionato de moças ricas, que iam de toda a Europa estudar na Suíça. Foi trabalhar lá e ficava com muito ódio daquelas mocinhas grã-finas... Quando tinha que dar brilho nos sapatos das meninas – as meninas botavam os sapatos atrás da porta para os empregados darem brilho neles –, ela cuspiam nos sapatos para se vingar...

Elisa depois foi para Marselha com uma família, para trabalhar. E foi sem certidão de nascimento, sem nenhum documento, sem passaporte... Era tão fácil ir da Suíça para a França que partiu sem nenhum registro – até a Primeira Guerra Mundial, aliás, não existia passaporte. Elisa trabalhava para essa família quando, em um 14 de Julho, saiu para ver o desfile militar e conhecer um pouco Marselha, que ainda não conhecia. Encontrou um moreno de olhos azuis, muito bonito e apaixonou-se. Ali começou um tímido namoro com Étienne Bézias, meu futuro avô, de Marselha.

Certo dia levou Elisa para conhecer um casal amigo que morava um pouco longe da cidade. Como só havia um bonde que ia e outro que voltava, minha avó se atrasou, voltou quando estava quase anoitecendo... E a patroa, dona da casa, já tinha preparado sua mala dizendo que “não queria uma puta em casa”. Minha avó não conhecia a cidade, não conhecia ninguém. Era uma camponesa que se viu na rua, de noite, sem saber o que fazer. As únicas pessoas que conhecia eram esse casal que acabara de visitar, e por isso pegou o bonde de volta para lá. Contou o que tinha acontecido e o casal a acolheu.

Houve, a partir desse momento, maior aproximação dela com meu avô – e acabaram indo viver juntos.

O meu avô era carpinteiro da construção naval. Naquela época, tal carpinteiro era, no mundo operário, como foram depois os metalúrgicos, operários de ponta. Porque os navios ainda tinham a estrutura de madeira, assim como os edifícios – não se usava concreto armado como se usa hoje. Meu avô, que não cheguei a conhecer, infelizmente, era uma pessoa muito interessante. Era um operário sindicalizado que tinha admiração por Jaurès¹, imagino que devia ter tendências socialistas. Dizem que cantava bem e gostava de ópera. Era uma pessoa modesta, não frequentara muito a escola, mas gostava de coisas cultas. Gostava também do que se chamava na França da época de teatro de vanguarda, um teatro com certa crítica social, como o de Edmond Rostand², que escreveu *Chantecler*. No início tentava levar a minha avó para assistir as peças, mas ela não se sentia bem em ambientes fechados, passava mal.

Meu avô Étienne Bézias morreu em 1915, deixando cinco filhos dos seis que tiveram, e dívidas. Naquela época, um operário quando não trabalhava não recebia salário... Nos dias de chuva, de vento muito forte – em Marselha ventava muito –, ele não podia trabalhar e não ganhava. Certo dia houve uma greve (antes de 1915) de que toda a família se lembrava, durou cem dias e afetou a construção civil, a construção naval e muitos outros setores. Meu avô participou e minha tia contava que como as famílias não tinham dinheiro, havia uma espécie de socorro popular, com grandes panelões de sopa em certos pontos da cidade, onde as famílias iam com suas marmitas buscar o que comer. Não sei se a greve foi vitoriosa, mas dela muito se falou. Era o orgulho da família.

Depois que Étienne morreu, minha avó dizia: “Se pelo menos ele tivesse morrido na guerra, eu teria uma pensão!”. Uma pena não terem ficado muitas coisas dele, houve um único volume deixado, bem gordinho, de poesias de Victor Hugo³. Ele não era como alguns operários que passavam o tempo livre bebendo em botecos. Sinto muito não tê-lo conhecido!

Minha avó ficou viúva e criou seus cinco filhos trabalhando como diarista em casas de família, porque não tinha nenhuma formação especial. Ela era uma pessoa incomum: feminista de coração, de vocação, embora nunca tivesse ouvido falar de feminismo. Sua atitude em relação às noras, por exemplo, às namoradas e, depois, mulheres dos filhos, era a de uma mulher aberta; não era a sogra tradicional. E sempre estava disposta a conhecer coisas novas.

1. Jean Jaurès (1859-1914), francês, foi um político socialista e pacifista.

2. Edmond Rostand (1868-1918) foi um poeta e dramaturgo francês.

3. Victor Hugo (1802-1885), poeta, romancista e dramaturgo francês.

Minha mãe esteve por muito tempo doente, de modo que foi essa avó quem, em parte, nos criou. Quando éramos pequenos e acontecia alguma coisa na cidade, qualquer acontecimento que fosse, ela saía com um neto debaixo de cada braço – andava inclinada para frente, e nos levava consigo. Muitas das coisas que conhecemos quando éramos crianças, foi graças a ela, que tinha enorme curiosidade de saber o que se passava ao redor.

Em seu casamento, minha avó teve primeiro três filhas mulheres – a mais velha era minha mãe – e depois três filhos homens. Considerava que as filhas não estavam somente destinadas ao casamento, elas deveriam estudar. E, se não houvesse condição de todos os filhos estudarem, a prioridade era das filhas, porque os homens sempre encontrariam um serviço. Mas a oportunidade não era igual para as mulheres, e por isso tinham de receber mais instrução. Minha mãe e minha tia foram criadas assim. Quando o pai morreu, minha mãe devia ter uns 14 anos, estava crescidinha; minha tia era um pouco menor e o mais novo dos filhos era um garotinho, que devia ter uns três anos. Foi uma dificuldade enorme criar todos os filhos. A família viveu praticamente em situação de miséria.

Minha avó tinha princípios morais rígidos, era protestante. Para ela, o dever e o trabalho estavam em primeiro lugar. Os capitalistas que vieram do protestantismo tinham essa noção. Claro que a mais-valia funcionava a favor deles, mas havia esse sentimento de que o trabalho deve estar antes de tudo. E minha avó pensava sempre assim: *Hauts les coeurs, et courage!*⁴ Nos dias de maior penúria, quando voltava do trabalho, minha mãe e tia tinham lutado para guardar um pouco de comida para ela, porque os garotos eram jovens, sentiam muita fome. Desse modo, se elas não brigassem para guardar comida para a mãe, eles comiam tudo.

A história do meu pai foi um tanto trágica. Quando Louis Laugery nasceu, sua mãe estava tuberculosa e o médico lhe disse que era preciso afastá-lo, não podia ficar com a mãe. Até os três anos, quando a mãe morreu, ele viveu em uma aldeia da montanha. Ele era de Puget-Théniers, uma cidade dos departamentos dos Alpes Marítimos. Era um filho temporão, que nasceu quando não era esperado nem desejado. Sua irmã já era moça, casou-se logo, depois teve os próprios filhos. Meu pai só fazia atrapalhar... Seu pai praticamente não o conhecia e a irmã não ligava muito para ele. Criou-se um pouco como essas crianças rebeldes porque ninguém as quer. Tempos mais tarde quando fui visitar a família do meu pai em Puget-Théniers, todos me chamavam...

4. Corações ao alto e coragem!

Eles não diziam: “É a filha do Louis”, e sim “É a filha de La Krims”. La Krims tinha sido um bandido famoso (talvez, pelo nome, fosse argelino). E eu não era a filha do Louis, era “*la fille de La Krims!*”, porque meu pai era conhecido assim. Por ser rebelde deram a ele o nome do bandido mais famoso da época.

A família do meu pai compunha a pequena burguesia de uma cidade do interior. O pai do meu pai tinha um *débit de tabac*: na França, são lojas autorizadas a vender fumo e selos (selos para cartas e também oficiais, de documentos; o Estado oferecia monopólio dessas vendas a tais lojas). Assim como o médico e o advogado locais, certamente meu avô fazia parte da elite da cidade. Mas, como o meu pai era um rebelde, quando completou 13 anos seu pai mandou-o trabalhar em Nice, em um restaurante. Lá seu trabalho era lavar louça, descascar legumes... Sua vida foi bastante difícil, mas aprendeu a profissão de cozinheiro. Só conheço fragmentos da história do meu pai... Mas certamente ele deve ter voltado para Puget-Théniers, porque sei que meu avô lhe deu o restaurante da cidade – “o” restaurante porque era o único: um hotel-restaurante que passava filmes de cinema mudo aos sábados e domingos, e meu pai era quem fazia os sons.

Nessa época, casou-se ainda bem jovem. Não sei, no entanto, detalhes sobre o caso, porque na família não se falava muito dos assuntos do meu pai, um homem de pouca sorte. Por exemplo, ele cumpriu dois anos de serviço militar, na Primeira Guerra lutou durante quatro anos nas trincheiras – onde chegou a ter seus pés congelados. No final da guerra, como sabia dirigir, conseguiu transferência para trabalhar como motorista de ambulâncias, o que era muito melhor. Estava feliz com isso, até que a França entrou em guerra contra a União Soviética. As ambulâncias fizeram parte da tropa enviada pela França a Turquia, para ficar a dois passos da Crimeia, onde chegaram a fazer uma incursão. Foram até Sebastopol e meu pai esteve não sei quantos meses a mais em guerra. Quando pensou ter encontrado algum trabalho melhor, sua situação na realidade piorou. Finalmente, ao ser desmobilizado, sua vida tinha ido por água abaixo: faltava dinheiro e acabou se separando da esposa.

Foi para Marselha e lá, em sociedade com um cunhado, montou uma sorveteria. Alguns anos mais tarde conheceu minha mãe e os dois foram morar juntos. Não se casaram logo, porque o processo de divórcio de sua primeira mulher se arrastava, ela não queria o divórcio, que levou quinze ou vinte anos para ser concluído. Meu pai sempre desejou ser independente, ter um pequeno negócio, não ter patrão, não só por rebeldia, mas por suas origens e criação. Ele nasceu em um meio pequeno burguês e não se conformava em ter que trabalhar para um patrão. Foi a vida difícil que o levou, finalmente,

nas vésperas de meu nascimento, a ir trabalhar na Marinha Mercante como cozinheiro, porque foi a oportunidade que surgiu.

Talvez por ter tido uma infância tão difícil, meu pai não era uma pessoa que tivesse alegria de viver, era um pouco amargo. Mas nós, os filhos, quando crianças, não sabíamos bem qual tinha sido a vida dele, e era um pouco duro suportá-lo em casa. Muitas coisas que fazíamos, combinávamos: “Isso a gente não conta ao papai”. Viajar era uma atividade constante para ele. O navio fazia sobretudo a rota da África do Norte, Argélia, Tunísia, de vez em quando Marrocos, quando ele ia mais longe. As grandes viagens eram quando seu navio levava os árabes que iam à Meca. E enquanto viaja, sentíamos certo alívio... Minha mãe, provavelmente, sofreu com o temperamento dele, porque estando ele em casa ficava, às vezes, meio aborrecida. Quando viajava e o tempo estava ruim, a preocupação tomava conta dela: “Como será que ele está passando?”. É que apesar de meu pai ter viajado durante uns 25 anos, sempre enjoou, nunca se deu bem com o mar.

Nasci a 10 de abril de 1925, e minha irmã, Paulette, no dia 9 de abril de 1920. Meu pai não se dava bem com minha irmã, não sei o porquê. Dos três filhos, parece que comigo ele foi mais carinhoso. Meu irmão era o mais novo, o filho que ele esperou muito, porque só tinha filhas mulheres: duas do primeiro casamento e nós duas do segundo, Paulette e eu. Mas depois, no final da vida, meu pai se tornou uma pessoa tão amargurada que nem com meu irmão ele se dava bem.

Nós só tomamos contato com a família de meu pai quando meu avô, pai dele, faleceu. Isso porque minha mãe tomou a iniciativa de escrever a eles, que apenas conheciam a primeira mulher de meu pai, mas não a minha mãe. Ela explicou o motivo de meu pai não ter ido ao enterro do pai, e então eles nos responderam e iniciamos o contato. Quando minha mãe morreu, foram ao enterro e me convidaram para ficar uns tempos com eles, em Nice. Não eram, porém, pessoas que tivessem muita ligação conosco. Eram agarradas às coisas materiais, não tinham nenhum ideal; eram, enfim, muito diferentes de nós. Apesar de nos darmos bem, não existia afinidade. As duas filhas do primeiro casamento do meu pai nunca conheci... A mãe delas viveu muito tempo e nunca tivemos contato.

Na França, usamos a expressão livre-pensador, não sei se em outro país o termo é empregado. Meu pai era um livre-pensador, assim como o pai dele. Ateu, sobretudo, e um tanto anticlerical, mas não maçom. Politicamente era ligado aos “radicais” da burguesia e da pequena burguesia. Edouard Hériot⁵

5. Edouard Hériot (1882-1959) foi primeiro-ministro na França em 1924, 1925 e 1932.

foi o líder do Partido Radical Socialista, na época da Guerra de Espanha e até pouco depois. Nessa época até Daladier⁶ era um radical! Depois foi fascista, colaborou com Vichy⁷, mas tinha sido do Partido Radical.

Os livres-pensadores eram ateus. Em certa época da história da França os republicanos, os livres-pensadores e as pessoas mais progressistas lutaram, em primeiro lugar, pelo ensino laico e público, para todos. Sua luta era pela separação do Estado da Igreja e pelo confisco de seus bens – a Igreja tinha um patrimônio imenso de escolas, hospitais, imóveis e muito dinheiro. Essas pessoas, que na época eram um pouco à esquerda, brigavam para que os bens da Igreja voltassem ao Estado.

Quanto à minha mãe, ela esteve um longo tempo doente por isso eu passava alguns períodos na casa da minha avó. Fui viver com ela, da primeira vez, por uma história do arco da velha... Um dia, com uns três anos, desatei a chorar, nada me consolava. Depois de berrar muito, meu pai não aguentou mais e disse: “Se eu bater nesta menina com a mão, vou machucá-la”. Ele tinha me sentado em uma mesinha, onde havia água de colônia, pentes, essas coisas... Ele pegou um pente e me deu uma palmada com ele. Ficou tão arrependido que me pegou, me levou para a casa da minha avó e disse: “Fique com essa menina, senão eu não sei o que sou capaz de fazer”. Assim, eu fiquei morando na casa da minha avó dos três aos sete ou oito anos. Pouco antes de minha mãe morrer, nós tivemos a oportunidade de encontrar um apartamento vazio ao lado do de minha avó, no mesmo patamar e lá fomos morar. Era um lugar muito popular, a casa caía aos pedaços, mas pelo menos quando meu pai viajava sabia que a minha mãe estava com a mãe dela.

A doença de minha mãe marcou demais minha infância. Quando meu irmão nasceu, em 1928, o inverno foi terrivelmente frio em Marselha, o que não era habitual. Faltou carvão, faltou madeira, e a mãe tinha que sair para comprá-los. Em geral entregavam em casa, mas como faltou, só entregavam um pouquinho por pessoa. Ela pegou um resfriado forte, teve problemas na garganta, e depois disso ficou com reumatismo infeccioso, de que só alguns anos depois se deu conta. Ficou mal, porque o reumatismo tinha atacado o coração e ela sofreu durante muitos anos!

6. Edouard Daladier (1884-1970) foi membro do Partido Radical Francês e primeiro-ministro por três vezes: em 1933-34, 1938 e 1940. Ministro da Guerra da Frente Popular em 1936. Juntamente com o ministro britânico Chamberlain foi um dos signatários do Tratado de Munich, em setembro de 1938. Para uma breve contextualização acerca da Guerra Civil Espanhola: a 18 de julho de 1936, tropas de extrema-direita comandada por Francisco Franco atacaram a República Espanhola iniciando uma guerra civil que durou de 1936 a 1939. Neste ano, com a participação da aviação nazista, os republicanos foram derrotados.

7. Vichy – Assinada a rendição da França, a 20 de junho de 1940, o país foi dividido em duas partes: a norte, ocidental e toda a costa atlântica ficou sob controle alemão; a parte restante foi administrada pelo governo fantoche francês, com sede em Vichy.

Nós sabíamos que sua doença era muito grave e tínhamos medo. Quando pegava um resfriado, tinha um pouco de febre, qualquer coisa, sabíamos que poderia ser o início de uma crise reumática. Particularmente, eu ficava muito angustiada! Estudava numa escola primária defronte minha casa, bastava atravessar a rua, eu me sentava perto da janela. Naquela época não havia a circulação de carros que existe hoje e, então, quando um carro se aproximava e parecia que ia parar perto da minha casa, eu sempre pensava que era um táxi chamado para levar a mãe ao hospital. Vivia angustiada com isso.

Ela era uma senhora gentil e educada, uma pessoa íntegra. Uma vez o pastor protestante nos visitou, talvez porque ainda tivesse esperança de trazer as ovelhas perdidas para o seu rebanho, ver o que conseguia de nós... Foi pouco antes de minha mãe morrer, antes da Segunda Guerra. Como não podia deixar de ser, a conversa se dirigiu para a iminência da guerra e sobre a política dos dirigentes da época. Lembro-me de que estava cerzindo meias com o auxílio de um ovo de madeira – as pessoas do povo usavam meias de algodão, porque meias de seda eram muito caras e o náilon ainda não tinha aparecido. Ao ouvi-la falar de política daquele modo, o pastor se sentiu ofendido, e disse: “Madame Laugery, eu nunca teria a ideia de ensinar à senhora a remendar meias, e a senhora quer me dar lições de política?!”. Em um gesto decisivo, minha mãe se levantou e apontou a porta para ele. Foi a última vez que vimos o pastor... Ele sabia, mais ou menos, que éramos comunistas, mas sempre tentava nos converter.

Inteligente e uma grande leitora, quando aderiu ao partido comunista o fez com todo o coração, imbuída de forte sentimento operário, por ser filha de carpinteiro. Para nós ela representava algo de muito precioso! Amiga e compreensiva com os filhos; nos sentíamos íntimos a ela.

Foi um drama quando ela faleceu, com apenas 38 anos, em 1939. Eu tinha 14 e meu irmão menor, 11 anos. A avó cuidava de tudo em casa, era praticamente a dona da casa. Mas do ponto de vista afetivo, a mãe contava mais para mim. E recuando no tempo: o fato de estar sempre doente, nos fazia ter um forte sentimento de querer protegê-la, quase como se ela fosse a filha... Foi muito, muito duro quando morreu. Um pouco mais tarde, depois da Segunda Guerra, a penicilina e outros antibióticos passaram a ser usados em grande escala – com eles, ela poderia ter sido salva.

A religiosidade também é um assunto significativo quando penso sobre a memória da minha família. Acreditar em Deus, ter fé, somente minha avó. Nos momentos difíceis da vida, quando estava muito cansada, bastava dizer: “Meu Deus!” e assim já se sentia melhor. Era a única pessoa que expressava fé verdadeira. Os outros membros da família, apesar de se dizer protestantes, não pareciam ter uma fé ardente.

Ela recebeu o batismo, assim como eu... frequentava um pouco a igreja protestante com a avó, chegou a fazer primeira comunhão. Mesmo sendo ateu, meu avô não impedia a mulher de professar religião e frequentar a igreja com as filhas. Mas minha mãe se sentia magoada pela discriminação da igreja com pessoas pobres. Por exemplo, o pastor pagava a roupa da primeira comunhão para os pobres, a roupa e o véu. Naquela época vendia-se manteiga em pedaços enormes, para protegê-la das moscas e da poeira colocava-se um filó por cima. Minha mãe dizia, então, que na sua primeira comunhão tinha recebido um véu de manteiga... O sentimento religioso de minha mãe devia ser fraquinho.

Em relação à minha avó, talvez não tenha ressaltado suficientemente sua generosidade. Capaz de qualquer sacrifício por uma pessoa de quem gostasse, e mesmo com quem mal conhecia, ainda sim era realmente solidária. Quando menina, sempre aparecia lá em casa alguma mulher afobada porque o filho tinha engolido moeda ou botão, era minha avó quem indicava como resolver o problema. Sem dúvida, era uma pessoa incrível, ajudou muito os filhos, a minha mãe e a todos da família. Éramos três irmãos e, por rodízio, passávamos alguns anos em casa dela.

Paulette, minha irmã, é cinco anos mais velha que eu. Quando era adolescente, quase moça, eu era criança. Hoje essa diferença de idade não existe mais, não se nota... Ela sempre foi uma pessoa valente e decidida, de modo que muita gente dizia: “Ela devia ter nascido menino, nasceu menina completamente por acaso”. Paulette também foi criada uns anos pela minha avó – foi ela a primeira a inaugurar o costume. E como meus tios homens ainda eram relativamente moços, Paulette criou-se com eles, um pouco como moleque. Veja um exemplo: ela não descia a escada pelos degraus, como todo o mundo, descia pelo corrimão... Fazia coisas assim.

Na época em que éramos crianças festejávamos Santo Antônio, São João e São Pedro, com fogos e uma fogueira. Nossa rua tinha duas turmas: a que morava no alto da rua e a que morava embaixo, turmas praticamente rivais. Ora, para essa festa de São João era preciso encontrar madeira em algum lugar. Como vivíamos na cidade, era meio difícil, e tínhamos de roubar caixotes e escondê-los para que os outros não viessem roubar de nós. Certa vez, nessa época das festas juninas, houve lá na rua uma verdadeira batalha campal, porque minha avó tinha uma poltrona antiga, de vime, e a jogou fora. Paulette disse: “Não jogue fora, deixe para a fogueira de São João”. Os meninos da rua debaixo viram, ou alguém falou da existência dessa poltrona, e tentaram tomá-la de nós. Sozinha, ela brigou contra uma turma de garotos, parecia uma leoa! E ainda saiu vencedora: a poltrona foi para a nossa fogueira! E ela ficou muito ofendida porque a minha avó morria de rir quando comentavam o caso.

Paulette nunca se sentia chateada por ter de me carregar para todo lugar – por onde ia, estava eu a seu lado. Talvez facilitasse um pouco para ela, quando mocinha, porque minha mãe e meu pai, sobretudo, a deixavam sair porque estava acompanhada pela irmãzinha. Mas não me lembro de nessas ocasiões ela estar aborrecida por ter de me carregar. Engraçado, sempre vivemos em um acordo perfeito. Às vezes, quando fazíamos uma pequena travessura, ela me dizia: “Isso você não fala em casa!”. Não precisava pedir, porque eu era um túmulo... Nem com a minha mãe eu falava, que dirá com meu pai!

Daniel, meu irmão, tinha três anos a menos que eu e oito anos a menos que Paulette, o que fazia uma diferença grande. Quando pequeno, ele e eu vivíamos brigando, porque era levado e meio ruinzinho. Uma vez pegou uma pequena tábua de passar a ferro as mangas de camisa e jogou na minha cabeça – o que provocou um ferimento... Às vezes, a gente se pegava pelos cabelos, mas foi uma pessoa ótima, gostava muito dele. Viveu em Marselha, casou-se, teve três filhos que vivem ainda lá. Infelizmente morreu aos sessenta e poucos anos, foi uma pena.

Sobre minhas leituras e formação escolar, algumas boas lembranças. Aos 13 ou 14 anos eu gostava muito de ler, sobretudo textos de autores progressistas. O autor que mais me marcou foi Romain Rolland, mas também me agradava Barbusse. Meu livro preferido era *Jean Christophe*, de Rolland. Era um livro grande, com 11 volumes. Tanta gente me pedia emprestado que, ao final, não me restou nenhum volume. Rolland me ajudou a separar a vida real dos preconceitos sociais e religiosos, mostrando a vida da sociedade da época, com suas personagens reacionárias e progressistas.

Estudei em escola pública, até porque, na época, havia poucas escolas privadas. Atualmente, na França, elas voltaram a existir. Era uma escola pública para meninas – não se misturavam meninas com meninos. Em outros países sim, parece que sempre houve essa mistura, mas na França isso foi possível somente depois da Segunda Guerra.

O INÍCIO DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

O envolvimento da minha família com a política começou, a bem dizer, nos anos 1930. A crise econômica de 1929⁸ teve muita repercussão e se estendeu na França por pelo menos até a metade dos anos 1930; lembro-me de que havia muito desemprego. Meus tios, operários, lutavam para encon-

8. Crise de 1929 – Assim chamado o craque da bolsa de Nova York, em outubro de 1929, que desencadeou uma séria crise econômica mundial.

trar trabalho e não conseguiam. Em Marselha morávamos perto do que se chamava a Bolsa do Trabalho. No início, devia ser o local onde os operários iam em busca de trabalho, onde os empreiteiros iam buscar mão de obra. Mas depois, em meados dos anos 1930, era dessa Bolsa do Trabalho que saíam as manifestações, em que grupos levavam suas bandeiras. Essa é uma lembrança de menina, ali acontecia a preparação do movimento que formou a Frente Popular⁹.

Depois dessa época, a Bolsa do Trabalho passou a ser sede do sindicato. Lá havia comícios e as pessoas saíam em desfile, carregando faixas e bandeiras. Foi, no entanto, uma época triste, porque a classe operária vivia em uma situação lastimável. Os trabalhadores não usavam ternos, mas uma espécie de roupa azul, sem corte – tinha-se a impressão de seus ombros estarem caídos, um pouco desmoralizados. Essas lembranças são, provavelmente, de 1934-1935, quanto eu tinha nove ou dez anos.

Em casa, falávamos muito sobre política, a começar porque era uma necessidade de contraponto: em Marselha a política era feita pela máfia. De fato, Marselha era uma cidade horrorosa, de gângsters. Nas eleições, por exemplo, e nas campanhas eleitorais, os que pleiteavam os cargos eram pessoas sórdidas, da máfia da Córsega. Havia entre elas um deputado famoso, chamado Sabiani, que era da Córsega... As eleições se realizavam nas escolas e depois contavam-se os votos lá mesmo. Quando chegavam a cem votos, todos juntos batiam na mesa, gritando uma palavra em corso. Chegávamos a sentir medo... Esses políticos iam aos comícios armados, punham o revólver sobre a mesa... Não tenho outras palavras para expressar. Era a máfia, mesmo.

Mais tarde, em 1936, começaram a aparecer os candidatos comunistas, que, desde a aparência, eram diferentes, assim como as propostas que traziam. Um sopro de ar livre, de ar puro, estava chegando e, dessa forma, as pessoas começaram a se interessar por uma nova possibilidade. O interesse do meu pai e da minha mãe já existia, de tal maneira que quando os comunistas apareceram foram recebidos por eles com grande simpatia. Meu pai entrou para o Partido Comunista Francês (PCF)¹⁰, fazia parte de uma célula do navio em que ele trabalhava e havia um local na cidade onde todos os militantes se reuniam quando estavam em terra. Era um militante formalmente inscrito no partido. Minha mãe entrou em uma grande organização das mulheres dos marítimos, que havia na época. Já uma tia, irmã da minha mãe, era mais inte-

9. Frente Popular foi uma composição política que uniu socialistas, comunistas e radicais e saiu vencedora das eleições na França em abril de 1936, ficando no poder até 1937. Seu líder foi Leon Blun.

10. Sua fundação ocorreu em 1920.

lectualizada – um pouco religiosa, protestante – e foi “catequizada” por meu pai. Ela disse para ele: “Está bem. Eu vou ler *O capital*¹¹ e se eu me convencer de que isso tem fundamento, entro para seu partido”. Assim aconteceu: depois de ler a obra de Karl Marx, ela entrou no partido.

Naquela época, eu com 12 ou 13 anos e a minha irmã, Paulette, 17 ou 18, havia um movimento da juventude comunista, mas não era francamente comunista. Moças e rapazes universitários eram da Juventude Comunista, mas para os não universitários o partido criou outras organizações. Para as mulheres era um movimento pró-comunista chamado *Jeunes filles de France* (Jovens de França), do qual participamos minha irmã e eu. Ela com 17, eu com 12 anos. E tínhamos aquele entusiasmo da juventude! Cantávamos a música de Vaillant Couturier¹²: “Avante jovens de França!”. Em casa, já havia tempo que somente líamos a imprensa comunista: *L’Humanité*¹³ de vez em quando, porque *L’Humanité* era o jornal nacional, e em Marselha o jornal *Rouge Midi*.

No início da formação da Frente Popular, não havia perseguição aos comunistas. Uma onda que foi crescendo, e lá em casa vivíamos fascinados com aquela militância. Quando houve as grandes greves de 1936 os navios ficaram parados no porto. Os operários ocuparam os locais de trabalho e ninguém conseguia tirá-los de lá – uma característica inaugurada com essa greve. Ao meio dia e às seis horas da tarde eram ligadas em alto som as sirenes dos navios; ninguém na cidade ficava sem ouvir os apitos. Aquilo era para nós motivo de júbilo, de uma alegria intensa, ainda mais quando se vive a juventude!

As greves daquela época foram memoráveis. Nos fundos do prédio onde morávamos havia uma fábrica de costura de sacos de aniagem para batatas e outras coisas. Quase só mulheres trabalhavam nas máquinas de costura. Elas estavam em greve junto com os homens, os encarregados e os contramestres. De noite, não tinham o que fazer, e as moças tinham medo de dormir em cima dos sacos lá na fábrica, porque havia rapazes que mexiam com elas. Por isso, todas as noites eles organizavam um baile, com uma vitrola de manivela.

Meu irmão e eu íamos durante o dia arrecadar dinheiro para os grevistas. Levávamos uma espécie de lata fechada, em que havia um buraco para guardar o dinheiro (na França se chama *un tronc*, porque é como um tronco

11. Obra de Karl Marx que faz uma análise crítica do modo de produção capitalista. O primeiro volume da obra foi publicado em 1867. Os outros dois foram publicados por Engels, depois da morte de Marx.

12. Paul Vaillant Couturier (1892-1937) foi um parlamentar e jornalista francês, membro do PCF.

13. Jornal criado, em 1904, com a colaboração do líder Jean Jourès.

de árvore). Comprávamos fitinhas vermelhas e alfinetes, e parávamos as pessoas na rua pedindo para contribuírem com a greve. Quem ajudasse ganhava uma fitinha. No final da tarde, íamos à fábrica levar o dinheiro arrecadado e éramos sempre bem recebidos. Os vizinhos se queixavam daqueles bailes todas as noites! Mas as mocinhas empregadas da fábrica eram jovens, riam, brincavam... Os vizinhos gritavam pelas janelas para deixarem de fazer barulho. Mas nós, até mesmo minha avó, compartilhávamos a mesma alegria dos grevistas.

Vivemos esse ambiente de ascenso da Frente Popular, que tentava reparar os erros do passado, especialmente a divisão entre comunistas e socialistas. Ela queria fazer uma verdadeira unidade operária e popular. Nós desfilamos como integrantes do partido no primeiro de maio e em outras datas, gritando “Les soviets par tout!”¹⁴.

Naquela época, não entendíamos: uma frente popular que pedia os soviets... Mas, no fundo, continuava a inimizade entre comunistas e socialistas. Nós, por exemplo, íamos aos comícios, compunha-se a mesa, chamavam-se as personalidades e, quando era um comunista, gritávamos, batíamos palmas com entusiasmo. Quando se chamava um socialista, as palmas era fraquinhas e, quando se chamavam os radicais, nem mesmo batíamos palma. Sentia-se essa hostilidade latente.

A Frente Popular durou pouco, mas foi muito marcante, como uma verdadeira revolução cultural. Era comum ver em um bar ou café uma faixa assim: “Os trabalhadores deste estabelecimento não aceitam gorjeta”. Eles tinham lutado, tinham feito greves para terem um salário decente e não para serem pagos contando com gorjetas. Sentíamos que era uma necessidade de mudar, de uma busca de dignidade.

E vieram leis, como a lei de férias... Pessoas que nunca tinham tido férias na vida, tinham agora 15 dias de férias pagas! Algumas que moravam a 40 km do mar e nem o conheciam, porque férias pagas nunca haviam existido. Essa conquista foi como coisa do outro mundo; havia uma atmosfera de alegria, de primavera! E como era mesmo primavera e verão, na sexta-feira os jovens saíam para passar o fim de semana fora. Naquela época estavam na moda as bicicletas duplas, *Tanden*. Os jovens saíam de mochila nas costas, com roupas de verão, e iam passar o fim de semana em algum lugar aprazível. Criaram-se muitos albergues da juventude, foi uma verdadeira novidade. Nesses albergues se nomeava um “pai albergue” e uma “mãe albergue”, que eram gente progressista, gente de esquerda, já de certa idade. Eram eles quem comandavam essa turma toda que ia lá, em um ambiente familiar.

14. “Soviets em todos os lugares!”.

O contraste dessa época com a crise de 1929 era enorme. E 40 horas de trabalho era uma conquista formidável! Aos sábados, íamos à escola, mas não para estudar: a professora nos levava a um parque público, para ver um museu, ou mesmo para ouvir um programa de rádio especialmente feito para as crianças e a juventude. Na abertura desses programas, cantávamos uma música soviética. Quando mais tarde fui à União Soviética, vi que as pessoas não conheciam a música “*La joie te reveille ma blonde, allons nos unir a ce coeur...*”¹⁵. Diziam que era parte de um musical soviético e, na França, essa música era usada para abrir esses programas de rádio. Era aquele entusiasmo! É claro que havia no país o pequeno-burguês que sempre foi contra a Frente Popular. Mas criou-se um ambiente diferente, de dignidade, de alegria.

A Frente Popular coincidiu com a Guerra Civil na Espanha (1936-1939), teve enorme repercussão entre nós. Em casa tínhamos um grande mapa, com aqueles alfinetes de cabecinha de louça para marcar os pontos de ocupação... As frentes republicanas marcávamos com alfinetes vermelhos; as dos franquistas, com alfinetes pretos – atualizávamos a situação das frentes a cada dia. A população participou, verdadeiramente. Milhares de franceses ingressaram nas Brigadas Internacionais¹⁶. O maior contingente foi de franceses, e a brigada chamava-se *Marseillaise*. Para mim foi a época de maior alegria, de maior entusiasmo, mais do que qualquer outra época na minha vida. A vivência da libertação e a do fim da guerra; vivi tudo isso, mas nada foi assim tão caloroso e envolvente para mim quanto a Frente Popular. Mas durou pouco.

Em Marselha muita gente participava da Frente Popular, um número considerável, mesmo. No movimento da juventude, saíamos todos os domingos, com aquele famoso *tronc*, para recolher dinheiro para a Espanha Republicana – tenho até uma fotografia minha, com 13 anos, pedindo dinheiro [ver Caderno de Imagens, nesta edição]. Claro que as meninas não iam sozinhas, porque havia também os franquistas e os fascistas franceses, a direita francesa. Havia a Ação Francesa¹⁷, além de outros partidos mais populares. Criou-se nessa época o Partido Popular Francês (PPF), em Marselha, muito mafioso, de direita, e também o Partido Social Francês (PSF), ainda mais mafioso e de

15. “A alegria te desperta, minha louca, vamos nos unir a essa alegria...”

16. Eram formadas por voluntários de muitos países e foram lutar na Espanha a favor da República e contra as tropas franquistas. Do Brasil foram cerca de 30 combatentes – quase todos ligados ao Partido Comunista, que tinham conseguido escapar da prisão ou da perseguição varguista depois das insurreições de novembro de 1935.

17. Criada na França por Henri Vaugeois e Maurice Pujo, em 1899. Organização de extrema-direita, ultranacionalista, xenófoba e antisemita. Colaborou com os alemães quando estes ocuparam a França, em 1940. Charles Maurras foi um de seus dirigentes.

direita. Havia inclusive o movimento monarquista, *Les camelots du Roi*, de extrema-direita e antissemita.

O período da Frente Popular representou muito para mim, embora eu fosse bem garota. Foi um momento que vivi intensamente, em uma família politicamente mobilizada. Contra a Frente Popular havia não só a grande burguesia, mas também os franceses que viviam de renda, sobretudo das ações do petróleo de Baku¹⁸. Foi algo marcante, pois anos depois, quando do nosso exílio na França, encontrei velhos que ainda se queixavam de ter perdido sua renda do petróleo de Baku. Eram muitos os que viviam de pequenas rendas e se tornaram anticomunistas.

Havia acirrada manifestação de antissemitismo em Marselha, porque no meio do povo – comparo com o caso do português, no Brasil de antigamente – havia essa irritação contra os judeus. No meio do povo era um sentimento mais talvez de preconceito, a extrema-direita construía um antissemitismo militante. Lembro-me de que circulavam revistas com impressão primorosa, com excelente papel, inteiramente voltadas contra os judeus. Ressuscitavam todas as velhas crenças da Idade Média, de que os judeus envenenavam os poços de água e coisas assim. E essa irritação latente vinha dos equívocos das interpretações que contra eles se faziam, porque os judeus eram comerciantes. E, assim, imaginava-se que o judeu era quem nos explorava porque vendia um pedaço de tecido... Todo esse antissemitismo era tenebroso, um movimento arraigado nos piores valores e distorções que à época já víamos ser divulgado em Marselha.

18. Capital do Azerbaijão, às margens do Mar Cáspio, margem sul da península de Absheron.

A ASCENSÃO DO FASCISMO E A CHEGADA DA GUERRA

A minha infância girou toda em torno da guerra. Nasci sete anos depois do término da Primeira Guerra Mundial¹. Mas talvez por sermos crianças, tudo aquilo parecia um evento longínquo, parecia um tempo muito distante de nós! E, na realidade, todos os homens tinham vivido a guerra... Havia antigos combatentes que estavam sempre contando da “sua guerra”, o que para a garotada era algo um pouco ridículo. Era comum um garoto dizer: “Olha o velho que vai contar de novo aquela história!”.

Nos primeiros anos depois de terminada a guerra, sentia-se muita alegria, mas, ao mesmo tempo, todas as famílias tinham sido atingidas. Além de muitos terem morrido, havia um contingente numeroso de homens e jovens doentes, mutilados ou feridos. Víamos tantas viúvas e órfãos... Entre os mutilados havia muitos soldados que haviam sido feridos na cabeça quando estavam nas trincheiras – eram chamados de “*gueules cassées*” (literalmente, “focinho quebrado”), e preferiam não se mostrar. Uma vez por ano, o lucro da loteria nacional era destinado pelo governo a esses combatentes “*gueules cassées*”.

1. Chamada de A Grande Guerra (1914-1918), foi desencadeada pela Alemanha, que formou a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália – esta mudou depois de posição) contra a Entente: Inglaterra, França e Rússia. A guerra terminou com a derrota da Alemanha.

Os ex-combatentes representavam um setor importante da população. Eles usavam uma boina preta, um sinal que os marcava. Havia homens de 40, 45 anos que usavam essa boina – o que, naquele tempo, era considerado velho –, e o governo tinha certa condescendência em relação a eles.

Mais tarde, uma boa parte dos ex-combatentes seria favorável a Petain². Não digo que eles fossem reacionários, mas tinham feito a guerra, se sentiam salvadores do país e chamavam Petain de herói de Verdun³... Quando, de fato, era o açougueiro de Verdun. Foi o povo, com seu sangue, que pagou pela Primeira Guerra Mundial. Os generais faziam planos irrealis em seus gabinetes, determinavam estratégias confortavelmente sentados em frente a seus mapas e mandavam à morte centenas de milhares de pessoas. Eles nada tinham em comum com os soldados, que tinham os pés congelados nas trincheiras.

A tragédia da guerra de 1914-1918 levou muitos intelectuais ao pacifismo. Na França, Henri Barbusse⁴, Roman Rolland⁵ e outros, fizeram propaganda do pacifismo, mas de modo um tanto ingênuo, iludido... Não se pode ser contra qualquer guerra. Um país defender-se quando atacado é justo e legítimo. Deve-se, sobretudo, lutar contra as forças que levam à guerra. Esses intelectuais se aproximaram dos comunistas, como Romain Rolland, que era um grande escritor.

Meu pai não falava muito da guerra, gostava, entretanto, de contar sobre alguma besteira que tivesse feito. Das coisas sérias ele não falava. Os colegas de meu pai, porém, contavam que ele foi muito corajoso em um momento durante a Segunda Guerra Mundial⁶. Ele fazia parte da tripulação de um navio que recebeu, toda ela, a Cruz de Guerra e a Legião de Honra, o que significava dizer que devem ter tido excelente comportamento. Mas disso ele não falava, só soubemos pelos seus colegas.

Desde o final dos anos 1920, a França vivia em ambiente de inquietação, que ficou ainda mais tenso nos anos 1930, após a crise de 1929. O

2. Henri-Philippe Renoni Omer Joseph Petain (1856-1951) foi marechal francês, herói da Primeira Guerra Mundial, vice do primeiro ministro do governo francês quando ocorreu a ocupação alemã, em 1940. Aceitou a ocupação alemã e assinou a rendição da França, o chamado Armistício de 1940. Com a França ocupada, manteve o controle de parte do território francês, que tinha a capital em Vichy. Seu vice no governo foi Pierre Laval. Petain não foi fuzilado ao término da guerra por ser já bastante idoso.

3. Verdun foi um dos pontos estratégicos da defesa militar da França na Primeira Guerra Mundial. A batalha de Verdun durou de fevereiro a dezembro de 1916, deixando 260 mil mortos. A França, sob o comando de Petain, venceu a batalha contra a Alemanha. Foi de Petain a famosa frase: “Não passarão!”.

4. Henri Barbusse (1873-1931), francês, foi escritor e comunista, autor de romances contra a guerra, como *Le Feu* (1916).

5. Roman Rolland (1866-1944), escritor, recebeu o Prêmio Nobel de literatura em 1916. É dele a frase sobre a necessidade de se ter “o pessimismo da inteligência e o otimismo da vontade”.

6. Segunda Guerra Mundial(1939-1945), desencadeada pela Alemanha nazista, com o apoio da Itália fascista e do Japão. Foi iniciada a 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia por tropas alemãs.

enorme desemprego e a alta do custo de vida causavam muito descontentamento no meio do povo. Foi o período da ascensão do que seria depois a Frente Popular e também o período da República Espanhola (1936-1939). Em outubro de 1934, houve as grandes greves nas Astúrias⁷, momento bastante conturbado na Europa. Nas conversas e na imprensa falava-se frequentemente das Astúrias, embora quase ninguém soubesse de sua existência – ao menos nós, crianças, não sabíamos. E comentava-se a greve das Astúrias, combatida pelos fascistas.

Depois de fevereiro de 1934, o movimento político havia se inclinado mais à esquerda, os comunistas apareciam, sentíamos maior tendência de aproximação com os trabalhadores. Começávamos a sentir o ascenso da Frente Popular na França e percebíamos a mesma repercussão na vizinha Espanha. Foram movimentos que representaram uma tomada de consciência das pessoas, um posicionamento mais voltado para a esquerda. Mas também já se sentia o avanço do fascismo, na Europa e na França.

Em fevereiro de 1934 – um ano depois da subida de Hitler⁸ ao poder –, houve um sério incidente na França. Os comunistas chegaram a dizer que tinha havido uma tentativa de golpe e chamaram as massas à mobilização. Não sei se houve esse ponto de chegada ao golpe, mas falava-se de um golpe preparado pelas chamadas Ligas, entidades fascistas, terrivelmente reacionárias. Havia os *Camélot du Roi*, que antes já mencionei, e os *Croix de Feu*⁹, um agrupamento de antigos combatentes profundamente revanchistas, que tinha uma espécie de braço armado, terrorista, chamado *Cagoule* (*cagoule* é o capuz dos carrascos e da Ku Klux Klan – KKK), de extrema-direita. Outros partidos igualmente se mostravam favoráveis ao fascismo.

A ascensão do fascismo fez aumentar a inquietação em vários países da Europa. Em Marselha, onde em geral não aconteciam grandes coisas, houve um atentado fascista em setembro de 1934, quando da visita do rei da Iugoslávia, Alexandre I¹⁰, à França. Este viajou para a França de navio e desem-

7. Comunidade autônoma e província da Espanha.

8. Adolf Hitler (1889-1945), austríaco, cabo na Primeira Guerra Mundial e artista frustrado, chegou ao poder em janeiro de 1933, ajudado pelo grande capital alemão que desejava combater, a qualquer preço, os comunistas, e reprimir o forte movimento operário alemão. Criou o partido nazista: Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores alemães. Racista, anticomunista e antisemita, provocou a Segunda Guerra Mundial e foi um dos responsáveis pelos campos de extermínio que assassinaram milhões de pessoas. Suicidou-se quando ficou clara a derrota da Alemanha na guerra.

9. Organização criada pelo coronel François de La Rocque (1885-1946) em 1930. De extrema-direita, inicialmente foi constituída por ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial.

10. Alexandre I da Iugoslávia (1888-1934), chamado de “O Pacificador”, foi o primeiro rei do reino da Iugoslávia (1929-1934). Fora rei dos sérvios, croatas e eslovenos, de 1921 a 1929. Assassinado em Marselha, em outubro de 1934, pelo revolucionário búlgaro Vlado Chernozemski, membro da organização nacionalista Interna Macedônia.

barcou em Marselha. O ministro das Relações Exteriores, Louis Bartou¹¹, foi recebê-lo para depois seguirem juntos rumo a Paris. O rei chegou, foi recebido pelo ministro e quando a comitiva dirigia-se para a Prefeitura de Marselha, ocorreu o atentado. O rei Alexandre I e o ministro Barthou foram assassinados a tiros por Vlado Chernozemski, um búlgaro, membro de um grupo nacionalista macedônio, Interna Macedônia.

Havia em todos os países da Europa partidos nacionalistas reacionários e movimentos pró-fascistas. Em especial na Europa Central, cujos países tinham sido divididos e subdivididos, antes e depois da guerra. E fazia-se muita propaganda! Na França, por exemplo, havia as Casas de Itália: não eram consulados, mas agrupavam a imigração italiana. E os funcionários italianos que nelas trabalhavam faziam intensa propaganda pró-fascista.

Foi se criando um clima de muita preocupação, um ambiente pesadíssimo. A extrema-direita, por exemplo, começou a se manifestar pelo antissemitismo. Já comentei das revistas antissemitas bem feitas, com reportagens que reforçavam todas as velhas imagens caricatas sobre os judeus. Nessa época, chegou-se a ponto de qualquer pessoa se sentir capaz de reconhecer um judeu, tal era a insistência da propaganda em descrevê-los e ensinar a reconhecê-los. Dizia-se também que o judeu só sabia trabalhar com o comércio, com dinheiro, e assim nos explorava. É verdade que vários milionários franceses e muitos grandes empresários eram judeus, mas a maioria dos milionários e grandes empresários era francesa e, além do mais, a exploração era, sobretudo, uma questão de classe. O antissemitismo na França ainda não era tão evidente como aconteceu com a ascensão do fascismo – basta que nos lembremos do caso Dreyfus¹² –, mas existia.

Tudo isso marcava a vida das pessoas. Ouvíamos a rádio, líamos os jornais... Na França daquela época liam-se muitos jornais, parece que as pessoas tinham mais interesse por leitura do que atualmente. Começaram a surgir nas conversas nomes que antes não eram habituais. Falava-se muito da Renânia¹³, de seu rearmamento, porque isso tocava muito o patriotismo, o orgulho francês: eram conquistas da Primeira Guerra Mundial que favoreceriam militarmente os franceses, a defesa do território francês. Tudo isso criava um clima de insegurança e incerteza.

11. Louis Bartou (1862-1934), primeiro ministro francês, foi assassinado em Marselha em outubro de 1934, quando recebia Alexandre I da Iugoslávia.

12. Alfred Dreyfus (1859-1935), oficial judeu do Exército francês, acusado e condenado injustamente em 1894, por crime de alta traição. Preso na Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, em 1906, dadas as evidências de sua inocência e preso o verdadeiro traidor, foi reabilitado. Foi sobre o “Caso Dreyfus” que o escritor Emile Zola (1840-1902) escreveu o libelo *Eu acuso!*.

13. A Renânia-Palatinado era território alemão, perdido na Primeira Guerra Mundial para a França e recuperado pela Alemanha em 1940, quando da invasão nazista da França.

Além dos grandes problemas do desemprego e do alto custo de vida, o povo francês parecia pronto a todas as concessões para evitar a guerra. Conquistas importantes, como a desmilitarização da zona entre a França e a Alemanha, determinadas pelos acordos do Tratado do Armistício de 1918¹⁴, foram abandonadas e a renúncia à desmilitarização dessa zona talvez tenha sido a primeira concessão da França à Alemanha nazista. E muitas outras concessões a Hitler e ao fascismo foram sendo feitas pelos próprios governos da Frente Popular, a exemplo do embargo sobre a venda de armas à República Espanhola. Tudo isso feito com o apoio do povo francês, com base no mesmo sentimento que podia assim ser expresso: “É melhor isso do que a guerra”. Foi uma espécie de covardia, no sentido de se permitir qualquer coisa para evitar outra guerra.

No início de 1935, por exemplo, houve a guerra contra a Abissínia¹⁵. Nunca me esqueci da fotografia que saiu nos jornais: o papa Pio XI¹⁶ abençoando as baionetas italianas fascistas. Os soldados fascistas desfilavam diante do papa, com suas baionetas caladas, para serem abençoadas. Eram coisas que revoltavam, mas não a todos, embora a França tivesse certo preconceito contra a Itália, mesmo antes do fascismo. A guerra na Etiópia era outra situação repugnante – como disse, tenho viva na memória a imagem do papa abençoando as baionetas dos soldados que partiam para invadir a Etiópia.

Ao mesmo tempo em que vivíamos o entusiasmo pela Espanha Republicana e a alegria com as grandes greves francesas, sofríamos com essas concessões. Em 1938 houve a remilitarização da Renânia, o Anschluss¹⁷, a incorporação da Áustria à Alemanha e a incorporação dos Sudetos¹⁸, depois a invasão da Tchecoslováquia. Foram concessões que a França e a Inglaterra fizeram à Alemanha, aceitando tais fatos e dando-os por consumados.

Tenho a impressão de que o povo francês tinha tanto medo de viver outra guerra que não queria ver a realidade. As pessoas ainda estavam felizes, porque era possível respirar um pouco... O povo apoiava tudo que desse a impressão de adiar a guerra. Ao mesmo tempo, toda aquela situação era uma vergonha para a França, que não honrava os tratados de assistência mútua que

14. Armistício (1918) foi a capitulação da Alemanha a 11 de novembro de 1918, pondo fim à Primeira Guerra Mundial. Por meio dele, foi estabelecida uma zona desmilitarizada entre a França e a Alemanha.

15. Abissínia é hoje a Etiópia – foi ocupada pela Itália do final de 1936 a 1941.

16. Pio XI tinha o nome de Ambrogio Damiano Achille Ratti (1857-1939) e foi papa de 1922 a 1939.

17. Denominação da incorporação da Áustria à Alemanha, a 13 de março de 1938.

18. Sudetos: área entre a antiga Tchecoslováquia, a Alemanha e a Polônia, pertencente à Tchecoslováquia, a qual era habitada em grande parte por população alemã. Baseando-se nisso, a 1º de outubro de 1938 Hitler ocupou a região, com a benevolência da Inglaterra e da França. Depois da guerra, foi recuperada pela Tchecoslováquia.

selara com a Tchecoslováquia. Aceitar a invasão de um país amigo que tinha acordos militares com a França, com a intenção de adiar a guerra, era indecoroso. A França não devia ter-se permitido agir dessa forma.

A euforia da Frente Popular não durou muito tempo, foi se apagando rapidamente. No governo de Leon Blun¹⁹ – o primeiro chefe de governo da Frente Popular –, votou-se a não-intervenção na Espanha. Com a política de não-intervenção, a França abandonou a República Espanhola. Nós, em casa, marcávamos no mapa, com os nossos alfinetes, o estreitamento do território republicano. E, enquanto isso, a guerra se aproximava da França. Foi esse mesmo governo que acompanhou as negociações que a Inglaterra fazia com os alemães. Era triste ver Chamberlain²⁰, com aquele guarda-chuva que era sua marca registrada, e o Leon Blun, e depois Daladier, indo de avião para a Inglaterra.

Falava-se muito da Liga das Nações²¹, que era dirigida praticamente pela França e pela Inglaterra (a imprensa fazia piada sobre esses acontecimentos). Na França, todo o mês de setembro, havia a abertura oficial de caça. Setembro de 1939 foi também o mês da mobilização geral para a guerra. Nessa ocasião, uma manchete de *L'Humanité* ressaltava: “A abertura da caça não quer dizer caça”. Em outras palavras: declarar a guerra não queria dizer fazer a guerra.

Ano denso e decisivo foi esse de 1939. Em janeiro a República Espanhola foi derrotada com a tomada de Barcelona pelas tropas franquistas. Em agosto, deu-se o Pacto Germano-Soviético²². Em setembro, começou a Segunda Guerra Mundial: no dia 1º a Polônia foi invadida e, logo em seguida, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. Nesse mesmo mês, o Partido Comunista Francês foi posto na clandestinidade.

Além de todas as dificuldades que a situação internacional trazia, houve o falecimento de minha mãe, em julho de 1939. A repressão nos surpreendeu logo em seguida à morte dela, a esse sentimento de perda. Para todos nós esses acontecimentos se misturaram. E eu soube do Pacto

19. Leon Blun (1872-1950), membro do Partido Socialista Francês, ardoroso pacifista, e integrou o Conselho de Ministros em 1936-1937. Foi presidente do governo da Frente Popular em 1938.

20. Arthur Neville Chamberlain (1869-1940), membro do Partido Conservador, foi 1º ministro britânico em 1937. Negociou a favor de Hitler, na entrega de territórios checos à Alemanha, sendo um dos signatários do Tratado de Munich.

21. A Liga das Nações ou Sociedade das Nações foi criada em julho de 1919, reunindo os países vencedores da Primeira Guerra Mundial. Sua dissolução ocorreu logo depois da Segunda Guerra Mundial.

22. Pacto Germano-Soviético ou Ribentrop-Molotov (seus signatários alemão e soviético) foi um tratado de não agressão entre Alemanha e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), assinado a 23 de agosto de 1939.

Germano-Soviético em Nice, para onde fui logo depois da morte de minha mãe, em visita à família de meu pai.

Em 1939, depois da assinatura do Pacto Germano-Soviético, o Partido Comunista Francês (PCF) teve um momento de grande vacilação – com o que não concordei. Nessa fase, ele considerou que, uma vez assinado o Pacto Germano-Soviético, a guerra passou a ser uma guerra interimperialista. A ideia central formulada era a de que se apenas os países imperialistas – a Alemanha, a França e a Inglaterra – estavam em guerra, então era um conflito interimperialista. Jacques Duclos²³, responsável pelo partido durante toda a clandestinidade, tentou fazer ressurgir o jornal do partido, *L'Humanité*. Pensou que com a União Soviética fora da guerra, os comunistas não tinham nada a ver com ela, estavam de fora e, assim, propôs a volta desse periódico, mesmo com a ocupação alemã.

E já que o partido não tinha nada com a guerra, houve também a palavra de ordem de fazer com que os vereadores e os prefeitos comunistas – havia muitos no cinturão de Paris – voltassem a seus postos. Foi uma tentativa de voltar à legalidade, fundamentada nessa ideia. Isso foi logo nos primeiros tempos da ocupação da França – Apolônio e eu só ficamos sabendo muitos anos depois, quando o Partido Comunista começou a desmornar e começaram a remexer diversos temas e a escrever sobre eles. De fato, lembro-me de que, no momento em que estava ligada ao grupo de imigrados e sem contato com o partido, recebemos um documento que vinha de Paris (deve ter chegado muito tempo depois de ter sido elaborado) em que se mencionava justamente que a guerra era interimperialista, como tinha sido a de 1914 a 1918, de modo que não havia diferença entre nazismo e capitalismo.

Não aceitamos tal hipótese e nossa reação foi dizer: “Não, a guerra foi, desde o início, contra o nazismo!”. Apesar da tendência das pessoas em acreditar em tudo que vinha da direção, esse documento não foi bem aceito. O Partido Comunista depois escondeu o fato, porque era chocante dizer que com a assinatura do Pacto Germano-Soviético a guerra passara a ser interimperialista. O partido tinha sido expulso da Assembleia Nacional e posto fora da lei, *L'Humanité* já fora suspenso, vários intelectuais comunistas foram fuzilados, e houve essa tentativa, logo depois do Armistício, quando os alemães se instalaram em Paris. Mas foi um período curto e creio que tais diretivas não chegaram à grande massa do partido. Souberam disso unicamente as pessoas de Paris, ligadas mais de perto à direção do partido.

23. Jacques Duclos (1896-1975) integrou o PCF em 1921, foi eleito deputado por duas vezes. Foi membro da comissão executiva da Terceira Internacional, em 1935.

Sabia-se que a Alemanha iria continuar sua expansão, mas não se sabia se primeiro contra a França e a Inglaterra ou contra a União Soviética. Tenho a impressão de que desde o início a burguesia, o governo e setores da pequena-burguesia, na França, não queriam a guerra contra a Alemanha e sim contra a União Soviética. O Pacto Germano-Soviético, em agosto de 1939, tinha como um de seus objetivos frustrar esse intento, levando Hitler a orientar, em primeiro plano, sua ofensiva para o ocidente.

A União Soviética sabia que a guerra viria, pois fora informada dos objetivos de Hitler. Não se preparou, contudo, pois lá também havia muitas ilusões. Depois, querendo ganhar alento e tempo para enfrentar a guerra, negociou o Pacto Germano-Soviético. Uma iniciativa muito criticável: a União Soviética fez concessões terríveis à Alemanha, como aceitar a invasão e divisão da Polônia.

Nós, da esquerda, sentíamos que para o governo francês o inimigo principal era a União Soviética, não a Alemanha. Em meu entendimento, todas as concessões feitas a Hitler ocorreram justamente porque a França e a Inglaterra, países que dirigiam a Liga das Nações, queriam, com essas concessões, ver se a guerra se voltava inicialmente, ou mesmo somente, contra a União Soviética.

O Pacto Germano-Soviético sensibilizou demais o povo francês e afetou o partido comunista, tanto que um grande número de comunistas deixou o partido naquele momento – talvez não tivessem entendido que a União Soviética precisava de um tempo para se preparar para a guerra. Mas a verdade é que não era fácil compreender essa “aliança” entre comunismo e nazismo. Ela aparecia como uma traição. Ainda jovem, com 14 anos, fui a favor do Pacto Germano-Soviético. Na França foi um tema bastante discutido, fui a favor porque sentia que se queria fazer a guerra contra a União Soviética e esta seria derrotada se não ganhasse tempo. Sei também que esse pacto acobertou práticas muito indecentes por parte de Stalin²⁴. Naquele momento, contudo, em relação à guerra, me pareceu inevitável, por mais duro que fosse. Continuo pensando assim até hoje. Não aceito tudo o que o pacto representou, mas a ideia de um acordo temporário, capaz de dar maior fôlego à União Soviética para preparar sua defesa, me pareceu uma estratégia necessária.

A França declarou guerra à Alemanha no início de setembro de 1939, mas de início não acontecia nada! O governo francês não quis se preparar para a guerra. A mobilização foi uma calamidade. Foi o período chamado “*la drôle*

24. Joseph Vissarionovitch Djughachvili Stalin (1878-1953), líder do Partido Comunista da União Soviética desde a morte de Lênin, em 1924. Reprimiu violentamente a todos que considerava seus adversários políticos. Foi responsável pela morte de milhões de soviéticos.

*de guerre*²⁵ – uma guerra esquisita, declarada, mas sem que houvesse ações militares. Isso perdurou até a invasão alemã, em maio de 1940. Passaram-se meses sem que nada ocorresse. Veio-me à lembrança o caso do meu tio... Ele estava na artilharia pesada, que está sempre um pouco distante. E ele nunca, durante o conflito declarado, deu um tiro de canhão. Conhecíamos jovens que estavam na Aviação e sequer puseram os pés em um avião. Quer dizer, era uma guerra à espera de acontecimentos.

O povo francês não esperava a invasão alemã, mas também não sei exatamente o que esperava. A invasão deixou clara toda a contradição e a covardia de aceitar numerosas concessões e, depois, surpreender-se com a ofensiva alemã.

A França, estrategicamente, se considerava ao abrigo de invasões, protegida pela Linha Maginot²⁶, que acabou não servindo para nada. De fato, foi completamente superada, simplesmente contornada pelos alemães, com seus tanques de guerra, os *panzers*. A Linha Maginot supunha ser o conflito uma guerra de posições, como o da Primeira Guerra, o que na realidade não ocorreu. O governo francês manteve uma “*drôle de guerre*” e acabaria sofrendo a ofensiva dos carros de assalto alemães, que chegaram como uma avalanche, em que o soldado francês saía correndo na frente.

Houve uma divisão, um corpo militar, que foi para a Finlândia lutar contra a União Soviética. Seus soldados foram preparados para o frio. A França não tinha tanto problema com o frio, mas fez uma preparação e tanto: uniformes maravilhosos nos quais não se podia achar nenhum defeito. “Por que a França mandou esse contingente?” – era a pergunta que fazíamos. Era uma “legião de voluntários”, a reação francesa que, finalmente, ia lutar contra a União Soviética na Finlândia. Por que não se fazia nada? Por que deixar Hitler avançar o mais que podia? E por que lutar contra a União Soviética, com a qual a França tinha acordos e tratados, desde 1935.

A Guerra Civil Espanhola acabara em 1939 e vivenciamos o período final da República com arrastada melancolia. Foi para nós uma grande desilusão. Na França, muitas crianças espanholas foram adotadas provisoriamente por franceses, por gente de esquerda, especialmente comunistas. Mais tarde chegaram exilados espanhóis a Marselha; era um grande contingente dos que tinham sofrido em campos de concentração, inclusive os participantes das

25. *Drôle de guerre* (guerra engraçada) foi o período que decorreu, na França, da declaração de guerra à Alemanha, em setembro de 1939, à invasão da França, em maio de 1940. Apesar da declaração de guerra, não houve na França qualquer ação concreta contra a Alemanha e por isso recebeu o nome de “guerra engraçada”, dada pelo jornalista Roland Dorgelés.

26. Linha de defesa da França, na fronteira da Alemanha e Itália. Depois da Primeira Guerra Mundial, entre 1930 e 1936, era uma defesa considerada inexpugnável.

Brigadas Internacionais, que chegaram depois a Marselha. Apolônio de Carvalho estava entre eles.

Em Marselha o partido comunista criou uma companhia de navegação: a *France Navigation*, com a cobertura de um grupo de capitalistas franceses que conseguira comprar barcos velhos. O *Winnipeg* era um de seus barcos, em que Pablo Neruda²⁷ organizou a saída de exilados para o Chile. A *France Navigation* tinha por diretor técnico um oficial da Marinha, Alfonse Dumay, comunista, e por ser oficial da Marinha Mercante era muito conhecido nosso. A mulher de Dumay era uma espanhola chamada Agnés Dumay, que fez muita propaganda pela Espanha republicana e era bastante popular em Marselha. Em uma viagem a Madri, ela morreu em um bombardeio, mas não por ter sido atingida por uma bomba, mas sim pelo choque da explosão.

Mais tarde houve um processo contra a *France Navigation*. O objetivo era saber de onde vinha o dinheiro da companhia, se vinha de Moscou ou se era dinheiro da República Espanhola... Foram levantadas todas essas possibilidades, e não sei que fim teve esse processo.

A *France Navigation* teve muita importância em Marselha, movimentando a cidade e os grupos de marítimos. Havia um tio meu que estava desempregado e passou a trabalhar em um dos navios da empresa e assistiu a um bombardeio de Barcelona. Os marítimos iam levando gêneros para a cidade e a aviação franquista bombardeou barris com gasolina que estavam no cais, tentando provocar uma explosão.

Lembro-me de que a filha de um dos diretores da *France Navigation* era membro do nosso grupo da organização feminina da juventude que já comentei, as *Jeunes Filles de France*, e nos reuníamos na cozinha lá de casa. Não sei o que foi feito dos poucos navios da *France Navigation*, cujo propósito era abastecer a Espanha, levar alimentos, já que contrabandear armas era muito difícil, porque os países estavam envolvidos politicamente e quem as fornecia eram os pequenos traficantes.

A República Espanhola tinha enorme carência de aviões. Depois soube que Pierre Cot²⁸, um radical que foi ministro da Frente Popular e cujo assessor era Jean Moulin²⁹, conseguiu fazer passar peças de aviões para

27. Pablo Neruda (1904-1973), grande poeta chileno, comunista. Em 1939 foi embaixador extraordinário para os refugiados espanhóis na França.

28. Pierre Cot (1895-1977), político do Partido Radical Francês, um dos dirigentes da Frente Popular.

29. Jean Moulin (1899-1943), herói da Resistência, representante de De Gaulle e encarregado de unificar as forças internas de resistência. Presidente do Primeiro Conselho Nacional de Resistência. Preso por denúncia de um traidor, foi assassinado pela Gestapo a 8 de julho de 1943.

a montagem na Espanha, uma vez que não era possível mandar o avião todo. Havia poucos aviões, de tal maneira que a República não aceitava pilotos estrangeiros e só podia confiá-los a pessoas muito seguras. Das Brigadas Internacionais muito poucos estiveram na Aviação, e creio que só um brasileiro, o Enéas Jorge³⁰, chegou a servir nela.

Já na ocasião da Resistência, eu e Apolônio ouvimos falar de dois *quaquers*³¹ americanos que deram grande quantidade de dinheiro para ajudar os espanhóis. Houve também um americano chamado Varian Fry³², que foi à França para levar para os Estados Unidos intelectuais e pessoas famosas visadas pelos nazistas.

Com o Pacto Germano-Soviético, o governo francês decretou o fim do Partido Comunista, proibindo toda a imprensa comunista, e, com isso, as organizações ligadas ao partido ficaram na clandestinidade. Esse governo também recebeu muito mal os refugiados espanhóis, soldados, civis, brigadistas. Apesar dos acordos assinados com a República Espanhola, em que se comprometia a cumprir os direitos humanos, a França jogou os exilados em campos de concentração. Foi um gesto execrável, uma barbaridade.

Logo depois desse fato foram editadas as primeiras leis contra os estrangeiros. Os estrangeiros que viviam na França perderam o direito de trabalhar! Como viveriam como exilados, sem recursos e sem poder trabalhar? Havia muitos imigrados na França, espanhóis, sobretudo, mas também pessoas que fugiam do avanço nazista. Vinham romenos, vinha gente dos Bálcãs e russos da Bessarábia. Entre os que lutaram na Espanha, nas Brigadas Internacionais, havia numerosos judeus que estavam em situação extremamente difícil, porque eram apátridas. Tudo lhes foi tirado: não tinham documentos, nacionalidade, passaporte, não tinham nada, enfim.

Depois dessas leis contra os estrangeiros, na sequência impuseram as leis antisemitas. Com a ocupação da França pelos alemães, os judeus foram obrigados a usar a estrela amarela, na parte ocupada pelos alemães. Mais tarde não era obrigatório o porte da estrela na roupa, mas a estrela ficava carimbada nos documentos. Foram leis que se transformaram rapidamente em leis antisemitas.

30. Enéas Jorge de Andrade, cabo da Aeronáutica, combatente das Brigadas Internacionais na Espanha, morto em combate, quando seu avião foi derrubado por aviões dos nazistas.

31. Grupo religioso protestante fundado em 1652 pelo inglês George Fox. Perseguidos na Inglaterra, migraram para os Estados Unidos e foram os criadores da Pensilvânia, em 1681. Os comitês *quaquers* de ajuda internacional receberam o Prêmio Nobel da Paz em 1947.

32. Fry (1907-1967), filho de um protestante liberal, foi corretor da Bolsa de Nova York, fundou revista literária e trabalhou como editor de assuntos internacionais na Living Age. [N. E.]

Uma parte dos refugiados recebeu a condição de se alistar no Exército francês, mas era algo temerário, porque os próprios estrangeiros tinham receio de se alistar. Eles eram mandados à Legião Estrangeira³³, que era terrível! A situação tornou-se muito difícil para a imigração. Aqueles foram tempos de chumbo!

A França foi ocupada em maio de 1940 e, nessa época, o governo já era reacionário. Mesmo que ainda viesse da Frente Popular, já tinha colocado o Partido Comunista na clandestinidade, suprimido todos os jornais e publicações comunistas.

DA INVASÃO AOS PRIMEIROS PASSOS DA RESISTÊNCIA

Em casa, começamos a nos mobilizar, começando por meu pai. Embora ele não tivesse mais idade para ser mobilizado, trabalhava em um navio moderno – a frota mercante francesa era bastante velha, havia apenas uns poucos navios modernos – que teve toda sua tripulação requisitada. Quer dizer, ele não foi propriamente mobilizado, mas não podia deixar de seguir com o navio.

Em 1939 a França fez uma tentativa de desembarque na Noruega, já ocupada pelos alemães. Vejam que a França, que pouco depois não foi capaz de se defender, mandou tropas para ajudar a libertar a Noruega! Houve, nesse momento, uma importante batalha, a Batalha de Narvik³⁴, pouco antes da ocupação da França, já no final da “*drôle de guerre*”, quando efetivamente teve início a guerra.

Meu pai estava voltando da Noruega no navio de que falei quando a Alemanha invadiu a França, no que se chamou de *blitzkrieg*, a guerra relâmpago. Ele chegou a Dunkerque, em maio de 1940, em plena Batalha de Dunkerque³⁵, com a população civil tentando fugir dos alemães. Havia também tropas inglesas estacionadas na França que precisavam retornar à Inglaterra para não serem feitas prisioneiras dos alemães.

A batalha de Dunkerque foi terrível. Os alemães invadiram com fúria: contornaram a Linha Maginot, invadiram a Bélgica e rapidamente chegaram a Dunkerque. Foi fulminante e trágico! Os navios tiveram tanto

33. Unidade militar composta de mercenários, conhecida pela violência de seu treinamento e de sua ação. Criada na França em 1931.

34. Batalha travada na Noruega em 1940, quando os alemães entraram em Narvik.

35. Batalha ocorrida de 25 de maio a 4 de junho de 1940. Tropas alemãs vindas da Bélgica atacaram tropas francesas e inglesas no noroeste da França e no canal de Calais. Mais de 300 mil soldados aliados foram retirados por mar.

de recolher os soldados ingleses, debaixo dos bombardeios, como também a população civil que fugia da invasão inimiga. Havia famílias inteiras pelas estradas! Uns ainda tinham um carro, mas logo faltou gasolina; outros vinham com charretes a cavalo, outros de bicicleta e outros a pé mesmo, puxando as crianças pela mão – um caos, um verdadeiro êxodo. Meu pai contava que fizeram o possível, recolhendo a população civil e os soldados que fugiam dos bombardeios alemães, e seguiram para a Inglaterra. Meu pai ficou na Inglaterra por uns três meses...

Depois do Armistício de 1940³⁶, houve um acordo e os navios franceses que estavam na Inglaterra foram para Marrocos. Parece-me que o governo de Vichy manteve, durante certo tempo, a autoridade sobre suas colônias próximas. Depois meu pai foi para o Marrocos, onde também permaneceu cerca de três meses. Foi nessa época que a família toda entrou para a resistência, ainda não armada, mas na luta para reconstituir o partido e resistir aos alemães. Recebemos em casa vários emissários do comitê central. Recebíamos também pessoas mandadas pela direção do partido, que levavam diretivas para a parte do território francês que não estava ainda ocupada pelos alemães.

Tendo retornado a Marselha, meu pai encontrou a família toda unida nessa luta. Minha irmã já tinha saído de casa: foi trabalhar junto à direção do partido em Lyon, então a sede do partido para a Zona Sul, enquanto Paris se tornara a sede para a Zona Norte e para a França em geral. Colocou-se uma linha de demarcação entre a França do Sul e a França do Norte, porque pelo Armistício passaram a existir vários tipos de zonas de ocupação. As duas zonas principais foram a zona ao norte do rio Loire e, ao sul dele, a zona denominada livre. Havia também uma zona italiana na região de fronteira, além de outra ao lado dos Pirineus, mas elas não tinham grande importância. No momento do Armistício a Terceira República³⁷ já estava completamente agonizante, e o marechal Petain, ao assumir o governo, liquidou-a, tornando-se o chefe do Estado francês com jurisdição sobre o Sul da França.

Nosso contato com o Partido Comunista Francês não fora inteiramente perdido, porque minha irmã continuou mantendo relações com a direção do partido em Marselha. Nessa época, ela tinha 19 para 20 anos, e militou ativamente. Nossa militância também continuava, ficávamos recebendo pessoas.

O começo da repressão foi um período difícilíssimo, para o país, o Partido comunista e seus militantes. E igualmente complicado por termos de en-

36. Assinado entre a Alemanha invasora e a França ocupada pelo exército alemão, a 22 de junho de 1940, estabeleceu o cessar fogo entre o Terceiro Reich e o representante francês da capitulação, o marechal Petain.

37. A Terceira República Francesa durou de 1870, do final da guerra franco-prussiana, quando a França foi derrotada, até 1940, com a invasão alemã da França.

frentar situações trágicas, experiências que ainda não tínhamos vivido. Certa vez, recebemos em casa uma estudante e logo depois ficamos sabendo que, ao voltar a Paris – a linha de demarcação entre o Sul e o Norte da França já fora estabelecida –, ela fora presa e fuzilada. Quem acompanhava as pessoas que chegavam, mandadas pela direção de Paris, era eu, com meus 14 ou 15 anos. Era minha tarefa levar as pessoas a encontros ou quando precisavam sair, porque não conheciam Marselha. Eu as acompanhava e carregava os pacotes, quando era preciso entregá-los.

Fazíamos também com frequência o trabalho de solidariedade, principalmente com os estrangeiros, junto à imigração. Entre nossas iniciativas estava, por exemplo, comprar etiquetas grandes, desenhar a bandeira francesa e colar em vários lugares. Era uma maneira de protestar contra a política do governo e contra a invasão alemã. Não era uma atividade propriamente organizada, mas uma tentativa de fazer alguma coisa.

Depois de minha irmã ter sido enviada para Lyon, trabalhar junto à direção, o partido cortou ligação conosco por medida de segurança. Durante bom período, ficamos sem ligação direta com o partido e somente com os amigos imigrados que já começavam a se organizar.

MILITÂNCIA E COMPROMISSO NÃO NOS DEIXAVAM TER MEDO

A esta altura, podemos deslocar o enfoque e tratar de um assunto que muita gente me pergunta: se eu tinha medo. Creio que não. Ao menos, não naquela época. Talvez porque fosse criança demais para ter medo. Além disso, o entusiasmo tomava conta de nós! Havia também o fato de que não éramos conhecidos, nenhum de nós tinha tido um papel de destaque, de direção. Éramos simples militantes, devotados e capazes de cumprir tarefas.

Quando meu pai voltou a Marselha, não encontrou mais minha irmã. Ela havia sido presa logo no início da guerra... Embora nunca tivesse pronunciado nada a respeito, suponho que meu pai levou um grande choque. Penso que talvez ele tivesse preferido que nós não nos envolvêssemos tanto, mas, por outro lado, ele é que nos tinha “catequizado” para entrar no partido... Claro que fazíamos isso com gosto, mas ele se sentia o responsável. Lembro-me de que ele nunca foi visitar a minha irmã na prisão, nem mesmo lhe escreveu uma carta ou bilhete... Certamente ficou magoado por ela ter saído de casa e ido para Lyon sem o consentimento dele – mas não conseguia reconhecer isso. Ele também se engajou na luta e depois participou da libertação de Marselha.

Há um fato praticamente desconhecido a respeito daquela época... Foi a polícia de Vichy, do governo de Petain que mandou prender grande número de pessoas. No início Petain tinha muito prestígio, era chamado de “o herói de Verdun” – como disse, meu pai o chamava de “o açougueiro de Verdun”, em função do grande número de soldados mortos e mutilados no cumprimento das decisões burocráticas que emanavam do alto comando militar. Apesar disso, ele tinha prestígio popular e o apoio de numerosos grupos de antigos combatentes. Petain costumava usar bordões bobos, como por exemplo: “Os alemães venceram porque eram os mais fortes”. Infelizmente, tudo isso era bem recebido pela população. Na percepção generalizada dos franceses, Petain também dava a impressão de ser um homem digno e justo, um bom velhinho, além de ter o prestígio de ter sido o vencedor de Verdun, na Primeira Guerra Mundial.

Os antigos combatentes, bastante numerosos na época, eram homens de uns 40 a 50 anos, tinham perdido a juventude e a saúde na Primeira Guerra Mundial – vários entre eles não tinham mais um braço ou uma perna –, mas tinham orgulho de sua participação, pois consideravam ter sido aquela a guerra “deles”. A Primeira Guerra foi um espetáculo terrível, enfim. E o Estado-maior, com Petain e outros, desenhavam a estratégia nos gabinetes e pouco se davam com o que acontecia com os enviados a combater nas trincheiras. Meu pai era também um antigo combatente: sempre foi, no entanto, antimilitarista, anticolonialista. Mesmo não fazendo propaganda disso, era esse seu sentimento.

Marselha, onde morávamos, está ao Sul do rio Loire, e lá tinha sido definida a chamada Zona Livre, do governo de Vichy, do marechal Petain, um governo fantoche a serviço do nazismo. Não tivemos por isso as dificuldades causadas por bombardeios e outras conseqüências da guerra. Foi uma época muito movimentada, que passou depressa, com toda a família na resistência, cada um atuando de acordo com sua idade.

Minha irmã chegou a ser condenada à morte, mas como a maioria civil era aos 21 anos, suponho que tenha sido por isso que eles recuaram. Mais tarde passaram a fazê-lo sem nenhum problema de consciência, mas na época, em 1940, ainda não o faziam. Dessa forma, a pena de minha irmã foi transformada em prisão perpétua. Ela ficou presa por quase dois anos na prisão de Lyon, depois em Marselha e, finalmente, foi deportada para a Alemanha.

Antes da guerra, em julho de 1939, tínhamos perdido minha mãe, conforme falei. Ela também teria participado da resistência se estivesse viva. Em família vivíamos praticamente todos juntos. Meus pais dormiam na casa da minha avó, perto da cozinha, onde ficava o fogão, porque era o lugar

mais quente para minha mãe. Minha irmã, eu e minha tia dormíamos no apartamento do meu pai.

Depois de minha irmã ter sido presa, mantínhamos ligações com a imigração que ocorreu nos últimos tempos antes da guerra; eram pessoas que conhecíamos das festas do partido. Porque na França havia a festa dos jornais, a festa de *L'Humanité*, e em Marselha a festa do *Rouge Midi*. Nessas festas, tínhamos conhecido imigrados comunistas, sobretudo judeus, que vinham fugindo dos regimes pró-fascistas de Pilsudski³⁸ na Polônia, de Horty³⁹ na Hungria, da Romênia... Em Marselha, apesar do antisemitismo, nunca houve ameaça de ataques organizados contra os judeus (os chamados *progrons*), embora a extrema-direita fosse terrivelmente antisemita e fizesse mesmo profissão de fé disso.

Na França, os judeus que tinham raízes francesas eram pessoas de certo nível financeiro, tinham comércio ou empresas. Havia, até mesmo, deputados, ministros e muitos intelectuais conhecidos, que eram judeus franceses e faziam questão de assim se manter. Dreyfus, por exemplo, era oficial do Exército francês e muito de direita, um judeu "*bien pensant*"... Apesar disso, o chauvinismo era grande! Os refugiados judeus iam muitas vezes primeiro para a Bélgica, mas quando os alemães ocuparam a Bélgica, eles fugiram para Paris e muitos foram para Marselha. Depois começaram as leis contra os judeus, como mencionei, desde o governo de Daladier. Primeiro as leis contra os estrangeiros e depois, diretamente, contra os judeus. Bem antes de os alemães exigirem a repressão contra os judeus, o governo francês já a realizava.

Em uma das últimas festas do partido, tínhamos conhecido um pequeno grupo de judeus. Havia um casal que vinha da Romênia, dessas regiões em litígio pela repartição de territórios feita pela Primeira Guerra Mundial. Havia também poloneses e, pouco a pouco, essas pessoas que estavam na França foram se organizando, por meio da estrutura do partido. O tipo de organização era por núcleos, e os núcleos de estrangeiros eram núcleos de línguas. Como os judeus de qualquer nacionalidade falavam iídiche, faziam, então, parte do mesmo grupo. Depois da prisão da minha tia, de que vou falar adiante, sempre estive em contato com a imigração. No começo era, sobretudo, a imigração judia, mas depois combatentes de outras nacionalidades foram chegando, se organizando, até o advento da guerrilha. Todos esses contatos se faziam

38. Jozef Klemens Pilsudski (1867-1935), chefe do Estado Polonês de 1918 a 1922, ditador da Polônia, de extrema-direita, de 1926 a 1935.

39. Miklós Horthy (1868-1957), depois do breve governo comunista na Hungria, Horthy, político de extrema-direita, foi regente de 1920 a 1944. Violentamente antisemita.

no apartamento de um desses primeiros imigrantes que tínhamos conhecido. Nunca foram presos, nunca aconteceu nada com eles; isso foi incrível!

Graças a esses amigos conhecidos antes da clandestinidade, nunca perdi o contato com o partido. Esses imigrados, judeus de vários países, já se haviam organizado partidariamente e quando perdíamos o contato com a direção do partido francês, nos ligávamos a eles. De fato, desde bem jovem eu estava muito ligada a essas pessoas. Às vezes havia documentos do partido para discutir e eles me convidavam para o debate.

Quando veio o racionamento, foi criado o câmbio negro de tíquetes de pão. Na França, ainda na agonia da Frente Popular, depois das leis contra estrangeiro e antisemitas, nossos companheiros judeus não podiam mais se apresentar para receber tíquetes de alimentação, porque o risco era fatal. Se fossem, carimbavam uma estrela amarela nos documentos deles. Eu conhecia pessoas que tinham sido do partido e às quais continuei ligada de alguma forma e, entre elas, havia uma senhora cujo irmão era um desses malandros marseheses, do *bas fond*. Ele nunca tinha trabalhado na vida porque tinha sempre umas duas ou três mulheres que lhe davam dinheiro.

Era um homem que se vestia de uma forma um pouco espalhafatosa, mas estava sempre bem vestido – um gigolô discreto que se dizia patriota! Como nunca tinha trabalhado na vida, mantinha contato com marginais que roubavam tíquetes, sobretudo os de pão, e os revendiam no câmbio negro. Quando ele estava ligado muito de perto a esses marginais, vendia para mim os tíquetes de alimentação pelo preço de custo; eram muito baratos. Mas quando os ladrões eram grupos mais afastados dele, os tíquetes eram mais caros, mas não tão mais caros e aí eu os comprava para os amigos judeus.

As *blitz* contra os judeus começaram em novembro de 1942, logo depois da ocupação da Zona Sul da França pelos alemães. Havia em Marselha um bairro antigo muito curioso, com casas certamente insalubres. Seu nome era Le Vieux Port e lá moravam muitos velhos marseheses, sobretudo pobres. O bairro formava um intrincado de ruas pequenas e estreitas e os alemães ficaram com medo de que, se houvesse uma sublevação, as pessoas lutariam rua por rua, casa por casa. Começaram então a espalhar que havia subterrâneos ligando as ruas do bairro – coisa de que nunca em Marselha se tinha ouvido falar. Espalharam isso e decidiram acabar com o bairro, mas liquidá-lo de noite, sem que ninguém fosse avisado de nada. E se aproveitaram também para fazer uma *blitz* contra os judeus que lá encontrassem.

Uma noite, os alemães fecharam determinadas ruas e com alto-falantes determinaram aos moradores de algumas ruas que fizessem um pacote com suas roupas e pertences – não mais do que uns poucos quilos – e se

apresentassem na esquina de certa rua, onde havia caminhões esperando. E as pessoas, de repente, de surpresa, tiveram de deixar as suas casas e sair, sendo levadas pelos alemães para a triagem. Os judeus ficavam e os outros eram mandados embora.

Esse era um bairro grande, conhecido, que levava ao velho porto de Marselha e tinha para os marseheses um significado afetivo grande. E essa operação também foi pretexto para um movimento de especulação imobiliária, porque em duas semanas eles arrasaram completamente o bairro e o reconstruíram com casas novas, modernas e caras. Os marseheses perderam suas casas, perderam tudo, os judeus foram presos... E, ao mesmo tempo, com esse processo os alemães deram um golpe imobiliário. Isso causou um choque muito grande na população.

Por volta de 1943, comecei a fazer parte da Juventude Comunista. Distribuí panfletos, colocava jornais e material do partido nas caixas de correio, à noite – mas antes do toque de recolher. Viajava levando material, como uma atividade mais organizada. E fazia igualmente o trabalho de solidariedade: escrevia às companheiras presas, fazia passar as notícias, entrava em contato com as famílias dos presos. Em Marselha havia presos de várias partes da França e o trabalho de solidariedade era amplo, havia muita coisa para fazer.

Depois começaram algumas atividades que já se aproximavam mais da luta armada. A juventude fez ações contra certas autoridades da direita, como a chefe da guarda da prisão feminina de Marselha. Houve também a tentativa de libertar as presas – uma ação com guerrilheiros, os FTP-MOI⁴⁰. Fizemos um levantamento da situação, conversamos com as presas sobre as condições internas, mas não foi possível implementar a ação.

Antes de o partido ser posto na ilegalidade, eu tinha sido da Juventude Feminina. Depois fiquei ligada à imigração e mais tarde voltei organizada a esse grupo da Juventude. Depois da prisão da minha tia, começamos a ter algumas atividades que não eram propriamente de luta armada, mas estavam próximas, como a tentativa de que falei de libertação das companheiras presas em Marselha. Com todo esse clima, ficou difícil para mim continuar morando em casa. Ia chegar o momento em que teria de sair, porque a atividade ilegal obrigava as pessoas a se mudar, pois era perigoso ficar onde eram conhecidas. Havia também o controle do meu pai, que sempre ficava me perguntando aonde eu ia, ou de onde tinha vindo...

40. Franc Tireurs Partisan (Franco Atiradores Partisans) Main d'Ouvre Imigrée (Mão de Obra Imigrada), foram guerrilheiros do grupo da resistência francesa na Segunda Guerra Mundial.

Não podia mais, enfim, continuar em casa, porque estava sendo levada a mentir, a inventar desculpas... Era muito desagradável fazer uma coisa que sentia ser certa e ter de inventar mentiras para poder sair. A minha avó me ajudava quando podia, mas com o meu pai era muito difícil.

Um dia passei por uma rua, não muito longe da minha casa e vi na vitrine de um estúdio de fotografia um cartaz: “Procuram-se aprendizes”. Entrei e fiquei com o emprego. Trabalhava de manhã à noite, mas quando saía do trabalho estava livre para ir aonde quisesse. Com isso, podia continuar com as minhas atividades políticas antes de ir trabalhar, de manhã ou de noite, o que estando na minha casa era muito difícil.

A escola eu já tinha concluído. Fiz um curso secundário incompleto, diferente de como a gente conhece agora, e então fui trabalhar. Foi melhor para mim, porque às vezes eu chegava em uma reunião da juventude e o responsável dizia: “Precisamos de alguém que viaje para tal lugar para levar jornais e volantes”. E eu me sentia obrigada a ir. Às vezes eu retrucava: “Mas não posso...”. E me respondiam: “Alguém tem que fazer, então você vai”.

Naquela época tomar um trem não era fácil! Um pouco mais tarde, já atuando com os Franc Tireurs Partisan (FTP), eu viajava no estribo do trem, com uma mala cheia de material ou de armas e ainda ficava feliz por ter conseguido um lugar. Os trens viajavam absolutamente repletos: as pessoas ocupavam tudo, até os sanitários. Era entrar e não poder mais se mexer. Pensar em descer no caminho era impossível; tinha-se que ir até o fim da linha. E ainda havia os controles policiais.

A resistência, quando começou, não era ainda uma resistência com R maiúsculo – era o momento de uma organização inicial. Os comunistas estavam na clandestinidade desde setembro de 1939. O último jornal do partido que saiu foi *Ce Soir*, que trazia a posição do partido sobre o Pacto Germano-Soviético. Lembro-me porque nessa época eu estava em Nice, foi pouco depois da morte da minha mãe – estava lá convidada pela família de meu pai, para tentar me distrair daquela perda. E quase tive que lutar para conseguir um número desse jornal. Foi na época do Pacto Germano-Soviético, do início da guerra, da mobilização e da *drôle de guerre*.

Meu pai e a minha tia foram presos por uma coincidência ruim. Tínhamos em casa um documento clandestino, o relato da prisão e do fuzilamento, em 1942, de reféns do Forte Mont Valérien, entre os quais Gabriel Péry⁴¹. Nós o tínhamos recebido de nossos amigos estrangeiros e meu pai disse à

41. Gabriel Péry (1902-1941), jornalista comunista francês, preso e fuzilado pelos alemães no Forte Mont Valérien.

minha tia: “Esse documento, se você quiser passá-lo para algumas pessoas do seu trabalho, passe logo, porque é perigoso guardá-lo em casa”.

Minha tia então guardou o documento na bolsa, para no dia seguinte fazê-lo circular, mas não comentou nada com meu pai. E, no dia seguinte, quando eu já tinha saído para a escola, a polícia bateu lá em casa à procura do meu pai, mas bateu na porta do apartamento da minha avó. Meu pai, pensando que a minha tia já tinha saído para o trabalho com o documento, disse: “A casa de Laugery não é aqui, é ao lado”. E quando a polícia foi ao apartamento ao lado, minha tia estava saindo. Eles logo pegaram a bolsa e a primeira coisa que encontraram foi o documento. Fizeram uma perquisição nos dois apartamentos, foi terrível! Isso deve ter sido em maio de 1942, pouco antes da ocupação de Marselha, em novembro.

Quando voltei da escola, encontrei a casa revirada e minha avó atônita. Minha avó, quando a polícia bateu, estava de camisola sob um casaco com gola de pele, que ficava no corredor, onde deixávamos os agasalhos. Quando voltei para casa encontrei-a assim, seu cabelo, que usava como um chinó, um coque, estava todo desmanchado... E ela estava fritando pedaços de bacalhau, porque pôs na cabeça: “Lá, para onde eles foram levados, vão sentir fome, não vão dar comida para eles...”. Vocês não imaginam como estava a casa! Todo o conteúdo das gavetas espalhado pelo chão, penas dos travesseiros passeando pelo ar... E isso nos dois apartamentos. Tudo estava jogado: revistas pró-comunistas de antes da guerra, objetos, roupas... E minha avó, diante do fogão, fritava pedaços de bacalhau que quando caíam na fritura fazia um barulho a mais (pchiiiiii), porque chorava e as lágrimas caíam na frigideira.

Os policiais tinham deixado um endereço e minha avó me disse: “Vai depressa, vai depressa levar essa comida!”. Fizemos um embrulho e eu procurei um livro, porque pensei que, afinal de contas eles estavam presos, mas talvez pudessem ler. Lembro-me de ter levado a versão francesa de *E o vento levou*, um livro muito em moda naquela época e que estávamos lendo em casa. Peguei tudo isso e fui tentar encontrá-los.

Sabíamos que quando se tinha alguém preso, era preciso fazer tudo para não perder a pista, mantendo o contato com a pessoa, porque senão ela sumia e não se sabia mais onde estava. Fui recebida na polícia, mas só a minha tia estava lá. Eles haviam sido presos às sete horas da manhã e já era uma hora da tarde. Deixei as coisas para a minha tia, perguntei se poderia levar um cobertor para a noite e o policial disse que sim. Fui então ao encontro

42. Mendigo francês: leva sempre consigo o correspondente a um dia do salário mínimo, para não ser preso por mendicância.

do meu pai, que estava no depósito de presos, um local onde ficavam os que eram apanhados na rua de noite, os *clochards*⁴², os bêbados. Estavam todos lá e o meu pai no meio desse pessoal, tentando enrolar um cigarrinho. À noite fui levar cobertores.

A partir desse momento, a responsável pela família foi minha avó. Mas das atitudes práticas quem cuidava era eu, como a documentação para poder visitar os presos, procurar um advogado, todo esse tipo de tarefa. Meu pai foi solto logo, mas ele estava abatido, não queria saber de nada... Minha avó estava muito triste, abalada pelos acontecimentos, de maneira que a responsabilidade da casa ficou sendo minha. Àquela altura, eu tinha 17 anos e meu irmão 14.

Não me lembro que idade minha avó teria na época. Talvez por eu ser jovem, tinha a impressão de que ela sempre foi velha, apesar de que quando nasci ela devia ser bem moça ainda. Quando eu tinha, digamos, dez anos, que idade ela devia ter? Pouco mais de 60 anos. Minha mãe, que era a mais velha de suas filhas, nasceu em 1901. Digamos que tenha nascido um ano ou dois depois do casamento. Assim, minha avó poderia ser de 1880, 1878, por aí, não sei bem... Quando minha mãe nasceu ela deveria ter entre 20 e 22 anos, digamos. Minha mãe morreu com 39... Mas sempre tive a impressão de que minha avó sempre foi velha, porque ela tinha o cabelo grisalho, quase branco, e também pela maneira de se vestir. Ela fazia um coque com o cabelo e sempre usava um chapéu. Nessa época, nos anos 1940, em que já se deixava de usar coque e chapéu, ela continuava usando.

Esse período foi extremamente difícil. Muitos conhecidos foram presos, outros estavam desaparecidos. Perdemos o contato com minha irmã e com outra moça da Juventude, quando estavam presas. Certa vez, a polícia apareceu lá em casa perguntando por minha irmã, e minha avó disse: “Ela se apaixonou por um aviador e foi embora”. Porque no Exército os aviadores eram a elite e muitas moças se apaixonavam por soldados e saíam de casa – o que encontramos para dizer foi isso. O engraçado é que a polícia também foi visitar a mãe da colega da Juventude presa com minha irmã e a mãe dela contou a mesma história!

A milícia de Vichy, formada em 1943, estava sob a direção de Darnan⁴³. Não era composta só por fascistas, eram o *bas fond*, pessoas que tinham alguma veleidade de ser chefe, chefe de alguma coisa, e entravam nessa milícia para usar uniformes e portar armas, eram bandidos mesmo. Creio que

43. Joseph Darnand (1897-1945), político francês de extrema-direita, um dos chefes da milícia de Vichy. Preso e fuzilado ao final da guerra.

44. Pierre Laval (1883-1945), primeiro ministro francês do governo colaboracionista de Vichy, fuzilado no final da Segunda Guerra Mundial.

essa milícia foi criada por Laval⁴⁴, que foi por duas vezes chefe do governo, e depois foi preso, julgado e fuzilado – e ainda lhe fizeram muita honra ao fuzilá-lo, porque deveria ter sido enforcado como Mussolini⁴⁵. Era a polícia francesa de Vichy que prendia judeus e comunistas, já nos estertores da Frente Popular, em seus últimos ministérios, com Deladier, um radical que depois apoiou Vichy. Depois do Armistício, com a França vencida e a ocupação alemã, não houve mais Exército.

A Terceira República desapareceu e Petain formou o Estado Francês, divulgando aqueles ideais de trabalho, pátria... Os comunistas começaram a lutar pela reconstrução do partido, porque a ideia de resistência armada só foi surgindo aos poucos. Mesmo no PCF houve discussões porque nem todos aceitavam a resistência armada, pois quando se fazia uma ação armada os alemães fuzilavam reféns e muitas pessoas escolhidas aleatoriamente. Dessa forma, muitos consideraram que tais ações armadas iriam contra a população, contra o partido. Mas essas ideias foram rapidamente superadas.

Ao contrário da experiência vivida aqui no Brasil muito mais tarde, nunca senti que a casa estivesse sendo vigiada. Até mesmo suponho que a polícia que prendeu meu pai era o *deuxième bureau* (segundo birô), a polícia secreta francesa.

Meu pai, mesmo quando os navios não saíam mais do porto, passava seu tempo de trabalho no navio. A tripulação acreditava que, por continuar recebendo seu salário, deveria estar lá. No navio estava toda a tripulação e havia uma espécie de sala, com boas poltronas, jornais, revistas, reservada aos oficiais. Meu pai então levava os panfletos políticos que recebíamos e os misturava com os jornais. E houve um detalhe, que nada tinha a ver com os folhetos que distribuía, que chamou a atenção: ele sempre saía com uma pastinha na mão, porque tinha esperança de conseguir comprar uns peixinhos lá no cais, encontrar alguma coisa para levar para casa.

E esse negócio da pastinha certamente levantou alguma suspeita no comandante do navio, com quem meu pai tinha brigado antes. Não que o comandante fosse muito reacionário – talvez fosse membro do *deuxième bureau* –, mas porque tinha perdido um navio, deixando-o naufragar no Mediterrâneo. Meu pai disse a ele que só um comandante abaixo de zero poderia perder um navio no Mediterrâneo... Brigaram quando meu pai dissera essas coisas, o comandante

45. Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945), político italiano, pertenceu ao Partido Socialista Italiano e acabou na extrema-direita. Liderou a Marcha sobre Roma em outubro de 1922. Desde essa data até sua morte foi dirigente da Itália. Um dos fundadores do Partido Fascista, participou da Segunda Guerra Mundial ao lado da Alemanha nazista. Enforcado pela resistência italiana em 1945.

devia estar de olho nele. O fato de todo dia ele ir trabalhar com a tal pastinha e das pessoas encontrarem folhetos subversivos no navio gerou alguma desconfiança.

Não era habitual as pessoas serem presas pelo *deuxième bureau*, mas o comandante do navio em que meu pai trabalhava devia ser colaborador. Lembro-me de que tínhamos vizinhas alinhadas com o pensamento político de Trotski⁴⁶, que diziam: “Claro que ele foi preso pelo *deuxième bureau*, ele está a serviço de Moscou!”.

Nos anos 1970, quando Apolônio e meus filhos foram presos aqui no Brasil, eu já tinha uma longa experiência de porta de prisão... Durante algum tempo, antes de minha tia ser presa, ela e eu nos alternávamos nas visitas à minha irmã, na prisão de Lyon. Depois minha irmã foi levada para a prisão de Marselha e então nosso programa de domingo – eu, minha avó, meu irmão, meus tios –, era visitar a prisão. Tive uma larga experiência no assunto.

Voltando à prisão de meu pai e de minha tia, quando o pai foi solto minha tia continuou presa, porque se alguém fosse encontrado com um folheto subversivo mimeografado, seriam os resistentes que os teriam posto nas caixas de correio, o que queria dizer que a ligação com a Resistência era longínqua. Mas esse documento que pegaram com minha tia estava batido à máquina, o que significava que deveria haver um contato com pessoas mais responsáveis da Resistência – esses eram os critérios da polícia. Minha tia ficou presa e foi julgada por um tribunal militar.

Assisti ao julgamento com o advogado que tinha conseguido – ele ainda está vivo, em idade bem avançada. Na época eu tinha 17 anos e ele já era advogado, tinha pelo menos uns dez anos a mais do que eu. Foi um dos poucos que teve coragem de defender os patriotas. Mas não adiantava grande coisa; houve testemunhas que falaram, mas toda a parte do veredicto foi a portas fechadas. Ela foi condenada a dez anos de trabalhos forçados por ter um documento subversivo... Na realidade, apesar de se dizer trabalho forçado, era prisão, porque os trabalhos forçados eram cumpridos na Guiana Francesa e não se cogitava de mandá-la para lá. Nessa época, ela tinha 37 anos e acabou ficando presa junto com minha irmã.

Além do trabalho na juventude comunista, eu tinha conseguido contato com o trabalho de solidariedade e dos presos. Minha tia e minha irmã tinham o direito de receber uma carta por mês, que reservavam para receber

46. Leon Davidovitch Bronstein Trotski (1879-1940), político russo, um dos líderes da Revolução de outubro de 1917 que instaurou a República Socialista da União Soviética. Criador, com Lênin, da III Internacional e criador do Exército Vermelho em 1917. Opositor de Stalin, foi expulso do PCUS e saiu do país. Estava refugiado no México quando foi assassinado a mando de Stalin, em 1940.

notícias de nossa família. Nós as visitávamos todas as semanas, mas ficávamos em um cubículo com uma grade na frente, e tinha um corredor, outra grade e elas ficavam do outro lado e ainda com um guarda que passeava no meio. Não dava para falar nada.

Pouco depois da ocupação alemã, minha irmã foi detida na prisão central de Lyon. Depois essa prisão foi transferida para Marselha, e Paulette foi transferida para lá e então ela e minha tia ficaram presas juntas. Conforme comentei, tínhamos tentado libertá-las – foi muita ilusão de nossa parte, porque geograficamente era uma ação quase impossível de realizar. O local era muito estreito e terminava em uma elevação que caía direto no mar. Para tirá-las de lá precisávamos de navios, mas eles não saíam. Levá-las para a cidade não era possível, porque seria preciso passar pela prisão dos homens, sob o controle da Gestapo. Então, na verdade, só se podia contar com o diretor da prisão que, por acaso, poderia ser um patriota... Mas, claro, ele não iria assumir tal responsabilidade. Foi uma tentativa que não tinha como chegar a bom termo e fracassou.

Depois, elas foram transferidas para outra prisão, no Norte, na Bretanha, a prisão de Rennes. Ficaram lá certo tempo e, posteriormente, perdemos o contato com elas. Chegaram a organizar um movimento de revolta nessa prisão, mas foi abafado e logo na sequência elas foram deportadas para a Alemanha.

Quando isso aconteceu, minha avó recebeu um bilhete oficial da prisão, dizendo do horário e data que as presas tinham sido liberadas. Para a administração elas estavam livres, só que do outro lado dos portões por onde elas saíam estavam os caminhões alemães, que as levaram para a Alemanha. Em geral as deportadas saíam de Drancy, região em torno de Paris. Passou-se certo tempo e nós, embora sem ter certeza, pensamos mesmo que elas tinham sido deportadas. Os franceses só souberam da existência de campos de concentração muito mais tarde, por meio de um programa da rádio de Londres.

Um belo dia a minha avó recebeu uma carta: era um pedacinho de papel rasgado, redigido a lápis. É que quando elas saíram da prisão na França e foram embarcadas para a Alemanha em trens de gado, deixaram cair esse pedacinho de papel em que tinham escrito a mensagem e dado o endereço da família. Quem nos mandou a carta escreveu junto algo semelhante a: “Eu estou mandando esta carta porque ela é dirigida a uma mãe e eu perdi a minha há pouco tempo, morta em um bombardeio dos ‘amigos’ da sua filha”. Devia ser um bombardeio inglês. Nunca soubemos se era verdade ou se quem enviou a mensagem teve medo de mandar a carta e inventou a tal história, não sei. Mas soubemos por meio desse bilhetinho que elas tinham sido deportadas, nesses trens que tinham uns vagões de madeira para o transporte

de gado. Viajaram em pé, apinhadas, levaram dias para chegar ao campo de Ravensbrück. Lá foi o local onde elas chegaram primeiro e nele ficaram de quarentena, pois os alemães tinham muito medo de uma contaminação por tifo ou tuberculose.

O campo de Ravensbrück foi um dos mais terríveis, para onde seguiu Olga Benário⁴⁷. Nos tempos da Olga, as próprias presas políticas – sobretudo as alemãs, as primeiras a serem ali confinadas –, tiveram de trabalhar drenando o terreno, formado por pântanos, e construir o campo.

Os alemães perguntavam às presas recém-chegadas: “Quem é voluntária para o trabalho?”. Certamente, elas se negavam: “Não, nós não queremos trabalhar para os alemães!”. Aquelas que aceitassem ficavam lá trabalhando em serviços mais leves, e a quase totalidade, que se recusava, era mandada para outros campos onde eram obrigadas a trabalhar para a indústria de guerra alemã. O grupo da minha irmã e da minha tia foi mandado para o campo de concentração onde morreu Thaelmann⁴⁸, Buchenwald, um campo só para homens. E de lá elas foram para o que os alemães chamavam “comandos”, grupos que trabalhavam nas usinas Siemens, de metalurgia pesada, material elétrico, material de guerra.

O setor onde trabalhavam – em que se reuniam somente mulheres – era o de fabricação das V2, bombas voadoras que os alemães despejavam sobre Londres. As primeiras dessas bombas foram as V1, então catapultadas do litoral francês sobre a Inglaterra. Mas os alemães tinham a pretensão de que, nessa segunda edição, as V2 já pudessem voar. Não sei qual o alcance delas, mas é certo que era bem maior que o das V1.

As condições lá eram horríveis! Sabe-se que para estarem às 5 horas no trabalho precisavam levantar às 3 horas, para se lavar. Tinham prometido a si mesmas que não iam se entregar e precisavam dar um jeito de se lavar. Não se tratava de tomar um banho, mas se lavar antes de sair. No inverno, as torneiras ficavam geladas e precisavam bater nelas para tirar o gelo e conseguir um pouquinho de água.

Depois havia a chamada. Os alemães eram disciplinados e, a cada dia, na saída e na chegada, faziam a chamada. Às vezes, elas ficavam quase duas

47. Olga Gutmann Benário (1908-1942), revolucionária alemã, acompanhou Prestes, de quem se tornou companheira, na vinda do casal ao Brasil em 1935. Depois da derrota da insurreição de novembro de 1935, no Rio de Janeiro, foi presa (a 6 de março de 1936) e deportada para a Alemanha nazista, por ordem de Vargas, em setembro de 1936, grávida de sete meses da filha de Prestes. Foi assassinada pelos nazistas numa câmara de gás no campo de extermínio de Bernburg.

48. Ernest Thaelmann (1886-1944), líder do Partido Comunista Alemão, preso pelos nazistas e assassinado no campo de concentração de Buchenwald.

horas em pé, esperando. Havia uma turma que tinha tempo de tomar uma água quente que eles chamavam café e recebia um pedaço de pão para o dia todo, mas havia outras turmas, dependendo dos horários, que nada recebiam. Nas duas horas de controle, os alemães chamavam os nomes um por um para que se apresentassem. De vez em quando, inventavam de chamar um médico ou um dentista para verificar os dentes... Nunca nenhuma presa ou deportada recebeu tratamento dentário, mas eles inventavam isso e lá na calçada onde elas estavam tinham que ficar nuas para o dentista verificar os dentes, ou o médico examinar qualquer coisa. Queriam humilhá-las, porque quando uma pessoa se via nua, naquelas circunstâncias, ficava indefesa, como se perdesse um pouco sua personalidade.

Elas trabalhavam o dia todo e voltavam à noite, sendo substituídas por outras. E então havia o jantar, uma água quente na qual por sorte, às vezes, tinha um nabo. Aquela água quente não alimentava ninguém e elas pensavam: “Será que esse nabo vai cair para mim?”. Ficavam olhando para ver no prato de quem ia cair o nabo ou uma batata – um luxo. Foi essa a vida no campo de concentração, uma experiência extrema de penúria, difícilíssima.

Mas nunca se entregaram. Usavam um vestido listrado que era tudo que tinham em cima do corpo. Não havia roupa de baixo, absolutamente nada, só podiam usar aquele vestido. Lavavam essa roupa, marcavam pregas nas listras e colocavam os vestidos molhados de baixo do colchão – estavam sempre impecáveis. Não tiveram os cabelos raspados porque faziam como os macaquinhos, que catam piolhos uns dos outros. Sempre examinavam os cabelos uma da outra para evitar piolhos, e nunca os tiveram. Verdadeiramente não se entregavam, foram muito valentes! E também tinham recebido conselhos de outras que estavam lá havia mais tempo: “Que nunca ninguém se declarasse doente!”. Quem estava doente ia para o hospital – não era hospital, mas sim uma sala separada – e lá os alemães buscavam aquelas que estavam doentes e enfraquecidas para mandar para os fornos, para matar. Na medida do possível ninguém se declarava doente.

Ficaram um ano nesse campo, até o início de 1945. Em certo momento, porém, os russos começaram a chegar de uma direção, os ingleses e americanos chegavam de outra, os franceses também e, com isso, os alemães começaram a esvaziar os campos. Os SS⁴⁹ juntaram todos os prisioneiros, de vários campos, homens e mulheres, em uma fila que se chamou “a coluna da morte”, e no meio dos prisioneiros eles metiam soldados alemães para

49. Abreviatura de Schutzstaffel (tropa de choque) do partido nazista.

disfarçar. Andaram aproximadamente quinze dias em torno de uma floresta. Os alemães não sabiam aonde ir, estavam completamente perdidos e, principalmente, não queriam ser alcançados pelos russos. Pelos americanos ainda aceitavam, mas não pelos russos.

Minha irmã – os comunistas sempre tiveram o sentido de organização, em qualquer lugar –, quando estavam nessa marcha, tinha organizado grupinhos de três, para tentar fugir quando houvesse qualquer oportunidade. Era difícil fugir porque quem parasse na beira do caminho recebia uma bala na nuca e ficava jogado na estrada. Em um dia em que estavam nessa coluna de quilômetros, tiveram que atravessar uma ponte. Era primavera e os rios estavam cheios de água derretida da neve, do período anterior, e a ponte por onde passariam tinha uma estrutura frágil. Tinham jogado umas tábuas, umas escadas para poderem passar. Mas uma boa parte das pessoas da coluna passou e quando chegou do outro lado da ponte os alemães receberam contra-ordens – parece que os russos vinham nessa direção, ou outros aliados – e puseram toda essa coluna, de quilômetros, marchando em sentido contrário, voltando na direção de onde tinham vindo.

Foi então que o grupinho das três – minha irmã, minha tia e uma jovem polonesa que falava um pouquinho de alemão – aproveitou aquela movimentação, o caos formado pela coluna mudando de sentido, e entraram na água se escondendo atrás das colunas da ponte. Já estava anoitecendo e elas sentiam que não tinham forças para ir mais longe. E pensaram: “Vamos ficar. Se não vão nos matar. Não aguentamos ir mais longe”. E ficaram lá. Quando a coluna acabou de passar já era noite, elas saíram da água e começaram a andar através dos campos, sem saber onde estavam, com a impressão que haviam andado muito. Finalmente se deixaram cair, encharcadas, pensando que não estariam vivas no dia seguinte.

Mas chegou o dia seguinte e elas estavam vivas. A polonesa saiu em reconhecimento, andou um pouco e encontrou na estrada prisioneiros de guerra, soldados franceses e italianos. Nessa altura dos acontecimentos, esses prisioneiros tinham feito um buraco na cerca do campo onde estavam e haviam saído a caminhar pela estrada. Não havia um regime tão brutal sobre eles: recebiam um pouco de alimento através da Cruz Vermelha, porque estavam submetidos à Convenção de Genebra⁵⁰, tendo certas vantagens que os deportados políticos e judeus não tinham.

50. As convenções de Genebra são tratados internacionais sobre direitos humanos, em especial sobre o tratamento a ser dado aos prisioneiros de guerra. As três primeiras foram realizadas em 1864, 1906 e 1929.

A polonesa encontrou esses soldados, contou que era deportada e tinha fugido. E os soldados, que não sabiam da existência dos campos de concentração, quase não acreditavam: mulheres deportadas em campos de concentração?! Não queriam acreditar. Assim, essa moça levou-os a um ponto da estrada em que uma jovem tinha sido morta com uma bala na nuca por ter parado no meio do caminho. Quando os soldados viram isso ficaram completamente consternados e foram buscar as duas outras, minha irmã e minha tia, e conduziram as três para o campo deles, passando pelo buraco da cerca.

Quando chegaram lá e começaram a comer um pouquinho, ficaram tão doentes, mas tão doentes, que esses soldados prisioneiros de guerra foram obrigados a cuidar delas, até para levá-las ao banheiro. Havia quase uma quinzena que o alimento delas era somente ervas e, de vez em quando, um pedaço de pão, e quando começaram a provar outros alimentos ficaram muitíssimo doentes.

Nesse campo de prisioneiros muitos já tinham fugido e os outros respondiam a chamada em seu lugar, porque os alemães, em qualquer circunstância, não abriam mão da chamada. Eles cortaram os cabelos das três, vestiram-nas com uniforme de soldado e as três respondiam à chamada, porque podiam passar por homens. Minha irmã e minha tia estavam tão magras que não tinham mais peito, a barriga estava para dentro; somente a polonesa ainda conservava alguma forma de mulher.

Um dia um soldado alemão, na chamada, aproximou-se da polonesa e perguntou em um francês capenga: “*Vous n’êtes pas trop fatigué, mademoiselle?*”⁵¹. Então elas se deram conta de que eles tinham percebido. Talvez uns quinze dias depois, esses prisioneiros de guerra foram entregues pelos alemães aos americanos. Os americanos deram comida a elas, as tradicionais rações de soldados, mas não tiveram nenhuma consideração particular com as pessoas que tinham sido deportadas. Foi essa a história da vida de deportadas de minha irmã e de minha tia.

A VOLTA DA ESPERANÇA: STALINGRADO

Tínhamos notícias da guerra somente através da rádio de Londres, ouvidas à noite. Como éramos obrigados ao *blackout* total, as pessoas costumavam colocar nas janelas uns cobertores escuros, porque a luz da casa não

51. A senhorita não está muito cansada?

podia ser vista de fora. E atrás dessas cortinas ouviam a emissora estatal inglesa BBC (British Broadcasting Corporation) de Londres, um programa chamado “Os franceses falam aos franceses”. Foi por essa rádio que tivemos notícias da invasão da União Soviética, em junho de 1941.

A rádio de Londres teve enorme importância. As emissões nem sempre eram boas, porque a França ou a Alemanha tentavam misturar as ondas e às vezes não se ouvia bem. Ouvir a rádio de Londres tornou-se um hábito dos franceses, o único jeito de conhecer o que se passava no *front*. Através do rádio recebiam-se comunicados de Londres, indicando o dia em que haveria, por exemplo, um lançamento de paraquedas, com frases como: “As batatas estão cozidas”. Eram senhas dirigidas às pessoas que sabiam do que se tratava. Lembro-me de que na derrota dos alemães na Batalha de Stalingrado⁵² tocaram uma música em que se imitava a voz grossa de um cossaco do Kuban, dizendo:

*Qu'as tu boche, qu'as tu boche,
Qu'as tu boche à trembler tant?
C'est que je voudrais bien m'en aller
Mais, cossaque, je n'ose.*⁵³

A influência dessas iniciativas sobre a população era muito grande. Foi a partir da vitória soviética em Stalingrado que as pessoas, mesmo as que não eram politizadas e não participavam da Resistência, começaram a sentir que havia uma luz no fim do túnel. Sentíamos que o nazismo, uma espécie de bloco de chumbo sobre nós, não ia durar um milênio como apregoavam – era possível derrotar os alemães. Isso porque até então a ofensiva alemã era um rolo compressor, parecia não haver esperança. Junte-se a isso o *blackout*, a falta de alimentação, o frio, a prisão de tantas pessoas... Além do peso da derrota. A vitória dos russos em Stalingrado, uma luta que durou de dezembro de 1942 a fevereiro de 1943, marcou uma mudança extraordinária no ambiente do país. Até aquele momento a União Soviética recuava, era uma coisa desmoralizante. E, é claro, os jornais franceses se deliciavam com a derrota da União Soviética! Stalingrado foi verdadeiramente a virada!

No início os alemães avançavam e parecia que tomariam Stalingrado.

52. Esta batalha ocorreu de dezembro de 1941 a fevereiro de 1942 e foi a primeira grande derrota dos alemães, infringida pelos soviéticos.

53. *O que há com você, boche?! O que há, boche, que você treme tanto? / É que bem que eu queria ir embora. / Mas, cossaco, eu não ousa.* Os soldados alemães recebiam pejorativamente o nome de *boches*.

Foi pela BBC que ficamos sabendo, primeiro da resistência, da luta rua por rua, casa por casa e finalmente da derrota dos alemães, que depois de Stalingrado começaram a recuar. Na rádio de Londres havia humoristas franceses famosos, que tinham conseguido ir para a Inglaterra, e falavam naquele programa. Contavam piadas contra os alemães, contra Vichy, e criaram bordões que todo o mundo repetia, mesmo sentindo medo. Havia uma parte da resistência, ligada a De Gaulle⁵⁴, que se comunicava com ele por rádio e recebia armas, mantimentos, dinheiro, jogados de paraquedas.

Na França, na ocasião, eram vendidos uns carnezinhos de papel fininho para enrolar o cigarro, e eu os comprava e com um lápis bem afiado escrevia neles as notícias para fazê-las entrar na cadeia. Para isso tínhamos uns tantos ardis: protegíamos o papelzinho com as mensagens e o colocávamos em uma parte do tubo de metal em que vinha a pasta de dente, previamente esvaziada. Como não havia papel plástico naquela época, não sei em que nós enrolávamos o papelzinho... Quando recebiam pasta dental, sabiam que havia notícias. Também mandávamos para elas guardanapos, panos de prato... Não precisavam dessas coisas tanto assim, mas na bainha deles enfiávamos esses rolinhos de papel, que eram moles, e os guardas nunca se deram conta.

54. Charles André Joseph Marie De Gaulle (1890-1970), general francês herói da resistência. Em junho de 1940 pronunciou célebre discurso conclamando os franceses a resistirem à invasão alemã. Refugiou-se em Londres, de onde comandou parte da Resistência. Fundador da Quinta República Francesa, foi presidente da França de 1958 a 1968.

Em 1942, a ocupação alemã foi estendida a Marselha e a situação ficou muito pior. A presença dos soldados alemães em nosso território tornou-se ofensiva. Quando se andava por uma calçada, por exemplo, e vinha um alemão noutro sentido, as pessoas fingiam-se de distraídas para ver quem ia descer da calçada para o meio fio. O motivo: os alemães declararam terem direito exclusivo de ocupar a calçada.

A invasão alemã modificou radicalmente os conceitos de nacionalismo e patriotismo. Os franceses eram patriotas, assim como a maioria das pessoas. Com isso quero dizer da ligação que têm com suas raízes, sua terra, sua língua, seus costumes, o que não significa o desprezo por outros países. Já a direita fazia profissão de fé nacionalista por meio da sacralização da pátria, representada pela bandeira tricolor, pela busca de símbolos nacionais e mitos como Joana D'Arc, além de usarem o lema “trabalho, pátria, família”.

Um belo dia em Marselha, vimos um símbolo pintado com giz nas paredes e não sabíamos o significado – era como a letra “l” minúscula, aberta –, e logo apareceu uma milícia uniformizada, formada pelo que havia de pior na sociedade francesa. Eram pessoas que queriam ser chefe de alguma coisa e entravam nessa milícia, sentindo-se mais poderosos com uniforme e armas. Esses milicianos eram mais perigosos, porque, sendo franceses, conheciam-nos bem. Os alemães torturaram, fizeram barbaridades, mas não conheciam a população francesa e quando pediam a carteira de identidade, por exemplo, só olhavam

para ver se você era bem parecido com a fotografia. Já a polícia francesa e essas milícias criadas conheciam os franceses, os documentos, as atividades e as atitudes das pessoas. Era uma grande preocupação para nós, porque eles eram muito perigosos, perniciosos.

Os comunistas eram internacionalistas e sua bandeira era vermelha. Mas quando houve a invasão da França pelos alemães, foram os comunistas que iniciaram a resistência, a defesa da pátria, enquanto a direita apoiou os alemães e o governo fantoche colaboracionista de Vichy. Esse governo tinha uma milícia fascista, criada por Darnand, como antes contei. Em novembro de 1942 os alemães ocuparam a França inteira e Petain se tornou ainda mais fantoche do que já era.

Com a invasão alemã e a organização da resistência houve uma mudança, de parte dos comunistas, na valorização do patriotismo: “Nós somos internacionalistas, dizem que estamos a soldo de Moscou, mas os que defendem a pátria somos nós”. Mas toda a extrema-direita, que festejava Joana D’Arc, sustentava o governo de Vichy e colaborava com os alemães. Os comunistas tiraram da direita a palavra de ordem de serem eles os representantes da França. E o partido explorou isso, deixando de ser a seção francesa da Internacional Comunista¹.

Vale notar que esse sentido nacional-patriótico tenha existido antes da dissolução da Internacional, por Stalin, em 1943, quando foi criado o Kominform². É bem provável que a dissolução da Internacional seja também um reflexo dessa valorização, de uma nova visão do nacional, na situação de guerra. Em setores de esquerda da população houve uma mudança na concepção do que era a pátria: ela éramos nós, que fazíamos a defesa e lutávamos contra os nazistas, contra a entrega da França aos alemães. Houve mesmo uma mudança na maneira de pensar a França. E depois da libertação, o PCF passou a ser o partido das guerrilhas, o partido da luta nacional.

De Gaulle tinha sido expulso do Exército por Petain, parece que num processo em que saiu como desertor – certamente ele desertou, mesmo. O Exército francês tinha desaparecido com o Armistício de 1940, a França manteve um número mínimo de soldados, um pequeno grupo que se chamava Exército do Armistício. Quando os alemães ocuparam toda a França, mesmo esse pequeno Exército desapareceu e os jovens foram convocados para uma

1. Internacional Comunista ou Terceira Internacional ou, ainda, Komintern (em russo: comunisticheskaia internacional) foi fundada em março de 1919 por Vladimir Lênin e Leon Trotski. Seu objetivo era coordenar o movimento comunista internacional. Foi extinta por Stalin em 1943.

2. Birô comunista de informação, organizado a mando de Stalin em 1943, para substituir a Terceira Internacional que fora extinta por ele. Sua duração chegou até o ano de 1956.

organização que os colocava entre soldados e escoteiros. Apesar de usarem um uniforme especial, não eram propriamente militares do Exército.

O apelo de De Gaulle, logo depois do Armistício, a 18 de junho de 1940, foi importante. Ouvido pela rádio, causou uma impressão forte. Os franceses estavam deprimidos, tinham aceitado a “*drôle de guerre*”, e muitos foram partidários de Petain. A verdade é que a maioria do povo francês aceitou a derrota, e a alta burguesia e a extrema-direita afirmavam preferir Hitler do que a Frente Popular. Mas, por outro lado, a maioria do povo também não queria a ocupação alemã nem De Gaulle com sua possível reação. Dessa forma, a dignidade do apelo de De Gaulle produziu um efeito extraordinário, passou a ser uma referência nos anos de luta, de resistência, em meio ao desalento de uma população que fugia da invasão alemã num verdadeiro êxodo.

A resistência estava dividida, com a continuidade da luta chegou-se a um ponto em que era preciso unificá-la, dar a ela um comando único para poder libertar logo a França. Para nós essa necessidade era imperativa. Esses grupos se juntaram, pelo menos oficialmente, sob a direção de Jean Moulin, com a criação do Conselho Nacional de Resistência. Unificaram-se as forças que lutavam no interior do país, as Forças Francesas do Interior (FFI), com as forças que estavam com De Gaulle, primeiro em Londres e depois na Argélia. Estas eram chamadas Forças Francesas Livres – livres porque tinham saído da França ocupada. Muitos grupos, sob uma ou outra influência, participaram da Resistência.

E não é demais insistir que foram os comunistas que desde o início efetivamente lutaram, antes de qualquer outro grupo. Foram os comunistas que lutaram na prática, no dia a dia, com seus pequenos núcleos de combatentes. Claro que não lutaram sozinhos, houve organizações gaulistas que combateram muito bem.

Todos os que se opuseram aos nazistas eram resistentes, embora organizados de formas diferentes. Os maquis³ existiam em diferentes grupos da resistência: havia os dirigidos por comunistas, outros por gaulistas. O nome maquis vem de determinado tipo de vegetação e clima – o que aqui no Brasil se chama cerrado –, ou uma região com características particulares, típica da Córsega. Lá ainda havia os crimes de honra: o rapaz de uma família que tivesse seduzido uma moça de outra família, tinha que ser morto para lavar a honra ultrajada. Se o pai da moça já fosse velho e não pudesse vingar a honra da filha, era um irmão que teria de vingá-la. E os que cometiam um

3. Assim chamados os guerrilheiros franceses na Segunda Guerra Mundial.

crime de honra não podiam continuar a viver onde moravam porque seriam presos ou mortos, e então desapareciam nessa vegetação de maquis. Não sei quem começou a usar a palavra maquis, se foram os combatentes ou se foi a direita. Como entre os maquis se encontravam também alguns ditos bandidos (pessoas que cometeram crimes), e a direita considerava ser marginal quem participava da resistência, é possível que tenha sido a repressão que inventou chamar os resistentes de *maquisards*.

Os maquis, de fato, começaram a se organizar e a crescer a partir do Serviço de Trabalho Obrigatório (STO), já no início do crescimento da resistência. O que foi esse processo? Havia falta de mão de obra operária na Alemanha, pela mobilização e pelos imensos contingentes na frente russa, ao mesmo tempo em que havia grande desemprego na França. Os alemães então ofereceram aos franceses trabalho na Alemanha, como pessoas livres e recebendo um salário. A repercussão desse apelo não foi grande, embora alguns, como George Marchais⁴, por exemplo, tenham ido trabalhar na Alemanha voluntariamente. O desemprego era enorme e pessoas que não tinham lucidez, quando receberam a oferta de trabalho, aceitavam. Os alemães ofereciam também às mulheres que tinham seus maridos como prisioneiros de guerra que, se trabalhassem na Alemanha, os maridos seriam libertados e o casal ficaria trabalhando lá normalmente. Apesar de algumas pessoas terem ido, não houve a repercussão de massa esperada pelos alemães. O voluntariado, portanto, não serviu para nada, e assim criou-se o Serviço de Trabalho Obrigatório. As tropas alemãs, em certas horas do dia, bloqueavam algumas ruas e invadiam todas as casas. O alvo eram os homens de mais de 16 anos e menos de 60. Para escaparem desse serviço compulsório, as pessoas começaram a ir para o interior da França e, com a influência das organizações resistentes, integravam o grupo dos maquis.

Havia todo tipo de maquis, de várias organizações da Resistência. Para os comunistas os maquis deviam ser pequenos, para ter mais mobilidade e conseguir escapar quando necessário. Quando houvesse, por exemplo, uma ação militar a fazer, vários maquis se juntavam. Foi a “tática da bola de mercúrio”, criada pelos Francos Atiradores Partisans Franceses: uma bola de mercúrio pode se espalhar em centenas de pequenas bolas, mas também é possível juntá-las em uma bola grande. E a “tática da bolha de mercúrio” era ter maquis pequenos, ágeis, que poderiam se juntar para uma operação maior.

4. Jorge René Louis Marchais (1920-1997) foi secretário-geral do Partido Comunista Francês, de 1972 a 1994.

Várias organizações de resistência não-comunistas também organizaram maquis. Os gaulistas, por exemplo, organizaram grandes maquis que tinham relações com De Gaulle, de quem recebiam armas, munições, alimentos e dinheiro. Esses maquis agrupavam jovens que não tinham ideologia de esquerda, simplesmente não queriam ir trabalhar na Alemanha – e os comunistas chamavam esses grupos de “maquis em conserva”, porque não lutavam. Recebiam instrução militar, hasteavam a bandeira todas as manhãs, prestavam continência e tudo isso... Certamente aprendiam técnicas de guerra, mas não faziam nada e por isso recebiam o nome de “maquis em conserva”. E havia também organizações de Francos Atiradores Partisans (FTP) nas cidades, gaulistas e comunistas, que faziam atentados contra os alemães.

Enquanto isso os camaradas imigrados de Marselha foram se organizando para a luta armada. Entre eles havia dois sul-americanos, Apolônio de Carvalho e um paraguaio, Emiliano de Paiva Palácios, que tinha sido membro do comitê central do Partido Comunista do Paraguai. Emiliano tinha vivido clandestino no Brasil, em Mato Grosso, antes de ir lutar nas Brigadas Internacionais pela Espanha Republicana.

OS ESTRANGEIROS E A RESISTÊNCIA

Os espanhóis participaram da Resistência durante certo tempo, mas depois se organizaram em um movimento guerrilheiro para lutar “cara à Espanha”, conforme denominavam. De “cara à Espanha” ficavam de costas à França – eles saíam da nossa luta para preparar outro tipo de luta, que era a volta à Espanha. Apesar de não se tratar de um sentimento muito elaborado, nós sentíamos que nos abandonavam. Lembro-me de que justamente em Toulouse tínhamos um companheiro dos Francos Atiradores, envolvido na luta armada naquele momento e ligado à imigração espanhola. Eles tinham, em conjunto com os espanhóis, um depósito de armas e outras coisas que haviam recuperado dos alemães e, quando ele foi a esse depósito clandestino, não encontrou mais nada. Tudo desaparecera, porque os guerrilheiros espanhóis tinham levado para a luta deles.

É preciso repetir, no entanto: os espanhóis não receberam solidariedade da França. A França tinha o compromisso com a República Espanhola de aceitar os refugiados e os aceitou, mas colocando-os em campos de concentração. Eles chegaram por uma estrada – Apolônio de Carvalho até mesmo conta isso em seu livro⁵ de memórias –, pela fronteira entre a Espanha e a França,

5. Carvalho, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

e havia um policial apontando para um campo de concentração à esquerda, para outros um campo de concentração à direita. Foi essa a acolhida que republicanos espanhóis e voluntários das Brigadas Internacionais receberam da França. Esses campos de concentração eram somente uma extensão de areia em frente do mar, cercada com arame farpado, como o de Argelès-sur Mer. E isso no começo do inverno, quando havia muito vento no litoral. Eles recebiam dos policiais a seguinte orientação: “Façam um buraco na areia para se protegerem do vento e do frio”. Tinham esses cobertores fininhos, e ficavam enrolados nesses cobertores no fundo de um buraco, para não sentir o vento que vinha do mar. Foi assim que a França os acolheu.

Do campo de São Cipriano não sei (porque Apolônio de Carvalho não esteve lá), mas o campo de Gurs tinha uns barracos de madeira e tanta lama que eles tinham que fazer umas solas com tábuas para pôr nos pés, porque não podiam andar de sapatos. Tinham que andar com essa espécie de tamancos para poderem circular, sobretudo no outono, quando chovia, ou no inverno. E Gurs talvez tenha sido o melhor dos campos de concentração, porque pelo menos existiam barracos.

Apolônio de Carvalho primeiramente ficou em Argelès e, depois, em Gurs. Os republicanos espanhóis que foram para a França sentiram que não foram acolhidos com simpatia, bem ao contrário: foram acolhidos com hostilidade, porque eles eram considerados a “ralé vermelha”, os últimos dos últimos. Os comunistas os ajudavam, mas tinham que jogar comida e roupas por cima da cerca de arame porque era proibido entrar nos campos, vigiados por tropas senegalesas, criadas para fazer frente aos movimentos populares.

Eram senegaleses recrutados a laço, que usavam sapatos pela primeira vez na vida e não entendiam nada de francês, uma tropa que só atendia à voz de comando e à cachaça. Os voluntários cubanos inventaram o refrão com as palavras repetidas pelos policiais para afastá-los: “*Alléz, allez, reculez*”⁶. Foi essa a acolhida do governo francês aos refugiados republicanos espanhóis. Seria preciso muita consciência para ter simpatia pela França e somente aqueles que sentiam se tratar de uma luta contra o nazismo podiam tê-la. É preciso levar em conta que a Espanha era a terra deles e queriam libertá-la naquele momento em que se aproximava a derrota do nazismo. Nós entendíamos que eles tivessem esse sentimento, mas não era oportuno ainda e por isso tantos morreram ao voltar a seu país.

O grupo espanhol chamado Guerrilheiros não teve mais contatos com os FTP-MOI. Havia os Franc Tirreurs Partisans Français (FTPF) – e aque-

6. *Vamos, vamos, recuem!*

les sobre os quais comentei, os FTP-MOI (Franc Tirreurs Partisans Main d'Ouvre Imigrée). Quando cito os FTP, a referência é quase sempre a esses últimos, os imigrados. Os espanhóis separaram-se deles pouco antes da libertação, aproximadamente em julho – a libertação foi em agosto-setembro de 1944. Havia certo tempo que eles se encaminhavam para essa organização, Guerrilheiros, porque para eles, libertar a Espanha era a continuação da libertação da França.

O partido comunista organizou uma frente – o Front National de Liberation (*front national* agora é nome da extrema-direita) –, que era um organismo de massa, destinado a agrupar resistentes. Não apenas resistentes comunistas que não podiam ir para a clandestinidade, mas também pessoas que queriam resistir e não estavam em outra organização. Eram pessoas que moravam legalmente em suas casas, não tinham atividades clandestinas, mas estavam no limite entre a atividade legal e a atividade clandestina. Não era fácil militar durante certo tempo sem cair na clandestinidade, porque as pessoas se tornavam conhecidas. Os FTPF eram o braço armado do *Front National*, uma organização mais ampla, não o Partido Comunista.

A *main d'ouvre imigrée* começou a existir com a imigração econômica. Depois, nos anos 1930 a 1933, época de ascensão do nazismo, a imigração política fortaleceu-se e se integrou também na mão de obra imigrada, a MOI. Essa organização era do partido para os imigrados, que depois formaram os FTP-MOI, dos quais Apolônio de Carvalho e eu fizemos parte. Foi quando entrei na MOI, a resistência armada, e foi na qual conheci o Apolônio. No início, da MOI faziam parte judeus, em grande maioria, mas depois vieram italianos e pessoas de outras nacionalidades. Havia, igualmente, componentes latino-americanos, como o paraguaio e Apolônio.

Muitos italianos deixaram a Resistência na França para retornarem à Itália, onde integraram as guerrilhas antifascistas. O desembarque dos aliados na Itália foi por eles chamado de Segunda Frente, mas para nós ela foi considerada o desembarque na Normandia⁷. Conheci na França um italiano, um senhor de mais idade, Ílio Borontino, o libertador de Turim. Lutou na Etiópia ao lado dos etíopes, lutou na Espanha e na França e libertou Turim.

Ouvia-se que os alemães tinham certo respeito pela cultura francesa e pela França. Não sei se era respeito – talvez a política que eles tiveram, no início, foi a de não fazer uma ocupação muito violenta. Tanto que muitos artistas e jornalistas colaboraram com os alemães desde o início. Conhecidos artistas

7. Também chamado o Dia D, quando se deu o desembarque aliado na Normandia, na costa francesa, a 6 de junho de 1944. O episódio configurou a abertura da Segunda Frente na Segunda Guerra Mundial.

de cinema foram à Alemanha em uma delegação, com a clara perspectiva de serem colaboradores. Um *chansonnier* famoso como Maurice Chevalier⁸ foi um colaborador. Havia a Rádio Paris e numerosos artistas cantavam nessa rádio para os alemães. Depois da libertação, tribunais julgaram essas atitudes, quando uns foram suspensos por um, dois anos. O famoso escritor Celine⁹, muito popular, desde o começo colaborou com os nazistas ativa e abertamente: era um fascista convicto. Já os outros se acomodaram, diziam que tinham que viver.

Muitos intelectuais foram perseguidos e mortos, como o grande medievalista Marc Bloch¹⁰, fundador da revista dos Annales, fuzilado pelos nazistas. Quando voltei à França, na época em que Apolônio estava exilado, trabalhei na *Maison des Sciences de l'Homme*, que havia sido construída no lugar da prisão de Cherche-Midi, um nome medieval. Na *Maison* deixaram intacto o muro onde os prisioneiros eram fuzilados, cheio de buracos de bala. A *Maison des Sciences de l'Homme* homenageia Marc Bloch. O filho e a nora de Paul Langevin¹¹ também foram assassinados. Um grupo numeroso de cientistas que trabalhava no Museu resistiu desde muito cedo, foram todos presos e fuzilados.

Os militares franceses feitos prisioneiros de guerra ficaram quase cinco anos nos campos de concentração, ociosos. Evidentemente não era uma situação agradável, mas eles tinham a proteção dos acordos de Genebra, da Cruz Vermelha, de modo que não eram submetidos a brutalidades. Recebiam comida da Cruz Vermelha.

Depois da Libertação, todos os que participaram da resistência foram considerados antigos combatentes por Charles de Gaulle – depois também o Partido Comunista adotou igual procedimento. E como aqueles que quisessem podiam se incorporar ao Exército, houve quem tivesse a coragem de se incorporar ao Exército colonial e ir lutar no Vietnã (Indochina, naquela época).

Numerosos militantes do PCF foram fuzilados. Embora tenha sido o partido da resistência, teve a tendência de deixar um pouco de lado os que tinham lutado pela libertação. Muitos se sentiram mal com isso, tinham sido dirigentes durante a Resistência e tinham o direito de ser tratados com consideração, de ter sua luta reconhecida. Por outro lado, Maurice

8. Maurice Chevalier (1888-1972), cantor popular francês.

9. Celine era o pseudônimo de Luis Ferdinand Destouches (1894-19610), escritor francês nazifascista.

10. Marc Bloch (1886-1944), historiador e grande medievalista francês, fundou com Lucien Febvre a chamada Escola dos Annales, em 1929. Comunista, ligou-se à Resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial. Preso pelos nazistas, foi fuzilado a 16 de junho de 1944.

11. Paul Langevin (1872-1946), grande físico francês. Dá nome a um Instituto em Grenoble (Institute Max von Laue), na França.

Thorez¹², dirigente máximo do PCF, havia desertado do Exército e ido para a União Soviética. A política de Moscou era a de colocar os dirigentes comunistas em lugar seguro, para depois continuarem a luta. Os franceses, no entanto, não aceitaram bem o fato, consideraram deserção.

Na ausência de Thorez, quem ficou responsável pelo partido francês no interior foi Jacques Duclos, que passou a ser o homem de Moscou na França. Pode ser que Thorez tivesse sido fuzilado se continuasse na França, mas pode ser que não... Ele poderia ter entrado para a clandestinidade imediatamente, pois Duclos ficou e não foi fuzilado. A saída de Thorez não foi bem aceita não só pela população, mas também pelos comunistas. Se outros tinham ficado, foram obrigados a ficar, porque não tinham para onde ir, Thorez não podia ter saído.

De Gaulle saiu, mas não foi para ficar escondido: saiu lançando um belo manifesto e foi para Londres continuar a guerra. É preciso levar em conta que, até perto de 1943, De Gaulle teve muita dificuldade para ser aceito pelos aliados. Ele se apoiou na Inglaterra, mas os americanos apoiavam outro general, Giraud¹³. Até 1943, De Gaulle ficou em situação incerta, não era possível saber quem seria reconhecido pelos aliados como o chefe da Resistência francesa.

Ramón Peña¹⁴ lembrou que a União Soviética foi decisiva no reconhecimento de De Gaulle, porque Stalin jogou com as contradições com Churchill¹⁵. Uma forma de se opor a Churchill era apoiar De Gaulle, que não era o queridinho de Churchill nem dos norte-americanos. Mais tarde foi estabelecida uma missão francesa em Moscou, e a esquadilha Normandie-Niemen (Niemen é um rio da Polônia) lutou na frente russa.

Os aliados não queriam que a França se libertasse sozinha. O plano era deixar Paris para trás e ir diretamente para leste, para a Alemanha. O objetivo dessa corrida era ver quem chegava primeiro a Berlim, se americanos, russos ou ingleses. Ameaçava-se declarar Paris cidade aberta, mas a resistência libertou Paris. E quando Leclerc¹⁶, mandado por De Gaulle, chegou com sua meia brigada, Paris já estava liberada.

12. Maurice Thorez (1900-1964), comunista, foi secretário-geral do Partido Comunista Francês de 1930 a 1964.

13. Henri Giraud (1879-1949), general francês rival de De Gaulle na chefia da Resistência e do futuro governo da França. Era o preferido dos norte-americanos, enquanto De Gaulle tinha o apoio da Inglaterra, dos soviéticos e da Resistência francesa.

14. Ramón Peña Castro, pesquisador visitante da Fiocruz e professor aposentado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). Colaborou na organização desta edição.

15. Winston Leonard Spencer Churchill (1874-1965) foi primeiro-ministro britânico, de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955.

16. Philippe François Marie Leclerc (conde de Hauteclocque, 1902-1947), general francês que se ligou à Resistência. Ele comandou a tropa que retomou Paris dos alemães em 16 de agosto de 1944.

O ENCONTRO COM APOLÔNIO DE CARVALHO

Foi em setembro de 1942 que conheci Apolônio de Carvalho – ele tinha 30 anos e eu 17. A ocupação de Marselha foi em novembro; eu trabalhava com o grupo de imigrados e conheci o companheiro paraguaio Emiliano de Paiva Palácios, que era casado com uma judia polonesa que fora enfermeira na Espanha republicana. Ela estava grávida e quando o bebê nasceu foi atendida em uma clínica horrorosa, quase clandestina, porque ela não tinha documentação e não podia procurar um hospital. Ficou doente, passou muito mal e teve que ser transportada, mesmo clandestinamente, para um grande hospital público, pelo serviço que atendia à Resistência. Então, o companheiro paraguaio me pediu para ficar um dia com a mulher dele no hospital, porque as enfermeiras estavam sobrecarregadas atendendo quase 40 mulheres e não teriam tempo para cuidar da criança. Fui ajudar a companheira do Emiliano e ele me disse: “Não posso ir buscar você essa noite, mas um amigo meu irá”. Ao que eu respondi: “Não é preciso, conheço a cidade, volto sozinha para a minha casa, não tem problema nenhum”. Mas ele insistiu: “Não, não quero que você volte sozinha para casa”. E quem foi me buscar foi o Apolônio de Carvalho. Já nesse primeiro contato o Apolônio me impressionou! Aquela gentileza... Nunca tinha conhecido alguém assim.

Mas aparentemente eu não causei muita impressão a ele. Não começamos logo a namorar, não. Apolônio tinha trabalhado no Consulado brasileiro, mas o Brasil entrou na guerra em agosto de 1942 e logo depois o Consulado foi fechado. Ele deixou o trabalho e entrou para a Resistência armada organizada em Marselha. Fiquei esse tempo todo pensando nele... Ele dizia – não sei se era verdade – que me viu e pensou que eu era muito menina, e ele só teria a me oferecer uma vida muito difícil. Para mim, esse não era um problema, pois já me sentia na iminência de entrar no caminho da resistência armada.

Nessa época ele foi mandado para Lyon como dirigente dos FTP imigrados de toda a Zona Sul, e ficamos uns tempos sem nos ver. Depois ele me procurou, começamos o namoro e fomos viver juntos em Nîmes, em janeiro de 1944. E foi aí que participei mesmo da luta armada, embora o papel das mulheres não fosse sempre de combatente – não sei o porquê!

É curioso lembrar que, no Brasil, muitos casais se formaram na resistência ao golpe de 1964. Os casais foram se formando e se desfazendo, enquanto os comunistas lá na França entravam na resistência, armada ou não, já casados. Apolônio e eu éramos membros do partido e atuamos na Resistência como casal.

Seguir agentes da Gestapo ou da polícia francesa, para saber onde moravam, procurar saber os caminhos que faziam para ir trabalhar e voltar para casa, com o fim de preparar atentados aos alemães, entre outras atividades, fazia parte do meu trabalho cotidiano. Não coube a mim realizar ações espetaculares, mas meu trabalho era intenso. Nesse conjunto de atividades, havia as de informação, de levantamento de áreas, de ligação, de transmissão de material, de ordens. E era preciso transportar armas e viajar muito.

Nunca viajei tanto em minha vida! As viagens eram complicadas porque às 22 horas havia o toque de recolher – 22 horas ou 23 horas, dependia dos períodos –, e tínhamos que ir para a estação bem mais cedo. Se fôssemos viajar às 2 horas da madrugada, tínhamos de chegar à estação antes do toque. E quando carregávamos armas ou outro material, ficávamos muito expostos na estação, porque por lá passava a polícia francesa, a *gendarmérie*. Assim como passavam os soldados alemães, a Gestapo e uma quantidade de polícias.

Quando eu e Apolônio viajávamos juntos – e isso não era muito frequente –, íamos como um casal de namorados, o que chamava menos a atenção. Lembro-me de que uma vez estávamos em Toulouse e íamos para Lyon, chegamos muito cedo à estação e ficamos na sala de espera, onde não havia nem lugar para sentar. Havia outra sala de espera, da primeira classe, que tinha luz, às vezes até um aparelho para esquentar o ar... Mas essa sala era para os alemães, os franceses ficavam em salas de espera de segunda e terceira classes e que já não tinham mais vidro nas janelas, não tinham luz nem calefação, nada. Uma noite ficamos sentados em cima das malas, no chão, porque não havia onde sentar e percebemos uma movimentação. Coloquei minha cabeça nos joelhos do Apolônio, fingindo dormir, e ficamos os dois assim. Passaram todas as polícias possíveis, prenderam um jovem de 15 anos que não tinha documentos, não sei bem o que aconteceu. Houve aquele sobressalto e em nós ninguém prestou atenção, felizmente!

Fiquei trabalhando em Marselha até ir viver com Apolônio, quando fomos para a região militar de Nîmes, onde já havia grande número de maquis – é uma região de montanhas, mas não muito altas. Cheguei a fazer um levantamento dessa região, em que havia minas e indústrias, para ver com quem podíamos contar. Estávamos na clandestinidade total, eu ficava um pouco frustrada, porque nunca me pediam carteira de identidade e estava louca para exibir minha carteira de identidade falsa.

Uma vez eu voltava não me lembro de onde, tomei um trem apinhado e entrei em um compartimento onde havia agentes da polícia militar francesa; fiquei no meio deles. Quando descí, teve um que gentilmente pegou minha mala e me acompanhou até a saída, que era justamente o momento mais

difícil, pois sempre havia policiais controlando, e eu passei ao lado do policial que carregava minha mala. Dessa vez não eram bombas, era dinheiro, o que também chamaria a atenção.

E houve uma história trágica com duas organizações de maquis, o de Glières e o de Vercors. Esses maquis ocupavam posição em um planalto de onde dominavam os alemães. Sem dúvida, os alemães sabiam que eles estavam lá, mas enquanto não tiveram maiores problemas deixaram esses maquis tranquilos. Depois, quando se sentia que haveria um desembarque, que a situação se encaminhava para a libertação, que o momento estava chegando, os alemães resolveram atacar, para não permitir grupos armados em sua retaguarda.

Esses maquis, embora estivessem em uma posição muito boa para atacar por terra, pois estavam acima do inimigo, foram atacados pelo ar, por grande número de planadores alemães e, dessa forma, foram praticamente aniquilados. Depois de uma resistência heroica, mas inútil, foram massacrados, poucos conseguiram se salvar. Outros maquis e os FTP tentaram fazer manobras diversionistas, abrir brechas para que pudessem sair de lá, mas não tiveram êxito. Um jovem tenente que chefiava esses maquis de Vercors tinha contatos com os gaullistas pelo rádio, lançou apelos desesperados para que mandassem aviões para bombardear os alemães e os ajudar, mas isso contrariava a estratégia dos aliados, que não queriam abrir outras frentes. Os aliados tinham sua própria política e estratégia, sobretudo Churchill, que não queria que a França se libertasse sozinha – os maquis foram abandonados à própria sorte.

A propósito dessa estratégia, tenho na memória um fato significativo. Apolônio e eu tínhamos militado na região de Nîmes – ele foi o dirigente dessa região, conforme comentei. Depois, na região de Toulouse, nossos combatentes foram praticamente aniquilados pela polícia, houve muita gente presa, e outros, ainda, se dispersaram, não sabíamos de seu paradeiro. Diante desse cenário, Apolônio foi recomençar o trabalho lá; precisava encontrar e organizar os elementos que estavam espalhados.

Ele foi para Toulouse e eu fui para Marselha. Isso aconteceu, suponho, em maio de 1944, poucos dias antes do desembarque aliado na Normandia. Cheguei à Marselha e a população estava praticamente sublevada. As pessoas recebiam diariamente um pedaço de pão pequeno e muito pesado, devia pesar uns 200 gramas. Era feito de uma farinha esverdeada (não era de trigo), uma coisa nojenta de se comer! O movimento de protesto foi organizado pela Resistência, mas dava a impressão de ser uma sublevação popular espontânea. As mulheres desfilavam no meio da rua, protestando, e os homens acompanhavam a manifestação das calçadas, sem nada dizer, formando um bloco de autodefesa. Nesse dia, Marselha praticamente entrou em greve. As mulheres se

deitavam nos trilhos dos bondes, os homens arrancavam a ligação dos bondes com a eletricidade e os alemães não reagiram. Bombeiros foram reprimir essas mulheres, com mangueiras e jatos de água, uma situação muito estranha!

No dia seguinte, a cidade amanheceu com metralhadoras nas esquinas, feixes de fuzis e de metralhadoras, mas os alemães não se mexeram. Havia até uns velhos soldados alemães, que tinham passado da idade de servir ou tinham sido feridos na frente russa e cuja função era vigiar as fábricas controladas pelos alemães. Eram de um corpo chamado *wolksturn*. Pois eles não reagiram e ainda diziam: “Até os *wolksturn* entraram em greve!”.

Acho que esse movimento foi em um sábado e, no domingo, na hora em que as pessoas costumavam tomar café, de repente ouviram-se bombas caindo sobre a cidade. Antes mesmo de tocar o sinal de alarme para as pessoas irem para os refúgios, as bombas começaram a cair. As pessoas sabiam reconhecer os aviões pelo ruído dos motores, porque estavam acostumadas a ouvir os motores dos aviões alemães. Mas perceberam não se tratar de motores alemães, talvez fossem ingleses e, assim, todo o mundo começou a sair de casas: “São os ingleses, os ingleses estão chegando!”. Era um bombardeio aliado! O único bombardeio sério sobre Marselha foi feito pelos aliados, ingleses e americanos!

As defesas do litoral eram os únicos alvos militares que havia em Marselha. Os alemães previam o desembarque por mar e tinham construído casamatas, espécies de grutas onde colocaram canhões para responder a um possível desembarque, mas isso não foi atingido. Por acaso ou não, os alvos foram os bairros populares da cidade e a estação de trem. Havia duas estações de trem em Marselha: uma ocupada pelos alemães, usada para transporte de materiais e armas que levavam da França para a Alemanha; e outra estação, bem maior, a estação de passageiros. O bombardeio foi principalmente sobre a estação de passageiros. Nunca soubemos o número certo de vítimas. Nesta época os alemães estavam esperando um desembarque, sem saber de onde viria, daí ordenaram às mulheres de mais de 60 anos e aos jovens de até 16 irem para o interior. Essas pessoas não tinham lugar para onde ir, mas tiveram de sair da cidade, inclusive minha avó. Por isso a estação estava com uma movimentação particularmente intensa. Nunca soubemos exatamente, mas dizia-se que houve cerca de seis mil mortos, sobretudo na estação.

Quinze minutos depois do bombardeio, apareceram nas ruas, por todos os cantos, uns panfletos, muito malfeitos. Eram de autoria da milícia fascista, que deve tê-los mimeografado na hora, e neles estava escrito: “Vocês estão pedindo pão e seus ‘amigos’ mandam-lhes bombas”. Foi um banho frio, porque era verdade... É difícil explicar esse bombardeio. Talvez se justificasse

pelo fato de a população estar se insurgindo... Era uma insurreição que poderia se ampliar, contagiar outros lugares e isso não interessava à estratégia aliada. Também não interessou aos alemães reprimir, porque, da mesma forma que os aliados, não queriam abrir outras frentes.

O desembarque na Normandia ocorreu em 6 de junho de 1944. Primeiro houve o desembarque na África. A Córsega já se tinha libertado ou se libertou nesse momento e na África do Norte houve a grande batalha de El Alamen, comandada pelo general Romel¹⁷. Depois houve o desembarque na Itália, mas esperava-se que fosse aberta uma frente na França, era o que todos queriam. Esse bombardeio foi algo estúpido: fez parte da estratégia dos aliados, os mesmos que não queriam a França libertada sozinha, em especial nesse momento.

Quando estávamos na região de Nîmes houve o plano de liberar a prisão local – era ainda uma das muitas fortalezas medievais na França. Apolônio dirigiu as operações, mas foi o espanhol Cristino Garcia quem a realizou. Tudo correu bem, mas na saída dos prisioneiros libertados, certamente pela confusão do momento, Cristiano Garcia feriu-se; sua arma detonou atingindo-o na perna. Ele não disse nada, não sei como se aguentou! Os prisioneiros foram libertados e os FTP que participaram da operação tomaram o caminho da montanha, para se esconder. Cristino lá permaneceu, porque estava atuando em Nîmes e estava ferido. Apolônio e outro companheiro, que estavam controlando a ação, ouviram o tiro, ficaram atentos e encontraram o Cristino se escondendo entre as árvores. Por não ter muita escolha, levaram-no para a casa de um companheiro italiano chamado Alberto Galigani, um pequeno empreiteiro que vivia legalmente. Chegaram tarde da noite à porta da casa, escondendo-se das patrulhas alemãs, e logo ao chegar Cristino Garcia começou a sangrar muito. Apolônio entrou, procurou uns panos para limpar o sangue do lado de fora e aí encontrou um vizinho, que devia ter sentido o movimento e tinha visto o sangue. Esse vizinho simplesmente disse: “Se precisarem de mim, sabem onde me encontrar”. Havia dessas coisas!

O Galigani, com muita habilidade, procurou umas boas tábuas de construção, esticou a perna do Cristino, que sofria muito, e a enfaixou. Para tentar fazer alguma coisa seria preciso esperar o amanhecer, não se podia sair à rua naquela hora. Mas a sogra do Galigani teve uma crise de nervos e eles não podiam continuar lá. Às 5 horas da manhã, antes do toque de recolher ser levantado, procuraram um desses carrinhos (aqui chamamos de “burrinho

17 Erwin Johannes Eugen Romel (1891-1944), general alemão, conhecido como “A raposa do deserto”, comandante na Segunda Guerra Mundial do *Afrika Corps* (divisão alemã no Norte da África).

sem rabo”) e acomodaram como puderam o coitado do Cristino. E assim Apolônio e o Galigani foram levando-o coberto, para disfarçar... Foram falando alto, como pessoas que iam ao mercado. Levaram Cristino para nossa casa, porque não tinham mais para onde ir, e Apolônio começou a procurar o serviço de saúde gaulista, alguns contatos que tínhamos. Houve pessoas muito solidárias, deste serviço de saúde, que cuidaram do Cristino. Apolônio queria ficar com ele, com medo que tivesse a perna amputada, mas disseram: “Não, agora está entregue a nós, você pode ir para sua casa, não se preocupe mais”. E o Cristino foi muito bem tratado. Depois o perdemos de vista e, mais tarde, soubemos que ele voltou à Espanha, onde pouco depois foi preso e fuzilado.

Nossas relações com os gaulistas nem sempre foram das melhores e durante muito tempo atuamos paralelamente. Houve, depois, porém, a unificação, com a entrada de Jean Moulin e a criação do Conselho Nacional de Resistência. Moulin depois foi preso, barbaramente torturado e assassinado. Era um homem mais aberto, que admitia os comunistas porque sabia o papel desempenhado por eles. As organizações ligadas a De Gaulle tinham rádio, se comunicavam com De Gaulle, primeiro em Londres, depois em Argel, e recebiam dinheiro, o que não era muito difícil porque o dinheiro francês era fabricado em Londres, por uma empresa chamada De Larue. Da Inglaterra mandavam armamentos, metralhadoras pequenas, fuzis metralhadoras, era uma festa quando chegavam! Também nos enviavam explosivos porque nós, combatentes, tínhamos dinamite, mas ela não tem grande poder de explosão, e os ingleses mandavam TNT, material que dificilmente os combatentes não gaulistas tinham acesso.

Às vezes essas organizações gaulistas não tinham pessoal suficiente e faziam apelo a uma organização FTP para ajudar a receber o material enviado: armamentos, cigarros, entre outros artigos. Nesse caso, sempre ganhávamos alguma coisa. Quando uma organização nossa tinha TNT era uma festa. Os ingleses também mandavam muitos detonadores, que eram difíceis de fabricar – usava-se muito aquele cordão *bigfort* com uma mecha, mas não era muito seguro. Havia uns detonadores que também recebíamos deles com cores diferentes, dependendo do tempo que levavam para provocar a explosão, nós os chamávamos de lápis de cor.

Sabotávamos trens, usávamos táticas de descarrilamento. O melhor era pôr explosivos naquelas placas giratórias que mudam o sentido dos trilhos. Quando se fazia explodir uma placa assim, às vezes com uma locomotiva em cima, era um sucesso! Fazíamos várias dessas ações de sabotagem e descarrilamentos também nos transformadores de energia elétrica... Os combatentes iam sempre criando técnicas novas.

Às vezes passávamos o dia inteiro na estação esperando um trem sair, primeiro porque havia poucos trens em serviço e, depois, pelo fato de os alemães já não anunciarem os horários deles, para evitar descarrilamentos. Um ferroviário de uma cidadezinha chamada Alés, com quem eu mantinha contato, informava sobre a formação dos comboios e os horários em que saíam os trens. Com o passar do tempo, no entanto, os alemães não deram mais nenhuma informação. No momento da libertação da França havia somente um trem com vagão restaurante, em todo o país. Foi tudo que sobrou.

Houve também a libertação de prisioneiros, como a que Apolônio dirigiu na prisão de Nîmes, além de muitas ações contra os alemães (sabotagens e atentados contra oficiais). Havia sessões de cinema reservadas aos alemães nos quais planejávamos ataques quando saíam, todos juntos. Outro local em que fazíamos atentados contra oficiais alemães eram os bordéis por eles frequentados.

Apolônio tinha ido trabalhar em Lyon como dirigente dos FTP-MOI da Zona Sul, mas visitar as regiões, ver o que se fazia, aconselhar, era um trabalho, em seu entendimento, um pouco burocrático. Talvez por ser militar, ele preferisse mesmo participar da ação direta. Quando os combatentes das Brigadas Internacionais ficaram detidos nos campos de concentração, entre eles houve posições diferentes: uns, como Apolônio, escolheram fugir, mas outros, não sei o motivo, ficaram lá. Havia um companheiro iugoslavo que tinha ligações com o Komintern, fora guerrilheiro na Espanha, na retaguarda das linhas franquistas – ele não fugiu e acabou sendo mandado para a prisão de Castres, na própria França. Os FTP libertaram esses companheiros e o iugoslavo foi solto. Apolônio, como sempre, foi extremamente modesto... Sempre considerava ter alguém que sabia mais do que ele. E foi procurar esse companheiro iugoslavo – Liubímov Ilitch era seu nome verdadeiro –, deixou-o como responsável pela Zona Sul e pediu para ser mandado para a região de Nîmes.

Nessa cidade, o trabalho da Resistência tinha sido bastante intenso, mas depois os companheiros foram presos. Dois deles foram fuzilados e o trabalho na região decaiu. Apolônio gostava do trabalho de organização e então fomos para Nîmes tentar recuperar a organização, ao mesmo tempo em que Apolônio desempenhava ações mais diretas. Na cidade de Nîmes, houve uma operação para destruir minas marítimas, e os guerrilheiros tiveram de se apresentar à população civil como combatentes e pedir para ela se afastar; foi uma operação em contato estreito com a população. Além da libertação de prisões, houve várias outras operações de sabotagens em trilhos, transformadores, e situações que atingiam a produção.

Em Nîmes, onde havia muito maquis, aconteceu um episódio terrível, conhecido como os enforcamentos de Nîmes, perpetrados pela divisão *Das Reich*, que nessa época percorreu a região cometendo barbaridades! Enforcaram 17 pessoas. Havia uma espécie de bar, meio isolado, e os alemães enforcaram as pessoas em colunas existentes no local – foi na época em que estávamos lá. Enforcaram pessoas também em uma ponte sobre a estrada de ferro, quando os trens passavam os pés dos mortos roçavam seu teto. Em Tule, muita gente foi enforcada, também! No início de 1944, houve ainda Oradour-sur-Glane, um burgo bem grande, cuja população era de camponeses: os alemães da divisão *Das Reich* chegaram lá e mataram todas as pessoas que encontraram... Assim, de graça, matar por matar! Fecharam mulheres e crianças dentro da igreja e tocaram fogo; queimaram as casas. As pessoas que se salvaram foram as que haviam saído de manhã cedo para ir trabalhar na cidade mais próxima. Foram mais de mil e quinhentas pessoas assassinadas. Foi essa coluna repressora que passou pelos lugares onde havia movimento de maquis.

Apolônio e eu depois nos transferimos para Toulouse, onde havia um trabalho magnífico dos FTP-MOI, a 35ª Brigada. Foi organizado por um companheiro judeu polonês, Marcel Langer, que lutou na Espanha. Não sei se ele esteve preso em campo de concentração... O que sei é que voltou logo para a região de Toulouse e lá organizou a 35ª Brigada. Por haver lutado na Guerra Civil Espanhola deu a seu grupo o nome de “brigada”, mas não sei porque 35ª. Ele acabou sendo preso e executado. Fuzilar era o que faziam quando pegavam os combatentes, mas a polícia francesa guilhotinou-o. Foi uma coisa revoltante e o grupo que ele tinha organizado em Toulouse queria vingá-lo e, dessa forma, fez um trabalho magnífico, uma ação seguida da outra. Quem substituiu o companheiro Marcel Langer foi outro polonês conhecido apenas por seu nome de guerra, Jean. Tinha sido oficial do Exército polonês, ou pelo menos cadete, e assumiu a direção regional fazendo um trabalho verdadeiramente extraordinário.

Meses antes da libertação da França, quando da libertação de Toulouse, houve um episódio incrível de coragem, envolvendo a 35ª Brigada. Dela participavam jovens judeus, de 18 a 20 anos, já nascidos na França, que lutaram com grande coragem e fizeram ações militares importantes. Acabaram quase todos presos, sofreram torturas terríveis e depois foram embarcados naqueles trens de transportar gado para a Alemanha, poucas semanas antes da libertação. Creio que talvez tenha sido o último comboio a levar deportados para a Alemanha. Sabiam que lá seriam mortos, de maneira que em determinado ponto do trajeto resolveram tentar de tudo para fugir. Como os trens eram de madeira e estavam em mau estado, eles conseguiram levantar uma tábua do chão. O objetivo era ver se podiam se deixar cair debaixo do trem para fugir

– há um espaço entre as rodas. Talvez pudessem ficar deitados, segurando-se embaixo do vagão, e tentar logo fugir. Mas, imaginem: era uma operação horrível! Seria preciso que o trem fosse em uma velocidade razoável, para eles não serem vistos pelos alemães que vigiavam os trilhos. Se a velocidade do trem fosse muito acelerada, eles seriam empurrados para as rodas.

O primeiro voluntário nessa operação chamava-se Jacques. Ele não teve sorte, pulou quando o trem fez uma curva e teve a cabeça cortada, mas os outros não desistiram. Eram comboios enormes e houve um momento que tiveram a impressão de terem colocado uma locomotiva no final do trem (uma para puxar e outra para empurrar), no trecho mais difícil da estrada. Até essa locomotiva ser retirada houve uma tensão realmente tenebrosa. Um deles ia pular quando o trem começou a ir mais devagar e um soldado alemão olhou debaixo do trem – não sei se desconfiou de alguma coisa – e o viu, ficaram cara a cara. Mas o soldado alemão não disse nada, não deu nenhum alerta! Já era mesmo o momento da derrota nazista.

Os outros, uns quinze, conseguiram pular do trem! Ficavam segurando na tábuca que tinham soltado do chão do trem, e se deixavam cair. A primeira preocupação deles foi voltar pela estrada para encontrar o corpo do amigo, porque queriam levá-lo de volta a Toulouse. Encontraram-no, conseguiram um caixão e voltaram como puderam – de carro, quando conseguiam, ou a pé –, mas levaram o amigo de volta, quando já se vivia a Libertação. Foram esses jovens que frequentaram a nossa casa, mais tarde, em Toulouse. O episódio foi de uma coragem extraordinária! Voltaram todos, menos o primeiro a saltar, Jacques.

Uma grande parte dos estrangeiros que lutavam na Resistência vinha da guerra na Espanha, em especial os primeiros a chegar. Eram combatentes antigos, maduros, já formados, enquanto os franceses foram se organizando ao sabor dos acontecimentos. Lutavam, mas muitos sequer tinham feito o serviço militar – apesar de o serviço militar não ensinar a luta de guerrilha. Tinham, portanto, mais dificuldade em se organizar e atuar e, com isso, despontavam algumas rivalidades. Como Apolônio tinha muita habilidade, sempre respeitou a Resistência francesa: por onde andava logo estabelecia contatos com as direções locais e mantinha-se em ligação com elas, o que não era comum entre os imigrados.

Sempre que estava para acontecer uma ação, o papel das mulheres era carregar armas em sacolas de mercado. Arrumávamos as bombas preparadas para a ação e, por cima, colocava verduras, flores... Isso porque as mulheres eram menos visadas. Não sei a razão, mas as mulheres não eram consideradas perigosas; os homens sim, mas as mulheres nem tanto. Nosso papel cotidia-

no era localizar colaboradores, fazer pesquisas sobre a economia da região, sobre as fábricas, as minas. E, sobretudo, éramos nós quem carregávamos armas e munições.

Por ocasião das operações militares fazíamos o transporte de armas e também mantínhamos contato permanente com outras cidades do interior, onde tínhamos companheiros. Viajávamos muito – para mim, essa era uma tarefa de quase todos os dias... Em certa ocasião, viajei grávida, no estribo do trem, considerando ótimo ter onde colocar os pés. Com uma das mãos, eu me segurava e, com a outra, carregava uma maleta com armas... Havia muitas mulheres na Resistência. No início, era mais o trabalho de coadjuvante que realizávamos, sobretudo de agente de ligação. Na época da Libertação, entretanto, participávamos ativamente da luta armada, dos combates. Nosso transporte fundamental era a bicicleta, porque as ações militares eram feitas com elas. Dificilmente tínhamos acesso a automóveis e também quase não havia gasolina – os automóveis funcionavam a gasogênio.

É importante ressaltar o papel das mulheres, notadamente das jovens, na região de Toulouse, no interior, nas pequenas cidades onde estavam localizados os quartéis dos *vlassov*, o nome que dávamos aos soldados. Vlassov era um general russo branco, da Ucrânia, feito prisioneiro e que se passou aos alemães. Algumas Repúblicas Soviéticas não estavam bem integradas à URSS e havia dessas tropas com pessoas da Geórgia e do Kazaquistão, que formavam grandes unidades. Eles tinham sido feitos prisioneiros, e por problemas de nacionalidades na União Soviética – e para não morrer – passaram para o lado do alemão. Especialmente em nossa região, havia georgianos e kasaquis que, na realidade, eram chefiados por outros militares; mas nós generalizávamos, chamando todos de *soldados vlassov*. As mulheres trabalharam muito para fazer com que esses soldados abandonassem os alemães e apoiassem a Resistência. Na região de Toulouse esse trabalho foi feito especialmente por jovens de origem polonesas, verdadeiramente corajosas! Elas se arriscavam duplamente, porque a população das cidades onde viviam os patriotas pensava que elas estavam colaborando com os alemães. Dessa forma, arriscavam-se a sofrer um atentado, a levar uma surra ou ter seus cabelos raspados, mas conseguiram alcançar bons êxitos.

Em Toulouse, a direção dos FTP-MOI tinha certa quantidade de dinheiro que ficara de operações realizadas para recuperar dinheiro dos alemães. E então saímos à procura das famílias de companheiros presos, deportados ou que tinham morrido na luta, para ver em que podíamos ajudar. Em alguns casos, dávamos algum dinheiro, tentando fazer algo pelas famílias, sobretudo tentando orientá-las a procurarem, junto às autoridades públicas, uma pensão

de viúva ou uma ajuda para as crianças. Mas esse dinheiro que tínhamos em mãos era pouco para o trabalho de solidariedade, de modo que um de nossos companheiros, conhecedor da região porque tinha sido dirigente da 35ª Brigada de Toulouse, resolveu visitar todos os grupos de FTP e recolher o dinheiro que tinham. Ao mesmo tempo procurou uma casa e a comprou, em Pene D'Algen – um castelo, como nós chamávamos. Nos meses seguintes, essa casa serviu como local de repouso para os companheiros que saíam da prisão.

Com o fim da guerra, nela também foram acolhidos os deportados dos campos de concentração que voltavam e, mais tarde, ela foi legalizada – já não podia continuar pertencendo a uma antiga organização da Resistência. E assim foi encampada pela Previdência Social, servindo não só para os antigos resistentes, mas para a população em geral. No início, quem tomava conta dessa casa era uma família de origem italiana, depois encontramos um administrador e uma enfermeira. Os jovens da família trabalhavam a terra e a mãe, ajudada por outras mulheres, trabalhava na cozinha. E para a coordenação dos trabalhos havia um administrador-geral.

A LIBERTAÇÃO: RESISTÊNCIA FINAL E O GOVERNO GAULISTA

No dia do desembarque aliado na Normandia, o “Dia D”, peguei o trem de Marselha para Toulouse. Ainda não sabia de nada, claro! As viagens eram bastante longas, os trens iam devagar, cerca de seis horas no trajeto. De repente, durante a viagem, houve um clima diferente... Estávamos no trem desde cedo e eu não sei se foi um passageiro que subiu... Sei que houve um zum-zum-zum sobre algo novo que tinha acontecido. O que poderia ser senão o que todo o mundo almejava, a abertura de uma segunda frente? Quando cheguei a Toulouse e encontrei o Apolônio, ele já sabia do desembarque. Mas uma pergunta ficou no ar: como as pessoas do trem souberam? Houve um clima diferente, as pessoas se olhavam, cúmplices, sorriam... Era 6 de junho de 1944.

A Libertação de Paris aconteceu em agosto-setembro, e a de Toulouse em agosto. Um período intenso de atividades. As pessoas se mostravam mais favoráveis à Resistência, mais dispostas e simpáticas, o que nem sempre foi o caso. Na França houve muitas denúncias, numerosos colaboradores. Depois da Libertação foram encontradas nas prefeituras (as *mairies*)¹⁸ muitas cartas de denúncias,

18. Na França, a administração municipal é chamada *mairie*. E o que se chama prefeitura é a Prefeitura de Polícia, nomeada pelo Ministério do Interior.

escritas por qualquer um. Muitas cartas denunciando comunistas, resistentes, judeus, quem ouvia a BBC de Londres... Algumas vezes pesava no ar uma mesquinha provincial, de ciúmes, expressões de sentimentos muito feios.

Até a Libertação, nós ficamos em Toulouse. Lá Apolônio conseguiu reconstruir a organização, trazer de novo para a cidade os companheiros que se tinham espalhado e, assim, recomeçamos as atividades. Foram feitas várias ações de sabotagem e os comunistas lançaram uma palavra de ordem, depois muito criticada por outros setores da Resistência, para ter início a libertação de algumas cidades. Claro que era difícil: de um lado, tínhamos poucas forças mas, por outro, os alemães estavam debilitados.

Havia muitos poloneses, ligados à nossa organização, trabalhadores em minas perto de Carneau, em uma localidade chamada Bley les Mines, que queriam lutar pela libertação. Carneau era a cidade de Jean Jaurès. Com a palavra de ordem do partido, para que se começasse a libertar cidades, Apolônio chefiou uma tentativa de libertação de Carneau, com o apoio desses mineiros poloneses, em 14 de julho de 1944. Na ocasião os soldados *vlassov*, que ocupavam a região, lutaram contra nós. Os gaulistas não quiseram se envolver porque achavam que era muito cedo para começar a libertação de algumas cidades; consideravam que não tínhamos possibilidade de sucesso. Não sei quem tinha razão, se eles ou nós. Sei que não se conseguiu libertar Carneau. Os *vlassov* lutaram contra as nossas tropas e recuamos.

Cerca de um mês depois, houve uma grande greve de mineiros, insurrecional e, dessa vez, quando nossas tropas chegaram, as organizações gaulistas participaram da luta, porque o movimento foi crescendo muito nessa época que precedeu a Libertação. As tropas alemãs capitularam, os *vlassov* passaram para o nosso lado em bloco, trazendo suas armas. Lembro-me do momento histórico em que o comandante alemão da praça se entregou: hasteou a bandeira branca e saiu do quartel sem o cinturão e com a arma na mão aberta, para entregá-la. E aí se vê como era o Apolônio de Carvalho. Ele tinha comandado a libertação da cidade e era quem devia receber a capitulação do comandante alemão. Ele disse, no entanto: “Sou estrangeiro, quem deve receber a capitulação é um francês”. Buscou um companheiro que estava engajado, do partido, participante dessa luta específica – apesar de não ter atuado antes na luta armada –, e foi ele quem recebeu a capitulação. Foi muito bonito: o oficial alemão com a arma na mão, entregando a um resistente!

Em Toulouse, nos primeiros dias, nós viajamos para as frentes, os locais que tinham sido libertados. Íamos às frentes para ver como estava a situação, entregar material, receber a prestação de contas dos grupos, entre outras ações desse período movimentado.

Infelizmente, não demorou a surgir um comando gaulista. Assim, de repente. Apolônio tinha libertado a cidade, dirigido as ações, mas recebeu ordens de um oficial (talvez general ou coronel), para se apresentar em determinada hora e lugar. Contudo, Apolônio tinha o plano de libertar Albi, uma cidade de porte médio e onde há uma catedral antiga belíssima. Ali também nasceu Toulouse-Lautrec¹⁹, onde existe um museu com seu nome. Assim, Apolônio, outros companheiros e os *vlassov*, nessa altura já do nosso lado, ajudaram a libertar Albi. Isso foi de manhã cedo e, quando Apolônio se apresentou ao tal novo comandante, já havia ajudado a libertar Albi.

A partir desse momento, os integrantes do FTP foram obrigados a se dobrar ao comando do governo de De Gaulle. Talvez não fosse ainda oficialmente governo, porque De Gaulle só entrou em Paris depois de passar por Versailles, conhecida como uma cidade reacionária. Foi para lá que fugiram os nobres contrários a Revolução Francesa, foi também para lá que fugiu o governo de Thiers²⁰, organizando a reação contra a Comuna de Paris. De Gaulle foi antes a Versailles para ver se tudo estava bem, porque temia que a cidade estivesse sob o domínio comunista.

Lembro-me de quando De Gaulle foi a Toulouse... Ele olhava as pessoas do alto... Já era naturalmente alto, mas olhava as pessoas com ar de superioridade. Para De Gaulle, quem não era militar não valia nada. Em Toulouse houve um desfile de tropas apresentando-se a ele, todos estavam com os uniformes reluzentes! E De Gaulle perguntava às pessoas – inclusive as que tinham sido dirigentes na Resistência, ativos combatentes na Libertação: “Qual sua patente?”. O próprio representante do governo gaulista em Toulouse não era militar e, por isso, foi tratado com frieza por De Gaulle. Houve um, até mesmo, que tinha ocupado postos de direção na Resistência e na Libertação, mas tinha apenas o serviço militar. Quando De Gaulle lhe perguntou pela patente ele ficou tão revoltado que berrou: “Soldado raso, meu general!”.

VIDA EM TOULOUSE APÓS A LIBERTAÇÃO

O Sul libertou-se em agosto, Toulouse a 16 de agosto de 1944. Houve também um desembarque no Mediterrâneo, em torno de Marselha e Toulon,

19. Henri Marie Raymond de Toulouse Lautrec (1864-1901), extraordinário pintor francês.

20. Louis Adolphe Thiers (1797-1877), político e historiador francês. Foi por várias vezes primeiro-ministro; foi presidente da Terceira República Francesa e um dos principais responsáveis pela sangrenta repressão à Comuna de Paris (assim chamado o governo revolucionário estabelecido em Paris, a 18 de março de 1871, que foi brutalmente reprimido pelo governo de Thiers – mais de 20000 *communards* foram fuzilados).

talvez em St. Raphael. E um grupo desse destacamento marchou sobre Marselha, então libertada pelos patriotas que se levantaram e também por essa tropa que desembarcou.

Ficamos um tempo em Toulouse, em família. O René Louis tinha nascido, em 29 de novembro de 1944. Minha avó estava vivendo conosco porque logo depois da Libertação, Apolônio foi buscá-la. Meu irmão Daniel, que estava com 16 anos, tinha vindo antes a Toulouse: ele queria nos visitar e dei-lhe o endereço onde podia nos encontrar. Ele chegou em julho, já no momento de preparação da Libertação, e se integrou na luta. Atuou como agente de ligação e esteve na frente de Carneau, depois de Albi. Recuperou uma motocicleta militar dos alemães que era maior do que ele. E com fuzil no ombro e dirigindo a moto, passou a fazer as ligações. Uma moto era seu sonho, então, aquela experiência era incrível, a glória! E assim acabamos reunidos em família.

Minha avó ficara em Alès, no Sul, uma cidade de minas, cujo carvão é de baixíssima qualidade, a ponto de as minas terem sido desativadas. E, hoje, Alès sequer tem uma indústria particular. Na iminência da abertura de uma segunda frente, os alemães obrigaram as mulheres de mais de 60 anos e os garotos de menos de 16 anos a deixar a cidade, sobretudo as cidades do litoral. Diante de tal situação, minha avó saiu de Marselha e foi para Alès, onde Apolônio foi buscá-la depois da Libertação, como anteriormente citei. Quando estávamos na luta de Resistência, antes de seguir para Nîmes, eu e Apolônio tínhamos passado em Alès. Uma pessoa amiga, a mãe dos irmãos Roucaute, membros do partido, encontrou um apartamento para a minha avó. Foi feita uma combinação e, nos últimos tempos, minha avó tinha ido morar com madame Roucaute.

Apolônio e minha avó eram muito cúmplices. De certa forma, Apolônio me roubou um pouco a avó, até dizia: “A minha avó”. Não era mais a minha avó, e sim a dele... Meu pai ficou sozinho em Marselha e nós ficamos em Toulouse, onde éramos, entre os companheiros, a única família que existia: minha avó, meu irmão, Apolônio e eu, e logo depois o René. Os amigos que saíam da cadeia e voltavam do interior onde se tinham refugiado vinham para Toulouse e éramos um pouco o centro de atração, por sermos uma família. Não sei como minha avó fazia, mas ela sempre dava um jeito de ter um almoço ou qualquer outra receita pronta para oferecer... E o pessoal adorava aquilo!

Refugiada em Alès, sozinha, em uma situação difícil, ela ficou muito feliz quando Apolônio foi buscá-la! Tanto que quando minha irmã e minha tia voltaram da deportação – já estávamos em Paris –, minha avó contava de Toulouse e dizia: “Pois é, com aqueles moços, nós dávamos risada, foi uma

época muito feliz!”. E minha tia ficava enciumada: “Nós estávamos deportadas, você não sabia se estávamos vivas ou mortas e ainda ria com os rapazes lá...”. Mas vejam que, por uns meses, minha avó tinha passado sozinha e ficara bastante angustiada. A Libertação foi mesmo um renascer e, além disso, esse sentimento estava mais fortalecido porque o René ia chegar!

A CHEGADA DO RENÉ, MEU PRIMEIRO FILHO

Quando o René nasceu, passei a noite na maternidade. Tive de ser muito corajosa, afinal de contas eu tinha sido guerrilheira, não podia fazer escândalo... O parto doeu muito, mas não pude demonstrar a aflição. Havia alunas de enfermagem que estavam atrás da porta quando Apolônio chegou com meu irmão e elas disseram: “Tem uma mulher dando à luz e a gente não ouve nada!”.

Alguns soldados *vlassov* foram me visitar. Com muita culpa no cartório, eles tinham todo o interesse em se mostrar amigos, porque iam depender do que nós disséssemos da participação deles na Libertação. No entanto, tiveram péssima sorte quando retornaram à União Soviética, a terra deles. Soubemos depois que todos acabaram nos *gulags*, campos de prisioneiros criados por Stalin.

Quando foram me visitar estavam uniformizados – não sei onde arranjarão uniformes. Somente os *vlassovs* tinham uniforme azul-marinho. E ainda me levaram presentes! Eram tantos que formavam o enxoval que eu não conseguira fazer. Naquela época, não encontrávamos nada para comprar, e eu não sei onde eles conseguiram... Fizeram uma *razia* no comércio! Chegaram com roupinhas de lã em uma época que não se encontrava mais nada – lã de verdade! Havia também companheiros estrangeiros que emigraram com as famílias e me deram umas roupinhas. Assim, o René ganhou roupinhas húngaras, delicadamente bordadas, que tinham sido de um garotinho um pouco mais velho.

Realmente é uma pena não ter fotos dessa época... Seria ótimo também para registrar a imagem do Apolônio de uniforme. Ele não gostava muito de se fardar, só usava uniforme quando não tinha outro jeito. Quando De Gaulle foi visitar Toulouse, nos primeiros dias depois da Libertação, era preciso colocar a patente no uniforme, e, sem querer, eu a costurei às avessas, de cabeça para baixo... Eu não sabia identificar cada patente, mas também ninguém sabia. Foi uma época muito rica, mas não havia filmes para fazer fotos... Os filmes eram uma espécie de papel, com uma gelatina por cima, não era um filme normal. Naquela época era muito difícil tirar fotos.

Quando o René nasceu, chamamos o meu pai a Toulouse, para conhecer o neto. Meu pai ficou muito feliz porque, afinal de contas, eu tinha saído de casa contra a vontade dele... Ele foi conhecer o neto e aí o Apolônio quis que nos casássemos oficialmente. Apolônio quis dar essa satisfação a meu pai, que o chamava de “o dançarino de tango argentino”... Esse negócio de confundir Brasil e Argentina não é de hoje... Mas vocês sabem como o Apolônio era jeitoso... Meu pai foi ver o neto e assistiu ao casamento. Foi uma verdadeira satisfação para ele!

Fiquei em Toulouse com a minha avó até pouco depois do nascimento do René; voltamos para Marselha com o René recém-nascido, em dezembro de 1944. Ficamos em casa de meu pai uns dois meses, enquanto Apolônio foi para Paris, chamado pelos FTP. Quando o Apolônio encontrou um apartamento em Paris nós fomos para lá, levando minha avó. Ficamos instalados em um apartamento horróroso, um buraco! Além das casas destruídas por bombardeio, a França sempre teve enorme déficit de habitação – só depois da guerra teve início a recuperação desse atraso. O apartamento era velho, não tinha água instalada, somente água no andar com um banheiro, horróroso, mas, enfim... Ficava no 17º *arrondissement*, na Porte de Clichy, rue Boulay. Estivemos lá poucos meses, porque a companheira que nos tinha emprestado o apartamento precisou dele. Depois nos mudamos para a Porte de Clignancourt, no 18º *arrondissement*, pior do que o anterior, na rue de Clignancourt. Era muito escuro e a vida difícil – em um dia, faltava eletricidade de manhã, no dia seguinte, à tarde e tínhamos que adaptar nossa vida à luz do apartamento. E uma vida difícil também quanto ao abastecimento de água.

Minha avó nos acompanhou porque não sabíamos se a tia e minha irmã voltariam. Não sabíamos nem mesmo se estavam vivas. Meu pai e minha avó sempre se respeitaram muito, sempre se entenderam. Meu pai, no entanto, era muito irônico, às vezes havia mal-entendidos entre os dois por conta desse seu jeito. Deixar os dois sozinhos não dava... Minha avó ficou conosco e, claro, tomou conta do René, que já não era mais meu filho, era o bisneto dela... E quando a filha e a neta voltaram da deportação, ela não quis mais voltar para Marselha, quis ficar com o René.

VENCEDORES E VENCIDOS: QUEM CONTA A HISTÓRIA?

Tínhamos libertado a região e os alemães estavam derrotados, embora houvesse ainda fascistas que ficavam atirando dos telhados. Era terrível, pois atiravam sobre qualquer um! Foi uma época agitada. Nós éramos os libertadores, mas depois da vitória todo o mundo reivindicava ter participado da Re-

sistência. Víamos medrosos – esquecidos de sua atitude anterior – afirmarem ter libertado a França.

Não sei de onde saíram tantos comunistas em Toulouse... Ms havia comunistas de todos os lugares. Em cinco dias, uma semana, o jornal do partido estava circulando, um jornal bem feito! Havia organização de mulheres e numerosas outras organizações. Enfim, todo o mundo estava pondo “o nariz de fora”. Foi algo inspirador e, ao mesmo tempo, um pouco estranho para quem tinha vivido a clandestinidade, quando as pessoas dificilmente apareciam. De repente, as ruas estavam tomadas de gente. Ninguém tinha automóvel e então se requisitavam os carros dos colaboracionistas; não sei de onde saíam os carros. Por causa da aviação, as pessoas saíam com o teto do carro pintado FFI (Forças Francesas do Interior): para serem identificadas.

No dia seguinte da Libertação, no entanto, já havia coronéis e comandantes em todo lugar, tanto na área militar como na administração civil! E nós, que nos chamávamos “os soldados sem uniforme”, também passamos a ter patente: o Apolônio tornou-se coronel e eu, tenente. Depois da Libertação de Toulouse, durante uns três meses, fomos considerados integrantes das Forças Armadas da França, porque se fundiram as Forças Francesas Livres, formada por aqueles que tinham conseguido ir para Londres e Argélia, entre outros, e os combatentes do interior, os da Força Francesa do Interior (FFI). Lembro-me de que recebemos um soldo, por três meses, como se nesse período tivéssemos participado do Exército regular francês.

Depois, quando Apolônio voltou à França (1970-1979), no exílio provocado pela sua resistência à ditadura militar brasileira, lá foi considerado coronel. Os antigos combatentes, os antigos FTP lutaram para ele ser reconhecido como coronel. Também nessa época, quando fiquei lá, exilada em minha própria terra, me apresentei em um quartel e reclamei minha patente de tenente. Não me deram a patente e disseram-me: “Seu marido é um problema excepcional”. Além do mais, sou francesa. Se tivesse ficado na França certamente teria o reconhecimento desse título. Assim, apesar de tê-lo recebido, não me reconheceram. A patente não me acrescentaria nada – era só o prazer de tê-la merecido!

Mas, ao fim e ao cabo, os combatentes da Resistência foram postos de lado. Em seu desembarque, De Gaulle tinha acabado com a Resistência: temia o entusiasmo e o espírito de iniciativa dos resistentes. Todos foram desmobilizados e apresentaram-lhes a alternativa: quem quisesse poderia se alistar no Exército.

Os comunistas haviam sido discriminados, na repartição do armamento, em diversas situações, mas tinham sido reconhecidos no Conselho Nacional da Resistência. Não se podia mais negar que tinham desempenhado papel

fundamental na Resistência. Na hora de repartir cargos, contudo, estava tudo preparado desde Argel... Conforme comentei, algumas horas depois do início da Libertação havia, tanto na administração civil como na militar, responsáveis nomeados por De Gaulle. Os comunistas não receberam cargos, considerando uma exceção ou outra. Houve um que foi prefeito de Limoges, um caso excepcional, porque o movimento de massas de lá era muito grande. E, ainda pelo fato de o prefeito não ser eleito por sufrágio universal – é escolhido pelo Ministério do Interior, lugar onde se chama prefeito de polícia. Então, imaginem, seria algo extraordinário um comunista ter esse posto! Limoges o teve e perdeu pouco depois, mas mesmo assim foi um caso excepcional.

Depois da euforia da Libertação, a normalidade foi tomando conta da rotina. Outros problemas, entretanto, começaram a vir à tona, sobretudo o de como fazer justiça com aqueles que tinham colaborado com os alemães. Às vezes, colaborado em um grau de denunciar, de perseguir... Nós queríamos fazer justiça, mas não poderia haver anarquia e o governo baixou ordem para que os colaboracionistas fossem presos e entregues à Justiça. Como a justiça demorava bastante e as pessoas tinham ódio contra colaboracionistas, querendo inclusive vingar os companheiros mortos, houve problemas. Nós discutíamos muito, porque houve aqueles que fizeram justiça com as próprias mãos, fizeram seus tribunais... Finalmente os colaboracionistas foram entregues, alguns julgados e punidos.

Houve o caso das moças que tiveram as cabeças raspadas. Isso porque na época da ocupação, elas se sentiam superiores porque dormiam com alemães. Ostentavam o que as outras mulheres não tinham: casacos de pele, meias de seda e outros artigos que não se encontravam mais. Elas se alimentavam com os alemães nos restaurantes onde havia comida em abundância, conseguiam produtos no câmbio negro, enquanto a maioria das pessoas passava fome. Acredito terem elas merecido essa punição, não foi tão terrível assim. Ficaram marcadas, mas essas coisas se esqueceram rapidamente. E a colaboração sabemos como começa, mas não ficamos sabendo de seu alcance, até onde vai.

Desse modo, os colaboradores foram logo esquecidos. Quando a França foi libertada a maioria das pessoas se dizia combatente pela libertação, quando na realidade foram os comunistas que lutaram desde o início – com outros patriotas também. Além disso, havia outro impasse: o governo não tinha interesse em buscar os colaboracionistas, porque muita gente conhecida havia colaborado com o governo de Vichy, como François Mitterrand²¹, por

21. François Maurice Adrien Marie Mitterrand (1916-1996) foi membro do Partido Socialista Francês e presidente da França de 1981 a 1995.

exemplo. Os artistas, cantores e outros que colaboraram abertamente foram punidos com dois anos de suspensão de trabalhos nas rádios e em teatros. Já a opinião popular estava interessada nos grandes nomes do nazismo que estavam sendo julgados em Nuremberg²² – eram esses que mobilizavam as atenções.

Muitas pessoas acreditaram que Hitler vinha para ficar por um milênio, que o nazismo sairia vencedor. Eram pessoas que tinham tido tanto ódio da Frente Popular que costumavam dizer: “Nós perdemos a guerra porque as greves impediram a produção de aço, de armamento”. O que não era verdade, porque, segundo estatísticas publicadas depois, nunca se produziu tanto quanto na época da Frente Popular, quando os trabalhadores sentiam-se motivados, sabiam por que trabalhavam. As greves não afetaram em nada a produção.

O IMEDIATO PÓS-GUERRA

Minha irmã e a tia voltaram em maio de 1945, com o término da guerra. Nessa ocasião, as pessoas começaram a procurar seus deportados, seus desaparecidos. Ninguém sabia para onde eles tinham sido mandados e foi-se criando, espontaneamente, uma rede de informações. Às vezes, as pessoas escreviam em tiras de papel e colavam em determinados lugares da rua, em um muro ou em um poste: “Eu soube da chegada de fulano de tal, que foi deportado de tal lugar e que esteve em tal campo de concentração”. As pessoas iam a esses locais, liam as mensagens e, muitas vezes, também colocavam novas informações.

Depois disso foi organizado em um nível melhor, e o Apolônio continuava a procurar. Fiz a aproximação entre Apolônio e um comunista francês da família Roucaute, o qual comentei anteriormente. Houve um membro do comitê central que era irmão dele; foi em casa de sua mãe que minha avó esteve quando obrigada pelos alemães a sair de Marselha. A mulher desse rapaz tinha sido deportada da mesma prisão em que estiveram a tia e minha irmã. Assim, Roucaute e Apolônio quando recebiam notícias, se comunicavam por telefone, um informava o outro.

Depois da derrota dos alemães, elas tinham sido mandadas em direção a Paris. Certo dia, Roucaute telefonou para Apolônio dizendo: “Soube que um grupo de deportadas está chegando ao Hotel Lutécia”. Era desses grandes hotéis em Paris, antigos, luxuosos, que tinha sido transformado em centro da Gestapo e, depois da vitória, foi o lugar de chegada dos deportados. Apolônio foi correndo, não encontrou uma nem outra... Encontrou, porém, duas

22. Cidade alemã onde foram julgados os criminosos de guerra nazistas, em novembro de 1945.

companheiras nossas, que todos lá de casa conhecíamos bem, que tinham sido deportadas com elas. Mas como não tinham fugido juntas, tomaram outro rumo e chegaram antes. O Apolônio encontrou essas duas marselhesas e levou-as para casa. O apartamento era mínimo, mas receber essas duas companheiras foi uma festa! E elas nos disseram: “Certamente que a Paulette e a Matilde chegam amanhã, não se preocupem!”. Aparentemente, elas não sabiam de nada, mas vocês acreditam que elas chegaram mesmo no dia seguinte?! O Apolônio foi lá de novo e voltou com as duas. Imaginem nossa alegria, uma satisfação imensurável!

Foi terrível também, porque elas estavam acabadas! A barriga delas estava para dentro, dos seios elas só tinham os bicos... Traziam os cabelos cortados como homem, estavam vestidas de soldado, com K e G escritos à tinta nas costas, cujo significado era: “prisioneiro de guerra”. E, no entanto, havia rapazes que ainda se encontravam em estado pior do que elas. Era possível fazer um estudo de anatomia sobre eles, porque tinham todos os ossos à mostra!

Quando minha irmã e minha tia chegaram, nós estávamos na Porte de Clichy, morávamos em um andar e minha avó tinha um quarto no andar de baixo. Demos um jeito e coube todo o mundo: minha irmã, a tia e durante alguns dias, as duas companheiras de Marselha. Um fato pitoresco é que retornadas dos campos, estavam tão habituadas a ficar nuas a qualquer momento, que o Apolônio tinha o maior cuidado para não encontrar com uma das quatro despidas ou trocando de roupa... Era engraçado.

O René era bebê e eu o amamentava e, por isso, tinha direito a comprar leite em pó – mercadoria muito rara à época –, leite condensado e essas farinhas lácteas. Aproveitei e fiz uma boa reserva, pensando: “Quando as meninas voltarem da deportação vão ter que comer comida de criança, porque faz muito tempo que estão sem se alimentar”. Elas chegaram e passaram a comer tudo que encontravam, o leite em pó e o leite condensado. Acabaram com tudo e, felizmente, se recuperaram rápido – até minha tia, que já era um pouco mais velha. A Paulette tinha 24 anos, e minha tia, uns 45... Elas se recuperaram muito bem! Ficaram uns dias conosco em Paris e quiseram ir logo a Marselha reencontrar a família e os amigos.

No ano seguinte ao término da guerra, em que ficamos na França, Apolônio militou na organização dos antigos FTP que se criou. Ele foi o responsável nacional por coletar dados de propaganda: publicava livros, fotografias, juntava todo um acervo de documentos para que não se perdesse a memória da Resistência. Depois de ter partido, não sei como isso ficou. Quanto a mim, passei a militar no bairro e foi uma diferença muito grande, porque antes eu era uma militante em tempo integral. E era uma militante clandesti-

na. Depois veio a Libertação, uma alegria imensa para todo o mundo. Além disso, pessoalmente passei por uma brusca mudança de vida: estava grávida, tive meu filho e voltei a uma vida como a de antes da guerra, no estatuto legal, comum, depois de ter vivido intensamente a luta clandestina!

Em Toulouse, depois do nascimento do René e durante certo tempo, continuou a alegria da Libertação, mas cada um tomando seu rumo, como nós também tomamos o nosso. Começamos nossa vida em Paris e, de repente, me vi apenas como dona de casa e mãe de família. Para Apolônio, a vida continuou como antes, uma vida de militante. É verdade que eu fiz o que podia, estava ligada ao partido, frequentava uma célula de bairro, domingo de manhã ia vender o jornal, *L'Humanité*, na porta do metrô. Apolônio e eu participávamos de reuniões, de desfiles, que eram bastante numerosos naquela época, discutíamos ainda com grande intensidade a situação política, mas a vida estava voltando a sua quase monotonia. Vivíamos no ritmo de um partido na legalidade.

Uma militância intensa fazia parte do meu passado recente e eu tinha muita esperança no socialismo, perspectiva que parecia ficar mais distante... Embora não formulássemos que lutávamos pelo socialismo, isso fazia parte da luta. Quando voltaram à legalidade, os comunistas tiveram de devolver as armas que alguns tinham guardado e também engolir o Plano Marshall²³, contra o qual lutávamos, mas estava sendo aplicado. Não discuto esse Plano porque não me sinto segura para isso. A aplicação de plano semelhante no Japão deu certo, esse país teve considerável desenvolvimento. Mas a política do PCF nessa ocasião foi de luta contra o Plano Marshall. Era a política de produzir e produzir, de incitar a classe operária a trabalhar, as mulheres a terem filhos, para recuperar a França sem ter necessidade do Plano Marshall, sem a ajuda dos Estados Unidos. A França sempre manteve certa independência dos Estados Unidos. A política do governo era a de recuperar economicamente o país sem precisar de ajuda externa, o que poderia gerar alguma dependência. Suponho que o plano dos Estados Unidos para o pós-guerra era fazer com que a França dependesse deles.

O Partido Comunista tinha uma popularidade enorme naquele momento, porque fez propaganda em torno de ter sido o “partido dos fuzilados”, 75 mil fuzilados – não sei se chegava a isso, mas era o que se dizia... Foi o partido que teve grande número de combatentes fuzilados, um contingente enor-

23. Plano norte-americano para investir na recuperação da Europa após a Segunda Guerra Mundial. Seu idealizador foi George Catlett Marshall (1880-1959), militar, secretário de Estado norte-americano de 1945 a 1947.

me de deportados, entre outros tipos de violência a ele impostos. De Gaulle também foi obrigado a reconhecer isso, e Maurice Thorez foi vice-presidente do Conselho, um comunista conhecido. Charles Tillon²⁴, ex-chefe dos FTP, foi ministro. Ele deveria ser ministro do Exército. Um comunista ministro do Exército pareceria, porém, perigoso e por isso De Gaulle criou dois cargos: o ministro do Exército e o ministro dos Armamentos. O comunista foi ministro dos Armamentos, porque se tratava de produção... Houve um tipo de arranjo.

No partido, Janette Vermeche, a mulher de Maurice Thorez, tornou-se dirigente. Vermeche é um nome do Norte, quase na fronteira, quase flamengo. Parece que ela era tecelã. Voltou da União Soviética com o Thorez e assumiu a direção do partido, com uma autoridade terrível... Lembro-me de ter participado da conferência do *17^o Arrondissement*, da Porte de Clichy, onde fizemos a conferência do comitê de zona do partido. Ela presidiu a conferência dando a linha do partido, com uma autoridade que ninguém contestou. Somente um intelectual levantou a mão para falar e contestar algo dito por ela. E Vermeche o arrasou! Tenho viva na memória a impressão muito desagradável que ela me causou!

Dos intelectuais, houve um grande cientista francês, que participou ativamente da Resistência armada: Marcel Prenant²⁵. Ele era muito prestigiado e saiu do partido mais tarde, quando houve o problema do Lysenko²⁶, que dizia existirem duas ciências, uma burguesa e outra proletária... Como cientista ele ficou horrorizado, o partido apoiou Lysenko.

O bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki²⁷, pelos Estados Unidos, causou-nos uma impressão terrível! Foi o início da guerra fria, onde os norte-americanos precisavam demonstrar sua força. A Guerra da Indochina²⁸ havia começado e alguns resistentes foram participar dos combates. Com a vitória da democracia, a Indochina queria a sua libertação, sua independência – o Japão tinha sido vencido. O Exército de Libertação Nacional se levantou,

24. Charles Tillon (1897-1993), político francês, foi deputado, membro da direção do PCF, fundador e comandante dos FTPF.

25. Marcel Prenant (1893-1983), zoólogo e parasitologista, foi professor da Faculdade de Medicina de Paris, compôs o comitê central do PCF e integrou a FTP.

26. Trofim Denisovitch Lysenko (1898-1976), biólogo russo, contrapôs-se à teoria genética de Mendel com teses cientificamente inaceitáveis, tendo sido prestigiado e incentivado por Stalin na divulgação de seu trabalho e perseguição ao ofício de outros biólogos que lhe eram contrários.

27. Cidades japonesas destruídas pelos norte-americanos em 6 e 9 de agosto de 1945, quando o Japão já tinha sido derrotado. As bombas atômicas lá jogadas deixaram milhares de mortos, e até hoje os sobreviventes sofrem as consequências da radiação.

28. Guerra ocorrida de 1946 a 1954 entre a França e a Indochina francesa (Camboja, Laos e Vietnã). Terminou com a vitória da Indochina e a independência de seus países da França.

com a liderança de Ho Chi Minh²⁹. A França tinha prometido a independência à Indochina, assim como tinha prometido a independência à Argélia.

O término da luta na Resistência, a Libertação da França e o final da Segunda Guerra foram, para mim, o encerramento de uma etapa. Dos 14 aos 21 anos, fui militante clandestina e guerrilheira. Na época da Libertação, passei a ser quase unicamente mãe e dona de casa. São duas atividades bem distintas: uma é lutar contra o nazismo e pela libertação da França; outra é pensar no que fazer, depois da vitória. Durante a luta eu não pensava no futuro, não fazia planos. Nossa vida na Resistência não era uma vida comum: o tempo todo corríamos tantos riscos, por isso não fazíamos planos para o futuro. Viajar muito era uma das ações que mais fazia. Se, de um lado, é verdade que as mulheres chamavam menos a atenção, de outro, notavam que fazíamos viagens constantes... Algumas vezes o vendedor de passagens me disse: “A senhora viaja tanto que qualquer dia pode sofrer um desastre!”.

Mesmo em tempos que pareciam mais calmos corríamos sérios riscos. Por exemplo, havia as Editions de Minuit, em 1944, que publicava Paul Eluard³⁰, Aragon³¹ e outros autores de esquerda. Nessa ocasião, Edith Thomas³² chegou a Nîmes, onde escrevia em uma revista chamada *Regards*, um olhar sobre a cultura, livros, cinema. Eu lia seus romances e obras, assim como suas resenhas críticas, de modo que eu vivia na província mas estava a par das coisas, até mesmo de cinema. Apolônio deveria receber essa intelectual, ela foi em casa levada pelo responsável da FTP regional e seu agente de ligação. Conversamos e, no momento em que saíram, as duas mulheres foram andando na frente e seu companheiro, Boivin, ficou para trás. Uma patrulha alemã parou-o e pediu-lhe os documentos, devidamente entregues. A patrulha foi verificar se estava tudo certo, mas como demoraram a voltar, Boivin imaginou terem descoberto que o documento era falso e correu. Os alemães atiraram nele, foi ferido e preso! Esse companheiro foi operado e depois salvo pela Resistência. Edith Thomas pôde ver ao vivo e em cores a repressão sobre a qual queria saber. Outro fato nos aproximava do companheiro Boivin: ele tinha estado preso com minha irmã.

Em Toulouse, uma outra vez, eu estava conversando com a proprietária do apartamento, quando veio uma patrulha alemã. Ela percebeu e não que-

29. Ho Chi Minh, cujo nome tem o significado de “aquele que ilumina” (1890-1969) foi um revolucionário vietnamita que ajudou a fundar o Partido Comunista Francês e lutou pela independência da Indochina. Foi presidente do Vietnã do Norte de 1946 a 1969 e herói da guerra do Vietnã (1959-1975), na qual os Estados Unidos saíram derrotados.

30. Eugène Émile Paul Grindel Elouard (1895-1952), grande poeta francês e militante antinazista.

31. Louis Aragon (1897-1982), poeta e escritor francês, ligado ao Partido Comunista Francês. Recebeu o Prêmio Lênin da Paz em 1957.

32. Edith Thomas (1909-1967), jornalista e escritora francesa, antifascista.

rendo que vasculhassem a casa foi ao encontro deles, que procuravam uma mulher judia. A proprietária disse que a mulher não morava mais lá e levou a patrulha em seu novo endereço.

Em outra ocasião, ainda levei o maior susto. Eu tinha ido a Lyon buscar material e voltei a Toulouse carregada dele. Enrolei bem o que era mais perigoso e coloquei no sutiã, e a outra parte levei na barriga, como se estivesse grávida. O trem atrasou muito e quando cheguei já havia soado o toque de recolher, embora os que chegassem de viagem tivessem uma hora de tolerância para chegar em casa. Cheguei, bati na porta e nada! Insisti, e como Apolônio não abria, imaginei que estivesse em alguma tarefa – não sei explicar o motivo, mas a verdade é que só tínhamos uma chave da casa... Fiquei preocupada e, assim, resolvi, já me arriscando, voltar para a estação.

Esperei algum tempo, retornei para a casa e de novo ninguém respondeu. Fui então à procura de amigos italianos que viviam perto de nossa casa e, entre eles, uma italiana que tinha um pequeno comércio. Quando bati em sua loja, ela entreabriu a porta e murmurou: “Vá embora, a polícia está aqui”. Imaginando que alguma coisa muito séria tinha acontecido, fui a uma igreja e lá me desfiz do material mais perigoso. Quando o dia amanheceu, com o toque de recolher suspenso, voltei para casa e Apolônio estava lá: dormira tão profundamente que não me ouviu chegar! E ainda me deu uma bronca por eu ter me desfeito do material!

A nossa situação era inteiramente delicada. Vivíamos na iminência de toda a sorte de riscos. Era uma condição que não levava a pensar o futuro, porque nunca sabíamos se chegaríamos vivos ao fim do dia.

A EXPERIÊNCIA EM SOLO BRASILEIRO

Quando Apolônio e eu nos conhecemos, não causou problema algum a diferença de nacionalidade entre nós. Eu vivia muito em contato com estrangeiros e isso não constituía nenhum empecilho. Para Apolônio, no entanto, pesavam algumas condições. Ele tinha mais idade do que eu e por isso se sentia ainda mais responsável, além de eu ser filha de comunistas que saía de casa para viver com ele. Isso foi um obstáculo, porque ele não podia se casar, também pelo fato de ser estrangeiro. Para mim, a questão era outra: eu nem pensava muito no futuro. Claro que nós tínhamos certeza de um dia sermos vitoriosos, de que chegaria a Libertação. Ao mesmo tempo, porém, a vida era tão difícil e perigosa; não sabíamos se no dia seguinte estaríamos vivos. A preocupação era com o dia de hoje! Depois as coisas viraram a nosso favor. Veio a vitória dos aliados e, de repente, algo novo se impôs: vencemos uma fase, e agora, o que será do amanhã? Era preciso pensar no futuro.

Nós já tínhamos recebido um primeiro recado do Partido Comunista no Brasil, por meio de Samuel Wainer¹, jornalista brasileiro correspondente na

1. Samuel Wainer (1910-1980), jornalista brasileiro nascido na Bessarábia, foi fundador e diretor da revista *Diretrizes* e criador e diretor do jornal *Última hora*, em 1951, influente periódico que apoiava o governo Vargas.

França. Em 1946, Apolônio trabalhava na Associação dos Antigos Combatentes da FTPE, quando foi encarregado de organizar uma exposição chamada *Arte e Resistência*, cujo resultado foi excelente e ficou muito bonito. Nessa exposição havia obras de pintores famosos, como Fernand Legér, Henri Matisse, havia um quadro de Pablo Picasso, e de outros cujos nomes não eram muito conhecidos na época. Nesse trabalho, que Apolônio organizou com excelência, ele também acabou conhecendo vários artistas e pessoas envolvidas com artes plásticas.

Pouco tempo depois, Cândido Portinari chegou a Paris com a esposa e o filho pequeno – o partido tinha dado ao Portinari o contato do Apolônio, que o ajudou porque o francês do Portinari era fraco; a mulher dele era quem falava melhor. O Apolônio levou Portinari para visitar todos aqueles pintores e artistas que ele tinha conhecido ao organizar a exposição, e também apresentou a ele o Partido Comunista Francês (PCF). Tanto que, quando houve o *vernissage* da exposição de Portinari, realizada em uma grande galeria, Maurice Thorez, na época vice-presidente do Conselho de Ministros, esteve presente e Portinari ficou bastante emocionado.

Houve até um episódio singular: na época era muito difícil encontrar um táxi e Apolônio precisava levar Portinari à exposição, eles deviam chegar antes de Maurice Thorez, onde Portinari queria recebê-lo. Não conseguiam táxi nem ônibus! Apolônio acabou parando um caminhão, explicou a situação ao motorista, contou que Portinari ia receber Thorez, e ele os levou até a exposição... Nesse *vernissage* esteve também o duque de Windsor² com a mulher, a americana Wallis Simpson. Foi uma exposição muito prestigiada!

Não estou muito segura, mas suponho que tenha sido Portinari que entregou a Apolônio a seguinte carta do Dinarco Reis³, em nome da direção do partido:

Rio, 27 de julho de 1946.

Velho e prezado amigo,

Faz pouco tempo que recebi uma carta de você que um portador

2. Duque de Windsor (1894-1972), filho mais velho do rei Jorge V, assumiu o trono da Inglaterra como Eduardo VIII, reinando de janeiro a dezembro de 1936. Por sua forte simpatia pela Alemanha nazista, foi obrigado a renunciar. Oficialmente o fez por ter se casado com a norte-americana desquitada Wallis Simpson. Foi substituído pelo irmão, que assumiu como Jorge VI (pai da rainha Elizabeth II).

3. Dinarco Reis (1904-1989), membro do PCB, tenente da Aeronáutica, participou do levante de novembro de 1935 na Escola de Aviação Militar. Membro da direção do partido desde a Conferência da Mantiqueira, em 1943. Lutou na Guerra Civil Espanhola ao lado da República, contra o franquismo nazifascista.

trouxe daí. Só agora respondo, porque estivemos muito ocupados com a realização da conferência. Anteontem remeti por portador um número de A Tribuna e dois de A Classe. Creio que chegarão aí já para o fim do mês que vem. Está aqui um nosso amigo que me deu notícias de você e dos outros amigos. Trata-se daquele chefe de barraca que vivia com o Gay. Temos conversado bastante sobre a questão do seu regresso. Tive que apresentá-la à nossa família para poder responder-lhe. Ficou deliberado o seguinte: que é necessária sua vinda o quanto antes. Segundo, que, porém, levando em conta a utilidade que representará, sob todos os pontos de vista, a sua permanência por mais três meses, ficou incluído que apoiaremos mais esse adiamento ao seu regresso. Terceiro, pedimos a você que nos procure enviar o maior número possível de materiais, sobretudo alguns cahiers, e desejamos que tire o máximo proveito do curso de decorações artísticas ao qual você vai se dedicar, para quando aqui chegar poder produzir bastante na sua profissão.

Devo lhe recomendar que toda a família é unânime em achar que não se justificará outro adiamento no regresso.

Velho amigo, um forte abraço meu e da turma, em você, na digníssima e nas consequências. A Lígia e os garotos enviam um abraço especial. A macacada, milicos et caterva, espera ansiosa o dia do desembarque para dar o grito de “Ao Apolônio, nada!”.

Dinarco Reis

Creio que Portinari recebeu a incumbência de nos levar de volta e pagou nossas passagens. Com um chamado do partido, Apolônio se via na obrigação de voltar, mas tenho a impressão de que e sentia bem com a militância na França. Era uma militância aberta, na Associação dos Antigos Combatentes, dos antigos FTPF, e eu suponho que ele estivesse bastante integrado ao partido francês. Faria um curso teórico de seis meses, no partido. Depois que decidiram sobre seu retorno ao Brasil, acabou não podendo fazer o curso.

Apolônio teve muito contato com outros brasileiros em Paris, alguns jornalistas, como Samuel Wainer, de quem falei, e Joel Silveira⁴ que lá estava como correspondente de guerra. Samuel era o diretor da revista *Diretrizes*⁵,

4. Joel Silveira (1918-2007), jornalista e escritor brasileiro, foi correspondente de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira (FEB).

5. Revista antifascista fundada pelo jornalista Samuel Wainer, em 1938, e fechada por Vargas em 1944.

mas não sei até que ponto se davam as relações dele com o Partido Comunista. Apareceu por lá também a escritora Clarice Lispector, então casada com um diplomata e, naquela época, ainda pouco conhecida por sua produção literária. Nossa maior aproximação foi com Wainer, cujo interesse era buscar contato com a Espanha antifranquista. Apolônio lhe deu os contatos e suponho que tenha chegado a fazer uma reportagem sobre a Espanha. Esses contatos com brasileiros fizeram Apolônio retomar a relação não só com o Brasil, mas também com o partido.

Recebida a quase ordem para voltar, tínhamos de cumpri-la. Para mim a vinda foi um problema. Claro que eu queria ficar com Apolônio e ele não iria ficar na França, por mais integrado que estivesse no PCF e na vida francesa. Minha avó ficou desesperada! Ia ficar sem o bisneto e longe de nós... Apolônio era uma pessoa muito cordata e gostava de minha avó, tratava-a muito bem – às vezes, com pessoas da própria família a gente não se dá tão bem. Fomos à Marselha levar minha avó e nos despedir da família. Para mim foi duro, tenho um remorso, uma mágoa por tê-la deixado. No entanto, quando Apolônio recebeu praticamente uma ordem de voltar ao Brasil, nós não podíamos trazê-la conosco e a levamos de volta para Marselha. Foi um gesto desumano tê-la afastado de seu primeiro bisneto, mas não tive outro jeito, a vida é assim.

A preocupação era imensa... Nem imaginava como seria minha vida no Brasil. Devia intuir que o Apolônio vindo a serviço do partido, eu ficaria muito sozinha. A verdade é que eu não tinha expectativas, para mim tudo se resumia em uma grande interrogação.

Não foi fácil organizar a vinda, Apolônio voltava com uma família e não tínhamos dinheiro. Vivíamos apenas do salário que Apolônio recebia, não tínhamos condição de fazer economias e se tivéssemos demoraríamos longo tempo para juntar dinheiro. Não tínhamos muito o que preparar para trazer, tínhamos vivido na França em guerra, houve a clandestinidade, a falta de dinheiro, e depois da Libertação tínhamos vivido sempre provisoriamente. Nós vínhamos de olhos fechados, sem saber onde ficaríamos e faríamos. Não sabíamos o que seria de nós e vínhamos com uma confiança cega no partido. Tive que seguir para um país estranho, sem falar a língua, com uma criança pequena e outra para nascer. Sabia que um dia viria com o Apolônio, eu não tinha saída. Era o partido que chamava Apolônio e, para ele, essa era uma ordem que ele não deixaria de cumprir. O que eu podia fazer? Estava grávida do Raul. Ou me separava do Apolônio e ficava na França com os dois filhos ou vinha com ele. Não posso dizer que vim com muito entusiasmo, com grande prazer... Para mim foi meio traumático, mas vim. Não fazia muita ideia do

que iria encontrar no Brasil, só sabia o que Apolônio contava sobre a cidade brasileira de Corumbá, onde a família dele vivia.

Vimos para o Rio em um navio chamado “Formose”, em novembro de 1946 – René fez dois anos durante a travessia, em 29 de novembro. Tive enjoos desde que entrei no navio, porque estava grávida, esperando Raul. Isso começou antes mesmo de o navio sair do cais e, infelizmente, enjoiei até chegar ao Brasil, durante os 21 dias da viagem. Talvez o navio fosse francês; sei que era um barco velho, muito velho! O René tinha dois anos e andava por todo canto; nós não podíamos largá-lo um minuto porque no convés do navio não havia amurada, só tinha uma corda e era muito perigoso para uma criança. Quem cuidou muito dele durante a viagem foi Apolônio, pois eu estava sempre enjoando e ele não podia deixar o menino sozinho nem um minuto.

No dia em que o navio saiu, de manhã cedo, Apolônio também estava começando a enjoar, mas o René acordou e disse: “Estou com fome!”. Então Apolônio levou René para comer na sala de jantar. Era o momento em que saímos de Bordeaux e entramos no Golfo de Gasconha, sempre muito agitado, todos passaram mal. Naquele momento não havia ninguém no salão além do comandante, que estava acostumado ao balanço do mar. E Apolônio chegou ali com René, e fez das tripas coração, aguentando aquele tormento.

Quando chegamos ao Brasil fomos recebidos por um grande grupo, entre os quais estavam o escritor Jorge Amado⁶ e Maurício Grabois – já não me lembro de outros agora, mas eram várias pessoas... Naquele período, uma delegação numerosa parece que estava por lá para realizar uma reunião do Comitê Central, da direção.

Chegamos em dezembro de 1946 e fomos visitar a família do Apolônio em Corumbá, onde passamos um mês. A mãe dele foi simpática e solidária, e em nosso encontro estavam as irmãs de Apolônio e muitos sobrinhos. Ele foi recebido como um herói. Toda a família foi nos receber no aeroporto, houve desfile... A recepção foi calorosa, e chegou-se a cogitar da candidatura de Apolônio para prefeito de Corumbá – o que não estava nos planos dele!

A família fez uma festa para nós. Nunca tinha visto uma mesa de doces tão farta como a que tinham preparado: compotas de figo, de laranja, doce de leite... Confesso que gostei bastante da surpresa, embora estivesse meio espantada. A família estava muito feliz, mas eu me sentia isolada, sem falar a língua portuguesa... Nas reuniões de família, todos me tratavam com a maior gentileza, mas eu me sentia estranha a tudo aquilo, especialmente por eu não falar nem entender português.

⁶Jorge Amado (1912-2001), romancista baiano, durante muito tempo foi membro do PCB.

Fiquei um mês na casa da mãe do Apolônio, enquanto ele circulava pelo Estado de Mato Grosso fazendo comícios. O René fez muito sucesso, chamando a atenção com seus olhos azuis e falando francês... Claro que a família queria muito me conhecer, mas eu era uma estranha. Apesar de todo esse estranhamento, sentia-me como uma militante que aceitava seu papel, embora modesto. Era forte em mim o espírito de partido e não podia me revoltar e pensar nas minhas vontades!

Apolônio queria que eu ficasse com a família para que o Raul nascesse em Corumbá. Mas eu não quis porque estranhei muito o calor de Mato Grosso. Era um calor terrível: se abrissemos um ovo na calçada, ele fritava! Além disso, apesar daquele acolhimento todo, da simpatia e solidariedade das pessoas, não me sentia integrada naquele ambiente, em razão de os costumes e o cotidiano diferirem muito da vida militante a que eu era habituada.

A MUDANÇA PARA O RIO DE JANEIRO

De volta ao Rio de Janeiro, nos levaram para a casa do Dinarco Reis, que também estive na Espanha e depois tinha seguido para a França. Da França, quase todos os brasileiros que lutaram na Espanha voltaram ao Brasil, mesmo sabendo que seriam presos ao chegar. Dinarco Reis tinha mulher e filhos e voltou. Assim como também retornou David Capistrano⁷ e outros que não conheci. Levaram-nos, então, para o apartamento do Dinarco, que morava no Grajaú. Como era quente! Era um grande incômodo para mim, que tinha saído de Bordeaux, com a temperatura abaixo de zero, e chegava aqui em dezembro, com mais de 36 graus!

O Apolônio sumiu, desapareceu! Eu lá, grávida, com o René pequeno, querendo se movimentar o tempo todo... Lígia, a mulher do Dinarco, uma boa pessoa, foi muito gentil comigo – eles tinham dois filhos. E o Apolônio sumido, porque o levaram para uma reunião, afinal ele estava de volta depois de dez anos! Passei maus momentos... Apolônio era o militante-herói que voltava, o partido aproveitou bastante isso e eu... eu era a mulher do Apolônio, a acompanhante, com um filho pequeno e outro por nascer. Para o partido era como um peso. Eu me sentia angustiada.

7. David Capistrano da Costa (1913-1974), militante comunista, participou da insurreição de novembro de 1935 como sargento da Aeronáutica. Lutou na Espanha, fazendo parte do grupo brasileiro das brigadas internacionais. Retornou ao Brasil em 1941, ficou preso até a anistia de 1945. Eleito membro da direção do PCB na Terceira Conferência, em 1946. Depois do golpe militar de 1964, atuou na clandestinidade até 1971, quando seguiu para a Tchecoslováquia. Ao retornar, em março de 1974, foi preso e assassinado pela ditadura, constando até hoje como desaparecido político.

Logo encontraram um apartamento para nós em Santa Teresa, era do Milton Caíres de Brito⁸, companheiro eleito deputado pela Bahia. Ele tinha se mudado para lá com a mulher (não sei se tinham filhos), e nós ficamos no apartamento dele. Esse bairro de Santa Teresa está em uma região alta da cidade, e isso também foi um capítulo singular em nossa história... Para fazer compras descíamos de bonde, em uma época difícil de abastecimento no Brasil. Tinha sido muito difícil na França, mas no Brasil também não estava fácil. Só comíamos carne uma ou duas vezes na semana. O leite era vendido nas chamadas “vacas leiteiras”, que eram carros pipa que levavam leite, mas não subiam na altura em que morávamos. Nós, que estávamos bem lá em cima, tínhamos que descer com a panela para buscar o leite; era uma coisa a que eu não estava acostumada! Na França, depois da guerra, a vida começou aos poucos a voltar ao normal e as dificuldades não eram maiores do que aqui. Havia uma feira, em Santa Teresa, mas como não tínhamos geladeira, não tínhamos como preservar os alimentos e, assim, comprávamos pouco mantimento de cada vez. Mas faltavam os produtos que não encontrava na feira, de modo que eu precisava descer até a rua do Riachuelo. Essa condição de abastecimento era precária. Lembro-me de um vendedor, com um caixote, vendendo tomates por unidade...

Para nos ajudar, o partido nos mandou, por meio do contato de uma das irmãs de Prestes, uma senhora militante que chamávamos Xandoca – uma ótima pessoa! Éramos duas mulheres impedidas de conversar: ela sem entender o francês e eu sem entender bem o português! Não era fácil, mas era engraçado, porque conseguíamos nos comunicar; ela era inteligente, uma mulher esclarecida. Costumávamos conversar sobre a condição das mulheres no Brasil e na França. A Xandoca, no entanto, ficou poucos meses conosco. E eu fui aprendendo o português aos poucos, sobretudo lendo jornais – meu português se fazia de leituras de jornal, não era o português falado. E, uma vez por semana, depois do jantar, eu ia com a Xandoca à reunião do partido.

Também morava em nossa casa, no apartamento que tinha sido do Milton Caíres, uma moça que veio a ser a primeira mulher do Darcy Ribeiro⁹. Berta era seu nome – nós a conhecíamos como Raquel –, e ela ficou trabalhando no partido, que tomou conta dela. Ela morava na casa do Milton, para viver em família. Junto com o apartamento nós herdamos Berta. Era uma

8. Milton Caíres de Brito, membro do PCB, foi eleito para seu Comitê Central na Conferência da Mantiqueira, em 1943; fez parte da direção até o IV Congresso, em 1954.

9. Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo, escritor e político, foi ministro da Casa Civil no governo João Goulart e perseguido pelos militares golpistas de 1964. Colaborou na fundação da Universidade de Brasília (UnB).

romena cujo pai tinha sido deportado do Brasil não se sabe para onde, sem que nunca mais se soubesse dele. A irmã era uma jovem comunista, ativa aqui no Brasil, que quiseram deportar porque, sendo mais velha, tinha nascido na Romênia. Seu nome era Geni Gleiser. Quando quiseram deportá-la, vários brasileiros se ofereceram para se casar com ela, mas não adiantou. Por fim, foi deportada e depois resgatada do navio por marinheiros. Foi morar nos Estados Unidos e imagino que nunca mais tenha voltado ao Brasil.

O Apolônio estava militando e, quase sempre, levava alguém para almoçar em casa, e isso me deixava um tanto constrangida, porque o dinheiro era pouco; não tinha como oferecer uma refeição muito boa... E houve o problema de adaptação – custei a me acostumar com o feijão com arroz, porque na França temos uma alimentação bastante variada. Mesmo quando tínhamos uma refeição simples, não costumávamos comer dois dias seguidos a mesma receita: comia-se sempre uma salada de entrada, depois um legume com uma carne ou peixe, ou outra coisa, depois o queijo com o pão e no final uma sobremesa. E aqui nos alimentávamos de arroz e feijão todos os dias! Ou o que chamavam de mistura: mexiam dois ovos com um pouquinho de linguiça e chamavam a esse complemento de mistura.

O abastecimento no Brasil era quase tão difícil quanto na França do pós-guerra. Depois da Libertação da França, pouco a pouco as coisas que tinham sumido começaram a reaparecer; não sei se é porque não se mandava mais para a Alemanha ou se os produtores esconderam e depois voltaram a abastecer o mercado. Mas em resumo: cheguei a ter a impressão de que as dificuldades de abastecimento eram maiores no Brasil do que na França recém saída da guerra.

A CHEGADA DE MEU SEGUNDO FILHO: RAUL

Raul nasceu a 11 de março de 1947, três meses depois da nossa chegada ao Brasil. Na ocasião arrumaram para mim uma pequena clínica no Centro, não sei na rua do Riachuelo. Sei que era no Centro e quem ia me ajudar no nascimento do Raul era uma das irmãs Mochel. Uma das irmãs era militante muito ativa, Arcelina Mochel¹⁰, chegou até a ser vereadora, a outra era ginecologista.

O Raul estava para nascer quando Apolônio foi chamado para um comício em São Paulo. Ele ia sair muito cedo para o aeroporto Santos Dumont, eu me lembro que de manhã me levantei para ajudá-lo a fazer a mala. Logo

10. Arcelina Mochel (1918-1974), ativa militante comunista, lutadora pela democracia durante o Estado Novo. Foi vereadora pelo PCB, em 1947, no Distrito Federal.

comecei a sentir que Raul ia nascer. Não sabia o que fazer e pensei que se eu dissesse para o Apolônio, ele ficaria perturbado e diria: “Não quero te deixar, mas o partido já colou os cartazes lá em São Paulo...”. Bem, eu convivia com esses dramas de consciência. Por isso, resolvi não dizer nada.

A Xandoca era uma pessoa analfabeta e, apesar de ser inteligente e membro do partido, não tinha condições de ajudar muito. Chamei no telefone do local do partido onde Raquel trabalhava e quando senti que chegara a hora, no meio da manhã, ela deu um jeito de mandar um carro para me buscar e levar à tal casa de saúde. Lígia, a mulher do Dinarco Reis, foi muito solícita e também foi me ajudar. E logo nasceu o Raul, que Apolônio só foi conhecer dois dias depois, quando voltou de São Paulo. Eram os percalços das mulheres... Não era fácil. Imaginem o que tinha vivido a Lígia e todas as mulheres cujos maridos foram lutar na Espanha!

O René começou a falar muito cedo e era muito curioso... Ele não falava como um bebê, tatibitate; falava muito corretamente, mas nenhuma palavra em português. Quando fui ter o Raul, René ficou durante uns dois dias só com a Xandoca e a Raquel, até o Apolônio voltar. Apolônio foi me buscar no hospital, e quando chegamos ao apartamento René só falava português – e falava bem! Nos três meses que estávamos no Brasil ele foi entendendo, mas não falava, não tinha necessidade, e quando ficou sozinho com a Xandoca teve que falar... Ele se lançou! E nunca mais, enquanto estive no Brasil, falou francês.

MILITÂNCIA E ENGAJAMENTO PARTIDÁRIO

Havia um clima de agitação política quando chegamos, alguns comícios foram formidáveis. Houve um deles impressionante, as pessoas fizeram um desfile com tochas improvisadas, um espetáculo bonito! Nesse momento, foi lançada a União da Juventude Comunista (UJC), da qual Apolônio foi o presidente provisório. Há uma entrevista dada por ele ao *Diário de Notícias* – não consegui encontrar, infelizmente – sobre o movimento da Juventude. O partido lançou a UJC e Apolônio passou a procurar contatos. As organizações juvenis se chamavam Grêmio Recreativo e Esportivo (GRES), Apolônio fazia palestras, à procura de ampliar a rede.

Mas tudo isso durou pouco, porque em maio de 1947 foi posta em questão a legalidade do Partido Comunista. Assim, logo no primeiro momento, a UJC foi considerada ilegal; durou poucos dias. Havia no país muito medo, sobretudo da Igreja, de um movimento de juventude de esquerda. Colocaram o partido na ilegalidade e cassaram o mandato dos parlamentares comunistas.

Naquela época, Luís Carlos Prestes¹¹ teve muitas ilusões, ele pensou – e chegou a declarar – que não ousariam fechar o partido. Tinham fechado a Juventude, que acabava de ser fundada. Para Prestes, no entanto, eles não teriam coragem de fechar o partido... Apolônio assistiu ao julgamento sobre a legalidade do partido. Três juízes votaram pelo fechamento e dois foram contra. Um deles, que votou a favor do PCB, teria dito ao final das votações: “Que Deus proteja o Brasil!”.

O pedido de cassação foi encaminhado por Alceu Barbedo, procurador da República, e no processo votaram cinco juízes. Pela cassação votaram o desembargador do Tribunal Estadual José Antônio Nogueira, o ministro Rocha Lagoa e o ministro Cândido Mesquita da Cunha Lobo. Os dois que votaram contra a cassação foram o ministro Álvaro Ribeiro da Costa¹² e o juiz relator, Francisco Sá Filho.

Imediatamente depois da cassação do partido houve o sumiço do Apolônio... Mandaram que ele saísse de casa. Tive que me ajeitar sozinha, e até mesmo sem dinheiro e sem saber quanto tempo ficaria naquela situação. São detalhes que conhecemos de perto, fatos que se repetiram... Apesar de que não fazia sentido a clandestinidade do Apolônio! Quando ele saiu do Brasil não era membro do partido; considerava-se comunista, mas não era formalmente membro do partido. Foi para Espanha, depois para a França, passou dez anos fora, não era conhecido. Quando lançaram a UJC, seu nome apareceu na propaganda do partido como herói. Penso que, se ele fosse preso, ficaria no máximo uns três meses, não tinham nada contra ele! Mas Apolônio sumiu no dia em que o partido entrou na clandestinidade.

Após quinze dias, em uma noite Apolônio apareceu e me disse: “Prepare-se, faça as malas – não tínhamos grandes coisas – porque nós vamos embora daqui, vamos passar para a clandestinidade”. E foi assim. Passamos certo tempo em Copacabana, em um apartamento novo e bonito, um edifício alto na Ladeira dos Tabajaras, que alguém nos emprestou. Estava quase na esquina da rua Toneleiro. Um fato me incomodou foi a Xandoca ter que sair de casa

11. Luís Carlos Prestes (1898-1992) ficou conhecido pelo título de “Cavaleiro da esperança”. Militar e político brasileiro, ativo participante do movimento tenentista de 1922, deu nome à famosa coluna que durante dois anos percorreu extensas regiões do Brasil. No início dos anos 1930, abraçou o comunismo. Em 1931 seguiu com a família para Moscou. Membro do PCB a partir de 1934, foi responsável por liderar a insurreição antifascista de novembro de 1935, no Rio de Janeiro. Derrotado o movimento, foi preso com sua companheira Olga Benário, a 6 de março de 1936. Passou dez anos preso, até a anistia de abril de 1945. Eleito secretário geral do PCB na Conferência da Mantiqueira, em 1943, ficou no cargo até 1980, quando rompeu com partido, por considerar sua posição oportunista e direita.

12. Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa (1897-1967) era ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), em 1946.

e não tínhamos dinheiro para dar a ela; não lhe demos indenização, nada que pudesse ajudá-la. Não sei como ela se ajeitou, me senti mal com isso.

Foi decidido que iríamos para São Paulo, na clandestinidade. Em meu entendimento, ao menos no que tocava ao Apolônio e a mim, uma clandestinidade exagerada. Era o período da Guerra Fria e pensou-se que ela fosse nossa – claro que nos atingia, mas não exigindo aquele rigor. Apolônio acabava de chegar ao Brasil usando um disfarcezinho... Se ele tivesse tirado o bigode, por exemplo, poderia muito bem viver legal, ter uma atividade legal. Não havia processo contra ele, não tinha havido julgamento, não tinha sido condenado... Poderia ter uma atividade no jornal ou realizar qualquer outra atividade partidária, na qual não precisasse se esconder.

Conforme nos lembrou Ramón Peña, é curioso notar que o Brasil tenha sido o primeiro e parece que o único país da América do Sul a colocar o Partido Comunista fora da lei. Só Cuba, no Caribe, o fez. E mesmo com Fulgêncio Batista¹³ houve senadores comunistas em Cuba e a circulação da imprensa do partido. Carlos Rafael Rodrigues¹⁴, comunista conhecido, foi ministro de Batista.

Não estava em meus planos ser funcionária do partido, não me sentia preparada para ser uma militante em tempo integral. Eu tinha participado da Resistência, tinha militado o tempo todo, em vários níveis, sabendo que tínhamos um inimigo atrás de nós: a polícia, a milícia, a Gestapo – e para nós a polícia e a milícia eram mais perigosas que a própria Gestapo. Desde criança, eu me sentia comunista: era a forma de pensar da família. Era normal participar, fazer o que pudéssemos, o que estivesse a nosso alcance na luta por uma sociedade mais digna e contra o nazifascismo. Uma vez a França libertada, porém, eu não me sentia com o compromisso de ser funcionária; pensava em voltar a trabalhar, continuar a ter militância, participar das reuniões regulares e participar das atividades do partido. Mas não em tempo integral.

Difícil entender aquela clandestinidade que nos foi imposta no Brasil. Minha impressão era de que não havia muita razão de ser. Enfim, não havia nada contra o Apolônio, por que sumir assim!? Foi exagerada, seria possível a muitos companheiros terem permanecido na legalidade. Na época do Apelo de Estocolmo¹⁵, quando se colhiam assinaturas nas ruas, uma companheira foi presa e fez-se uma grande campanha para libertá-la. Havia também

13. Fulgêncio Batista (1901-1973), ditador cubano deposto pela Revolução Cubana em 1959.

14. Carlos Rafael Rodrigues (1913-1997), político cubano comunista.

15. Em 1950, o Congresso Mundial dos Partidários da Paz lançou, em Estocolmo, um apelo contra o uso da bomba atômica. Na ocasião, o PCB recolheu mais de 4 milhões de assinaturas.

os companheiros ligados ao jornal do partido, às vezes empastelado¹⁶, mas depois recriado com outro nome. Havia greves e tal... No contexto político daquela época, a estrutura do partido estava dividida em frentes legais, e as ordens vinham da estrutura clandestina.

Com Apolônio na clandestinidade, eu não podia viver legalmente. Claro que quando se é comunista, ideológica e politicamente se é comunista em tempo integral, mas aqui no Brasil não se tratava somente disso. Aqui vivíamos todo o tempo a serviço do partido, não havia a possibilidade de existência de vida profissional e, menos ainda, pessoal.

Não criticávamos, porém, nada disso. Mesmo nós, que tínhamos acesso à direção, porque ela se reunia em aparelhos por nós montados – embora Apolônio não participasse das reuniões e eu ficasse na cozinha. Isso porque, por um lado, nós estávamos habituados à clandestinidade – que, em minha imaginação, seria longa. E, por outro lado, porque obedecíamos ao partido, fazíamos o que ele pedia. E fazíamos com o entusiasmo que os comunistas tinham naquela época. Havia, ainda, outro motivo: não se pensava em criticar o partido. Ele sempre tinha razão. Isso era assim também na França... Mas na França ocupada nós tínhamos autonomia de ação, podíamos inventar, ter iniciativas. Apolônio, por exemplo, era uma pessoa cheia de iniciativas, mas com a clandestinidade ficou tolhido.

Nós obedecíamos por sermos membros do partido, Apolônio era muito disciplinado. A função que exercia o deixava isolado de tudo e de todos, como se estivesse entre parênteses... Ao mesmo tempo em que nossas responsabilidades eram enormes, tornávamos invisíveis e excluídos. Não tínhamos interlocutores, pessoas com quem discutir. Estávamos em contato direto com os dirigentes; não nos sentíamos, entretanto, em igualdade de condições para discutir. Dizia-se que quem fazia críticas era contra o partido ou que se tratava de desvio pequeno burguês. Era assim: ou se obedecia ou se era excluído e não havia, portanto, um clima favorável à discussão. Nas relações com a direção, os militantes eram vistos como suspeitos dos desvios pequeno burgueses, aos quais os dirigentes pareciam imunes. Dizia-se que o partido sempre tinha razão. E o partido eram os dirigentes.

NÓS EM SÃO PAULO

Tivemos de ir para São Paulo, onde Apolônio teve uma atividade liga-

16. Termo gráfico que significa amontoar confusamente caracteres tipográficos. Na forma figurativa, significa depredar instalações de um jornal, revista etc, destruir material impresso ou impedir sua circulação de forma autoritária. [N. E.]

da aos militares, mantida em grande segredo, creio que no Comitê Antimil¹⁷. Ele devia ser o dirigente desse comitê, mas não era nada que desse tanto trabalho, não era um ofício diário. Apolônio trabalhava junto ao Comitê Central, mas nunca foi membro efetivo dele, era discriminado. Apesar da militância que tinham, Apolônio e Jacob Gorender¹⁸ foram apenas suplentes. Membro efetivo era o Mário Alves¹⁹, mas creio que nessa época ele não devia ser da comissão executiva, porque nas reuniões que montávamos não me lembro da presença dele. Lembro-me do Marighella e outros, como o Grabois, o Arruda, o Amazonas – eram presenças constantes²⁰. Não me vem à lembrança o Pomar²¹ nessas reuniões. Como o Apolônio tinha sido militar na Espanha, tinha sido da guerrilha na França, foi destacado para a segurança. Cabia a ele alugar casas onde a direção pudesse se reunir e fazer a segurança das reuniões.

Montamos uma casa na Mooca, onde deveria ficar o Amazonas, que passou lá certo tempo conosco – meu filho Raul aprendeu a andar com ele, era muito simpático e humano. Se não estou enganada, ele e a mulher, Edíria Carneiro, começaram a viver juntos nessa ocasião. Ela era jovem e simpática;

17. Comitê Antimil (antimilitar) integrava o Comitê Militar Revolucionário do PCB. Criado em 1929, estava diretamente ligado à direção do partido.

18. Jacob Gorender (1923-), intelectual e militante comunista, ingressou jovem no PCB, na Bahia, onde foi um dos primeiros colaboradores da importante revista antifascista *Seiva*. Participou da Força Expedicionária, lutando na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Compôs a direção partidária do PCB desde o V Congresso, como suplente do Comitê Central. Em 1967 rompeu com o partido e passou a fazer parte do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Autor de, entre outros, “O escravismo colonial” (1979) – obra relançada pela Editora Fundação Perseu Abramo [N. E.] em 2011, e “Combate nas trevas”.

19. Mário Alves de Souza Vieira (1923-1970) foi membro do PCB desde 1938. Em 1943, na Conferência da Mantiqueira, foi eleito para o Comitê Central, fazendo parte da comissão executiva do partido desde o IV Congresso, em 1954. Em 1967 deixou o PCB e fundou, em 1968, com Apolônio de Carvalho, o PCBR. Preso em janeiro de 1970, foi assassinado brutalmente pela ditadura militar e seu corpo até hoje está desaparecido.

20. Carlos Marighella (1911-1969), membro do PCB desde 1934, fez parte de sua direção desde a Conferência da Mantiqueira, em 1943, até seu rompimento com o partido em 1967. Organizou o Agrupamento Comunista de São Paulo, que se transformou em Ação Nacional Libertadora, que dirigiu até ser assassinado, em novembro de 1969. Maurício Grabois (1912-1973) também foi militante comunista. Aluno da Escola Militar de Realengo no início dos anos 30, entrou para o PCB em 1932. Participou da ANL e foi diretor do jornal *A Classe Operária* e da Editora Vitória. Da direção do PCB desde 1943, rompeu com o partido em 1961, passando ao PCdoB, do qual foi um dos fundadores. Foi assassinado em Xambioá, no Araguaia, em 1973. Diógenes Alves Arruda Câmara (1914-1979), eleito para o CC, na Conferência da Mantiqueira, compôs a comissão executiva até o V Congresso, em 1960. Até o Manifesto de Março de 1958 foi, na prática, o dirigente máximo do PCB, convencendo Prestes de que este deveria manter-se na clandestinidade. Em 1961 deixou o PCB e ingressou no PCdoB. E, finalmente, a referência a Amazonas (João Amazonas de Souza Pedrosa, 1912-2002), membro da União da Juventude Comunista no início da década de 1930 fez parte da Aliança Nacional Libertadora, em 1935. Na Conferência da Mantiqueira, foi eleito para o CC. Em 1961 deixou o PCB e fundou, em 1962, o PCdoB, do qual foi primeiro secretário, até sua morte.

21. Pedro Ventura Felipe de Araujo Pomar (1913-1976), membro do PCB, integrou sua direção desde a Conferência da Mantiqueira, até o rompimento em 1961, quando foi um dos fundadores do PCdoB. Assassinado pela ditadura militar em 1976, ao lado de outros militantes que se achavam reunidos em uma casa na Lapa, no trágico episódio conhecido como *A chacina da Lapa*. Para saber mais, cf. livro “O massacre na Lapa” (2006), relançado pela Editora Fundação Perseu Abramo [N. E.].

até hoje mantemos contato, em ocasiões como no Natal e outros eventos. Em relação a esses contatos, lembro-me de que o Marighella era simpático assim como o Prestes, com quem me recorde de ter conversado bastante, nos dias que antecediam as reuniões. Seu tema preferido era contar sobre a Coluna²².

Quando morava no Rio, em Santa Tereza, participei da base do bairro, mas foi uma participação formal, de curta duração. Depois, em São Paulo, eu fazia uma ou outra ligação de contato entre dirigentes e, sobretudo, tinha de fazer coisas a que não estava acostumada: fazer comida, manter uma casa grande, sozinha, com dois filhos pequenos... Na primeira fase só o Amazonas ia lá, mas depois as coisas foram mudando e o Apolônio começou a montar aparelhos para reuniões da direção. Tivemos reuniões do secretariado, da comissão executiva, reuniões com o Prestes. Mantivemos umas três casas para essa finalidade. Era uma preocupação grande, porque recebemos a responsabilidade de encontrar uma casa a ser frequentada por Prestes. Tínhamos enorme preocupação com a segurança.

Certa vez, alugamos um sobrado no Jardim Europa. Montamos a casa e, como era época de Carnaval, justificávamos com isso a compra de colchões, pois dizíamos que iríamos receber hóspedes. Em São Paulo, em uma dessas casas que nós alugamos havia dois imensos botijões, mas não tinham gás. Tive que fazer comida em fogareiro elétrico, para uma reunião da comissão executiva. Fiquei cozinhando para umas sete ou nove pessoas, ao mesmo tempo que cuidava dos filhos pequenos – imaginem a dificuldade!

Essa casa no Jardim Europa era chique, para não chamar a atenção, tinha um jardim. Em um dos dias de Carnaval, quando o pessoal estava reunido, nós fomos para o portão, fingindo ver o movimento da rua. Em seguida, entrou um cidadão sem camisa, todo suado, bastante bêbado, com o corpo todo pintado a batom de foices e martelos! Como não acreditar que aquilo fosse uma provocação!? Com o espírito em que vivíamos na época, só podíamos pensar que era provocação... Mas foi puro acaso. Não sei se ele queria água ou ir ao banheiro. Sei que ele foi entrando e o Apolônio pegou-o pelo braço, contou-lhe umas histórias, levou-o de volta para a porta e ele foi embora.

Em uma noite, quando ainda estávamos montando a casa – ela tinha uma entrada do lado da cozinha e outra entrada na frente, que dava para a avenida –, alguém atirou uma pedra na janela da cozinha e quebrou o vidro. Levamos um susto! Seria uma provocação, o que seria? Mas Apolônio foi muito ponde-

22. Coluna de militares que se deslocou pelo país do final de 1924 a fevereiro de 1927, em oposição ao governo de Artur Bernardes. Percorreu cerca de 25 mil quilômetros. A coluna tinha como comandante o general Miguel Costa e como chefe de Estado-maior o então capitão Luís Carlos Prestes.

rado e disse: “Não, nós não somos conhecidos, estamos chegando agora a esta casa, deve ser uma molecagem”. Não levamos muito a sério, quer dizer, ficamos preocupados, mas foi só isso. Poderíamos ter dito para suspender a reunião, mas Apolônio e eu não falamos nada, e a reunião se desenrolou muito bem.

No dia em que os dirigentes foram embora, um carro iria buscá-los. Deviam sair separadamente. E houve uma *blitz* de trânsito, a polícia invadindo as ruas ali por perto... Foi uma reunião atribulada! Mas não se pode comparar com o período da Resistência na Europa, porque aquele foi um período de atividade, de movimento. Vivíamos na França ocupada mas acompanhávamos toda a política internacional; soubemos das vitórias iniciais dos alemães e depois da virada com a vitória soviética em Stalingrado. Aqui não tínhamos espaço para iniciativas, vivíamos uma clandestinidade duvidosa.

A Marly Vianna considera que justamente pelo prestígio com que Apolônio chegou ao Brasil ele não foi para o Comitê Central. Havia certa ciúmeira. Ela deu o exemplo de Gregório Bezerra²³, que também nunca tinha sido do CC. Alguém que se destacasse e tivesse alguma independência, ficava ajudando, por perto, de assessor, mas não chegava àquela esfera de poder.

Chegamos igualmente a essa conclusão, mas muito tempo depois. Vou dar um exemplo. Quando voltamos ao Brasil, depois do curso na URSS, não sei dizer se logo nos primeiros meses, ou pouco depois o Apolônio não se sentia mais confortável no partido. E ele sempre procurava fazer alguma pesquisa; e, com pouquíssimos livros e material de pesquisa, escreveu um trabalho sobre o Contestado²⁴. Onde foi parar esse trabalho nunca mais soubemos. Apesar de sua militância, ele também fez uma pesquisa sobre a guerra de Canudos²⁵. Foi aí que eu aprendi a bater à máquina, datilografar, porque eu não sabia e tinha que passar a limpo o que Apolônio escrevia. Ele sabia, mas me explorava... Isso foi quando o René seguia ao Jardim da Infância. Eu levava o René para o Jardim e depois ia buscá-lo – e no intervalo aprendia datilografia.

23. Gregório Lourenço Bezerra (1900-1983), grande líder camponês, ativo militante das lutas sociais e grevistas. Em 1930, era sargento do Exército quando entrou para o PCB. Teve participação destacada no levante de novembro de 1935, no Recife, esteve preso até 1945. Por sua destacada atividade no movimento camponês do Nordeste, em 1964 foi preso e brutalmente torturado. Seu nome encabeçou a lista dos presos a serem soltos com o sequestro do embaixador norte-americano, em 1969, e seguiu para o exílio em Moscou. Em janeiro de 1976 foi eleito membro do CC do partido, cargo que ocupou até seu rompimento, em 1980.

24. Conhecido como Guerra Santa: conflito no Paraná e Santa Catarina entre a população rural e o governo dos estados envolvidos, entre 1912-1916. Sua motivação foi a disputa de terras apropriadas por madeiras e empresa de coleta de erva mate.

25. Episódio conhecido como a Guerra de Canudos, em 1896-1897. Tropas do Exército acabaram por massacrar os beatos que se reuniam pacificamente em torno de Antônio Conselheiro, na localidade de Belo Monte, às margens do rio Vaza Barris. Para saber mais, cf. livro “O Império do Belo Monte”, de Walnice Nogueira Galvão, publicado pela Editora Fundação Perseu Abramo [N. E.].

Como as regras de segurança eram rigorosas, tínhamos sempre que mudar de casa, mudar de nome... Um fato curioso no Brasil, que ajudou a ida das crianças à escola: ninguém pedia documento. Houve uma época, quando estávamos em São Paulo, e o René ia ao Grupo Escolar, em que me diziam: “Precisamos da certidão de nascimento”. Ao que eu respondia: “Está na casa da minha família, eu teria que mandar buscar”. E, durante longo tempo, fui enrolando com essa história. Ele estava lá com nome falso. Aliás, os meninos só ficaram sabendo quem eles eram, o nome verdadeiro deles, do pai e da mãe, o que fazíamos, quando eu fui para a União Soviética e eles ficaram na França.

Nossa vida cotidiana era complicada. Não podia me abrir com ninguém nem mesmo me aproximar dos vizinhos, porque não podíamos receber visitas em casa. Faltava dinheiro e, a cada vez que mudávamos, precisávamos recomeçar. Comprava-se uma mesa velha, quatro cadeiras e pronto. Uma vez, em uma dessas casas, só havia uma espécie de chapa de lanchonete para fazer a comida. Passei seis meses sem conseguir ferver água... Se havia, uma ou outra vez, uma empregada, ela se vestia melhor do que eu. Era uma complicação, porque ela não podia conhecer a casa toda. Não podia ver, por exemplo, nossas revistas e livros.

Entre algumas das histórias pitorescas, lembro que em dada ocasião, o René começou a brincar com os meninos vizinhos, afinal eu não ia prendê-lo em casa. Na rua morava um senhor da Marinha, capitão de mar e guerra, e o René repetia: “de mar e guerra”. E o Amazonas veio me dizer: “Mas ele está falando de Marighella?” E eu logo respondi: “Não, Amazonas, ele nunca ouviu o nome de Marighella, não pode ser!”. Vivíamos em uma paranoia tão grande: o menino falava do “capitão de mar e guerra” e se ouvia Mariguella... Nós parecíamos uns fanáticos, vivendo na clandestinidade por escolha, sem mesmo estarmos sendo perseguidos. Lembro-me de ter discutido isso com o Apolônio, mas de forma muito pessoal. Não sei também até que ponto nós tínhamos consciência clara dessa situação. As publicações do partido faziam grande agitação sobre coisas fictícias, que não correspondiam à realidade, tudo com exacerbado sectarismo!

Não havia com quem discutir... Talvez eu pudesse trocar ideias com o Amazonas – mas quem era eu para trocar ideias com o Amazonas? Ou ainda com o Prestes, quando o via uma ou outra vez? Eu nem teria coragem. E não era só não ter com quem discutir, eu não tinha certezas. Sentia essas coisas, mas não tinha segurança para apresentá-las como uma contestação. Não estava segura, sentia-me limitada diante deles. Havia aquela ânsia de servir, de fazer sacrifícios se fosse o caso, e aceitávamos, entrávamos no jogo.

Em determinada fase, que não durou muito, em que o Amazonas estava em nossa casa, ele dizia: “Por que vocês não vão a um cinema? Aproveitem que estou aqui e os meninos estão dormindo. Tomo conta deles enquanto vocês vão ao cinema”. Apolônio e eu fomos três vezes. Eu não conseguia nem dizer o nome dos filmes que vimos, porque a consciência ficava muito pesada por termos ido ao cinema! Pensávamos: “Nós temos um companheiro de responsabilidade em nossa casa e o deixamos lá para ir ao cinema!”. E, por isso, nunca mais fomos. Um dos filmes que vimos foi *O idiota*, um filme belíssimo, tirado do romance de Dostoiévski, com Gerard Philippe. Lembro-me do filme não somente porque gostei, mas porque fiquei com a consciência pesada por tê-lo visto.

Hoje, fazemos a crítica, mas também devemos fazer uma autocrítica. Era difícil... Às vezes, as pessoas tinham razão no que falavam, mas ninguém as acompanhava. Estava pensando em André Gide²⁶, por exemplo, que foi à União Soviética e voltou criticando várias coisas de lá. Não podia... É verdade que criticar uma revolução era fácil, fazer era diferente. Penso que não devemos, no entanto, fechar os olhos e os ouvidos para os que criticam. E, naquela época, quem criticasse era visto logo como inimigo.

O CONFUSO PERÍODO DE RETORNO AO RIO DE JANEIRO

Além das dificuldades do dia a dia, vivi momentos dramáticos! Raul, quando tinha dois anos e meio, teve um problema de garganta, justamente no momento que nos mudamos de São Paulo para o Rio de Janeiro, em meados de 1948. Ainda em São Paulo, Raul começou a ter dor de garganta, mas viajamos no dia seguinte e não deu tempo de ir ao médico. Chegamos ao Rio e fomos para um apartamento – talvez tenha pertencido ao Giocondo Dias²⁷. Chegamos e a luz estava desligada, além de vários reparos a serem feitos... O Apolônio não podia aparecer, de maneira que era eu quem providenciava tudo. Ficava no subúrbio, em Pilares, e tive que ir ao centro da cidade para pedir a ligação da luz. Tive de fazer uma porção de gestões assim. Levei o Raul a um médico de bairro, na farmácia, era o que estava a nosso alcance. O médico receitou um antibiótico, que dei para o Raul tomar. Mas devíamos tê-lo

26. André Gide (1869-1951), escritor francês, recebeu o Nobel de Literatura em 1947, fundou a Editora Gallimard e a revista *Nouvelle Revue Française*. [N. E.]

27. Giocondo Gerbase Alves Dias (1913-1987), cabo do Exército, um dos responsáveis pelo levante de novembro de 1935, em Natal-RN. Eleito para a direção partidária na Terceira Conferência Nacional, em 1946, da qual fez parte até sua morte. Depois do rompimento de Prestes, em 1980, foi primeiro secretário do partido que se transformou em Partido Popular Socialista (PPS), até adoecer e ser substituído por Salomão Malina. [N. E.]

levado de novo ao médico, para ver se estava tudo bem. Tive, no entanto, que realizar outras tarefas e não pude levá-lo. Logo começou a crescer um caroço no pescoço do Raul, eu o levei correndo ao médico, que disse ter nas amídalas do menino uma espécie de abscesso; receitou mais antibióticos e o abscesso sumiu.

Passados uns seis meses, o Raul começou a não querer comer, a vomitar, estava mal e eu o levei a outro médico que me indicaram, no Méier. Na verdade, chamei o médico em casa! O Raul estava realmente sem forças e o médico disse: “Não vou nem passar remédio para ele, porque ele não está conseguindo urinar e eu não sei se é um problema de rim que atacou o coração ou se o contrário, um problema do coração que atacou os rins. Eu recomendo tal médico, no centro da cidade e, se fosse vocês, eu telefonava agora e levava esse menino lá imediatamente”.

Esse outro médico recomendou: “Esse menino tem que ser internado, tem que receber oxigênio e vocês não vão poder ter oxigênio em casa”. Nós internamos o Raul em Botafogo, se não me engano em uma clínica de São Miguel. Tudo isso com nome falso e sem dinheiro. Havia um médico do partido que me atendeu depois do nascimento do Raul, mas não me lembrava do endereço. O Apolônio procurou e não encontrou. Nós internamos o Raul no hospital, onde ficou por uns 13 dias, em uma tenda de oxigênio. Fiquei o tempo todo com ele. O Raul estava muito mal, apesar de ter começado a urinar um pouquinho, o que era uma batalha ganha. Depois de uns dois dias, apareceu no partido um problema que só o Apolônio poderia resolver. Não sei bem do que se tratava: parece que um companheiro que só o Apolônio sabia onde encontrar podia ser preso, algo assim. Apolônio teve de cumprir essa tarefa e me deixou sozinha no hospital, com o Raul entre a vida e a morte. Deixou-me em contato com um companheiro com quem ele trabalhava, passou-me o telefone dele. A mulher desse companheiro foi me visitar no hospital – era o único contato que eu tinha.

Naquela época, o René frequentava o Jardim da Infância e havia uma senhora, mãe de um coleguinha dele, que às vezes eu levava e trazia de volta, o que ela fazia também com o René. Era um conhecimento superficial, mas eu não tinha a quem recorrer e ela ficou com o René. Depois Apolônio levou o René para ficar com a irmã dele. Ela fazia as vezes de caseira do Amazonas, que nessa época vivia com a mulher.

O Raul teve uma endocardite, a mesma enfermidade sofrida por minha mãe. Em geral, essa doença começa com infecção na garganta, só que o Raul, felizmente, não teve reumatismo e conseguimos salvá-lo. Nessa ocasião, o partido disse a Apolônio: “Você gasta o que tiver que gastar, mas faça tudo

para salvar esse menino”. De qualquer forma, foi desumano mandar o Apolônio viajar, me deixando com o Raul em uma tenda de oxigênio, com a vida sob risco. Aceitávamos porque quem não aceitasse estava fora do partido: nem passava pela cabeça de alguém recusar! E o que nós chamávamos de partido? Eram homens como o Arruda, o Amazonas, o Grabois, pessoas, enfim, com qualidades e defeitos, que representavam para nós o partido e que endeusávamos. Tínhamos o sentimento de fazer qualquer sacrifício pelo partido. Isso, no entanto, foi muito cruel.

Depois o Raul saiu do hospital – e isso foi outra ocasião difícilíssima – e eu fui ver o René, que estava tossindo, com coqueluche! O médico tinha acabado de dizer: “Pouco a pouco vocês podem começar a deixar os dois meninos juntos, mas cuidado porque o Raul não pode sofrer nem um resfriado, a situação ainda é muito grave”. Levei René ao médico e era coqueluche mesmo, e ele foi morar na casa do Amazonas. Coitado do René! Ele tinha acessos de tosse e vinha correndo se abraçar comigo. Nós explicávamos ao René o que estava acontecendo, mas ele nem cinco anos tinha! Não entendia... Depois de visitar o René, quando eu chegava em casa tomava um banho escaldante; lavava a cabeça e depois tomava outro banho de álcool, para não passar nada para o Raul... Nem sei se tinha alguma eficácia. O Raul começou a tomar, então, as vacinas contra coqueluche, que já existiam.

Para mim, o sofrimento era dobrado, porque sofria pelo Raul e pelo René! É claro que tudo isso podia acontecer mesmo se não estivéssemos no partido, mas a clandestinidade tornava situações desse tipo quase intransponíveis. Depois passamos seis meses vigiando o Raul, seis meses! Eu que devia dormir primeiro, o Apolônio ficava com o Raul, depois ia dormir e eu ficava acordada... Ficávamos acordados mesmo, olhando para ele. A respiração do menino era tão diferente, tão... E quando era a vez do Apolônio dormir, ele ficava preocupado de tal forma que não conseguia pegar no sono e, desse modo, ficávamos os dois acordados o resto da noite. Foi um período angustiante! Mas, felizmente, Raul não teve sequelas.

NOVA ESTADA NA CAPITAL PAULISTA

Depois voltamos a São Paulo. Continuamos diante de uma série de percalços cotidianos, sem que houvesse do partido o reconhecimento de nossa atividade, de valorização da situação em que vivíamos. Apesar das condições difíceis, era como se fosse nossa obrigação. Em certa ocasião, no início dos anos de 1950, Apolônio foi também, entre outras tarefas, diretor de um curso. Não sei bem se era o Curso Stalin – capacitação de militantes, ministrado pelo

partido nas décadas de 1940 e 1950 –, mas era algo parecido. Ele passava todo o tempo lá, e em casa ia somente de vez em quando. Ele dava um pulinho no fim da tarde para me ver, nos intervalos entre os cursos e voltava para dormir. Isso foi amargo! Praticamente não tinha contato com a família.

No local do curso trabalhavam três pessoas. Lembro-me do jardineiro e de uma tia (em São Paulo havia muito dessas velhas militantes que eram chamadas tias, não me lembro seu nome), que tomavam conta e faziam o serviço; Apolônio não queria deixá-los sozinhos na casa, porque, sendo ele o responsável, sentia-se comprometido a ficar. Ele inventou um curso de alfabetização para esses companheiros e passou a ficar também nos intervalos dos cursos. Aí eu reclamei: “Apolônio, eu não tenho com quem conversar! Eu só tenho o papagaio da vizinha, que fica num canto aí, para conversar... É terrível para mim! É claro que tenho os meninos, mas não é a mesma coisa!”. Até me lembro de ter-lhe dito: “Se eu estivesse na cadeia, consideraria aquilo uma frente de luta, mas nem isso, Apolônio! Eu estou aqui sozinha e completamente à toa!”.

A partir desse momento, houve mudança no sistema. Durante os intervalos entre os cursos, Apolônio vinha com um companheiro que tinha carro e íamos, os meninos e eu. Esse curso era em uma casa bonita, grande, com jardim... Apolônio sabia que era justa a minha queixa, e então nós fomos passar lá vários intervalos de curso. Mas eu chegava e a tia, que cuidava da cozinha, tirava uns dias para respirar, deixando tudo por minha conta. E, assim, lá ia eu para a cozinha, que não era só para a nossa pequena família, era para muita gente! Eu não estava habituada, porque a minha avó não me deixava entrar na cozinha, ela reinava sobre os trabalhos da casa, por mais pesados que fossem. Apesar de me sentir subutilizada, os dirigentes faziam passar as minhas tarefas como algo importante: “Você é a retaguarda de um dirigente!”. E falavam como se fossem uma grande prova de confiança em mim, essas tarefas de retaguarda...

Sentia-me subutilizada. E as poucas cartas, que recebia de minha família, chegavam abertas. Não podia também escrever o que estava sentindo, eu me sentia tolhida. Apolônio também praticamente tinha contato com a família e recebeu a notícia da morte de sua mãe meses depois do acontecido.

O Prestes eu vi pelo menos duas vezes, nessas reuniões. Até o Manifesto de Março de 1958²⁸ ele esteve clandestino, era o Arruda quem mandava. Tenho a impressão de que foi o Arruda quem sempre mandou. Nessa época,

28. Manifesto lançado pelo PCB que marcou virada política do partido, procurava superar o sectarismo e aproximar-se das massas.

como tinha trabalhado em um laboratório de fotografias, inventaram que eu devia fazer as fotografias para as carteiras de identidade falsas. Trouxeram-me uma máquina muito bonita, *Laika*, e eu tive de cuidar das fotografias. O René me servia de modelo, mas é difícil fazer fotografia se não se tem refletor para tirar a sombra. O Apolônio andou longo tempo com uma carteira de identidade com uma fotografia que tinha uma sombra muito grande. Um dia tive que fazer umas fotografias para Prestes e foi uma complicação! Levaram-me de carro, de olhos fechados, como era hábito naquela época. Fui não sei onde e fiz as fotos. Nesse trabalho, tinha que improvisar com papel laminado e umas lâmpadas enormes. No Brasil havia pouco material de fotografia para amador, até porque naquele tempo o país não tinha desenvolvimento que permitisse às pessoas terem um *hobby* desse tipo, um passatempo.

Em São Paulo, eu encontrava a mulher do Mário Alves, a Dilma – suponho que ele fosse o responsável por São Paulo. Dilma tinha uma menina, menor do que o Raul, a Lucinha. Nós saíamos, levávamos bolsas parecidas, nos encontrávamos em algum lugar e trocávamos as bolsas. Era assim que tínhamos contato com o Mário Alves. Quando o contato era com Amazonas, fazíamos o mesmo procedimento, a Edíria e eu.

O CURSO STALIN E NOVA IMPOSIÇÃO DE RUMOS

Um dia nos chamaram ao Rio de Janeiro. Não sei se o Apolônio fazia ideia do que iriam tratar e não me disse nada, para não me estressar, ou se ele também não sabia. Fomos chamados – lembro-me de que um dos meninos estava com sarampo –, chegamos e ficamos em uma escola do partido, um sítio, que não sei onde ficava. Viemos porque o Apolônio fora designado para ir fazer um curso na União Soviética, para onde viajou em 1953. Quando chegamos ao sítio, o Arrudão me disse: “O Apolônio vai para a Conchinchina e você arrume seus filhos e vá para a sua terra”. Assim, desse jeito e em um tom... Vocês não conheceram o Arruda! Pensei e logo respondi: “Não! Como é que eu vou para a minha terra?! Vou sem avisar ninguém?”. Minha família eram minha tia e minha avó, de quem minha tia tomava conta. Ela tinha um bom salário, as duas viviam bem, mas minha avó era uma pessoa de idade. Como eu poderia chegar com dois meninos, assim? E disse: “Eu não vou não, eu fico”.

Logo que Apolônio viajou, fiz, no Rio de Janeiro, o famoso Curso Stalin. Não me lembro bem dos alunos do curso, porque eu tinha pouco contato com os companheiros do Rio nesses anos, nem mesmo os de São Paulo eu conhecia bem.

Quanto ao curso, era desses cursos dogmáticos que o partido dava. Os professores eram Jacob Gorender e o Arruda – Mário Alves tinha viajado para a União Soviética. Que eu me lembre o curso constava de explicações de um documento soviético de um congresso, não me lembro de qual, explicando a política internacional da União Soviética. Durava uns 15 dias, e para mim, que nunca tinha feito um curso assim, era, apesar de tudo, uma descoberta.

As crianças estavam comigo e lá também estavam as mulheres do Massena²⁹ e do Amazonas, a Edíria, com os filhos, porque Massena e Amazonas também tinham ido para o curso em Moscou. Nós nos revezávamos tomando conta das crianças.

Quando terminei o curso, o Arrudão me disse: “Você agora é quem vai tomar conta do curso”. Disse-lhe que não tinha condições de tomar conta do curso. Mas ele exigiu e eu fiquei ajudando lá. Tomar conta do curso queria dizer ficar responsável pela infraestrutura do curso. Eu e a mulher do Massena fazíamos a comida e acho que nenhuma de nós estava acostumada a cozinhar para um batalhão: eram 40 alunos. E depois, claro, limpar a cozinha e tudo.

Esse famoso Curso Stalin era realizado em uma espécie de sítio enorme, em que havia muitos quartos, mas somente um banheiro. Uma dessas construções de certo nível, mas com um banheiro só. E havia pouca água, porque como eram muitos alunos, o gasto ultrapassava as possibilidades da casa e faltava água. Era uma vida meio “braba”. E, se você reclamasse – a gente não reclamava –, era chamada de pequeno-burguesa... Mas, veja, nenhum dos homens, nunca, jamais, nos deu uma ajuda para lavar a louça. Nada, nenhuma ajuda! Eles é que eram os pequeno-burgueses.

Foi nesse curso que houve a história do alho... O Arruda não queria que pusessemos alho no feijão. Todos gostavam de alho, menos ele. Demos um jeito de moer de tal forma que ele não percebia, e o feijão era feito com alho.

Nós, as mulheres, nos entendíamos bem – estávamos na mesma situação. A mulher do Massena tinha três filhos, o mais velho não estava lá. Isso também foi um problema para ela, acredito, porque o mais velho deve ter sido criado pela família... Ela estava só com os dois menores, ter um filho separado dos outros não era bom. A minha situação não era fácil, mas a das outras mulheres também não. E ainda o partido considerava as mulheres umas chatas, que ficavam criando problemas para os maridos... Lembro-me de ter ouvido

29. João Massena de Melo (1919-1974), operário tecelão e metalúrgico, membro do PCB desde o final dos anos 1930 e da direção do partido desde sua Terceira Conferência, em 1946. Foi assassinado pela ditadura militar em 1974, até hoje dado como desaparecido.

críticas a várias mulheres que eram chamadas, como diríamos em francês, me desculpe, *emmerdeuses*³⁰...

Não é bem que houvesse uma discriminação contra as mulheres, elas simplesmente não existiam. Os companheiros me respeitavam, por meu tempo de partido e por ter sido guerrilheira. Mas o trabalho das mulheres era este: elas deviam ser a retaguarda. Não cheguei a conhecer mulheres que desempenhassem funções de responsabilidade. Algumas companheiras eram conhecidas, por exemplo a Arcelina Mochel, que era vereadora e tinha prestígio. Quando passou à clandestinidade, porém, não se ouviu mais falar dela.

MILITANDO DOIS ANOS SOZINHA EM SÃO PAULO

Depois voltei a São Paulo e ficamos, eu e as crianças, morando na casa dos outros. O partido de São Paulo não tinha dinheiro para alugar um apartamento onde viver com meus filhos. Militei na Comissão de Organização e depois na de educação do Comitê Estadual. Foram dois anos sozinha, pois Apolônio embarcara para a Conchinchina.

Morei na casa de um casal, ele ucraniano, um camponês analfabeto, coitado! A mulher era brasileira, uma moça simpática – mais tarde, por vontade do marido, eles acabaram voltando para a União Soviética. Não conhecia nada de lá, mas como mulher, pensava que ela provavelmente seria infeliz na União Soviética. Sua instrução era pouca, seria difícil para ela aprender a língua, começar a trabalhar... Sentia que a mudança seria algo negativo. Não sei o que foi feito dela, mas penso que acabaram voltando ao Brasil. Chamava-se Elza e ele Pedro, Piotr. Não me lembro agora o nome de família.

O partido me levou para essa casa e ficou de pagar a eles a minha estada com os meninos. A ajuda, no entanto, só chegava quando alguém se lembrava, mas nem sempre se lembravam. Esse moço ucraniano fazia poços artesianos e tinha nos fundos da casa um lugar onde furava uns canos muito grandes, para ficarem no fundo, no centro dos poços. Senti que o homem estava agastado pelo partido não contribuir financeiramente e me propus a ajudar: comecei a furar os canos. Ele tinha lá um aparelho que fazia os furos... Até que era engraçado. Mas além de Pedro ser um homem muito ignorante, os meninos também tinham começado a brigar com o filho dele... Houve esses problemas e eu não estava presente o tempo inteiro com os meninos, porque estava militando. Com essas brigas, o ambiente começou a ficar desa-

30. Expressão que significa, no singular francês *emmerder*, algo equivalente na gíria brasileira a “encher muito o saco”. [N. E.]

gradável. Tive que encontrar outro lugar onde os meninos ficassem mais bem instalados. E, assim, fomos viver em outra casa.

Sozinha, eu voltava tarde da noite para casa. Nunca tive um documento de identidade, pois cheguei ao Brasil por meio de minha condição de esposa, incluída no passaporte do Apolônio, e ninguém se preocupou de me fornecer um documento. Logo nasceu o Raul, veio a clandestinidade, e eu vivi até 1963 completamente ilegal. Sim, eu poderia ter tido um documento francês, mas vivíamos naquela clandestinidade terrível, como é que me apresentaria aos franceses no Consulado? A única pessoa que se preocupou comigo foi o Marighella. Parece que ele foi dirigir o comitê regional de São Paulo e se preocupou com a minha situação. Depois, soube que a mulher dele, a Clara Charf, certa vez tinha sido mandada pelo partido para levar livros marxistas não sei onde, foi presa por acaso e teve que bancar a maluca, porque não podia dizer quem era. Ela desapareceu e o Marighella e o partido começaram a procurá-la. Tinham pontos de contato e algum simpatizante da polícia avisou que ela estava em uma cidadezinha do interior de São Paulo. Ela realmente ficou bancando a louca, dizendo que não sabia o nome nem nada. Talvez seja por isso o motivo de Marighella ter sido um pouco mais humano comigo, preocupado que se sentia de eu sair de noite, andando de lá pra cá sem documento.

Nos comitês de São Paulo onde atuei fazíamos o trabalho de organização, porque mesmo na clandestinidade era uma fase de grande recrutamento. Depois, na comissão de educação, montamos uma espécie de Curso Stalin em âmbito regional. Quem dava aula era eu, imaginem, com meu bonito sotaque... Um sotaque terrível – todo o mundo vê logo de onde eu sou.

Nessa ocasião conheci muita gente de São Paulo e vi quanto era difícil para uma mulher sozinha militar visitando os bairros. Foi bastante difícil! Não tanto por parte dos homens, mas por parte das próprias mulheres. Da parte dos homens não tenho nenhuma queixa, mas das mulheres sim, incluindo as mães. Lembro-me de um rapaz de origem russa, ou báltica, que eu visitava frequentemente, para controle de recrutamento, na Vila Matilde. Ele já não era tão jovem assim, mas vivia com a mãe e seguramente ela não poderia sobreviver sem ele. Não sei o que ela temia, mas algumas vezes me mandava indiretas, querendo dizer: “Não mexa com meu filho!”. Ela não dizia diretamente, mas deixava clara sua intenção, e eu sentia isso.

Em agosto de 1954, Getúlio Vargas cometeu suicídio. Eu lia os jornais do partido e acompanhava a campanha quase lacerdista³¹ que se fazia contra

31. Referência a Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977). Ex-comunista, tornou-se político de extrema direita. Esteve envolvido no contexto político que contribuiu para o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. Foi governador do Estado da Guanabara, de 1960-1964, apoiou ativamente o golpe militar daquele ano.

Vargas. Após o suicídio dele, os dirigentes ficaram sem saber que rumo tomar. Lembro-me da turbulência causada pelo fato, porque naquela época o PCB fazia coro com a União Democrática Nacional (UDN)³² contra Getúlio e, depois do suicídio, foi uma reviravolta. Em novembro de 1960, houve o IV Congresso e eu participei da Conferência regional de São Paulo, de preparação para o congresso.

Com o Apolônio, eu não tinha nenhum contato... Só uma vez recebi uma carta dele que alguém trouxe. Um dia, em uma reunião o Marighella me disse: “Daqui a pouco comece a procurar um apartamento para a volta do Apolônio”. Estava me sentindo muito feliz, quando fui chamada de novo e me avisaram: “Apolônio não volta, vai ficar lá mais dois anos, e você vai para a União Soviética”. E Marighella acrescentou: “Você vai para estudar, você não vai por ser a mulher do Apolônio”. E eu segui em 1955.

Quando me deram a tarefa de ir fazer o curso em Moscou, não me deram o direito de opinar. Logo pensei: “Vou deixar meus filhos na França e eles sequer falam francês, e minha avó já é uma pessoa de idade...”. Mandei um telegrama para minha família dizendo: “Vou chegar”. Minha tia e minha avó não sabiam o porquê, e estava proibido dizer que se ia para a União Soviética. Fui para a França de navio e deixei os meninos com elas. Claro que foi um transtorno para minha família a chegada de dois meninos que não tinham nem certidão de nascimento. Minha tia, como era uma comunista ortodoxa, aceitou meus filhos como uma tarefa do partido também para ela. Nem mesmo reclamou. O partido jamais deu qualquer ajuda, ela que se virasse. Minha avó, minha tia, a Paulette e o marido, foram todos muito amigos e solidários, entendendo minha situação e recebendo meus filhos. Foi uma barbaridade, no entanto, da minha parte.

Na França, o *maire* – aqui chamado de prefeito – tem conselheiros e, felizmente, nessa época minha tia tinha sido eleita conselheira municipal e conseguiu resolver a situação dos documentos dos meninos. O registro de casamento na França é uma caderneta onde marcam o primeiro casamento, depois o segundo e outros, talvez, além dos filhos, etc. e tal. Ela conseguiu uma segunda via desse meu registro de casamento, no qual o nome do René já estava anotado, mas não o do Raul. E minha tia ela deu um jeito na *mairie* de legalizar a situação. O René estava bem alfabetizado, mas o Raul, como sempre nos mudávamos de lugar, embora já tivesse começado a ir à escola e estivesse alfabetizado, não tinha a mesma base que o René. Foi muito mais fácil, sem dúvida, para o René, que estava mais bem alfabetizado em por-

32. Agrupação política fundada em 1945, em oposição a Getúlio Vargas.

tuguês, ainda que tivesse parado de falar francês. O Raul teve um pouco de dificuldade de adaptação à vida na França.

E, dessa maneira, fiquei uma semana em Marselha, deixei meus filhos e parti para Moscou – não era coisa que se fizesse! Minha tia aceitou, mas podia não aceitar. Os meninos já estavam sem o pai havia dois anos e, a partir daquele momento, iam ficar sem o pai e sem a mãe. Não foi fácil... Por outro lado, se eu não fosse, ficaria quatro anos longe do Apolônio, o que não era justo para ele, nem para mim, nem para o nosso casamento. Para mim era trocar um tormento, o de estar longe do Apolônio, por outro, o de ficar longe dos meninos. Mas o partido era assim: ele decidia e nós obedecíamos. Se alguém não obedecesse, estava fora. E conclusão: fui para a União Soviética.

Há coisas difíceis... Remorso, por exemplo. Não sei se remorso é a melhor palavra, mas a ideia é expressar um sentimento que incomoda. Ter deixado os meus filhos lá, por dois anos, foi uma coisa que nunca ficou bem resolvida na minha cabeça até hoje. O Raul tinha oito anos e o René, dez. O René foi muito bom aluno e teve direito de ir para o liceu. Na França, pelo menos naquele tempo, a sequência normal dos cursos não levava diretamente ao liceu, que era a instituição que encaminhava para a universidade. O René teve logo a possibilidade de ir para o liceu. E Raul, que tinha mais dificuldade, se enturmou com alunos que repetiam o ano: um, dois, três anos... E se meteu com essa turma, começando a fazer algumas travessuras. Talvez fosse mais revoltado.

A UNIÃO SOVIÉTICA

Passei dois anos na União Soviética. Apolônio tinha terminado o curso que eu começaria a fazer e inventaram para ele um curso de Filosofia. Seu professor era um russo, que só falava em russo, não havia nem intérprete nem livros. O Apolônio não entrou em desespero porque não era o temperamento dele, mas ficou muito preocupado! Ele dizia: “Eu estou aqui na União Soviética, gastando um dinheiro que não é meu... O que posso fazer, se eu não falo suficientemente o russo para entender um curso sobre Filosofia?”.

Nossa escola ficava a uns 40 quilômetros de Moscou e há muito a dizer sobre o curso e sobre a seleção dos alunos, por exemplo. Havia entre eles pessoas como Jacob Goreneder, um intelectual com conhecimento marxista, e outros companheiros que tinham nível universitário, para quem era mais fácil seguir o curso. Havia companheiros, no entanto, sobretudo de São Paulo, que se tinham destacado, em uma greve ou em campanha de recrutamento de membros para o partido, mas que mal tinham o curso primário. Cheguei à

conclusão de que, ao contrário de ser uma homenagem pela militância deles, um prêmio para que estudassem e se preparassem melhor, foi uma humilhação. Entre os universitários, de um lado, e os analfabetos, de outro, havia um “meio de campo”, do qual eu fazia parte... Cada qual se ajeitava como podia. Mas fui uma boa aluna.

O curso tinha exames regulares e os alunos recebiam nota. Tinha o *atlíchi* (excelente) e não sei mais o quê, esse tipo de coisa... O professor falava em russo e sua fala era traduzida para nós em espanhol, mas nem todos entendiam. Eu, por exemplo, lia bem o espanhol, porque os livros que recebíamos no Brasil sobre materialismo, sobre marxismo, eram em espanhol. Ouvir o espanhol já é algo diferente – então imaginem uma pessoa analfabeta em português, que recebe um curso em russo com tradução para o espanhol, ao qual não está acostumada... Era um desastre!

O curso acontecia na Escola Superior do Partido, mas que era mais ou menos superior. Era conforme o grau de aproveitamento de cada um. Lembro-me de que o primeiro curso que tivemos lá foi de História da Rússia, um assunto interessantíssimo. Não havia, entretanto, livro para facilitar nossos estudos, e a professora, muito simpática, feminista, e de quem gostávamos muito, falava disparada como uma metralhadora giratória. A moça que traduzia falava muito bem o espanhol, mas História da Rússia não era a especialidade dela e a tradução era bastante aproximada. E às vezes a tradutora se perdia, porque a professora falava rápido demais. Os registros do meu caderno naquela disciplina ficaram estranhos, pois havia uma frase começada e depois abandonada; depois outra frase abandonada etc...

O que resultou disso? Na hora de fazer o *zachót* (exame) procurei os cadernos, porque não havia livros e não era possível guardar tudo na cabeça, o ritmo era intenso. Do que a professora tinha dito ficávamos com uma lembrança vaga. Estava preocupada e pensava: “Como serei aprovada nesse exame? Não guardei nada e não tenho nada escrito!”. Estava meio em pânico. Depois me dei conta de que todos estavam na mesma situação que a minha, e até alguns se queixaram à direção do nosso coletivo, dizendo que não podiam fazer esse exame porque não sabiam nada. Fiquei um pouco aliviada ao ver que não era a única nessa situação.

Na turma do Apolônio, estavam Armênio Guedes³³, Mário Alves e Pedro Pomar. Moravam em uma propriedade antiga, muito bonita e grande

33. Armênio Guedes, intelectual, membro do PCB desde a juventude e um dos fundadores da *Revista Seiva*, na Bahia. Membro da direção partidária desde 1943, como suplente do Comitê Central, foi membro da comissão executiva do partido nos anos 1970, até seu afastamento, no início dos anos 1980. [N. E.]

– devia ser mais do que uma *datcha*, uma espécie de casa de campo –, com muitos quartos, e lá ficavam os homens. Depois havia um pavilhão, um pouco mais afastado que foi onde eu e Apolônio ficamos, que também alojava os alunos, homens. Não era nada cômodo, porque tinha um único banheiro, bem grande, mas nunca havia horário para mim. E ainda o pessoal do coletivo tinha inventado de fazer ginástica no corredor, de manhã... Ao invés de dormir, todo o mundo ia fazer ginástica no corredor que levava ao banheiro. Foi uma situação complicada. Nunca me queixei, mas depois alguém deve ter se dado conta de que, para um casal, para uma mulher, ficar sozinha no meio dos homens era difícil para tomar banho, essas coisas... Então, nos colocaram em um prédio moderno, um pouco mais afastado, onde ficavam as companheiras: moravam todas em um único apartamento. Mas Apolônio e eu tivemos, enfim, um apartamento só para nós, uma maravilha!

Havia, portanto, no curso, o problema da seleção dos companheiros e o da falta de livros. Tive livro apenas no final, na última fase do curso, com o estudo de *O Capital*. Havia uns cinco ou seis exemplares da obra clássica de Karl Marx em espanhol para 40 pessoas, e uns três exemplares em francês. Os companheiros preferiam ler em espanhol e faziam grupinhos de estudos. Dos exemplares em francês, o Jacob Gorender ficou com um, e eu fiquei com outro exclusivamente para mim. Dessa forma, *O Capital* eu estudei muito melhor, porque tinha o livro. Não sei como organizaram um curso assim, sem livros!

O Apolônio ficou estudando quatro anos na União Soviética. Primeiro, fez o curso de dois anos com um grupo de alunos em que estavam outros brasileiros, e, posteriormente, o curso de Filosofia. Ficaram dois brasileiros lá: o Apolônio e um jovem a quem chamávamos Pepe, que se dedicou a estudar Economia. Mas sem livro, sem tradutor... Até o momento em que o Apolônio falou com a direção da escola dizendo que não se sentia capaz, que estava aquém do que esperavam dele; sentia ser um desperdício ficar dois anos estudando naquelas condições... Nada, porém, se resolveu e ele continuou.

O professor de Filosofia era um jovem atualizado. Dava até para pensar que devia ter pressentido alguma mudança na União Soviética depois da morte de Stalin. Já os outros eram desses professores conformistas que iam repetindo suas aulas. O professor de Economia Política, por exemplo, dava *O Capital* em russo, e o tradutor era um espanhol que desde criança vivia na União Soviética. Era muito malandro! Ele traduzia, tomávamos nota e, depois, percebíamos que ele já tinha traduzido antes de o professor falar... Chamava-se Perez e era muito engraçado!

O contato com o povo russo foi pequeno. Tinha o pessoal de serviço, as cozinheiras, as enfermeiras, e íamos regularmente à policlínica. Havia

uns verdadeiramente fãs da policlínica, porque estavam sempre indo para lá... Tivemos um primeiro contato quando fizemos uma viagem pelos canais e rios até os montes Urais. Eles nos levavam ao Teatro Bolshoi e, depois do espetáculo, íamos ao *foyer* beber 150 gramas de champanhe – era por gramas, naquela época, víamos algumas pessoas, de certa forma privilegiadas, que tinham acesso ao Bolshoi, assim como nós tínhamos de vez em quando.

Nesse período, meu espírito crítico apareceu um pouco, timidamente. Ver as mulheres, naquele frio, trabalhando na construção civil, ainda se podia relevar porque a situação era muito difícil em 1955, contando apenas dez anos após uma guerra que matou 20 milhões de soviéticos. No entanto, quando eu via a arrogância de alguns dirigentes intermediários, era impossível não me revoltar. Chegavam cheios de empáfia em automóveis com cortinas na janela, guiados por motorista particular.

Durante o curso deu para perceber alguma mudança trazida pelo Informe de Krushev³⁴. Tínhamos começado a fazer o curso de História do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) com aquele livro, *História do Partido Comunista da União Soviética*, que saiu em 1939, pouco antes da guerra – lembro-me de ter tido o livro nas mãos, na França. Pois bem, começamos a estudar. O diretor da escola era justamente um professor de História do PCUS, que fazia sua tese de doutorado e enquanto escrevia foi o diretor da escola e controlava as aulas. A primeira aula foi dada por um professor velhinho, que começou a falar sobre Stalin: de como ele era modesto, desde a infância, e suas muitas qualidades etc. Via-se que o diretor estava pouco à vontade, por fim, o velhinho não retornou. Para a segunda aula veio lecionar uma senhora, também não aprovada pelo diretor. Somente depois é que veio nos dar o curso um professor da escola do partido em Moscou, um universitário mais antenado. Mas era uma chatice: congressos e mais congressos... Meu Deus! Não conseguia suportar!

Nas férias fizemos uma viagem muito bonita. Fomos por navio pelo canal de Moscou e depois chegamos por outro caminho até os Urais. De lá, não me lembro se de trem, visitamos um campo de petróleo, onde só uma delegação de industriais brasileiros tinha ido – foi na época em que houve aproximação comercial com o Brasil. Não sei exatamente, mas parece que o Brasil tinha desenvolvido melhor tecnologia para perfuração, uma perfuradora que não se gastava tão rápido. Sei que uma delegação brasileira de industriais, de empresários, tinha feito uma visita; foi o que nos disseram. Fomos a segunda

34. Em fevereiro de 1956, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Krushev apresentou um informe denunciando os crimes realizados a mando de Joseph Stalin.

delegação a visitar esse campo, em uma cidade chamada Oktobre. Era uma cidade criada, toda novinha, ao modo soviético, meio grandiloquente, mas era bem ajeitada. Depois fomos visitar uma república asiática.

Lá tivemos certo contato com a população. Ao chegar, haviam organizado um baile e chegamos a dançar com a população local. Em outro lugar, ao qual fomos de trem, os membros da direção local do partido levaram as esposas para receber nossa delegação. Quando foram nos buscar para recebê-las, porém, tratamos de escapular, não queríamos saber das esposas desses dirigentes russos antipáticos. A população do local era asiática, mas a direção do partido era toda russa. Eu aproveitava esses episódios e dava cotoveladas no Apolônio, para chamar a atenção dele sobre isso... Nós escapulimos das autoridades e muita gente foi se juntando em torno de nós, pessoas que nunca tinham visto estrangeiros na vida. Tínhamos um companheiro negro que fez sensação!

Esse contato com a população foi muito agradável. Já tínhamos mais de um ano de russo, já entendíamos melhor o idioma. Embora eu, particularmente, não tenha chegado a estudar bem a língua, porque tive de escolher: ou estudava o russo ou o marxismo, e era para estudar marxismo que tínhamos ido.

Visitamos também uma fábrica de tecelagem. Que má impressão guardei dessa fábrica! Em nosso grupo, havia duas moças tecelãs de São Paulo, e nessa fábrica visitada praticamente trabalhavam só mulheres; havia um ou outro homem trabalhando. Era a primeira vez que viam gente de fora e as mulheres se juntaram em torno de nós. Havia um contramestre com uma cara patibular, horrível! Sabe um guarda de campo de concentração? Era a cara desse cidadão. Nós ficamos muito chocadas, porque ele não sabia que nós conhecíamos um pouco de russo. Ele falava bruscamente às mulheres para elas voltarem imediatamente às máquinas: *rabótaitie, rabótaitie!* (trabalhem, trabalhem!). Uma dessas companheiras, tecelã em São Paulo, comentou: “Se um contramestre falasse assim conosco, entraríamos em greve imediatamente!”.

Uma vez fomos visitar um *sovcós* (uma fazenda estatal socialista), cuja dirigente era uma dessas mulheres capazes de virar o mundo às avessas – ela era entusiasmada! Nós fomos almoçar e tivemos que esperar um pouco. Havia de entrada aqueles pães camponeses em fatias grossas, que ela comia uma atrás da outra, de modo extraordinário! E ali nos chamou a atenção a precariedade das instalações. O banheiro era um lugar fechado e um buraco... Não era uma fossa preparada: era um buraco cavado no chão, horrível!

Em 1975, pude retornar à União Soviética. O Apolônio estava no exílio, eu trabalhava em Paris, e o comitê da empresa em que eu trabalhava organizou uma viagem para a União Soviética. Para nós, com a contribuição do comitê de empresa, saiu muito barato. E como podíamos levar pessoas

da família, meu irmão e cunhada foram comigo. Eles pagaram o preço normal, mas aproveitaram para ir comigo, porque nunca teriam coragem de ir sozinhos a um país cuja língua não falassem. Também eu propriamente não falava russo, mas não me sentia tão alheia a tudo. Ficamos em um hotel chique, mas muito antigo, em Moscou. Não me lembro agora o nome do hotel. Chegamos e imediatamente nós, mulheres, procuramos um banheiro. E novamente constatei a precariedade: havia cinco ou seis banheiros um ao lado do outro, separados por uma placa metálica cheia de buraquinhos... Foi um hotel que as tropas de Hitler quase alcançaram, de tão perto que chegaram de Moscou. Hitler tinha dito que, entrando em Moscou, instalaria seu quartel-general nesse hotel.

No período anterior, quando estive na União Soviética para o curso, conheci Moscou muito pouco. Uma vez fomos visitar o Kremlin; íamos ao Bolshoi e passeios assim dirigidos, mas não conhecemos a cidade. Dessa segunda vez, em 1975, foi que conheci melhor a cidade, com a excursão que fizemos.

Mas voltando a 1956, a respeito do XX Congresso... Houve aquele problema do curso de História do Partido Comunista e depois, quando fomos fazer a viagem a que me referi, fomos recebidos pelo procurador geral dessa República asiática autônoma. E o procurador tratou, do ponto de vista jurídico, de certas infrações que o Estado soviético havia cometido. Ele não comentou em *gulag*, claro, mas falou de mulheres presas, trabalhando na derubada de árvores na floresta, o que era desumano.. E falou de outras coisas para dizer que a União Soviética tinha corrigido esses erros. Mas para nós soou estranho: ele falar desse tipo de infração, que em prisões havia mulheres cortando árvores e tal. E houve outros pequenos sinais que, depois, na volta à escola, nos indicavam que havia mudanças. Talvez na época nem tivéssemos chegado a raciocinar. Eram apenas impressões vagas.

Naquela época, eu tinha dúvidas, não gostava de várias situações que via. Começamos a pensar mais criticamente, porém, a partir do XX Congresso do PCUS. Tínhamos poucas informações e nem tivemos acesso ao Informe de Krushev. Quando do XX Congresso chegou o Arrudão, que participou dele. Não sei se cheguei a ver outro companheiro, sei que o Arrudão foi nos visitar na escola. Não nos deu nenhuma informação e foi para a China antes de voltar ao Brasil. Os grandes partidos souberam do informe de Krushev, assim como o francês e o italiano, certamente. Quando começaram a vazar as informações, os partidos diziam que tudo não passava de provocação da CIA, o serviço de inteligência norte-americano, Central Intelligence Agency. Diziam que o informe não era verdadeiro. Todos os partidos disseram isso.

Em Moscou, eu e Apolônio não soubemos de nada, apesar dos indícios que percebíamos. No Brasil, quando as notícias chegaram, houve forte impacto: declarou-se uma crise, sobretudo no movimento universitário e entre profissionais liberais simpatizantes que contribuíam para o partido. A crise que eclodiu no PCB acabou por antecipar a volta dos companheiros que estavam na União Soviética e tinham certo destaque, em nível de direção. Os outros ficaram para voltar mais espaçadamente. Por isso, o Apolônio voltou antes de mim, em fevereiro ou março... E eu voltei em julho.

A maioria dos participantes que voltou mais tarde, incluindo a mim, assistiu ao último curso sobre a história do PCUS. Meu interesse naquela sucessão de congressos e conferências, contudo, era pequeno, conforme comentei. Decidimos começar a traduzir documentos de outros partidos, para informar aos companheiros do Brasil. Às vezes traduzíamos do espanhol, mas na maioria das vezes o que fazíamos era datilografar esse material. Foi aí que tivemos acesso a algumas informações. Entretanto, persistia a dúvida: o relatório era verdadeiro? Existia mesmo? Na União Soviética não se dizia que era do Kruschev.

Já havia certa inquietação por lá. Falou-se que antes de fazer seu informe, houve outro, de alguém que não era um dos nomes conhecidos da direção do PCUS. Posteriormente, li sobre o tema em um livro que se chama *Stalin*, escrito por um general, um burocrata, que sempre trabalhou com arquivos. Ele afirma que houve um informe antes daquele de Kruschev. E ia mais longe em relação às denúncias dos crimes de Stalin: ressaltava que, na iminência do Congresso e de se dar a conhecer tais denúncias, Kruschev teria feito um documento mais brando do que o primeiro. Não sei se isso é verdade.

Em julho de 1957, fui para a França buscar os meninos. Passei quase um mês, porque eles estavam em uma colônia de férias. Antes, quando Apolônio voltou, também passou para vê-los, e a minha tia, falando do Raul, disse: “Esse menino não faz nada na escola, me preocupa...”. Apolônio então foi visitar o professor, para se informar do que estava acontecendo... O professor era chamado por Raul de barba *à poux*. Como estava na moda, o professor usava barba e a garotada, a turma do Raul, que era uma turma levada, dizia que ele tinha piolho, era “barba de piolho”. Coitado do professor! Mas, enfim, o professor disse ao Apolônio: “O que é que o senhor quer? Eu tenho 45 alunos. Há uma boa parte de argelinos, outros de não sei onde, que mal conhecem o francês. Seu filho também chegou aqui sem conhecer o francês. Eu dou o curso para os que querem me ouvir, os que estão na frente!”. E o Raul sentava-se em uma cadeira no fundo da sala. O professor ainda emendou: “Os que querem me ouvir vão seguindo, os outros, o que o senhor quer

que eu faça? Tenho 45 alunos, que não são franceses, não falam a língua. Não posso fazer nada!”.

Mas o Raul, pelo fato do pai ter falado com o professor, no mês seguinte foi o primeiro da turma! O Apolônio já tinha ido embora e Raul levou o boletim para a minha tia e ela não acreditou! O Raul voltou à escola e disse, satisfeito: “Professor, minha tia não acreditou!”. E o professor mandou um certificado... Meus filhos estavam perturbados com a nossa falta e quando cheguei estavam um pouco ressentidos. Eu merecia...

AGOSTO DE 1957, NOSSO RETORNO AO PAÍS

Quanto retornamos ao Brasil, foi a primeira vez em que os meninos voaram. Atravessar o Atlântico de avião foi um acontecimento, eles ficaram realmente felizes! Devemos ter chegado ao Brasil em agosto de 1957... Passei julho com nossos garotos e chegamos em agosto, em plena crise do partido com as denúncias do culto à personalidade.

Nesse meio tempo, enquanto eu ainda estava na União Soviética, Apolônio passava dificuldades aqui. O partido não tinha dinheiro, Apolônio não tinha apartamento, estava morando em um subúrbio, em Olaria, cidade do Rio de Janeiro, na casa de um companheiro comerciante. Ele não comia sempre na casa desse companheiro porque não queria pesar. Algumas vezes não tinha dinheiro nem para pagar o ônibus, quanto mais para comer fora. Um dia em que devia estar mais enfraquecido, atropelou uma locomotiva... Em Olaria, havia um ponto em que se atravessava a linha do trem. Uma locomotiva estava manobrando, felizmente em pouca velocidade, e o Apolônio vinha caminhando e, literalmente, atropelou a locomotiva.

O Comitê Central tinha sido convocado para discutir a crise provocada pelo informe do Kruschew e, talvez, também o caso do Agildo Barata³⁵. O Apolônio na ocasião do acidente estava levando uma pasta com o documento que tinha escrito sobre o assunto. Citei que foi ele quem atropelou a locomotiva porque bateu nela com o braço e fraturou o osso. Ele não desmaiou nem largou a pasta. Foi socorrido por populares e levado ao Hospital Getúlio Vargas, na Penha, e ficou lá com os documentos da reunião. Queria sair de qualquer jeito, ainda que lhe cortassem o braço... Mas teve de ficar bastante

35. Agildo da Gama Barata Ribeiro (1905-1967), oficial do Exército, entrou para o PCB em 1935. Em novembro desse ano foi um dos dirigentes do levante no 3º Regimento de Infantaria. Foi ativo membro da comissão de finanças do partido, eleito para seu Comitê Central no IV Congresso. Depois do chamado relatório Kruschew pôs em dúvida a necessidade da existência do partido, do qual pediu afastamento em 1957, sendo expulso logo depois.

tempo, porque tivera fratura exposta. Puseram uns grampos, e imagino que tenha ficado umas três semanas com o braço na tipoia. Isso tudo não deu certo, no entanto, e teve que ser operado. Apolônio acabou não participando da reunião do CC. E, por fim, houve uma consequência para a sua saúde, afinal ficou com um braço mais curto do que o outro e uma cicatriz grande, porque não fez fisioterapia. Onde é que faria fisioterapia naquela época?

Estava fora do Brasil e, por isso, não acompanhei as divergências expressas pelo Agildo Barata nem a revolta dos estudantes, intelectuais e profissionais liberais, que exigiam a publicação e a discussão do informe de Kruschew. A saída do partido desses intelectuais e profissionais liberais acarretou também uma crise financeira no PCB. Soube desses fatos, mas não os vivi.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, Apolônio já tinha encontrado um apartamento, em uma rua do Jardim Botânico. E continuaríamos naquela pindaíba total! Estávamos acostumados... Os meninos foram para a escola com seus nomes verdadeiros e a situação normalizou-se. Conheci filhos de membros do Comitê Central que não estudavam, mas tudo que queria era que os meninos estudassem. Por intermédio da comissão de finanças em que trabalhava conheci um casal, o marido era contador de escolas particulares e sabia que certas escolas davam bolsas de estudo. Esse senhor foi muito gentil, sabia que eu tinha dois filhos em idade escolar e conseguiu uma bolsa para um colégio em Copacabana, o Colégio Mello e Souza, na época um dos melhores do Rio. O René estudou lá e foi muito bem. O Raul recuperou-se bem nos estudos, fez o curso de admissão e passou ao ginásio, indo também para o Mello e Souza. A Lucinha, filha do Mário Alves, também estudou lá. Era na avenida Copacabana, numa rua transversal tinha o Mallet Soares, outro bom colégio. No Mello e Souza, a diretora era uma senhora progressista – lembro-me de que na época do René ela resolveu, em vez de dar cursos de espanhol ou de francês, substituí-los por inglês e russo. Tinha havido aqui uma exposição industrial soviética, que fez o maior sucesso, e essa diretora valorizou o desenvolvimento que vinha da União Soviética e resolveu dar o curso de russo. As aulas eram dadas pela Lúcia Prestes e uma senhora russa, já idosa. A ideia era atraente, mas era um curso secundário, e o René, por exemplo, quando teve que estudar o alfabeto russo não se interessou, não aproveitou quase nada.

Ao chegar ao Brasil, Prestes já estava saindo da clandestinidade, aparecendo um pouco. A linha do partido tinha mudado e ele dizia da nova orientação política. Fazia reuniões com personalidades, com alguns grupos mais importantes. Viviam-se uma legalidade de fato, não *de jure*, mas de fato. Agora a comissão executiva tinha uma sede, conseguida pelo nosso amigo arquiteto,

Oscar Niemeyer³⁶. Era uma sede muito bonita e chique, não sei se era no edifício Odeon... Era um desses grandes edifícios antigos, da Cinelândia.

Fazíamos a discussão sobre o informe de Krushev, Apolônio e eu, e ele começava a admitir certas coisas que antes, por fidelidade, não admitia. A bem da verdade, as denúncias de Krushev não representaram para nós um choque imenso, em razão de muitos fatos que vínhamos percebendo. Tinha havido o problema da invasão soviética na Hungria³⁷, em 1956, que discutimos no coletivo. Ouvíamos as rádios estrangeiras, para fazer um jornal para o coletivo pela manhã e chegamos a criticar a intervenção da União Soviética na Hungria. Mas abertamente contra só ficou o Jacob Gorender. De qualquer forma, aquela fidelidade incondicional que tínhamos começava a deixar espaço para discutirmos, para questionamentos.

A QUASE LEGALIDADE

Em março de 1958 houve o Manifesto de Março, uma abertura política. Prestes apareceu em público e o partido começou a voltar à legalidade.

Voltei à militância, fiz parte durante certo tempo da Comissão Nacional de Finanças, justamente porque as finanças estavam destruídas. Nessa comissão, eu dava assistência a um grupo de estrangeiros. Havia franceses, alemães, um casal italiano, e judeus que estavam imigrados no Brasil – era um grupo de estrangeiros que contribuía para o partido. Para esses estrangeiros, eu organizei uma reunião com Prestes, que explicou a experiência diferente então vivida pelo partido.

Outra atividade por mim realizada foi dar um curso para os marítimos, para o Comitê dos Marítimos. O Apolônio tinha começado um curso de História do Movimento Operário, que ele dava com o Pedro Motta Lima³⁸, que morreu na Tchecoslováquia. Os dois tinham começado a dar o curso em rodízio e depois, não sei o que houve, eles não puderam mais e me pediram para continuar. Fiquei meio apavorada... Já tinha dado algumas aulas em São Paulo, quando estive sozinha lá e trabalhei na comissão de educação, um curso sobre os documentos do partido, mas para mim não era fácil. Preparei as aulas com base no que eu tinha estudado na União Soviética sobre o movimento

36. Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer, nascido em 1907, comunista e arquiteto brasileiro pioneiro na exploração do uso de concreto armado. Junto com o arquiteto Lúcio Costa, foi responsável pelas principais edificações públicas do governo federal, em Brasília-DF. Apoiou Prestes quando este rompeu com o PCB em 1980.

37. Invasão da Hungria por tropas soviéticas, em novembro de 1956, para debelar o levante de outubro do mesmo ano contra o governo comunista húngaro.

38. Pedro Motta Lima, intelectual e jornalista ligado ao PCB. Foi um dos diretores do jornal *Tribuna Popular*, publicação partidária que circulou de 1945 a 1947.

operário e terminei o curso que eles haviam começado. Os marítimos ficaram entusiasmados – não comigo, mas com o curso... – e pediram outro curso, sobre marxismo. Com base no que tinha aprendido em Moscou, também dei mais esse curso, que durou alguns meses, e acabou mais ou menos na época do golpe militar – e teve consequências para mim, como se verá mais adiante.

O Apolônio tinha montado uma pequena editora, nos primeiros anos do governo do Juscelino Kubitschek (JK). Traduzíamos material vindo dos partidos comunistas da Europa: eu traduzia do francês ou do espanhol, havia uma pessoa que traduzia do russo. Traduzíamos, datilografávamos, corrigíamos e mimeografávamos. Tudo isso ao mesmo tempo, em uma sala bem pequena! Esse trabalho era distribuído para os membros do Comitê Central, e certos documentos iam diretamente para o Prestes. Não tinha ligação com a editora do partido, a Vitória, era diretamente ligada ao Comitê Central. Trabalhei lá certo tempo e também secretariava as reuniões do comitê, com mais uma ou duas companheiras.

Apolônio era membro suplente do Comitê Central. Não posso dizer com certeza desde quando, creio que desde a chegada ao Brasil, mas ele era suplente, nunca foi efetivo. Às vezes, extraordinariamente, era chamado para participar das reuniões. Como estava mal utilizado e sem responsabilidades, quase sem ter o que fazer, Apolônio criou a comissão de educação – talvez a primeira vez na história do PCB. Para Apolônio tratava-se de um compromisso com o partido. Ele queria transmitir aos companheiros do partido o que ele tinha aprendido nos quatro anos de estudo na União Soviética.

O enorme sucesso dos primeiros cursos que organizou no Rio de Janeiro e os pedidos para que os cursos fossem realizados em outros estados foi o que levou à oficialização da comissão de educação. Pernambuco foi o primeiro estado depois do Rio a receber os cursos. Para compor a comissão, Apolônio chamou o Gorender e um jovem professor da Faculdade de Economia, João Pedro. E a comissão executiva nomeou Mário Alves responsável pela comissão.

Apolônio escrevia também aquela famosa coluna de *Novos Rumos* – o jornal do partido na época. E “Teoria e Prática” não sei se foi invenção dele, mas é bem capaz de ter sido, porque, se bem me lembro, nessa época Apolônio já sentia certo mal-estar no partido. Talvez não fosse muito consciente e não sei bem se era com a linha do partido, mas a insatisfação já estava presente.

Apolônio tinha escrito muitas emendas às teses apresentadas ao V Congresso, em 1960. Na ocasião dos congressos a discussão estava aberta e havia um chamado para que se fizessem emendas ao documento. Mas suponho que ninguém tomava conhecimento delas. Apolônio foi quem organizou o

congresso, do ponto de vista da organização material. Penso que certas pessoas estarem no Comitê Central e o Apolônio em tarefas de retaguarda não fazia o menor sentido.

E vejam como eram as coisas entre os companheiros e a direção. Certa vez, não sei se foi no Rio ou em São Paulo, Apolônio estava procurando uma casa para reuniões. Ele procurou durante bastante tempo, mas não encontrava uma casa que achasse segura. Inclusive ele tinha visto uma, gostou, e quando foi tomar um café em um bar que tinha em frente ouviu várias referências a um policial que morava ao lado. Ele disse aos companheiros: “Tem uma casa que seria muito boa, mas ouvi falar de uma pessoa da polícia que mora em frente, pode prestar atenção à reunião”. Logo depois tiraram o Apolônio da tarefa... E outro companheiro procurou casa e encontrou uma. Apolônio participou da tal reunião, indo para lá de olhos fechados, como era devido. Entrou na casa e viu logo que era a tal casa que ele tinha rejeitado por morar um policial ao lado. E logo foi conversar, talvez com o Arruda: “Olha, foi com essa casa que eu não fiquei por causa do policial na vizinhança!”. E então começaram a dizer: “O Apolônio abriu os olhos e sabe a casa onde nós estamos...”. Uma coisa maluca!

Lembro-me também da luta pela legalidade do partido, dos abaixo-assinados, isso já depois de 1960. O V Congresso eu secretariei, não me lembro exatamente agora se foi uma reunião preparatória ou o próprio congresso, mas talvez tenha sido o congresso, porque outra vez o Apolônio não foi eleito membro efetivo do Comitê Central. Ele continuou suplente... E lembro-me de uma crítica que o Dias fez, dizendo que o Apolônio não dava opinião... O Apolônio acabava de fazer uma porção de emendas às teses, entregara essas emendas, mas como ninguém lia... O Giocondo disse: “O Apolônio permanece como suplente porque ele não dá opinião”. “Dar opinião” talvez fosse participar de panelinhas, e Apolônio realmente nunca participou de nenhuma panelinha; nunca manteve relações particulares com um ou com outro. E como era responsável pela organização do congresso, não tinha muita oportunidade de ficar conversando com os companheiros. E o Dias era de formar grupinhos, com o Alberto Passos Guimarães³⁹, com o Armênio. Apolônio sempre deu a opinião dele por escrito. Mas o Dias falou isso do Apolônio, na reunião do congresso, e eu tomando nota... O grande mecanismo de promoção no partido era pertencer a grupos e panelinhas. Arruda e Giocondo Dias, antes de serem dirigentes nacionais, mantiveram estreita ligação com Prestes, foram responsáveis, cada um em certa época, pela segurança do secretário-geral.

39. Alberto Passos Guimarães (1908-1993), intelectual e escritor, membro do PCB.

Àquela altura, começamos a nos abrir mais à discussão e começamos a ter mais espírito crítico, e em decorrência começamos a sentir certo mal-estar. Apolônio começava a ter dúvidas sobre a política do partido. O trabalho dele nunca foi aproveitado na esfera política nem prática. E havia muitos membros do Comitê Central que não faziam nada, viviam como funcionários burocráticos, dependendo da ajuda do partido, sem qualquer atividade ligada à produção; e pela idade de muitos sem possibilidade de voltar a encontrar trabalho. Eram pessoas muitas vezes capazes, que poderiam ter tido uma vida profissional importante fora do partido, mas ele e as famílias dependiam da organização. E isso não era bom.

Nessa época, o Apolônio levava ao Prestes a tradução de material teórico de outros partidos comunistas. Prestes morava com a Maria Ribeiro⁴⁰ e a filha-rada toda, na rua 19 de Fevereiro. Prestes o convidava também para a discussão com personalidades, quando precisava ter a seu lado um companheiro capaz de desenvolver conversações. E pouco a pouco começou a utilizar Apolônio um pouco como secretário. Apolônio, no entanto, sempre foi muito independente e não gostou desse tipo de relação, fazendo o possível para se livrar do encargo. Nessa casa, na rua 19 de Fevereiro, a Maria vivia nos fundos com os filhos e quem recebia as pessoas, os jornalistas, eram a Lygia⁴¹ e a Anita⁴². Apolônio sempre dava um jeito de passar lá nos fundos para dar um abraço na Maria.

A Lucia Prestes, que vivia um pouco fora da família, também conheci um pouco. Conheci bem a Heloísa⁴³, de quem eu gostava muito, a Clotilde⁴⁴, que também era da comissão de finanças, era uma boa pessoa. A Lygia eu tinha conhecido na União Soviética, porque ela e Anita naquela época viviam lá e apareciam de vez em quando, nos fins de semana, em nossa escola. Em Moscou conheci a Júlia, irmã de Armênio Guedes e mulher do Rui Facó⁴⁵, que estava doente e morreu lá. A Lúcia Prestes foi casada com um russo, com quem teve um filho, Roberto Nikolski. Depois, casou-se com Otávio Brandão⁴⁶, com quem teve duas filhas. Roberto Nikolski é físico, professor da Universidade

40. Maria Ribeiro Prestes, nascida em 1930, foi militante comunista e a segunda esposa de Luís Carlos Prestes desde 1950, com quem teve sete filhos.

41. Lígia Prestes (1913-2007), irmã de Carlos Prestes e também militante comunista.

42. Anita Leocádia Prestes, nascida em 1936, é filha de Olga Benário e Luís Carlos Prestes. Foi membro do Comitê Central do PCB de 1976 a 1979. Em 1980, juntamente com Prestes, rompeu com o partido. É professora de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

43. Heloísa Felizardo Prestes (1900-), irmã de Prestes, militante comunista.

44. Clotilde Felizardo Prestes (1898-), irmã de Prestes, militante comunista.

45. Rui Facó (1913-1963), jornalista e escritor, foi membro do PCB.

46. Otávio Brandão (1896-1980) fez parte do movimento anarquista no início do século e filiou-se ao PCB logo após sua fundação, em 1922. Foi um dos dirigentes do partido e um dos fundadores do jornal comunista *A classe operária*, em 1925. Em 1931 foi deportado por Getúlio Vargas e viveu na União Soviética, voltou ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Afastou-se do partido depois de 1956.

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1964 ele era mocinho ainda e parece que foi encarregado de esconder as cadernetas de Prestes, que estavam na casa onde ele morava com a Maria. O Roberto teria ido limpar a casa e não viu as cadernetas, que Maria colocara entre as roupas das crianças.

MINHA EXPERIÊNCIA NA COMISSÃO DE FINANÇAS

Há certas coisas pelas quais passei que são desagradáveis até de contar... A questão financeira era muito difícil. Logo que voltamos da União Soviética, fui trabalhar na comissão de finanças. Éramos dois militando no partido em tempo integral, eu e Apolônio, mas só Apolônio recebia ajuda de custo para viver, a qual era ínfima, não permitindo a sobrevivência de um casal e dois adolescentes. E eu ia buscar a contribuição financeira de companheiros e simpatizantes por todo o Rio de Janeiro. Lembro-me de dentistas que contribuíam, em Olaria, em Cascadura... E era eu quem pagava a passagem nessas viagens de recolhimento dos valores de contribuição.

O Marighella foi responsável pela comissão de finanças, mas eu não estive lá nessa época. No período em que ali atuei, era um velho militante de 1935 que a administrava, um militar que participou do movimento na Escola de Aviação Militar. Era ótima pessoa, eu gostava dele, mas ele era grosso! Um dia, fui receber a ajuda de custo do Apolônio e ele me disse: “Não vou entregar não, você está visitando tais e tais pessoas. Esse dinheiro que é a ajuda do Apolônio acaba ficando com você!”. Fiquei tão chocada com isso, mas tão chocada! Nem sei se respondi alguma coisa... Dizer alguma coisa era para ser chamada de pequeno-burguesa. Mas considerei a atitude dele de absoluta falta de sensibilidade e pensei: “Sabe de uma coisa? Vou trabalhar e não fico mais nessa comissão!”. E, dessa forma, larguei essa atividade.

O Apolônio acabou por se queixar à direção da nossa situação financeira. Não sei se por coincidência, um dia, em 1962, Prestes me mandou um bilhete, pedindo que eu fosse trabalhar na Embaixada da Hungria, que estava se instalando aqui. Os húngaros tinham uma casa no Cosme Velho e mais nada, estavam começando as relações diplomáticas efetivas entre Brasil e Hungria. A Lygia Prestes trabalhava na embaixada da Bulgária, porque os búlgaros têm o alfabeto cirílico, um pouco parecido com o russo, e ela falava bem russo. E eu fui para a da Hungria, porque a língua diplomática dos húngaros era o francês. Fui e ajudei nos primeiros trabalhos da embaixada. Fui muito ajudada pela mulher do Jacob Gorender, Idalina, que trabalhava na embaixada da Tchecoslováquia. Suponho que as relações foram reatadas antes com a Tchecoslováquia, e então ela conhecia toda a burocracia da correspondência diplomática.

Existe uma série de procedimentos que precisavam ser aprendidos e, nessa tarefa, foi Idalina quem me introduziu: as notas verbais (são as cartas: quando uma embaixada se dirige ao Itamaraty informalmente, sem assinatura); a terminologia diplomática; as cartas pessoais e os modelos de cartas; o estabelecimento de certos contatos com jornalistas e outros setores. E assim fiquei lá por 13 anos, ajudando a embaixada – aliás, não era embaixada, mas sim legação. Idalina e eu acabamos tendo um contato muito bom. Esse foi um trabalho agradável, sobretudo nesses primeiros momentos, em que eu sentia a utilidade mais demarcada do auxílio que eu prestava. Depois veio a rotina, de modo que passei a ver o ritmo da atividade com outro olhar.

A Hungria foi, nesse momento, uma solução, embora pagassem mal. Uma amiga que trabalhava em outra embaixada insistiu muito, durante uma conversa, em saber quanto eu ganhava. Por fim, depois de tanto ela insistir acabei dizendo. Sua resposta foi clara: “Por esse dinheiro eu não aceitava nem sair de casa!”.

Ainda nessa época fiz algumas traduções para a editora Vitória, a editora do partido, cujo responsável era o José Gutman⁴⁷. Traduzi alguns dos primeiros livros de Lênin⁴⁸, a exemplo de *Que fazer?, Um passo adiante e dois atrás*, e mais outros. O Gutman, porém, não colocava meu nome como tradutora. Meu nome não aparecia... Nunca entendi o motivo – discuti isso com o Apolônio. Fiz muitas revisões para a editora Vitória, entre elas houve uma de um livro sobre o Gueto de Varsóvia⁴⁹. Fiz a revisão desse texto com um rapaz, um dos filhos do Henrique Cordeiro, que chamávamos de Cordeirinho, de quem eu gostava muito e era simpático.

MOVIMENTO ESTRANHO, ERA O GOLPE CHEGANDO

Depois do V Congresso do PCB, em 1960, foram adotadas mudanças na linha política, e o partido participou das eleições. Nessa época, eu trabalhava na embaixada da Hungria e militava no bairro, na base do Jardim Botânico, no Comitê da Zona Sul, do Rio de Janeiro. Fazia tarefas comuns,

47. José Gutman (1914-2009), oficial do Exército. Foi um dos tenentes que, em 1935, participou do levante de novembro no 3º RI, como membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Gutman nunca se filiou oficialmente ao partido comunista, mas foi seu colaborador efetivo.

48. Vladimir Ilitch Ulianov Lênin (1870-1924), político russo, líder do partido social-democrata russo, mais tarde do grupo bolchevique e do Partido Comunista Russo. Líder da Revolução de outubro de 1917 que instaurou a República Socialista da União Soviética e criador, com Leon Trotski, da Terceira Internacional.

49. Local em Varsóvia onde os judeus foram confinados, quando da ocupação da Polônia, em 1939, pelos nazistas. O gueto revoltou-se e foi esmagado. Os que se salvaram na rebelião foram mandados para o campo de extermínio de Treblinka, onde quase todos foram assassinados.

como colar cartazes para candidatos que o partido apoiasse. Em 1965, apoiamos o Negrão de Lima⁵⁰ para governador da Guanabara. Nesse Comitê da Zona Sul, fazíamos campanha para vereador para um candidato meio cego, um puxa-saco! Ele precisava dos votos do partido para se eleger, mas fazer campanha para ele era, de fato, desagradável. Particpei com pouco entusiasmo dessas coisas.

Era um momento em que não era uma militante muito assídua, porque estava ligada à produção, trabalhando na Legação da Hungria. Lembro-me de algumas figuras nacionalistas, em consequência da emergência de um fato ou outro... Entre essas, lembro-me do Lott⁵¹, assim como do Estilac Leal⁵², que foi ministro da Guerra. Estava mais distante de uma intervenção direta, mas assistia a muitos comícios e reuniões. Tudo isso em uma perspectiva mais de espectadora. Em relação ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), a participação mais frequente foi de Apolônio; a minha foi superficial.

João Goulart⁵³ assumiu em setembro de 1961, apesar de todas as pressões para não deixá-lo assumir. Ele estava na China e fez um longo périplo para não chegar de volta imediatamente. Nesse período, o Apolônio estava na comissão de educação, além do Mário Alves, e outro companheiro, um rapaz. Depois esse rapaz passou para o Partido Comunista do Brasil (PCdoB)⁵⁴, foi preso e terrivelmente massacrado, teve todos os dedos quebrados... e o perdemos de vista. Voltamos a encontrá-lo muito tempo depois, quando o Apolônio já estava no Partido dos Trabalhadores (PT). Ele veio nos ver, mas senti que estava um pouco perturbado: veio, com muito segredo, nos apresentar um documento que tinha escrito, um documento que deveria revolucionar a situação daquela época.

Aquele foi um período conturbado, Apolônio chegou a ser preso com outro companheiro, um que parece ter traído o PCdoB, o Jover Telles⁵⁵. Se

50. Francisco Negrão de Lima (1901-1981), político, governador do Estado da Guanabara de 1965 a 1970.

51. Henrique Batista Duffles Teixeira Lott (1894-1984), militar do Exército, nacionalista e legalista. Garantiu a posse de Juscelino Kubitschek (JK) ao impedir o golpe udenista, a 11 de novembro de 1955. Foi ministro da Guerra durante o governo JK. Candidatou-se à presidência em 1960, sendo derrotado por Jânio Quadros.

52. Newton Estilac Leal (1893-1955), militar brasileiro, participou do movimento tenentista dos anos 1920. Foi general de divisão e ministro da Guerra no segundo governo Vargas, de 1951 a 1952. Exerceu a presidência do Clube Militar, em 1950-1951.

53. João Belchior Marques Goulart (1919-1976), político gaúcho, foi ministro do Trabalho do segundo governo Vargas, vice-presidente da República nos governos Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. Com a renúncia de Jânio assumiu a presidência da República, sendo deposto pelo golpe militar de 1964.

54. O PCdoB foi constituído em 1961, a partir da dissidência do PCB.

55. Manoel Jover Telles, operário de minas de carvão, foi membro da direção do PCB e primeiro secretário do Comitê Estadual do Estado da Guanabara. Rompeu com o PCB no final dos anos 1960 e ingressou no PCdoB. Considerado traidor porque teria denunciado à polícia uma reunião do PCdoB, na Lapa, que resultou no massacre de vários membros da direção do partido.

a memória não me engana, os dois foram presos por algumas horas e depois soltos. O chefe da segurança no Rio de Janeiro era um general ou coronel, chamado França.

Apolônio escrevia no periódico *Novos Rumos*, havia uma coluna que me deu trabalho! Uma coluna de perguntas e respostas, um tormento, porque saía uma vez por semana. O número de linhas era limitadíssimo e o Apolônio era prolixo. Lembro-me de que uma vez ele levantou a questão da democracia socialista nos países de democracia popular, e tive que datilografar o artigo muitas vezes. Quando eu não podia mais, era o René quem passava a limpo. O Apolônio nos explorava nisso... E a família toda acabou se rebelando com esse negócio de democracia popular, que para nós não existia! O Apolônio fez, refez... Ele também tinha seus problemas de consciência... Deu um trabalho à família! Quase chegamos à revolta! Discutimos muito, eu era contra, assim como o René e o Raul. Foi uma briga em família!

Fui eu quem secretariei a reunião que levou à formação do PCdoB, quando se formalizou a separação do partido, em 1962. No grupo estavam Amazonas, Pomar, Grabois... O Arruda não participou porque estava fora. Eles não concordavam com a mudança do nome do partido e de se suprimir do programa a ditadura do proletariado. E diante dos conflitos sino-soviéticos, eles fizeram opção pela China. Ainda não era um debate claro. Nós não ficamos contra a mudança do nome, mas também não ficamos contra os que se separaram. Lembro-me de ter dito, no final da reunião, quando eles saíram: “A gente não se perde de vista, continuamos companheiros”. Não foi um rompimento raivoso, pelo menos da nossa parte, mas não tivemos mais contato com nenhum deles.

No entanto, havia entusiasmo com a possibilidade de o partido ir para a legalidade e de se construir um grande partido de massas. Colhíamos assinaturas pela legalidade, eu e a Nieta Campos da Paz, também da base do Jardim Botânico. Mas para nós, a fase de entusiasmo e adesão disciplinada estava chegando ao fim. Já éramos capazes de discutir e pôr em dúvida as afirmações do partido. Apolônio lutava para continuar construindo algo positivo, e nós ficamos no partido apesar das dúvidas e crises. Acreditávamos que, com a possibilidade de discussão que fora então criada, as coisas poderiam melhorar. No entanto, essa situação foi se arrastando, era difícil pois tínhamos nos considerado por muito tempo soldados do partido, o qual exigia disciplina!

Falar desse passado hoje é contar de um tempo que, para muitos, pode parecer inacreditável. Pode parecer impossível os fatos terem se passado dessa maneira. Mas para quem militava no partido, era profissional do partido, era

muito difícil pensar em sair, e quem saía passava a ser considerado inimigo do partido. Apesar do mal-estar que Apolônio e eu sentíamos, além dos questionamentos que fazíamos, a consciência nos impedia de sair. Pouco a pouco, porém, começamos a pensar nessa possibilidade.

A VIDA CLANDESTINA

À proporção que as medidas do governo Jango foram se radicalizando, começamos a ficar preocupados, em parte porque era uma experiência nova e não podíamos prever seu curso e, também, porque sentíamos que o partido não estava preparado para ela. O movimento dos sargentos da Aeronáutica e depois o dos marinheiros parecia ter ido longe demais. Nós concordávamos com a maioria das reivindicações, mas igualmente sabíamos que nenhum governo nem comando militar poderia suportar aquele grau de indisciplina. Sentíamos mal-estar diante de um contexto duvidoso e de grande risco: não éramos contra a ação revolucionária dos sargentos, marinheiros e dos camponeses, mas elas não nos pareciam caber na situação.

Lembro-me de quando Prestes disse: “Nós não estamos no governo, mas estamos no poder”. Em outra ocasião, em 25 de março de 1964, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), na comemoração do aniversário do partido e do jornal *Novos Rumos*, ele ainda afirmou: “Se a reação levantar a cabeça, nós a esmagaremos!”. Acreditava-se no famoso dispositivo político-militar de Jango¹, e o Prestes estava completamente envolvido com tais ideias.

1. Tratava-se da crença mantida pelo PCB e por um grupo de políticos civis e militares, de que havia eficiente defesa do governo do presidente João Goulart e, com isso, qualquer tentativa golpista seria impedida.

Mas, nem sequer imaginávamos como era o dispositivo militar de Jango, chefiado pelo general Jair Ribeiro² que, segundo Prestes, impediria qualquer tentativa de golpe militar. Nem mesmo sabíamos se o partido tinha realmente alguma influência sobre Ribeiro, apesar de naquela época termos vários companheiros em postos militares de responsabilidade.

Havia, no entanto, um procedimento estranho do partido... Ao invés de se aproximar de Francisco Julião³ e procurar mitigar um pouco aquelas suas posições mais esquerdistas, o partido parecia ter ciúme de sua figura de liderança das Ligas Camponesas⁴. Isso porque Julião tomava iniciativas e, para o partido, qualquer procedimento e atitude de manifestação revolucionária deveria ter origem na vanguarda da classe operária.

Nesse processo de radicalização do governo Jango, nós do partido também sentíamos certo ciúme do Grupo dos Onze, aquela organização criada por Leonel Brizola, em 1963, formada por comandos nacionalistas e legalistas. Esse grupo fazia muita agitação, mas o partido, por sua vez, também não tentava nenhuma aproximação com ele. Só fazíamos criticar, porque a iniciativa não era nossa. E como Prestes confiava totalmente no dispositivo militar do governo, a orientação era de que não era preciso fazer quase nada, e sim nos concentrarmos mais no papel da crítica.

No comício do 13 de março de 1964, pelas reformas de base, na Central do Brasil, eu estava lá, e quase fui esmagada pela multidão quando as latinhas com chamas que os petroleiros levavam incendiaram as faixas... Meu Deus, nunca senti um medo tão grande na minha vida! Todas as organizações levavam faixas e muitas pegaram fogo. A massa começou a fugir em pânico, eu caí, as pessoas caíam por cima de mim... A minha preocupação era poder puxar um pouquinho a mão para tirar os óculos, protegendo minha visão. Perdi a bolsa, um pé de sapato, um horror!

Lembro-me da agitação política da época. Prestes tinha contato com Jango, com ministros, com militares, mas o tal esquema... O tal dispositivo, vimos que não existia. E nós vivíamos muito o momento e tínhamos certa inquietude por sentir que estávamos indo muito longe sem ter como segurar;

2. Jair Dantas Ribeiro (1900-1969), ministro da guerra no governo Jango, de junho de 1963 a março de 1964. General legalista e anticomunista.

3. Francisco Julião Arruda de Paula (1915-1999), político pernambucano, advogado e um dos fundadores das Ligas Camponesas, da qual foi dirigente. Advogado das Ligas Camponesas e combatente pela reforma agrária. Foi perseguido pela ditadura militar, iniciada em 1964.

4. As Ligas Camponesas idealizadas pelos comunistas nas décadas de 1930-1940, tomaram forma por volta de 1954, dirigidas por Francisco Julião. Remontam à organização de ajuda aos camponeses na luta pela reforma agrária, iniciada no Engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão (PE). Foram ativas na luta pela reforma agrária e, depois, brutalmente reprimidas pela ditadura militar.

estávamos avançando muito sem base para respaldar aqueles avanços. Sobre tudo no comício de 13 de março, Jango radicalizou terrivelmente. Se nós tivéssemos segurança de poder aguentar politicamente o que viesse, com apoio de massas, estaríamos de acordo. Não que estivéssemos contra as posições políticas, percebíamos que as medidas estavam indo longe demais, sem que houvesse como sustentá-las. Não havia firmeza por parte de Jango nem de outros segmentos, ou do povo... Não havia firmeza em ninguém. Basta nos recordarmos do episódio dos marinheiros, no final de março!

Estávamos preocupados, parecia que um golpe estava próximo. Nós o estávamos vendo chegar e nos perguntávamos: e o dispositivo político-militar do Jango? Ele existe? Vai resistir a um golpe? Da parte do partido não se preparava nada, ninguém estava sendo mobilizado, ninguém tinha armas nem orientação de procurar armas, nada. Ao mesmo tempo, havia aquele barulho do Grupo dos Onze, notado pelo PCB sem simpatia porque não foi organizado por ele e, com isso, a direção do partido não fez nenhuma tentativa de buscar entendimento com forças que poderiam resistir.

Nessa época, Apolônio mantinha uma atividade praticamente legal. Com o golpe, houve enorme desorganização no partido, especialmente porque não conseguíamos contato com a direção – mandavam dizer que estavam em reunião, que não terminava nunca. Apolônio e mais outro militante se prontificaram imediatamente a treinar jovens criando uma espécie de auto-defesa. No dia 1º de abril de 1964, ele estava na Cinelândia, junto ao Clube Militar, quando as notícias do golpe começaram a chegar, e nossos filhos, René e Raul, estavam no Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (Caco), da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. O Ministério da Guerra ainda mantinha-se fiel ao Jango, mas os canais de rádio e televisão anunciavam que os militares dominavam a situação e transmitia-se o manifesto do Mourão Filho⁵. Creio ter sido o Marighella quem, finalmente, entrou em contato com Apolônio e arrematou: “Está tudo perdido”.

A 19 de março de 1964 houve o desfile da Marcha da Família com Deus, pela Liberdade⁶ em São Paulo; e no Rio de Janeiro estava marcada para 2 de abril, mas com o golpe na rua antecipou-se e saiu no dia 1º. Muitos participantes saíram em desfile com lenços brancos e incendiaram a União Na-

5. Olímpio Mourão Filho (1900-1972), oficial do Exército e integralista, um dos militares que levantou as tropas em Minas Gerais, seguiu para o Rio de Janeiro e derrubou o governo do presidente João Goulart em 1964.

6. Manifestação organizada pela direita e por opositores do governo Goulart, com apoio da Igreja Católica. O primeiro desfile ocorreu em São Paulo e, depois, no Rio de Janeiro, a 1º de abril de 1964, apoiando o golpe.

cional dos Estudantes (UNE). O papel das mulheres foi algo tenebroso, com velas colocadas em cima das janelas e todo aquele cenário de apoio ao golpe.

A questão é que não sei até que ponto o partido teria condição de resistir ao golpe. Resistir, enfrentar diretamente, não sei... Mas ao menos poderia ter tentado alguma iniciativa, e não se anular, como ele acabou fazendo. O partido se anulou, o que foi para os militantes uma omissão vergonhosa, uma decepção imensurável. Tenho a impressão de que se o brigadeiro Teixeira⁷ desse a ordem, nem mesmo de atirar, mas de fazer voos rasantes sobre as tropas do Mourão, poderia tê-las intimidado – suponho que não existia tanta organização por parte dos militares. O brigadeiro Teixeira disse que não queria um banho de sangue e, por isso, não fez nada. Se ele tivesse recebido uma ordem do partido, talvez tivesse tomado alguma iniciativa. Mas essa ordem não existiu.

O Marighella estava em contato com certos quartéis, se não me engano, em São Cristóvão, mas era provavelmente uma iniciativa individual, apenas dele. O Raul, meu filho, me disse: “Mãe, você me acorda às 3 horas da manhã: eu tenho que pegar umas garrafas”. Ele tinha ordem de juntar garrafas para fazer coquetéis molotov, aquele tipo de bomba artesanal incendiária. Mas sabe o que eu fiz? Não o acordei, porque eu vi que estava tudo perdido.

No dia do golpe, eu e a Nieta Campos da Paz estávamos vendendo *Novos Rumos* no Jardim Botânico, quando um senhor nos disse: “Vão ver a televisão, moças!”. Os tanques do Kruehl⁸ já chegavam ao Palácio Guanabara para “salvar” o Carlos Lacerda, e nós duas lá sozinhas, vendendo o jornal do partido sem saber de nada. Em seguida, fomos para o centro da cidade e vimos o fogaréu queimando a sede da UNE.

Apolônio tinha a orientação de, em caso de qualquer tentativa de golpe, ir para Niterói, e ele foi para lá no mesmo dia. Nós, em casa, começamos a queimar papel... que situação! Em cada lugar encontrávamos um pedaço de papel e queríamos limpar tudo. Fomos jogar na Lagoa Rodrigo de Freitas uma quantidade enorme de registros, e o René foi jogar outros materiais no costão da Niemeyer. E eu já não conseguia me livrar de tantos papéis... Foi terrível, durante semanas ficamos queimando, rasgando, jogando papéis, documentos.

Não me recordo bem, mas fiquei com a impressão de que os militares, nos primeiros três meses, governaram em uma espécie de estado de sítio. Apolônio

7. Francisco Teixeira (1911-1986), brigadeiro, comandante da terceira zona aérea no governo Jango. Membro do PCB, um dos dirigentes do setor militar do partido, foi preso e afastado da Aeronáutica em 1964, sendo anistiado mais tarde.

8. Amauri Kruehl (1901-1996) foi comandante do 2º Exército, sediado em São Paulo. Dizia-se fiel ao presidente João Goulart mas, na última hora, ficou ao lado dos militares golpistas.

dizia: “A polícia vai se jogar em cima dos comunistas depois de acabados esses três meses, vai voltar a seu papel normal”. E, de fato, três meses depois agentes do DOPS⁹ apareceram em minha casa, mas não encontraram o Apolônio.

De início um agente do DOPS inventou historinhas... Um cidadão bateu na porta, disse que era amigo do Apolônio e tinha marcado encontro com ele naquela noite. Eram umas nove horas, os meninos já estavam deitados, porque acordavam muito cedo, e o homem insistia: “Mas como Apolônio não está, ele marcou encontro!”. Eu respondi: “Acho difícil ele ter marcado qualquer encontro, porque há três meses que o Apolônio está viajando”. Ele insistiu, insistiu... A porta estava fechada, falávamos através da janelinha, e finalmente ele disse: “Eu sou do DOPS, abra a porta”. Não foi violento, não revistou a casa nem nada. Só disse que se o Apolônio aparecesse o mandássemos falar com o delegado. É claro que o Apolônio não ia aparecer!

Depois disso, eles passaram a vigiar a casa de noite e pela madrugada. Certamente eles pensaram que se o Apolônio aparecesse em casa de vez em quando, deveria ser de madrugada. Moravam em nosso prédio umas mocinhas que saíam muito de noite. Elas não conheciam Apolônio porque estavam lá fazia pouco tempo, e me avisaram: “De madrugada tem uns homens com metralhadoras, bem armados, que nos perguntam se vimos seu marido”.

Antes morávamos no Jardim Botânico: Zuleika e Armênio Guedes na rua Maria Angélica e nós em uma ruazinha que subia da Eurico Cruz, a Ministro Artur Ribeiro – éramos vizinhos. E menos de um ano depois nós nos mudamos, no maior segredo. O proprietário quis vender o apartamento e nós, como inquilinos, éramos os candidatos preferenciais. Como não podíamos comprar, ele anunciou no jornal e a pessoa que o comprou morava nesse prédio aqui do Leblon, onde moro agora, mas no segundo andar. Ela ficou sabendo que o Apolônio estava desaparecido e eu sugeri: “Vamos fazer uma troca: vou morar no apartamento de que você está saindo, mas, por favor, seja discreta”. E viemos morar aqui. Eu trabalhava, não tinha muito tempo para procurar apartamento e a troca foi muito conveniente. Tinha morado um ano lá no Jardim Botânico, depois do golpe.

Nessa época próxima ao golpe, o René estava entrando na universidade e tinha feito concurso para o Banco do Brasil, porque ele sempre foi independente e queria trabalhar. Passou muito bem no concurso e foi chamado para trabalhar na agência central, ali na rua Primeiro de Março, onde está hoje o

9. Departamento de Ordem Política e Social, órgão de controle e repressão aos movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder. Criado em 1924, foi utilizado durante o Estado Novo e, mais tarde, no regime militar instaurado com o golpe de 1964. [N. E.]

Centro Cultural do Banco do Brasil. Depois de uns seis meses, de repente, assim sem um motivo claro, foi mandado embora. O chefe dele foi chamado e, quando retornou ao posto em que trabalhava, disse ao René: “Não posso acreditar, deve ter sido um engano, você está sendo despedido! Qual é a sua matrícula?”. O René verificou e viu que era ele mesmo quem fora despedido. E o chefe comentou: “É mesmo você, mas não entendo!”. René então foi ao departamento jurídico ver o que estava acontecendo e lá lhe disseram que era melhor não procurar saber de onde vinha a ordem.

Foi uma época difícil, porque estávamos sem o Apolônio. De vez em quando, eu tinha um encontro com ele. Mas era uma situação delicada e tinha medo, pois eu estava legal. A polícia não estava preocupada comigo, mas podia tentar chegar ao Apolônio usando a mim. Naquela época, enxaquecas terríveis me faziam sofrer muito! E tinha tantas precauções para o encontro! Subia em um ônibus, descia, pegava outro, descia, subia em outro... Quando encontrava o Apolônio, estava exausta e atacada pela crise de enxaqueca! Nossos encontros eram mais frequentes em Niterói; fazíamos o contorno ainda por terra, para chegar até lá.

Ao mesmo tempo, foi uma época em que ficamos os três, eu, René e Raul muito próximos. Foi a fase que o René fez o vestibular e o concurso para o Banco do Brasil. O Raul terminou o secundário e logo queria ir trabalhar, mas insistimos para que fizesse uma faculdade. Ele entrou para a Universidade Cândido Mendes: iniciou o curso de Economia. Aliás, quando foi preso, Raul ainda não tinha terminado a faculdade, faltavam umas duas provas que apenas depois conseguiu fazer.

Naquela primeira época, a repressão estava voltada contra o movimento operário, os sindicatos, as Ligas Camponesas no Nordeste, os marinheiros, os soldados... Para mim e os meninos, no entanto, ainda foi um momento relativamente agradável – éramos muito amigos, conversávamos muito e ainda podíamos sair. Íamos ao Teatro Opinião, em que um grupo excelente encenou *Pequenos burgueses*, de Máximo Gorki, e havia outros grupos. Lembro-me de que fomos ver *Cemitério de automóveis*... Até certo momento houve essas possibilidades. Como tínhamos dificuldade de conseguir material de fora, íamos muito à livraria Da Vinci, para ver o que tinha de novidade. Os meninos, René e Raul, moraram aqui comigo no Rio de Janeiro, até entrarem para o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), formado em 1968, com base em uma dissidência do PCB. A partir desse momento de entrada no PCBR, eles ficaram na clandestinidade.

Depois de mais ou menos um ano que vivíamos neste apartamento, aqui no Leblon, o proprietário veio me procurar e disse: “Estamos esperando

uma criança, e também moro em um apartamento de quarto e sala e, agora, nós precisamos de um apartamento maior. Para tanto, estou precisando de dinheiro. Vamos combinar de a senhora comprar este apartamento a prestações. Eu faço todo o trabalho burocrático”. Ele era despachante e cuidou de todo o trâmite. As prestações eram praticamente o aluguel, de maneira que acabei aceitando a proposta. Pusemos o apartamento em nome do René, que já era maior de idade, e eu morei aqui até voltar para a França, no período do exílio. E quando o Raul saiu da cadeia, veio morar neste apartamento.

Quando voltamos do exílio, a nossa sorte era que tínhamos este apartamento no Leblon. Se eu precisasse dar uma prestação muito maior do que o aluguel, não o faria. O apartamento era muito pequeno, apertado para mim com os meninos, mas nos ajeitamos bem por aqui. E quando eu e Apolônio voltamos do exílio estávamos tão felizes por ter onde morar! Se não, teríamos que ir para longe, para o subúrbio, porque nunca teríamos os meios de pagar um apartamento aqui no Leblon. O espaço é pequeno, só tem um quarto, mas o Apolônio se achava tão bem aqui! E eu sempre gostei desse cantinho do Leblon, mesmo quando o bairro não era famoso... Esse apartamento ficou sendo nosso sem esforço nem dor, foi ótimo.

A moça que trocou de apartamento conosco foi muito simpática e certamente não comentou o assunto. E, por fim, ninguém soube que eu morava aqui, nem a polícia. Provavelmente, porque eu tinha falado com uma ou outra pessoa que ia morar na Tijuca, na rua Uruguai. Depois, mais tarde, quando fui interrogada, o inspetor do DOPS me inquiriu: “A senhora foi morar na rua Uruguai?”. Quer dizer, ele tinha certamente feito investigações sobre isso.

Em 1962, quando houve o rompimento do PCdoB, Apolônio ficou com a direção do partido. Mas àquela altura tenho a impressão de que começávamos a perder um pouco o entusiasmo. De qualquer forma, o Apolônio não estava alinhado com a direção e preferiu ficar um pouco retraído – não se sentia ainda pronto para contestar. Embora não tenha nunca efetivamente participado do PCdoB. Foi na época do Giocondo Dias que nós perdemos o entusiasmo, pois acreditávamos ter o partido condição de resistir ao golpe. Com isso, ficamos chocados com a confusão que tomou conta do partido. O partido ficou em uma desorganização total.

Apolônio ficou na direção do comitê estadual do Estado do Rio, em Niterói, com o Miguel Batista¹⁰ e eles começaram uma atividade intensa para retomar o contato com os trabalhadores da construção naval. Eles estabeleceram

10. Miguel Batista, membro do PCB, foi suplente do Comitê Central eleito no IV e no V Congressos. Em 1967, rompeu com o partido e acompanhou Apolônio de Carvalho na fundação do PCB/R.

um relacionamento muito bom nessa atividade prática, e Apolônio se sentiu criativo de novo, afinal, sempre foi um homem capaz de responder a situações novas e difíceis, e sua capacidade foi muito pouco aproveitada pelo PCB.

O Apolônio foi para Niterói e imediatamente procurou contatar pessoas que poderiam resistir. Assim também procurou agir Marighella, que tinha contato com os sargentos. Lembro-me de ele ter comentado, não sei exatamente o dia, a respeito de um quartel de tanques que poderia resistir, mas depois vimos que o golpe tinha sido tão acachapante. Não havia nenhuma possibilidade de resistência. Imagino que Mariguella tenha desistido. Lá no Estado do Rio de Janeiro, Apolônio procurava retomar contato com o pessoal da construção naval, que eram militantes mais corajosos e decididos e, naquele entorno, se sentia mais à vontade.

Em 1965 participei, na base do Jardim Botânico, da eleição do Negrão de Lima. Eu não estava entusiasmada, não dava para ficar... Tínhamos um ou outro candidato que aceitava trabalhar conosco, porque precisavam de nossos votos; mas naquele contexto ninguém conseguia ficar entusiasmado. De qualquer forma, até antes de dezembro de 1968, quando ainda não tinha sido decretado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), a repressão não foi tão brutal, quadro que nos possibilitou criar certo clima de resistência. Por exemplo, Marighella e Mário Alves foram presos e saíram com *habeas corpus* – talvez o Ivan Ribeiro¹¹ também tenha saído nessa condição. E nós circulávamos, íamos à casa da Dilma, mulher do Mário Alves, que vivia legalmente, íamos à casa da Elizabeth Otero, mulher do Ivan Ribeiro. Até antes do AI-5, vivíamos uma clandestinidade na qual conseguíamos ir ao cinema, ao teatro e encontramos pessoas que eram contra o golpe; ainda era possível ter certa atuação. Depois dele, vimos que a ditadura militar entrava em uma fase concretamente mais repressiva. No início da ditadura, em abril de 1964, o aparelho repressivo prendeu sobretudo sindicalistas e políticos que tinham o nome em evidência nos jornais. Depois as prisões se tornaram mais seletivas e violentas.

Entretanto, depois do golpe, já não acreditávamos muito no PCB, não tínhamos mais confiança. Eu sabia que a direção não estava minimamente preparada. Vieram as discussões política e as críticas ao partido, pelo fato da desestruturação que houve na época do golpe – a direção contava apenas com o dispositivo político-militar do Jango, e, além disso, não havia absolutamente nada, nem mesmo apartamentos de reserva para os companheiros da dire-

11. Ivan Ramos Ribeiro, oficial da Aeronáutica, membro da direção do PCB desde a Conferência da Mantiqueira até sua morte, em 1971. Ele foi um dos chefes da revolta de novembro de 1935, na Escola de Aviação Militar.

ção se refugiarem. Os companheiros ficaram rodando de automóvel pelas ruas porque não tinham aonde ir. Havia as críticas, mas havia também a vontade de reagir e de tomar qualquer atitude contra o golpe.

Vieram então as discussões das teses do partido para o VI Congresso, em dezembro de 1967. Elas tinham acabado de ser lançadas e logo começou uma espécie de retaliação, por parte da direção, contra os comitês regionais que divergiam das teses apresentadas. Por exemplo, disseram que os companheiros do Estado do Rio de Janeiro não tinham divulgado o último número de *A voz operária*, publicação periódica do partido, como se eles tivessem cometido uma traição, quando na realidade o que acontecia era às vezes faltar carro para distribuição do jornal. A direção queixava-se de que o Comitê Regional do Estado do Rio de Janeiro estava contra ela. Quando houve a conferência regional de preparação para o VI Congresso, o companheiro designado como assistente pela direção foi testemunha de que não havia nenhuma ilegalidade. Mas a perseguição não parou.

INÍCIO DO ROMPIMENTO COM O PCB

Nessa época, o Apolônio era o secretário de organização do Estado do Rio de Janeiro. Ele rompeu com o partidão no processo de preparação para o VI Congresso. Quando este se realizou, em dezembro de 1967, já estava rompido. Os delegados do Estado do Rio não participaram do Congresso porque as regras foram verdadeiramente manipuladas para impedir que os que discordavam da direção comparecessem. Os delegados que estivessem contra as teses da direção não era apanhados nos pontos marcados, ninguém ia buscá-los. Antes disso, houve problemas na eleição dos delegados. Eram um ou dois delegados por estado, independente do número de militantes que em cada um deles houvesse. E havia estados em que os membros do partido eram numerosos, enquanto em outros a militância era pequena. Essa foi também uma forma de afogar a oposição ao Comitê Central, porque justamente a oposição era maior onde havia maior número de militantes. Além dos problemas de acusar o Estado do Rio de não distribuir o jornal, de não difundir a opinião da direção do partido.

Na conferência regional de preparação para o VI Congresso, em Niterói, creio que os participantes, quase de modo unânime, foram a favor do rompimento com a direção do partido. Eles se posicionaram contra as teses do Comitê Central, sobretudo, contra as regras que pareciam ter sido feitas de propósito para evitar a presença da oposição. Fizeram, portanto, a ata dessa conferência e mandaram-na oficialmente para a direção nacional, rompendo

com ela. Em resumo: foram eles, do Comitê Regional do Estado do Rio de Janeiro que saíram do partido! E, depois da entrega da ata da reunião à direção, comunicando o rompimento, foram expulsos.

Após o rompimento com o partido, Apolônio não foi para o PCdoB. Foi com Miguel Batista – companheiro do Estado do Rio de Janeiro –, Mário Alves, Jacob Gorender, Marighella e uns tantos outros fundar a Corrente Revolucionária, origem do PCBR. O Gorender estava em São Paulo, para onde deveria ir se houvesse qualquer problema. O Jover Telles também foi da Corrente Revolucionária, mas já estava fazendo jogo duplo, entre a Corrente e o PCdoB.

O primeiro secretário do Estado do Rio de Janeiro foi Miguel Batista, mas não sei se o Apolônio chegou a assumir em algum momento essa função, mas a direção de fato, sim, não sei se em caráter oficial. Dos dirigentes estaduais que divergiram, Apolônio foi o único que ganhou para as suas posições os militantes do partido na região. O Mário Alves saiu sozinho de Minas Gerais, e o Gorender igualmente saiu sozinho do Rio Grande do Sul.

Marighella, que tinha ido a Cuba e lá, certamente, recebera a incumbência de dirigir a Corrente Revolucionária, pouco depois acabou se afastando dela, sem nada dizer... Decidiu fundar um grupo armado, criando com Câmara Ferreira¹² uma organização depois intitulada Ação Libertadora Nacional, a ALN.

Nesse período, Apolônio e eu nos encontrávamos com mais frequência e conversávamos muito sobre a luta interna no PCB, sobre a formação da Corrente Revolucionária e depois sobre o PCBR. Sempre fui contra a passagem à luta armada naquele momento, pois considerava que a oportunidade havia passado. Não o convenci, mas suponho que o influenciei de certo modo, porque Apolônio nunca defendeu a ida imediata ao campo para preparar a guerrilha rural nem considerava os ataques a bancos uma forma de ação política.

NASCE, EM 1968, O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO (PCBR)

Quando os companheiros fundadores do PCBR, em 1968, romperam com o PCB, houve uma reunião com Prestes, que fez a eles uma advertência:

12. Joaquim Câmara Ferreira (1913-1970), membro do PCB desde 1933, foi responsável por grande parte da imprensa partidária. Apesar de sua capacidade e dedicação, nunca fez parte da direção central do partido. Em 1967, fez parte do Agrupamento Comunista de São Paulo, contra a política do PCB e fundou, com Carlos Mariguella, a Ação Libertadora Nacional (ALN), que dirigiu após a morte de Mariguella, em novembro de 1969. Foi preso e assassinado pelo aparelho repressivo da ditadura militar em outubro de 1970.

“Se vocês se afastam do partido, pensem bem, vocês têm família...”. Qual o significado dessas palavras? Prestes quis dizer que eles recebiam uma ajuda de custo do partido e, afastando-se, não receberiam mais.

Na ocasião em que o Apolônio rompeu com o PCB, nossos filhos também romperam e houve a formação da Corrente Revolucionária. Depois, em abril de 1968 foi criado o PCBR. No momento em que houve as discussões para o VI Congresso, também rompi com o PCB. Não me lembro se todo o pessoal do comitê da Zona Sul rompeu por unanimidade, mas muitas pessoas saíram por serem contra a atitude da direção do partido quando do golpe. E não entrei para o PCBR porque esse partido tinha uns estatutos a meu ver muito esquisitos: ou você entrava para ser um militante completo ou não podia ser militante. E eu não era uma “militante completa”, porque eu trabalhava, estava ligada à produção. De certa forma, por meio da minha ligação com Apolônio, eu era simpatizante do PCBR. Nunca fui, porém, favorável à luta armada. Não que fosse contra a luta armada, mas naquele momento considerava não haver condições para ela. Houve exemplos contrários, mas de modo geral a luta armada é o coroamento de um movimento de massas em ascensão – e o golpe tinha achapado tudo. Cuba demonstrara que se podia começar a luta armada por meio da ação de um grupo e houve também na China a Grande Marcha¹³, liderada por Mao Tsé-tung, mas era uma guerra nacional, eram condições bem diferentes daquelas que enfrentávamos no Brasil.

Em 1967-1968 houve muita movimentação, sobretudo no meio dos jovens, a respeito do famoso livro do Régis Debray¹⁴, *Revolução na revolução*. O trabalho que ele fez na Bolívia, entrevistando Che Guevara, foi deplorável. Na França, Debray não era absolutamente conhecido, e Apolônio dizia que ele não entendia de Cuba nem antes nem depois da revolução. E, enfim, não concordávamos com Debray, nem mesmo nossos filhos, René e Raul, que naquela época já militavam.

O livro *Revolução na revolução* provocou vertiginoso entusiasmo entre boa parte dos jovens que estavam contra o PCB, cuja postura era de não-resistência armada. Eu não conhecia tanto a história de Cuba, mas tenho a impressão de que não foi assim como Debray relatava em seu livro. O mo-

13. Marcha organizada na China liderada por Mao Tsé-tung que, em outubro de 1934, rompeu o cerco das tropas de Chian Kai Chek e iniciou a Grande Marcha, concluída a 1º de outubro de 1949, com a proclamação da República Popular da China.

14. Régis Debray, nascido na França em 1940, jornalista conhecido por seu livro *Revolução na revolução*, escrito em 1967, que teoriza a luta de guerrilhas. Entrevistou Che Guevara na Bolívia.

vimento revolucionário em Cuba sempre teve ligação com o partido. Nunca tinha havido esse afastamento tão grande entre os jovens revolucionários e o partido.

Em 1966 em Havana, Cuba, na reunião da Organização Latino-Americana de Solidariedade (Olas), Marighella esteve presente e foi reconhecido como o líder do movimento opositorista. Sua defesa não era em relação a compor um partido: ele queria constituir um movimento ligado à ação imediata. Tanto é que, aqui no Brasil, ele se afastou da Corrente Revolucionária. Aqueles cuja intenção era formar um partido, assim como Apolônio, Mário Alves e outros, decidiram fundar o PCBR. Apolônio foi o primeiro secretário do PCBR, apesar de ter indicado Mário Alves para o cargo, que naquela época se negou. Apolônio era a favor da luta armada, em que se contasse com o apoio de massas. Não pensava, no entanto, em luta armada imediata. Já o Mário Alves foi a Cuba e quando voltou estava inteiramente a favor de começar imediatamente a luta armada no campo. Essa era a tendência firmada por Mário Alves e, como Apolônio não concordasse, começaram as divergências entre eles. O resultado do embate foi Apolônio decidir passar a direção do PCBR para Mário Alves.

No próprio PCBR, Apolônio foi muito discriminado por sua oposição a essa ida imediata da guerrilha para o campo. Houve um momento em que tiraram dele o direito a voto nas reuniões. Tinha direito a voz, mas não tinha direito a voto. Em uma das reuniões, Apolônio quase ganhou a turma para suas posições e, diante do impasse, foi marcada então a famosa reunião da direção do PCBR. Nela Apolônio deveria apresentar um documento militar e Mário Alves, outro. Foi a reunião que não houve, porque ambos foram presos.

MAIS SOFRIMENTO COM A REPRESSÃO

Continuei a trabalhar na embaixada da Hungria, até o momento em que ela foi transferida para Brasília. Lá na embaixada, eu tinha contado entre alguns funcionários das aulas sobre marxismo que ministrei a um grupo de marítimos, na medida de minhas poucas possibilidades... Os marítimos tinham um jornal intitulado *A orla*. Depois do golpe militar, imagino que falaram de mim quando a polícia foi investigar pessoas ligadas ao PCB – e com isso ela chegou ao contato de alguns marítimos. O partido, o PCB, tinha dado a seguinte orientação aos militantes: se fossem investigados, deveriam dizer que haviam tido atividades que eram legais, porque o partido estava em atuação praticamente legal. Deveriam os militantes, portanto, explicar e justificar sua atuação.

Logo depois do golpe, em 1964, fui chamada por um comandante, não sei se era a Polícia do Exército, e soube que estava incluída no Inquérito Policial Militar (IPM) da imprensa do partido. A polícia tinha ido ao comitê dos marítimos em razão do jornal – um jornalzinho de circulação bastante limitada –, e como falaram de mim, que eu tinha dado o tal curso, fui chamada. Nessa ocasião, eu trabalhava na Legação da Hungria havia quase dois anos, e pensei: não posso ir me apresentar nesse quartel – era perto do Meier – sem ter uma orientação jurídica. Dessa forma, fui consultar o doutor Sobral Pinto¹⁵, mas por já estar com muita idade, não recebia mais, e quem estava no lugar dele era Oswaldo Medonça. A fila para chegar ao escritório do Sobral era longuíssima. Olhei a fila desanimada; era impossível esperar. Mas tive a sorte de encontrar na fila um companheiro, o Antônio Rolemberg¹⁶, antigo militar que atuara em 1935, muito meu amigo, que me perguntou: “Oh, menina, o que você está fazendo aqui?”. Então lhe expliquei: “Fui chamada, vou amanhã me apresentar e queria ter uma orientação”. Ele disse: “Não tem problema”. E me levou pelas escadas, passamos à frente de toda aquela fila e fui falar com o doutor Oswaldo, cujo tempo para atender cada um era pequeno e somente me disse: “Tudo que você puder negar, negue”. Pois bem, vejam que era uma orientação diferente da que o PCB vinha dando, aquela de explicar e justificar as atuações. A orientação dada pelo advogado era de outra natureza, bem distinta: negar tudo que fosse possível.

Lá fui eu disposta a negar tudo e, de fato, contei histórias, menti... Porque o major Bonecker, que me interrogou, era tão pouco perspicaz! Eu falava uma coisa e ele ditava para o escrivão bater à máquina o que ele queria, e não o que eu dizia. De minha parte, também não tinha nenhum compromisso de dizer a verdade, e assim contei muitas histórias. Encontrei um companheiro dentista que era o responsável pela sede do jornal do partido – no papel, financeiramente. Quando cheguei ao quartel e o vi, percebi que era um problema sobre a imprensa. E o tal major Bonecker... Deus me livre! Foi ele que me incluiu nesse IPM da imprensa. Em um dos momentos do interrogatório, ele se vangloriou de ter lutado na Itália, na Segunda Guerra Mundial e me disse: “Na época da guerra a senhora foi guerrilheira, na França”. E eu respondi: “Pois é, major, naquela época estávamos do mesmo lado”. Notem o disparate, porque ele não disse nada.

15. Heráclito Fontoura Sobral Pinto (1893-1991), advogado que defendeu Luís Carlos Prestes e Graciliano Ramos. Mineiro de Barbacena (MG), foi fundador da PUC-RJ. Teve papel decisivo no reconhecimento da paternidade de Anita Leocádia Prestes, o que permitiu que a criança fosse salva de uma prisão em Berlim e entregue à sua avó paterna. Tanto no período do Estado Novo (1937-1945), quanto no da ditadura militar instaurada em 1964, foi importante defensor dos direitos humanos.

16. Antônio Rolemberg, oficial do Exército e membro do PCB. Participou da fundação, em 12 de março de 1935, da Aliança Nacional Libertadora (ANL). [N. E.]

Alguns dias depois do meu depoimento, esse mesmo major prendeu o velho companheiro, Astrojildo Pereira¹⁷, admirador de Machado de Assis – foi a glória para o major Boneker, prender alguém dessa notoriedade. E o major me esqueceu. Talvez meu interrogatório tenha sido só uma ameaça, porque nunca mais houve nada comigo em relação ao IPM da imprensa. Acabei voltando lá uma segunda vez, mas a questão do IPM tinha sido enterrada.

Antes do AI-5, com todo o perigo que havia, o ambiente era diferente: havia a possibilidade de atividades culturais, como o Teatro Opinião, e a existência de alguns canais de expressão. Em março de 1968, durante a manifestação do Calabouço, restaurante para estudantes secundaristas, no Rio de Janeiro, mataram o secundarista Edson Luiz. Em 26 de junho daquele ano, houve a Passeata dos Cem Mil, também no Rio de Janeiro, em protesto contra a ditadura militar, da qual participamos eu e meus filhos. Houve também o caso dos estudantes na Faculdade de Medicina na Praia Vermelha... Eu sabia que haveria a manifestação, não sabia bem a hora, e fui para lá. Quando cheguei, era uma ratoeira! A coisa mais fácil é cercar a Praia Vermelha e fechá-la! A polícia fez um corredor polonês, o Raul apanhou, a mulher do Raul apanhou muito, e chegou a ser presa e fichada. Lembro-me de que fazia frio nesse dia, e eu pensava: “Meu Deus, eles vão apanhar, e vão voltar como?”. Então, preparei uma canja quente para quando voltassem.

Até o AI-5 os militares se jogaram sobre os sindicalistas, sobre os políticos mais em evidência. As organizações, contudo, ainda ficaram intactas e houve a continuação de certa atividade; as pessoas se encontravam, discutiam... Após a decretação do AI-5, houve uma mudança brutal e passamos a sentir como se tivessem baixado um muro de concreto.

A repressão foi se tornando cada vez mais violenta. Após a morte de Marighella, esperávamos a todo momento receber a notícia do assassinato de outro companheiro. Nesse momento, em 1969, também se tornou pública a morte sob tortura do companheiro Chael Charles Schreier, da VAR-Palmares, um agrupamento de luta armada contra a ditadura. Esse assassinato só se tornou público em função da tradição judia de lavagem do corpo do morto pelos amigos próximos. Estes, ao lavarem o corpo de Chael, viram as marcas de tortura e espancamentos e entenderam ter sido ele torturado até a morte. A repressão, àquela altura, já não se preocupava em esconder seus crimes. Quem estava parcialmente de fora, assim como eu, entendia que essa sequência de assassinatos marcava uma nova fase da repressão e a ampliação do cerco aos companheiros.

17. Astrojildo Pereira (1890-1965), intelectual e jornalista, participou do movimento anarquista no início do século XX. Fundador do Partido Comunista em 1922, o qual dirigiu até 1930.

Aos poucos, fui ficando sozinha em casa. René e Raul se enfronhavam cada vez mais na ação revolucionária e veio o momento em que não podiam mais lutar e ao mesmo tempo ficar em casa. René já trabalhava e procurou o mais discretamente possível uma casa. Pouco depois se casou com a Rosalba, filha adotiva do Pereirinha, líder bancário e militante comunista. Estavam em plena lua de mel quando o AI-5 foi decretado. Passaram a viver em outra casa alugada, cercado-se de todas as precauções possíveis.

Raul acabou tendo que abandonar o curso de Economia, faltando apenas duas provas para o fim do curso e a formatura. Raul ainda ficou comigo alguns meses, mas depois saiu de casa para ter maior liberdade de atividade política. Pouco depois também se casou, com a Isabel.

Fiquei sozinha em nosso apartamento do Leblon. Via Raul apenas de vez em quando, até que a clandestinidade em que estava se tornou mais densa. Ainda continuei me encontrando com o Apolônio, em alguns fins de semana, mas esses encontros também foram se tornando raros. Nesses seis meses em que fiquei sozinha, continuei trabalhando na embaixada da Hungria.

Nesse tempo de angústia e sofrimento, tive uma grande companhia, que não posso deixar de citar: Ximuca, um gato siamês. Ele havia sido trazido quando era recém desmamado, por Raul, no começo de 1969. Temendo que eu não deixasse o bichinho ficar em casa, Raul batizou-o com o nome em homenagem a um revolucionário, Ho Chi Minh¹⁸. Por fim, o bichano ficou em casa, mas com o tempo foi sendo afetuosamente chamado de Ximuca. Ele acompanhou a família por vinte anos.

Quando da saída de Raul da prisão, Ximuca ficou com esse meu filho e, depois, viajou com ele e Isabel para São Paulo e para Pedrinhas, na fronteira com o Paraná. E depois da Anistia, quando Apolônio voltou ao Brasil, o bichano voltou para nosso apartamento no Rio de Janeiro e não saía do colo do Apolônio, equilibrando-se com unhas e dentes em seus joelhos. Até hoje nos lembramos desse gato com muito carinho. Nesse período de solidão, ele ficava o dia todo me esperando. Minha chegada era a hora de sua comida. Quando por acaso eu me atrasava – por que estava fazendo compras, ou tinha saído em visita a uma amiga –, ele me encarava com raiva, e assim que podia se vingava mordendo a batata da minha perna. Algum tempo depois da Anistia, quando Apolônio estava dando uma entrevista em casa e chegou

18. Ho Chi Minh (“aquele que ilumina”; 1890-1969), revolucionário vietnamita. Ajudou a fundar o Partido Comunista Francês e lutou pela independência da Indochina. Foi presidente do Vietnã do Norte (1946-1969) e herói da guerra do Vietnã (1959-1975), que derrotou durante o conflito as forças militares dos Estados Unidos.

a hora de seu almoço, o bichano quase expulsou de casa os companheiros que faziam a entrevista, com miados estridentes e malcriações.

Foi um tempo de muita angústia. A todo momento, eu temia receber notícias sobre a prisão ou morte dos três, de Apolônio ou de meus filhos. Poderia dizer que vivi uma rotina de angústia. Era mais que angústia: era um desespero permanente à espera de más notícias.

AS QUEDAS ANGUSTIANTES, ROTINA DO DESESPERO

Apolônio foi preso a 13 de janeiro de 1970. O PCBR estava em uma situação desesperadora, porque tinham começado as quedas. Houve o assalto a um banco e, depois desse fato, veio a queda de muitos militantes. Quando René e Raul saíram de casa, eu estava me preparando para ir viver com Apolônio, mas a partir de novembro de 1969 perdi o contato com ele. Eu sabia que a situação era de puro desespero! Quando os meninos entraram para a luta armada foi muito duro! Foi também o período em que René casou-se com a Rosalba – os dois saíram de casa para viver na clandestinidade.

Se alguém me pergunta sobre contextos de atuação de resistência, considerando meu passado e a possibilidade de fazer uma comparação... Fazer uma comparação com a guerrilha urbana no Brasil – as táticas empregadas, como fazer assaltos a banco, entre outras ações – com a Resistência na França, é difícil. A luta aqui era isolada e a ditadura soube manobrar ou, ainda, é preciso somar a isso as condições econômicas promovidas naquela época pelos militares, o chamado milagre econômico... O fato é que a ditadura teve alguns êxitos desse ponto de vista. E existiam outros fatores, como por exemplo no Brasil o povo não ler jornal. As classes médias, os intelectuais, os leitores, se davam conta da censura, até porque havia aquelas páginas nos jornais em que deveriam ter notícias sobre o país e lá publicavam receitas de bolo, poesias... Mas e o povo que não lê jornal? Para ele, a ditadura não existia. Por outro lado, na época em que Delfim Netto era ministro da Fazenda, muitas pessoas jogavam na bolsa de valores... A Copa do Mundo de 1970 entusiasmou... Com toda aquela propaganda, a maioria do povo ficava alheia: não sabia das prisões, das torturas, da censura.

O Apolônio foi preso quando foi procurar o companheiro que tinha faltado ao ponto combinado. Era o encarregado de datilografar o documento que Apolônio apresentaria à reunião do PCBR, pois eram necessárias várias cópias. A luta estava muito acirrada, e o próprio Apolônio reconheceu mais tarde que se arriscou. Ele ia entrar para a reunião do Comitê Central do PCBR e foi buscar o documento que deveria apresentar. O companheiro

combinara de colocar algum aviso na varanda da casa, se houvesse algum problema. Apolônio observou e não havia nada – o rapaz não tinha tido tempo de fazer qualquer prevenção –, quando abriu a porta, a polícia estava lá e caiu em cima dele. Apolônio ainda tentou fechar a porta e correr, mas dispararam, a rua estava fechada pela polícia e ele foi preso.

Depois a Dilma, mulher do Mário Alves, me disse que seu marido deveria entrar para a reunião no dia seguinte, 14 de janeiro. Ele saiu com sua pastinha com uma muda de roupa, não encontrou ninguém e voltou para casa. No dia 15, foi de novo refazer o ponto e outra vez não encontrou ninguém. Talvez tenha pensado que o tivessem deixado de lado por ele ter uma posição diferente, não sei. No terceiro dia, 16 de janeiro, ele saiu sem pastinha. A Dilma não soube aonde ele ia. Ele não a avisou de nada, e não voltou mais. E até hoje não sabemos como foi a prisão de Mário Alves.

O Apolônio foi preso a 13 de janeiro de 1970 e não houve nenhum sinal, ninguém falou nada, mas os meninos, René e Raul, sabiam que devia ter acontecido algo mais grave. Pouco depois a Dilma, a mulher do Mário, veio me procurar. Ela sabia onde eu morava, e veio me contar que o Mário tinha ido a uns pontos, ninguém tinha ido buscá-lo e, depois, ele tinha saído e não tinha voltado. A partir desse momento, eu e a Dilma começamos a procurar nossos maridos. Fomos em busca de um advogado. E os advogados, que recebiam muita gente que tinha sido presa, tinham já alguma informação de que o Mário teria sido morto, mas era difícil confirmar. Por isso não disseram nada a Dilma – era muito duro transmitir essa notícia.

Nessa empreitada, eu e a Dilma fomos a uma porção de lugares: ao Instituto Médico Legal (IML), verificar os livros, à Aeronáutica, à Marinha. Trataram-nos muito mal na Marinha! A Dilma não tinha dinheiro, não sabia o que fazer e, como eu trabalhava, fomos ao apartamento dela, fizemos pacotes com os livros e as poucas coisas que ela tinha levou para a casa da mãe. E ela veio morar comigo, no apartamento do Leblon. Sua filha Lucinha, já era independente.

Um dia a Rosalba, então mulher do meu filho René, me disse para comprar a *Tribuna da Imprensa*¹⁹, jornal em que havia uma coluna intitulada “Ur-gente”, e nesse dia trazia a informação de que a polícia tinha ficado surpresa por ter pegado um peixe maior do que ela esperava, o Apolônio. A partir dessa notícia, tivemos a Dilma e eu maior possibilidade de, no papel de esposas, procurar por Mário Alves e Apolônio de Carvalho.

19. Jornal fundado por Carlos Lacerda, no Rio de Janeiro, em 1949.

Apolônio foi preso e levado para a Barão de Mesquita. Dilma e eu fomos procurar um centro do Codi²⁰, que estava se organizando no Ministério da Guerra, e eu e a Dilma tínhamos combinado: uma entra e a outra fica do lado de fora, para o caso da que entrar ser presa. No Ministério da Guerra, nos mandavam de um andar a outro, e a situação foi ficando complicada, de modo que resolvemos entrar as duas juntas. E lá fomos nós de um andar a outro, de uma sala a outra, até que chegamos a uma em que o soldadinho que estava de plantão nos deu um papel para preenchermos. Demos nossos nomes e escrevemos o objetivo: a procura de Apolônio de Carvalho e Mário Alves. E esperamos. Quando esse papel chegou a alguém, que não sabemos quem, a sala em que estávamos, vazia até então – só havia lá o tal soldado –, virou um formigueiro de oficiais passando de um lado para outro! Provavelmente o grande alvoroço tenha sido em torno do nome do Mário Alves. O Apolônio estava vivo, mas o Mário Alves, o que eles inventariam sobre o caso dele!? Era gente entrando por uma porta e saindo por outra.

De repente, apresentou-se um cidadão, que disse ser coronel Portela – tinha um esparadrapo com seu nome escrito. E me disse: “Sim, de fato o seu marido está conosco, mas está bem, está bem”. Depois, voltou-se para a Dilma: “Quanto a seu marido, nós também estamos à procura dele. Será que ele não estará em São Paulo?”. Suponho que a filha de Dilma com Mário Alves estivesse em São Paulo e, com isso, a pergunta servia como uma espécie de ameaça. Era uma maneira de dizer: “Se você procurar, nós podemos encontrar a sua filha”. Tínhamos levado umas roupas, pasta de dentes, escova, um par de chinelo – eu já tinha experiência de cadeia.

Ele não aceitou o pacote de Dilma. Para mim, disse: “Eu o farei chegar”. E voltamos as duas. A Dilma ficou morando em minha casa durante certo tempo; íamos visitar os advogados, que também não tinham o que dizer. Os advogados que faziam a defesa de presos políticos eram o Modesto da Silveira e Marcelo Cerqueira – este, naquela época, talvez tenha se afastado do escritório –, e uma moça chamada Rosa Maria Cardoso, que trabalhava junto com Modesto. Ele, por estar no partido, talvez não se sentisse confortável de ser advogado de alguém que deixou o partido, era o que eu pensava... E, assim, a advogada do Apolônio foi a Rosa Maria. Mas o Modesto estava completamente à disposição, disse que assumiria sem problema algum, mas fui eu quem preferi a doutora Rosa Maria.

20. Centro de Operações de Defesa Interna (Codi), centro de repressão e tortura do governo militar.

Um dia encontrei no escritório uma pessoa que tinha sido presa e me contou um pouco da prisão do Apolônio, da tortura por ele sofrida. Possivelmente só não tenham matado o Apolônio porque já tinham matado o Mário Alves. Apolônio apanhou tanto, que era para morrer! Os torturadores tinham uma palmatória de uma borracha muito dura e, entre outras barbaridades, quebraram uma nas costas do Apolônio. Depois de muita tortura, quando viram que Apolônio não falaria, deram a ele o pentotal sódico, chamado “soro da verdade”. Mas Apolônio não falou nada. Deve ter feito um esforço terrível! Ele se lembrava de que, depois de aplicarem a injeção, o torturador sentou-se a seu lado e começou a falar, falar de futebol, de coisas corriqueiras, em um tom amigável. De repente, fez uma pergunta sobre o que queria saber... E a pessoa que está perdendo a noção, por ter tomado aquele remédio, às vezes fala. Mas Apolônio, que tinha um medo terrível de ter falado, não falou mesmo. Sabemos disso porque outras pessoas ouviram o interrogatório.

Naquela época, a Barão de Mesquita ainda não estava preparada para esses interrogatórios, como se prepararam depois, com câmaras especiais. Esses quartéis têm o pé direito muito alto e havia um espaço aberto em uma parede. Os presos subiam nos beliches, nos ombros um do outro, para que um pudesse ver o que acontecia. O Raimundinho (Raimundo Teixeira Mendes) e outros, que estavam na cela ao lado, asseguraram que Apolônio não falou nada.

Houve um momento em que Apolônio sentiu que precisava de uma trégua na tortura e pediu para que chamassem o comandante – os outros pensaram: “Ele vai falar!”. Parou a tortura, Apolônio respirou um pouco, veio o comandante e Apolônio explicou a ele os acordos da Convenção de Genebra em relação aos presos políticos... O comandante não gostou e disse: “Podem continuar!”, e foi embora. Os torturadores só pararam mesmo quando Apolônio disse: “Não adianta, nem a Gestapo me fez falar!” – ele nunca foi preso pela Gestapo... Mas nesse momento, os torturadores pararam.

Sobre o Mário Alves não soubemos de nada. Tivemos alguma informação bem mais tarde, quando Miguel Batista nos contou que o vira em um corredor, pedindo água e já agonizando. Penso que, até essa época, os militares não matavam por querer matar, apesar de que em Mário terem torturado tanto, mas eu não sei se tinham essa intenção, a de matá-lo. Logo depois eles começaram a matar intencionalmente, queriam eliminar mesmo. Mas no momento anterior, quando da prisão do Apolônio e do Mário, a intenção era outra... É a impressão que eu tenho, não sei se justa. Porque foi o momento em que eles criaram os organismos de repressão. A verdade é que eles sempre torturaram, mas depois aperfeiçoaram muito os meios de tortura.

Os militares torturadores ficaram impressionados com a atitude do Apolônio. Eu soube que, depois da tortura, o Apolônio, mais morto do que vivo, todo rasgado, ficou jogado num canto e muitos oficiais passaram diante dele só para vê-lo, porque já tinha corrido que o Apolônio não se entregava, não tinha falado nada – morria, mas não falava. E eles já tinham um cadáver, não queriam um segundo. Estava no quartel da rua Barão de Mesquita, e eu comecei a ir lá, para levar coisas de que ele precisasse.

Certo dia, eu estava saindo da Legação da Hungria e vi um cidadão, à paisana, falando com um policial, que ficava de guarda, e me disse: “Ele quer material, quer revistas sobre a Hungria”. O tal homem me perguntou quem devia procurar e eu informei: “Agora fechou, estou indo embora”. Ele insistiu: “Então, para ter revistas e materiais de informação, a quem devo procurar?”. Senti que era da polícia, mas dei meu nome, porque não era difícil me encontrar. Depois, fui com Dilma ao Instituto Médico Legal (IML) em busca de informações sobre o Mário Alves e, naquela mesma noite, quando estava voltando para meu apartamento, vi um homem na porta do prédio, usando camisa havaiana, como querendo mostrar que não era da polícia.

Não houve dúvida, porque eu já tinha visto um deles naquele dia, e então pensei: é a polícia, preciso me preparar! Subi ao apartamento... Foi a primeira vez que eles vieram em minha casa, desde a prisão do Apolônio. Bateram na porta; e entrou aquele cidadão de camisa havaiana; outro ficou na porta de fuzil-metralhadora, revistaram a casa mas encontraram apenas livros, porque não tínhamos podido jogar todos na rua – levaram um livro de Mao Tsé-tung. Então o policial da camisa havaiana disse: “O coronel quer falar com a senhora”. Não sei que coronel era esse, e respondi: “Mas o senhor sabe que estou morando aqui, sabe onde eu trabalho, pode me dizer um dia para eu me apresentar, eu não preciso ir agora no meio da noite”. E ele: “Não, não, o coronel quer falar com a senhora é agora!”. Levaram-me até a esquina, onde tinham deixado o carro, e eu fui sentada no banco da frente, entre o motorista e outro policial, armado, até o quartel da rua Barão de Mesquita.

Chegando lá, veio o tal coronel falar comigo. Isso foi antes do final de fevereiro, época em que meus filhos, René e Raul, não tinham sido presos. O que o coronel queria me dizer? Se os meus filhos fossem presos antes de fazer o que eles, do Codi, pensavam que fariam, seriam presos e condenados. Se, no entanto, fossem presos de armas nas mãos, os militares atirariam primeiro. E o coronel emendou: “Porque eles já atiraram em nós, agora nós atiramos primeiro”. Era o que ele queria me dizer... Queria, enfim, que eu entregasse meus filhos, para que fossem presos “sem um mal maior”.

“Bem, já que eu estou aqui, não poderia ver meu marido?” Sua resposta foi: “Não, não, não é possível”. Mas pensou um pouco e deve ter imaginado que, se me mostrasse o Apolônio vivo, talvez fosse uma chance para que eu entregasse meus filhos. Trouxe o Apolônio, dizendo “Sem falar, sem falar!”. Aí eu dei um abraço no Apolônio, que levou um tremendo susto, coitado! Ele estava ainda com as pernas inchadas, arrastando os pés... E como tinha pintado o cabelo para disfarçar, o cabelo branco já estava aparecendo, estava barbado... Meu Deus, ver meu marido daquele jeito me causou uma impressão tão ruim! Ninguém pode imaginar! Mas o tinha visto, era o principal. “Eu vou ver se tem um carro aí para acompanhar a senhora” – disse o coronel logo depois do curto tempo em que estive com Apolônio. E eu recusei: “Não, não, o senhor não se incomode, eu tomo um táxi na rua”. E voltei para casa de táxi. Apesar de toda a situação dramática, tinha alcançado um de meus objetivos naquele momento e soube que meu marido estava vivo. Ter visto Apolônio foi um acontecimento muito bom!

A Dilma conseguiu ter um encontro com René e Raul, embora naquele contexto eu fosse contra, porque pensava que certamente estávamos sendo seguidas. Não nos dávamos conta, mas devíamos estar sendo seguidas e, além disso, a Dilma morava comigo. Ela foi a esse encontro e, por um impulso da sorte, não aconteceu nada de ruim conosco. Os meninos estavam em uma situação muito difícil! O Raul e a mulher dele, a Izabel, não tinham mais onde morar e encontrei para eles um quarto, na Fonte da Saudade, na casa de uma pessoa que conhecia. Com frequência, eu passava na frente do prédio, de ônibus... Via a janela aberta, a luz acesa, de modo que podia supor que a polícia não estivesse lá e pensava: eles não foram presos. A mãe da Izabel, entretanto, tinha algumas ligações e conseguiu saber que eles já estavam presos, porque Isabel sempre dava um jeito de ligar para ela, mas, de repente, parou de ligar. E tive outra indicação de que as coisas não estavam bem. A casa onde eles alugaram um quarto era de uma senhora que costumava para fora. Um dia telefonei e quem me atendeu foi a filha dessa senhora. Perguntei se o vestido estava pronto, que me respondeu assustadíssima, demonstrando um estranhamento pelo telefonema. Assim, senti que algum fato ruim tinha acontecido. A polícia estava ocupando a casa, esperando que mais alguém chegasse.

Dei o nome de “rotina do desespero” a esse período das prisões. Porque aquilo se tornara rotina. A Dilma conseguiu estabelecer contato com pessoas que ela sabia que tinham estado com o Mário Alves. Depois que saiu de casa não sei se foi para Niterói, onde tinha família, de vez em quando nos encontrávamos em escritórios de advogados. Pouco mais tarde a filha voltou,

casou-se e ela foi morar com essa filha. Aos poucos, as pessoas que tinham visto o Mário começaram a falar, e ela começou a se convencer de que ele morrerá. Mas o corpo nunca apareceu... Depois houve pessoas que testemunharam, foram muito corajosas. A Dilma sempre foi muito amiga do Mário e era uma comunista.

Nunca se soube como Mário Alves foi preso e sobre sua prisão há duas hipóteses. Ele saiu duas vezes para ir àquela tal reunião. Da terceira vez ele saiu, mas sem a pasta, quer dizer: ele pretendia voltar. Agora, com quem ele foi se encontrar nesse dia é muito difícil saber. Acusaram o Salatiel²¹, mas minha opinião é que o Salatiel não tinha nenhuma ligação com essa história. O Mário, apesar de Salatiel ter se afastado do PCBR havia certo tempo, pode ter mantido contatos com ele. E, não tendo encontrando ninguém nos dois primeiros pontos a que se dirigiu, talvez Mário tenha ido procurar o Salatiel, quem acabou por entregar esse ponto. Considero isso, porém, muito difícil, improvável.

Havia também um motorista que acompanhava o Mário, quando ele era secretário-geral do PCBR. Esse companheiro foi preso e a polícia utilizou-o durante muitos dias para passear de um ponto a outro da cidade, indicando militantes. Ele conhecia muitas casas e até chegou a dizer que viu o René sair de uma delas quando a polícia estava chegando – a polícia tinha o endereço, mas não conhecia o René. Disse ainda que havia um cigarro aceso que seria do René, mas que ele não o tinha denunciado. O René disse que, de fato, saiu para comprar cigarro e sentiu que havia qualquer coisa de anormal e não voltou lá – havia até dinheiro nessa casa. Mas o René não viu o motorista.

Esse companheiro, o motorista, era muito corajoso, um tipo do Nordeste, cabra-macho... Mas a polícia prendeu a mulher e a filha dele, ameaçaram torturá-las. Ele disse que não denunciou e contou que a polícia pediu para ele ir a determinado lugar, para os lados de Cascadura... Quando estava levando a polícia a esse lugar, outro carro da polícia passou em sentido contrário, e os policiais disseram: “Não precisam procurar mais, já estamos com ele”. Seria o Mário Alves. Ele se defende, diz que não foi ele quem entregou o Mário. Não vamos saber nunca, é muito difícil.

O Mário Alves deve ter ido a um ponto que tinha marcado, mas com quem? Talvez um ponto antigo? Ou à casa de alguém procurar esse alguém que já estivesse preso? Mas não se soube de ninguém que tivesse sido preso

21. Salatiel Teixeira Rolim participou da fundação do PCBR, foi preso em janeiro de 1970. Barbaramente torturado, passou informações sobre a localização dos aparelhos do PCBR, o que provocou a queda de muitos militantes e dirigentes, entre eles, seu secretário-geral, Mário Alves. Acusado de traição, Salatiel foi “justificado” pelo comando de execução do PCBR, em julho de 1973. [N. E.]

na ocasião. Apolônio sim, foi preso por ter ido a uma casa em que o dono já estava preso. Não sei. Todo o mundo acusou o Salatiel – ele foi assassinado, foi “justiçado”. E nunca ninguém, mesmo conhecendo toda a história do assassinato do Mário Alves, levantou qualquer suspeita contra o motorista, que sumiu, desapareceu.

Talvez o Raul tenha sido preso em 28 de fevereiro de 1970, e o René um dia antes. Mas a verdade é que ainda não tínhamos notícia alguma do René. Então, tinha saído para fazer compras que levaria ao Raul – como trabalhava no Cosme Velho, fazia minhas compras no Largo do Machado. Depois de fazê-las, me dei conta de que tinha comprado só para um dos meus filhos. Por quê? Tinha ouvido alguém dizer que o PCBR caíra todo e, então, voltei a todas as lojas, comprei as mesmas coisas de novo e fui me apresentar no quartel da rua Barão de Mesquita. Chegando lá, disse ao soldado: “Sei que Raul está preso aqui”. Havia uma lista de nomes em uns cadernos e o soldado confirmou que o Raul estava mesmo preso lá. Insisti: “Bem, já que ele está preso, não podia ver se tem um René?”. O soldadinho começou a negar, a me dizer que ele não estava lá. E eu insistia: “Olha melhor!”. Por fim, ele falou: “Pode deixar o pacote, ele está aí também”. Deixei os pacotes, ele tinha aceitado porque René estava preso lá, sem dúvida. E os meninos receberam os pacotes.

Certa vez, vi o René no quartel da Barão de Mesquita, por acaso. As visitas ainda não estavam oficialmente autorizadas, tudo dependia da liberação do oficial de dia... E uma única vez, pelo que soube, permitiram a visita de mães e esposas e, nessa ocasião, vi René no ginásio. Ele estava preso havia poucos dias, estava muito abatido, mas foi ótimo vê-lo! Como a visita foi surpresa, havia outros presos sem as famílias. O Raul não estava mais lá, já tinha sido transferido para o Batalhão de Infantaria de Selva, onde depois fui vê-lo. No início, estiveram presos todos eles, Apolônio, Raul e René, na rua Barão de Mesquita. Depois o Apolônio e o René foram para um regimento, em São Cristóvão, mas sem saber um do outro. E o Raul foi para a Vila Militar, para aquele batalhão. A partir desse momento, começou a *via crucis* das visitas. Eu fazia três visitas por domingo.

Quando Apolônio já estava respondendo ao inquérito, depois dos 72 dias de incomunicabilidade, fui visitá-lo e insisti que tinha direito a vê-lo. Havia um oficial – nem todos os oficiais eram umas bestas – que me deu meia hora de visita. Foi a segunda vez que o vi e passei a visitá-lo normalmente. Um dia, quando Apolônio estava nesse quartel de São Cristóvão, levei um pacote de lenços de papel, que antes tinha levado para um dos meninos e no quartel recusaram a fazer a entrega. Risquei o nome e escrevi ao lado o nome do

Apolônio, que ao receber os lenços se deu conta de que nossos filhos estavam presos. René e Raul apanharam muito, foi terrível! Meu Deus... Houve dias assim... Sabem o que é vontade de urrar? Eu pegava o travesseiro para abafar.

Apolônio passou por vários quartéis, esteve no Regimento Sampaio, com muitos outros membros do PCBR, depois foi para o quartel da Polícia do Exército da Vila Militar, lugar absolutamente horroroso. Durante as visitas, só faltava o sargento que acompanhava o preso sentar em cima de nós para ouvir o que falávamos. O Apolônio não tinha direito a nada. Ele não fumava, mas não teria direito a receber fumo, balas, absolutamente nada. Porque havia categorias. Uns não tinham direito a nada. Quem fosse considerado menos perigoso tinha direito a receber cigarros; outros tinham direito a receber balas... O Apolônio: nada, nada, nada! Lá esteve presa aquela moça que cometeu suicídio depois, em Berlim, a Dora. Muito maltratada, nua, não davam roupa a ela, nem ao Apolônio. Tinham que ficar com a roupa suja. Quando levava roupa limpa, os policiais me diziam: “Ele não precisa, não precisa!”.

Houve um episódio que chega a ser pitoresco, por ocasião de uma audiência do René e do Bruno Dauster. Eles combinaram que um denunciaria as torturas e outro fazer a defesa da luta armada. Tinha saído em uma revista, não sei se na *Veja*, um artigo de capa, com a fotografia do Bruno, com o título: “As duas faces de um terrorista”. A Josefa, mãe do Bruno, ficou muito sobressaltada, claro, o fato de seu filho ser destacado com fotografia na capa da *Veja*... Quando ela soube que o Bruno faria a tal defesa, ficou aterrorizada e ameaçou se jogar pela janela do tribunal, caso ele insistisse em fazer tal defesa... Então, eu disse a ela: “Olha, Josefa, fique quieta que vou falar com o Bruno, e ver se ele pretende mesmo fazer isso”. Até porque a audiência ficava restrita às quatro paredes do tribunal. E continuei: “Vou falar com o Bruno e se ele quiser fazer, você tem que deixar, porque ele tem lá suas razões, é um homem responsável. Seria uma falta de respeito ficar contra! E se você se jogar pela janela, os militares e os apoiadores da ditadura vão noticiar: “*Filho terrorista mata a mãe*”. A próxima capa da *Veja* será assim: “Terrorista leva a mãe ao suicídio”. “Josefa, você não pode fazer uma coisa destas!”. E fui falar com o Bruno: “Você vai fazer mesmo essa defesa?” E ele confirmou: “Sim, vou fazer, estou decidido!”. Eu disse a ele: “Então está bem, eu vou segurar a sua mãe”. E ele fez, de fato, a defesa: não me lembro se foi a defesa da luta armada ou a denúncia da tortura. Sei que seguiram o combinado: ele falou de um tema e René, de outro. Com muito custo, Josefa ficou quieta e se convenceu do significado daquele procedimento e, por fim, ficou orgulhosa da atitude do filho.

Nessas audiências, René e Bruno tinham advogados, mas naquele ambiente da repressão era pouco o que esses profissionais podiam fazer. Um dos

advogados era Evaristo de Moraes Filho – foi ele quem defendeu René, Raul e Isabel. Era muito simpático e filho de um grande advogado falecido, Evaristo de Moraes. Mas tínhamos em mente o limite que cercava sua atuação: ele pouco podia fazer.

SEQUESTROS QUE SALVARAM VIDAS

Quando houve o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick²², ficamos tomados por um sentimento de alegria. Sempre pensávamos, no entanto, até onde essas ações poderiam se sustentar... Era preciso dinheiro, casas, uma organização grande.

Apolônio foi solto no segundo sequestro, o do embaixador alemão Ehrenfried Von Hollenber²³. E meu filho René foi um dos presos políticos soltos em troca do embaixador da Suíça, Giovanni Enrico Bucher²⁴. Durante as negociações pela troca de Apolônio foi rápida, poucos dias: os militares seguiram à risca tudo o que os militantes que dirigiram o sequestro pediram. Eu até poderia ter ido vê-lo na saída, o comandante teria permitido, me disseram, mas eu não fui. Isso aconteceu em junho de 1970.

Para mim, havia a certeza de que se houvesse um segundo sequestro de um embaixador, o Apolônio sairia da prisão, seria uma das pessoas resgatadas para o exílio. Eu tinha ouvido, por meio de um contato com o filho do Miguel Batista, algo no sentido de que haveria um segundo sequestro, mas não tive nenhuma confirmação da notícia. Em uma de minhas visitas ao quartel, tentei dizer isso, mas Apolônio não entendeu. Não era fácil passar uma informação como essa tendo os encontros vigiados por soldados. Naquela época, Apolônio tinha saído do Regimento Sampaio e foi posto na Polícia do Exército da Vila Militar, um horror! Fazia um calor terrível! E, nas visitas, um sargento ficava sentado, nos vigiando, na nossa mesa... Em todas as mesas, havia água, mas em nossa não. Naquela vez, eu pedi água. Ele não queria ir buscar, mas eu disse: “Está um calor terrível, o senhor mesmo está precisando de água”. Depois de muito pedir, ele foi buscar água e então tentei falar com

22. O sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick (1908-1983) foi realizado dia 4 de setembro de 1969, no Rio de Janeiro, por grupos políticos da esquerda armada ligados à Dissidência Comunista da Guanabara (DI-GB, sob o título MR-8) e Ação Libertadora Nacional (ALN). Em troca do embaixador foram soltos 15 presos políticos.

23. O sequestro do embaixador alemão, Ehrenfried Von Hollenben (1909-1988), foi realizado no Rio de Janeiro, por grupos políticos da esquerda armada (ALN e VPR), em 11 de junho de 1970. Em troca do embaixador foram soltos 40 presos políticos.

24. No Rio de Janeiro, em 7 de dezembro de 1970, grupos políticos da esquerda armada sequestraram o embaixador suíço, Giovanni Enrico Bucher (1917-1992), e por meio dessa ação conseguiram trocá-lo por grande número de presos políticos – 70 deles, que seguiram para o exílio no Chile.

o Apolônio, mas eu não podia dizer nomes... Ele não entendeu direito, mas ficou de sobreaviso.

Em um pacote com roupa, eu tinha conseguido fazer passar junto dele um pequeno rádio transistor, que Apolônio escutava debaixo do travesseiro. E ele estava atento ao que eu tinha dito – ouviu sobre o sequestro do embaixador e ficou aguardando. Nesse dia, foi até a cela um sargento que o convidou a ir tomar banho de sol... Ele nunca tinha saído dessa cela escura, em que havia uma lampadazinha acesa dia e noite, e percebeu que poderia haver alguma novidade. Fez o passeio e, evidentemente, quando voltou, foi ver debaixo do travesseiro e não tinha mais o transistor. Depois, quando saiu para ser fotografado e todas essas coisas, estava certo de que seria libertado.

No caso do René, a lista dos presos a serem soltos em troca do embaixador da Suíça levou quase um mês, ou mais, para ser aceita. Nós ficamos muito preocupados, pelas idas e vindas desse processo. Cada vez que avisavam que a lista estava em determinado lugar, os militares diziam que não havia lista alguma, que não era uma lista verdadeira. Eles preferiam deixar matar o embaixador da Suíça a soltar os presos. E o embaixador colaborou com os meninos que o tinham sequestrado... Os companheiros mandavam listas e o governo dizia que não tinha encontrado esse ou aquele, até que levaram a lista diretamente para o representante da *France Press*. Imediatamente ele a levou para o embaixador da França, que a enviou ao embaixador da Suíça. A lista saiu na Suíça, e no *Le Monde*, e os militares já não podiam protelar. No total, foram 70 os presos políticos soltos. Com Apolônio foram 40. O Raul não saiu com o René porque havia tantos Carvalhos na lista, que os militares tinham a impressão de que todos eram filhos do Apolônio. Talvez seja por esse motivo que Raul não foi liberado em troca de um embaixador e, com isso, acabou cumprindo três anos no cárcere, até 1973.

Libertado, Apolônio foi para a Argélia e logo viajei para encontrá-lo. Então, naquele momento começou a luta para ele seguir para a França, que não queria aceitá-lo. Logo voltei ao Brasil, porque ainda tinha aqui meus filhos. René saiu seis meses depois de o pai ter embarcado para a Argélia; talvez em novembro, se não me engano... E fiquei no Brasil até Raul sair da prisão. A Izabel estava presa também, mas saiu antes de Raul. E houve mais um problema: inventaram para o Raul um segundo processo, com o qual ele não tinha nada a ver. Para tentar ajudá-lo, fui consultar o embaixador da Hungria, que me recomendou: “Não posso fazer nada por você, mas acho bom você ir visitar a sua embaixada e contar o caso”.

O René tinha nascido na França, mas como o Brasil não reconhecia dupla nacionalidade, era considerado apenas cidadão francês. O Raul, que

já nasceu aqui, era brasileiro. Mas o embaixador francês foi muito simpático comigo e o segundo homem, o conselheiro, visitaria o René. Ele chegou até a ver Apolônio, porque o soldado se confundiu. Depois, quando Apolônio e René saíram, ele continuou a visitar o Raul e estive no tribunal, quando o Raul foi para uma audiência. E um juiz, que não era uma pessoa assim tão reacionária – não me lembro o nome dele, mas imagino ter se impressionado de ver o cônsul da França visitar o Raul –, um dia me chamou e disse: “A senhora podia falar com seu advogado, ele pode invocar a coisa julgada. O caso do Raul é caso julgado, porque, na realidade, contra ele, o que há é a reconstrução de organização subversiva e ele foi julgado e condenado a dois anos e meio por isso. A acusação agora contra ele não tem razão de ser, porque se trata do mesmo processo”. Quando o advogado chegou, eu me precipitei e disse: “O juiz acaba de me dizer isso e isso...”. Ele foi falar com o juiz e, de fato, deu-se essa solução de caso já julgado. Caso julgado, no entanto, deveria ir ao Superior Tribunal para também ser apreciado naquela instância, e por isso Raul ficou mais um tempo... Esteve preso por três anos.

Na época em que o Raul esteve preso, formamos o que mais tarde chamamos de “As mães da Vila Militar” – em uma ligação com as Avós da Praça de Maio²⁵. Éramos um grupo apenas de mulheres que buscavam ajudar os filhos, os maridos ou parentes que estavam presos na Vila Militar. E seguíamos fazendo as visitas, levando pacotes para lá e para cá – muita solidariedade havia entre nós, muita luta para conseguir o atendimento das solicitações dos presos. Sábado era o dia de visita de duas horas, mas como eu visitava três quartéis, acabava ficando apenas uma meia hora com cada um deles, porque entre a estada em um quartel e outro precisava tomar ônibus. E lembro-me de que em um sábado, véspera do Dia das Mães, visitei quatro quartéis, porque também pude ver a Izabel, no local em que estava presa.

Depois do julgamento, o Raul foi transferido para o presídio da Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro. Para ir visitá-lo, eu arrumava os pacotes que abasteceriam os meninos e precisava sair de casa às 5 horas da manhã. Ia de ônibus até a Central do Brasil e, daquele ponto, pegava um trem até Mangaratiba, onde encontrava outras companheiras e alugávamos um barco – não era de pescador, era de um transportador de bananas. O barco era pouco profundo e não tinha nem mesmo cobertura: íamos embaixo de sol ou de chuva.

25. Grupo de mulheres, a maioria avós, que durante a ditadura militar argentina (1976-1983) começou a buscar filhos e netos desaparecidos. Elas têm conseguido identificar netos que, tendo os pais sido assassinados, foram dados a famílias de torturadores ou a seus amigos.

No cárcere da Ilha Grande, os presos políticos, como nossos filhos e parentes, em razão de um artigo imposto pela justiça militar, eram considerados presos comuns. A alegação era de que tinham sido presos com armas pesadas, fazendo assaltos, ainda que não fosse o caso de todos nem da maioria. Mas os assaltantes de banco comuns também eram presos com base no mesmo artigo e, por tal motivo, tanto os presos comuns como os políticos ficavam juntos.

Em certo período, os nossos presos políticos compunham a população da maioria das celas. Assim, impunham na vida carcerária seus hábitos: criaram turmas para limpeza e para organizar diversas atividades; promoveram um curso de alfabetização e também um curso político. Toda essa organização estabelecida pelos presos comunistas foi um procedimento da maior relevância. Isso foi muito importante! E até assaltantes de banco comuns se submetiam a esse regime, seguiam os cursos. Faziam também artesanato. As mães, solidárias, levavam muitos artigos, como novels de lã. O pai de um rapaz preso na Ilha Grande era diretor de uma fábrica de fósforos e mandava grande quantidade... Entre nós, familiares de presos políticos, havia um rodízio para levar palitos de fósforos sem cabeça, com que os presos faziam artesanato. Os palitos vinham acomodados em uma espécie de latas para rolos de filmes, só que bem maiores. Muito pesadas, era uma dificuldade subir no barco com elas. E, com os palitos de fósforo, eles faziam uma porção de objetos, até mesmo objetos de arte. Lembro-me de uma carruagem grande, na qual havia várias personagens e cavalos – chegava a ser quase uma peça de luxo! E faziam pequenas coisas; havia os habilidosos e os menos habilidosos. Até os presos comuns faziam essas atividades e não desgostavam. Gostavam dessa vida com um pouco de exercício artístico.

Nos dias de visita, chegávamos ao porto do Abrahão, lá na Ilha Grande. Então, entregávamos os pacotes que eram abertos para uma vistoria e passávamos por uma revista pessoal, feita por duas professoras primárias... Davam aulas no curso primário na ilha. E elas eram primárias em todos os aspectos. Uma vez inventaram de fazer uma espécie de revista ginecológica e não aceitamos. Reclamamos muito daquela situação e, mediante nossa insistência, não fizeram mais essas revistas aviltantes. Explicaram a elas que tal vistoria era necessária para a família de presos comuns. No caso de presos políticos, deveriam somente procurar papéis. Mesmo assim conseguimos fazer entrar várias artigos proibidos, em especial resistências para fogareiros elétricos. Eles faziam o fundo do fogareiro em barro, desenhavam os sulcos e, quando estavam secos, colocavam a resistência e acendiam direto na luz. Não era à toa que, com frequência, faltava luz na Ilha Grande.

Somente na Ilha Grande houve essa mistura, depois de julgamento, entre presos políticos e presos comuns. Por essa razão, nos dias de visita tive-

mos contato com as famílias dos presos comuns. Na Vila Militar, essa mistura se deu na fase de pré-julgamento dos presos políticos. Em certo momento, nós, mulheres, procuramos as autoridades judiciais para pedir a separação dos presos políticos dos comuns. O número de assaltantes comuns começou a crescer e acabaram constituindo a maioria, e começou a haver roubos e outros delitos... E quem impunha a lei eram eles. Depois acabaram por separar os presos comuns dos políticos, mas sem, no entanto, reconhecer se tratavam de presos políticos. De tal maneira que, para saírem, tinham que passar uns pelos domínios dos outros... E os presos políticos se preparavam para qualquer eventualidade... O Raul, que era grandão, dormia com um porrete... Quando ele foi solto e veio morar comigo no apartamento do Leblon, um dia de manhã eu me aprontei para ir trabalhar e fui acordá-lo. Ele deu um salto, quase caiu em cima de mim... E disse, assustado: “Mãe, não faça mais isso! Eu podia ter machucado você!”. Era a reação automática do comportamento que vinha da cadeia.

Quando visitava o Raul, ele estava sempre limpo e arrumado, com os cabelos ainda pingando do banho e sempre disposto a rir e a brincar. A tarde quase inteira passava com ele, porque Apolônio e René já tinham, felizmente, saído do país: tinham sido trocados por embaixadores. Enquanto algumas famílias choravam junto aos filhos e outros iam procurar cantos para namorar, o Raul ficava contando as histórias do que se passava por lá. Para nós, era o melhor momento do mês.

No início, quando fazia as visitas, nós, mães e parentes dos presos, não tínhamos bem uma organização, do modo pelo qual ela foi estabelecida posteriormente, em uma estrutura mais sólida. Havia aquela senhora, Therezinha Zerbini²⁶, que tinha uma organização, e, pouco a pouco, foi se instituindo no movimento pela Anistia, levado a cabo por Ana Maria Müller, Iramaia Queiroz Benjamin, Eny Moreira e outras. Foi uma fase em que eu já estava na França.

Houve episódios que, com o correr do tempo, tornaram-se até engraçados... A maior parte dos presos do PCBR que estava no quartel da Barão de Mesquita foi mandada para o Regimento Sampaio, na Vila Militar. Quem cuidava do René era a Rosalba, eu apenas colaborava. A direção do quartel disse que os presos poderiam receber somente uma fruta por dia. O presídio não tinha meios de dar frutas, e suprir as vitaminas na alimentação que ofere-

26. Therezinha Zerbini (1928-), esposa do general legalista Euryale Zerbini, foi presa em 1970 por colaborar com o Congresso da UNE, em Ibiúna. Advogada, líder feminista e fundadora do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) . Militou no PDT, junto de Leonel Brizola, após este perder a sigla PTB para Ivete Vargas. Em 1974 encontrou-se com representante oficial norte-americano, Ted Kennedy, com carta que denunciava a existência de presos políticos e tortura no Brasil. [N. E.]

ciam, de modo que foi decidido que as famílias poderiam levar uma fruta por dia. Algumas mães pensaram em levar uma jaca... Na impossibilidade de levar uma jaca, pensaram no mamão – naquela época não havia mamão papaia – e foi criada uma discussão em torno da escolha do mamão. Foram discussões transcendentais... Porque o militar do presídio disse quando lhe perguntaram qual devia ser o tamanho do mamão: “Um mamão de tamanho normal”. A discussão estava formada: o que seria o tamanho normal de um mamão? Foi muito debate, como o sexo dos anjos... Nós levávamos mamão e, certas vezes, eles aceitavam, outras vezes, não. Podíamos levar laranja ou maçã... Mas eram frutas pequenas e queríamos oferecer algo maior, mais substancioso... Essas pequenas coisas que surgem na vida coletiva e fizeram parte de nossa rotina. Nós podíamos levar sete frutas, uma por dia da semana. Este foi um caso que depois achávamos graça. Foi, naquela época, contudo, uma discussão transcendental mesmo, sobre o tamanho normal de um mamão.

Antes do julgamento, para visitar os nossos presos tínhamos que ir buscar autorização no Departamento do Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro (Desipe), uma repartição que cuidava das prisões, a autorização dada servia para todas elas. Na Vila Militar, as visitas eram uma vez por semana, mas eu tinha várias delas, para Apolônio, René e Raul e a mulher do Raul. Nós íamos de carro, à Vila Militar e lá, de um quartel para outro, eu pegava ônibus.

Quando foram julgados e seguiram para a Ilha Grande, nós podíamos visitá-los a cada três semanas, mas a vantagem é que passávamos a tarde toda com eles. Para os presos comuns, havia um barco do Desipe que levava as famílias aos sábados. Os familiares dormiam com os presos na ilha e voltavam no mesmo barco. Nós não tínhamos barco nem o direito de pernoitar. Podíamos ir somente aos domingos. Íamos até a Central, tomávamos um trem para Mangaratiba e dali saíamos à procura de um barco. Naquela época havia muitos barqueiros na região, produtora de banana.

Mas estavam construindo um porto de minérios, em Sepetiba, e os barcos estavam mais distantes, o que passou a tornar as viagens mais difíceis. Aos domingos, porém, os barqueiros estavam mais livres e procurávamos um deles, acertávamos o preço e a hora que deviam nos buscar... Eram duas horas de barco. Saíamos de casa de madrugada às vezes voltávamos na madrugada do dia seguinte, porque conforme comentei, diferente das famílias dos presos comuns, não nos forneciam nada. Tínhamos que improvisar! Nesses barquinhos que alugávamos e demoravam na travessia, as meninas faziam xixi de cinco em cinco minutos! Então, todos os passageiros se viravam de costas, para que elas fizessem xixi em um balde e, depois, jogavam a urina no mar. Com tanta água em torno, aumentava o desejo de urinar, e eram umas duas

horas de viagem... Elas não aguentavam se segurar. Uma vez, na ida, quando saímos para “tomar o presídio de assalto”, as meninas queriam fazer xixi e tivemos que parar em um motel, à procura de banheiro.

Lembro-me de outra vez, no período final da prisão do Raul, os presos entraram em greve de fome, que durou quase um mês. O objetivo era conseguir a separação dos presos comuns. Então as meninas – porque havia muitos jovens – inventaram ir de madrugada a Mangaratiba, pegar um barco e desembarcar no presídio. Contestei, dizendo: “Nós não podemos fazer isso, tomar o presídio de assalto! Temos que ir em uma hora decente do dia, em uma hora para sermos vistas”. Foi difícil fazê-las entender, mas conseguimos e chegamos lá para falar com o diretor e exigir uma visita, porque durante a greve de fome as visitas foram proibidas. Éramos umas dez ou doze pessoas. Quando chegamos lá, o cardeal do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, tinha pedido uma visita ao diretor da prisão e estava saindo do local. Naquela tensão toda, o pessoal da prisão não ousou nos botar para fora na presença do cardeal. Fomos apertar a mão do cardeal e ele intercedeu por nós, que tivemos cinco minutos de visita. Nós queríamos ver em que estado estavam os presos. Ficamos apenas cinco minutos e voltamos para o barco, que estava a nossa espera.

Muitos companheiros do PCBR saíram antes do Raul. Ele havia cumprido as penas, mas ficou na dependência de um segundo processo, de um assalto a banco que ele nem sabia que tinha sido feito. Em uma das vezes em que foi à Auditoria da Marinha para prestar depoimento, Raul estava havia quase um mês sem comer... Assim, para poder aguentar, quando saiu da prisão ele pediu para receber uma injeção de vitamina B. A vitamina saía pelos poros, o Raul fedia a vitamina B! Todo suado, naquele verão terrível, veio em um daqueles carros de polícia todo fechado, com o sol a pino, batendo na carroceria. Impressionou aquela condição deplorável! A questão era que o Raul tinha sido condenado por motivos que englobavam o processo em causa. Nesse momento, ao menos, não havia mais tortura sobre presos julgados.

No início de 1973, Raul saiu da prisão e passou a morar em nosso apartamento, ao passo que me preparei para ir à França ficar com Apolônio. Saí do Rio de Janeiro, passei no Chile para ver o René e segui rumo a Paris.

O Raul ficou no Rio de Janeiro certo tempo, com a Isabel, e depois foram para São Paulo. Quando saiu, deixou o apartamento com uma companheira que acabava de se separar do marido e estava em busca de moradia. Essa companheira saiu e veio outro companheiro na mesma situação, que acabava de se separar. Esses companheiros sempre pagaram a prestação. Nunca houve um aluguel maior para eles, que tinham somente o compromisso de pagar a prestação.

O René estava no Chile. Quando houve o golpe naquele país, René foi preso, ficou no Estádio Nacional²⁷. Não sei como a reação chilena soube que René tinha sido banido do Brasil, e meu filho ficou muito encrocado! Teve sorte, porém, porque havia muitos estudantes estrangeiros no Chile, em razão de a Unidade Popular²⁸ ter atraído muitos jovens de esquerda. Muitas pessoas foram presas por serem estrangeiras, sem terem tido sequer alguma atuação política. O cônsul da França no Chile foi visitar um casal de jovens franceses, presos com o René. Os militares, no Chile, tinham um rodízio, cada semana era uma Arma que dirigia o Estádio Nacional – os militares de uma Arma tinham a responsabilidade do estádio por uma semana, na seguinte era outra, uma situação meio confusa. No dia em que o cônsul chegou ao estádio para resgatar esse casal, pediu para ver os franceses, e, por um equívoco, levaram o René junto. Foi por erro, porque depois não queriam soltar o René. O casal de jovens queria reclamar seus passaportes, mas René disse: “Se vocês pedirem os passaportes, os militares vão ver que eu não faço parte do grupo de vocês”. Os jovens foram muito simpáticos e solidários com René, declarando que iriam embora sem passaporte. Dessa forma, o cônsul levou os três. Depois que os militares se deram conta, não queriam dar salvo-conduto para René viajar. Queriam que fosse devolvido! Os outros franceses foram saindo, e René ficou esperando na embaixada. Finalmente, alguém responsável da embaixada o acompanhou até que subisse ao avião, rumo a França. Eu e Apolônio já estávamos em Paris, onde ficamos até o momento em que se decretou a Anistia e pudemos retornar ao Brasil.

27. Local que serviu de prisão, no golpe militar no Chile, que derrubou o presidente Salvador Allende em setembro de 1973 e instalou uma sangrenta ditadura no país.

28. Frente de esquerda organizada para as eleições presidenciais de 1970, que apoiou e elegeu Salvador Allende (1908-1973), médico, marxista e fundador do Partido Socialista. A Unidade Popular (UP) foi uma frente composta por várias tendências da esquerda chilena e lhe deu sustentação até ser derrubado pelo golpe militar que assassinou o presidente, em 11 setembro de 1973. [N. E.]

Foi uma luta para Apolônio retornar à França. Durante dois anos foi negado seu visto de entrada. Quando fui visitá-lo, disse a ele: “Você tem que fazer o necessário! Você tem que ir à embaixada da França”. Ele foi, insistiu, mas não lhe davam o visto de entrada. Então, os amigos da Resistência e os Antigos Combatentes fizeram um grande movimento e apelos a ministros – havia um ministro entre os Antigos Combatentes, não me lembro seu nome, infelizmente. Começaram uma campanha exigindo a entrada de Apolônio na França. Um dos empecilhos era porque o ministro do Interior¹ era muito reacionário e não desejava de jeito nenhum o retorno do Apolônio. Mas, afinal de contas, Apolônio era coronel da Resistência Francesa, tinha a condecoração da Legião de Honra... Todos esses méritos deviam valer alguma coisa! Houve, em certo momento, uma interpelação indignada do então deputado Michel Rocard², do Partido Socialista, ao Parlamento, levantando a questão. E, com essa iniciativa, finalmente Apolônio recebeu o visto de entrada na França.

Assim que Raul saiu da cadeia, ele e a Isabel vieram morar em nosso apartamento no Rio de Janeiro, e eu fui para Paris, conforme comentei. Apolônio, então em um novo ritmo, passou a ter uma vida mais de família, porque eu procurei um apartamento para nós em Paris. Apolônio vivia na casa dos outros, dormindo no sofá da sala e, quando o dono da casa recebia visitas, não tinha hora para dormir... Era uma vida pouco confortável. Para dizer a verdade, ele nunca se incomodou com essa rotina de viver aqui e acolá, mas era realmente desconfortável. E assim tivemos nosso apartamento, muito modesto, mas nosso. E voltamos a ter uma vida de casal.

1. O conservador Raymond Marcellin era ministro do Interior de Georges Pompidou na ocasião (1972).

2. Político francês, foi primeiro ministro da França no período de 1988 a 1991.

Mediante o contato de uma amiga francesa, Anna Marie Metaillier, encontrei um emprego na Maison des Sciences de l'Homme, onde ela também trabalhava. Ela era professora de espanhol e de português, e estava muito ligada aos exilados da América Latina, sobretudo aos brasileiros. Ela atualmente é proprietária de uma editora. Aquele era um trabalho mal pago, mas havia certos privilégios. A instituição era dependente da área da educação nacional, de modo que eu tinha dois meses de férias, tal qual recebiam os professores. Dois meses mesmo, contando a semana de cinco dias úteis!

Enfim, eu estava trabalhando na minha terra e tinha documentos franceses. Também nos beneficiamos de uma vida cultural mais intensa. Mesmo com um salário pequeno, Apolônio e eu íamos muito ao cinema, às vezes ao teatro, frequentávamos exposições e chegamos a tirar férias. Em geral, eu não tirava férias muito longas, mas podia tirá-las em qualquer oportunidade. Eu tirava, por exemplo, cinco dias, e tinha uma semana livre. Isso, do ponto de vista pessoal, era muito interessante. Uma vez fomos à Itália, viajei duas vezes ao Brasil e recebemos o Raul na França.

Foi um período bastante tranquilo se comparado com os anos precedentes. Levávamos uma vida normal, em que Apolônio atuava mobilizando-se em ações de solidariedade. Estávamos ligados aos exilados e às manifestações de solidariedade aos presos no Chile. Apolônio, quando saiu do Brasil no contexto da troca pelo embaixador, havia sido banido (como todos os companheiros que saíram do mesmo modo) e tornou-se apátrida. Não teve, portanto, direito a passaporte brasileiro. Ele viajava com um documento de refugiado, concedido pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Nesse contato com o Alto Comissariado, Apolônio conheceu várias pessoas, que trabalhavam com os refugiados, teve a possibilidade de visitar e de ficar em contato bastante estreito com os brasileiros exilados na Suécia, Suíça, Alemanha e Bélgica.

O número de exilados era grande. Não cheguei a conhecer muitos... Eu trabalhava em período normal e também fazia um extra quando aparecia e, por isso, não tinha contato com tantos exilados. Mas conhecia grande número de brasileiros. Na França, mesmo quando saiu do PCBR, Apolônio manteve-se ativo, em particular junto à rede Solidariedade, aos exilados brasileiros e, sobretudo, no trabalho de solidariedade aos companheiros chilenos.

Havia várias organizações francesas de ajuda aos exilados, incluindo uma organização protestante, o Comitê Inter Movimentos para os Evacuados (Cimad)³. Apolônio estava ligado a elas e ajudava a todas indiscriminadamente.

3. Comité Inter-Mouvements auprès des Evacués/Comitê Inter Movimentos para os Evacuados (Cimad) foi um organismo criado pelas igrejas protestantes em 1939-1940 para acolher os que fugiam da Alsácia. Hoje é um movimento ecumênico, embora predominantemente protestante, que auxilia refugiados.

Além da rede Solidariedade, colaborava também com a France Terre d'Asile⁴, dirigida pelo Gérold de Wangen⁵, que cheguei a conhecer.

A alta comissária das Nações Unidas era madame Tavianni⁶, que se tornou nossa grande amiga. Havia também uma personalidade, o abade Glasberg (l'abbé Glasberg), um dos fundadores da France Terre d'Asile. L'abbé Glasberg era uma figura! Era russo-ucraniano-judeu-francês. Religioso, se converteu ao catolicismo e estava muito ligado à madame Tavianni. Talvez tenha sido ligado aos denominados "*les porteurs de valises*", os portadores de malas de dinheiro, para a solidariedade à Argélia. Minha tia, por exemplo, não foi exatamente portadora de malas, mas ela tinha ligação nos bairros árabes de Marselha, onde conhecia muitas pessoas. Todo mês, ela passava naquela comunidade e recebia um dinheiro, bem miúdo. As pessoas eram pobres, mas nenhum desses árabes deixava de contribuir com a Frente de Libertação Nacional da Argélia⁷.

Minha lembrança vívida do abade Glasberg relaciona-se a um episódio pitoresco, porque eu quase o matei... Ele era um homem corpulento, cheio de vigor e já de certa idade. Uma vez me perguntou: "Qual é o prato típico que se come no Brasil?". Disse-lhe que era a feijoada, ao que ele solicitou: "Então, quero que prepare para nós uma feijoada". "Está bem, mas o almoço deve ser ao meio-dia, porque a feijoada é um prato saboroso, mas pesadíssimo". E ele retrucou: "Não, não, só posso ir à noite". À noite, ele chegou. E eu tinha feito uma feijoada como deve ser: com tudo que era preciso, completa. Fazíamos umas boas feijoadas lá na França! Arranjávamos todos os ingredientes. A couve eram folhas, não sei se de couve-flor, ou uma verdura semelhante... Sei que encontrávamos umas folhas que bem pareciam couve.

Em Paris, até hoje existe uma loja muito chique, a Fauchon. Encontrávamos lá uma variedade extraordinária de alimentos e iguarias. As mercadorias mais finas que se possa imaginar estavam à venda na loja e, nós, brasileiros, íamos até lá para comprar farinha... Vinha um porteiro para abrir a porta, todo uniformizado, cheio de adereços vermelhos... E nós, imaginem, saíamos com meio quilo de farinha de mesa... Era uma cena muito engraçada!

4. France Terre d'Asile (França, Terra de Asilo) foi criada em 1971 pelo abade Alexandre Glasberg, pastor Jacques Beaumont e pelo doutor Gérold de Wangen. Fundada para promover o direito de asilo e defender os direitos dos refugiados.

5. Gérold Wangen (1927-1997), barão de Wangen, conde de Géroldseck aux Voges. Médico, militou no Grupo Solidariedade de Henri Curiel pela independência da Argélia. Foi um dos fundadores de France Terre d'Asile.

6. Henriette Taviani (1924-1991), delegada na França do Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados, de 1972 a 1985. Presidente de France Terre d'Asile, de 1985 a 1991.

7. A Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN) foi criada em novembro de 1954, com a fusão de vários partidos, para lutar pela independência da Argélia, então dominada pela França. A guerra da Argélia durou até 1962.

Pois bem, voltando à história da feijoada feita para o abade. Preparei a feijoada e ainda disse: “No Brasil, para acompanhar a feijoada, tomamos cerveja, porque ela é mais digestiva”. E ele, decidido, argumentou: “Não, não, eu quero vinho!”. Glasberg comeu a feijoada. Mais do que isso: ele se fartou, acompanhando-a com vinho. Quando saiu estava tão vermelho! Fiquei preocupada de ele ter ido embora de nossa casa naquele estado. O remorso me queimava e fiquei pensando: vai ver que eu matei o *abbé*... No dia seguinte, de manhã, pedi ao René, que participou do jantar, para passar na casa dele, só para ver se estava tudo normal. E o abade estava ótimo: ele era mesmo uma figura!

No Chile, depois do golpe, René e Ângela de início tinham para onde ir, mas ao chegar à casa com que contavam, havia outros companheiros. Eles não podiam ficar todos juntos. Com isso, ele e Ângela foram para outro lugar e acabaram presos. Mas em 1973, René foi nos encontrar na França. Antes de 1973, antes do golpe no Chile, ele tinha ido várias vezes à Argélia encontrar o Apolônio. Nessa ocasião, René havia se separado da Rosalba e tinha se casado com a Ângela, que pouco tempo depois dele também foi para Paris. Nós participamos de campanhas para soltar o pessoal preso no Chile, entre eles a Ângela, que estava presa também no Estádio Nacional. Depois Ângela ficou em outro lugar, convivendo somente com mulheres, de onde foi solta. Deve ter chegado um mês, talvez um pouco mais tarde do que o René. A Rosalba ficou certo tempo em Paris e, certo tempo depois, seguiu para Moscou.

Viajei duas vezes ao Brasil, conforme comentei. Na segunda vez, a polícia estava me esperando no aeroporto, no controle de passaportes. Levaram-me até o Dops, mas não passou disso. O Raul trabalhava em São Paulo, no limite com o Paraná, gerenciando um grupo de colonos italianos que tinham conseguido terras. Fui visitá-lo e voltei por São Paulo, aproveitei para passar pela região do ABC, onde as greves tinham acabado havia pouco tempo. E São Bernardo estava efervescente! Fui com companheiros para São Bernardo e lá conheci muita gente, inclusive o Lula. Encontrei com antigos companheiros do PCBR, o Sérgio Sister e a mulher, o Valdi, o Aytan Sipahi, um médico que estava com a mulher, Helenita, e com outros companheiros do que sobrou do núcleo do PCBR. Em Niterói, fui visitar a Dilma, mulher do Mário Alves. Felizmente, nessa época ela estava bem, morava com a filha, Lucinha, e tinha netos. Ela havia começado um tratamento psicológico, estava se reerguendo um pouco daquela situação horrível das perdas e de tanto sofrimento. Estava em uma fase bem melhor.

Voltei a Paris bastante animada com o movimento de massas criado a partir das greves no ABC. E, nesse momento, a pauta constante entre mim e o Apolônio foi sobre o Partido dos Trabalhadores (PT). Meu entusiasmo era grande, mas Apolônio ainda tinha suas dúvidas. Qual o principal ponto da discussão? Para os comunistas, um partido dos trabalhadores não queria di-

zer nada. Apolônio, seguindo sua formação comunista, dizia: o correto seria partido da classe operária, e não partido dos trabalhadores. Mas insisti com Apolônio, argumentando: “O que se está formando no Brasil é um partido de massas”. Logo depois recebemos em Paris amigos de São Paulo que também comentaram bastante da situação que estava sendo criada aqui.

Nessa época em que estivemos no exílio na França, retomei o contato com a minha família, que continuava em Marselha. Meu pai e minha avó já tinham morrido. Encontrei minha tia, meu irmão e minha irmã. Minha irmã e meu cunhado tinham ajudado muito, fizeram muita campanha para que o Apolônio entrasse na França. Foram extremamente solidários! Hoje minha irmã e os filhos ainda moram em Marselha. Ela teve um filho do primeiro casamento, mas depois se casou com outro companheiro, que também tinha filho, e os dois juntos tiveram um terceiro filho. Meu irmão tinha três filhos. Ele faleceu muito prematuramente, tinha 60 e poucos anos. A mulher dele também morreu e ficaram os meus sobrinhos, que são gente boa.

O Apolônio foi a um congresso em Roma, vinculado ao movimento pela Anistia no Brasil, em julho de 1979, encontrou muita gente, do Brasil e de outros lugares. O Arrudão estava lá. Mas imaginem a surpresa: ele estava uma seda! Não era mais o Arrudão: estava um veludo! O velho Arrudão que conhecêramos tinha desaparecido! Não sei o que aconteceu, o que fizeram com ele... E fez tudo que pôde para seduzir o Apolônio para entrar no PCdoB.

Do Partido Comunista Brasileiro (PCB), encontramos em Argel várias vezes o Oscar Niemeyer. Estava acompanhado por um cientista brasileiro, o Luiz Hildebrando⁸. Já com a direção do PCB não tínhamos contato – não nos procuraram mais, nem nós a eles.

Foi uma alegria quando soubemos da Anistia em 1979! Não a esperávamos para aquele ano. Não tão rápido assim... Lembro-me de que não tínhamos telefone em casa, e então um amigo telefonou para o meu trabalho e me contou da Anistia. De imediato, não acreditei e ele afirmou: “Pode ficar certa!”. Cheguei contando a novidade em casa! Depois, a notícia correu nos meios brasileiros. Mas não pudemos voltar tão logo, porque eu tinha meus compromissos de trabalho. Acertei que trabalharia até novembro, ou final de outubro. E então, sim, voltamos: viemos morar neste apartamento aqui no Rio de Janeiro.

Naquela altura, eu não pensava em ficar morando definitivamente na França. Sentia falta do Brasil. Foi difícilimo para mim me readaptar à vida na França: tudo estava mudado, até a forma popular de falar. Tudo estava dife-

8. Luiz Hildebrando Pereira da Silva, médico, nascido em 1928, destacou-se como um dos maiores especialistas mundiais em parasitologia.

rente! Nunca pensei em ficar lá, não teria ficado, não. E nunca me naturalizei [brasileira]. Nos primeiros anos em que cheguei ao Brasil, certamente não havia condições. Depois, considerei poder viver em qualquer país sem estar naturalizada. Sinto falta é de poder votar, como a maioria das pessoas, que imagino terem gosto em exercer esse direito. Voto no consulado para presidente da França, mas não é a mesma presença, como se eu estivesse lá. Há muito tempo estou afastada da França e da política francesa. Vivi 21 anos na França e mais de 60 no Brasil. Então, querendo ou não, sou mais brasileira do que francesa, mas também não faço disso um problema. Sou francesa por conta de minhas raízes, por minha família, que é pouco numerosa atualmente. Mas, em síntese, eu não teria ficado na França.

Em novembro de 1979 marcamos a viagem de volta ao Brasil. A passagem do Apolônio foi paga pelo ACNUR, que indicou algumas pessoas para nos acompanharem até o aeroporto, com o objetivo de saber que tudo correria bem.

No avião viajamos junto com um companheiro do PCB, não me lembro o nome dele... Na chegada, havia muita gente nos esperando, e vimos que havia no salão de desembarque do aeroporto um grupo de pessoas, um pouco à parte, carregando uma faixa. Quando nos aproximamos, pudemos ler o que estava escrito: “Viva seu Ivo!”. Era o nome que Apolônio usava no bairro onde morou clandestino – era o pessoal de Niterói!

Nessa época em que voltamos ao Brasil, no momento da Anistia, o Apolônio já tinha saído do PCBR. A saída do partido ocorreu durante o exílio. O PCBR não acabou depois da prisão do Mário Alves e do Apolônio: continuou existindo muito tempo depois, no Rio de Janeiro e, principalmente, no Nordeste.

Havia muita discussão e efervescência por aqui. As pessoas, no entanto, ainda não estavam seguras, porque diante de toda a história da ditadura sempre era possível temer uma reversão do processo. E em 1981 houve o caso da bomba que explodiu no Rio Centro⁹, Rio de Janeiro, durante um show. As pessoas, quando faziam comício, com frequência nas escadarias da Câmara dos Vereadores, no Rio de Janeiro, ainda não ousavam utilizar microfones. Era muito interessante o método empregado: as pessoas iam passando para aquelas que estavam atrás o que o orador dizia.

Em 1979, quando chegamos, muitos companheiros foram nos visitar e houve discussões em torno do movimento grevista que estava ocorrendo. E, assim, fomos levados imediatamente para São Paulo, eu e Apolônio, para conhecer o movimento pró-Partido dos Trabalhadores (PT). O partido, pro-

9. Atentado frustrado, organizado por setores terroristas do Exército, a ser perpetrado na noite de 30 de abril de 1981, quando se realizava, no Rio Centro, um show comemorativo do 1º de maio. A bomba era levada pelo sargento Guilherme Pereira do Rosário (que morreu na explosão prematura do artefato) e pelo então capitão Wilson Dias Machado, que sobreviveu.

priamente, foi fundado em fevereiro de 1980. Nós nos integramos a esse movimento, e eu, entusiasmada com toda aquela nova perspectiva política, tinha feito bastante propaganda do PT. Quando estive no Brasil antes do momento da Anistia, também me comuniquei com alguns deputados eleitos pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Tudo isso girava em torno do clima de entusiasmo em São Bernardo, havia um pessoal que se reunia quase em estado de permanência, no sindicato sempre havia gente.

Os que voltavam do exílio eram com grande frequência chamados para dar declarações, entrevistas aos jornais, à televisão, de modo que criavam essa rotina de ir a muitos lugares e se envolverem nos debates. O Apolônio, o Salles¹⁰ e o Malina¹¹ participaram de várias entrevistas e encontros. Foi uma fase de vida política muito ativa e na qual houve certa reflexão sobre o passado. Conforme comentei, Apolônio tinha um problema com a formação do PT, porque para ele o partido tinha que ter uma ideologia, a começar pelo nome, que devia ser algo ligado a um partido da classe operária. E eu não deixava de argumentar: “O PT não é o partido da classe operária, mas é um partido de massa. Nós sempre lutamos para ter um partido de massa e nunca tivemos, porque o PCB, a não ser, talvez, em 1945, depois da guerra, nunca foi um partido de massa. Então, desta vez, esse partido não tem uma ideologia, mas tem a massa”.

Apesar de algumas dificuldades, nós nos envolvemos bastante com a formação do PT. Apolônio participou de todas as discussões preparatórias e das reuniões para a formação, no Colégio Sion, em São Paulo. Quando houve a criação do partido, ele foi o primeiro a assinar o caderno: foi o militante número um do PT. Do PCB de São Paulo, muita gente se juntou ao PT. No dia da fundação do partido, estavam lá também o historiador Sérgio Buarque de Holanda¹² e o crítico literário e professor Antonio Candido¹³ – foi ele quem fez o prefácio do livro do Apolônio, *Vale a pena sonhar*¹⁴. Conheci também nessa ocasião o sociólogo Florestan Fernandes¹⁵.

10. José de Albuquerque Salles, nascido em 1940, militante comunista. Foi eleito membro do Comitê Central e da Comissão Executiva do PCB no VI Congresso, em dezembro de 1967, ficando no cargo até 1980.

11. Salomão Malina (1922-2002), membro do PCB desde 1940. Malina participou da Segunda Guerra Mundial, recebendo por seu heroísmo a Cruz de Combate de Primeira Classe. Foi diretor do jornal *Imprensa Popular*, que em 1953 substituiu a *Tribuna Popular*. Membro da direção do PCB desde a Conferência de Organização (1962), foi seu presidente entre 1987 e 1991, quando o partido mudou sua nomenclatura para Partido Popular Socialista (PPS) e o elegeu seu presidente de honra. [N. E.]

12. Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) foi um dos mais importantes historiadores brasileiros.

13. Antonio Candido de Mello e Souza (nascido em 1918), intelectual brasileiro, sociólogo, escritor e crítico literário. Militou junto ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e participou da fundação do PT.

14. Livro lançado em 1997, pela Editora Rocco, traz a biografia de Apolônio de Carvalho. [N. E.]

15. Florestan Fernandes (1920-1995) foi um dos maiores sociólogos brasileiros. Perseguido pela ditadura militar, aposentou-se quando professor da Universidade de São Paulo (USP). Foi, por duas vezes, eleito deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT-SP).

Três vertentes compunham o PT, pelo que vem em minha memória. Uma delas era formada pelos antigos esquerdistas (dos partidos de esquerda); outra pelo pessoal das comissões eclesiais de base (CEB's), da Igreja; e também os trabalhadores, que tinham feito as greves. Os primeiros anos do PT foram de muito entusiasmo! Ao menos enquanto Apolônio participou da direção, até 1987, não era um partido institucionalizado. Tinha alguns vereadores, alguns deputados estaduais e deputados federais. Os membros do partido que eram funcionários não recebiam salário, era uma atividade voluntária e espontânea. Recordo-me de que Apolônio, até 1987, viajava pelo menos uma vez por semana para São Paulo, e era ele mesmo quem pagava a passagem. Quando nosso filho Raul estava em São Paulo, Apolônio ficava em sua casa. Não existia nenhuma ajuda de custo. Foi difícil, porque nós vivíamos da minha pensão de viúva de segundo-tenente... A situação era apertada! Às vezes, Apolônio ia duas vezes por semana a São Paulo, com nosso dinheiro... Nesse sentido, as condições eram quase tão duras quando aquelas da vida no PCB.

O Apolônio foi membro da direção do PT: exerceu a função de segundo vice-presidente até 1987. Posteriormente, ele já não estava bem de saúde... E, além disso, o PT do Rio de Janeiro tinha à sua frente um grupo muito esquerdista! Talvez até hoje continue assim, não sei... No Rio de Janeiro, o PT sempre foi muito cheio de problemas... E o resultado das eleições sempre tão baixo! Havia tanta briga, todas as tendências se dividindo... Sobretudo nos primeiros anos, o que atrapalhava muito era a existência daquele esquerdismo – de doer. O Apolônio não se sentia à vontade para ser representante do Rio de Janeiro. Seu modo de pensar estava amadurecido, era diferente. E, dessa forma, seria difícil caso ele se integrasse ao movimento carioca... Então, em 1987 Apolônio saiu da direção do PT.

Por meio da Constituição Federal promulgada em 1988, os militares anistiados passaram a ter direito ao posto em que estariam se não tivessem sido afastados das Forças Armadas. O Exército, porém, interpretava a seu modo a lei, usando dos seguintes argumentos: os anistiados não tinham tempo de serviço suficiente ou não tinham feito cursos. O soldo do militar é muito pequeno, principalmente em relação ao que recebem, de fato, aqueles que se mantêm sem interrupção na ativa. Acréscimos são dados justamente por tempo de serviço, pela realização de cursos e de outros benefícios estabelecidos no Código de Vencimentos e Vantagens. É adicional disso, adicional daquilo... E Apolônio, José Gutman e mais uma turma de companheiros eram tenentes quando foram expulsos. Em resumo: eles não tinham tempo de serviço. Apolônio só passou a receber como coronel em 1992, mas sem o benefício de tempo de serviço... Antes, eu recebia como “viúva de segundo-tenente”, um valor relativo à patente de Apolônio quando foi afastado. Porque há uma praxe no Exército de punir os oficiais, mas não penalizar as famílias – e as famílias, sim, não deixaram de rece-

ber uma pensão. Durante longo tempo, foi a irmã do Apolônio quem recebeu a pensão, quando ele foi para a Espanha – mas isso é outra história. Antes de 1988 passamos a pensão para o meu nome, como “viúva” do segundo-tenente Apolônio de Carvalho.

Em 1988, Apolônio e aqueles companheiros foram anistiados, mas pela metade. Pouco tempo antes de morrer foi que Apolônio passou a receber como coronel. Quando por meio do processo da Anistia ele recebeu o posto de coronel do Exército – foi o primeiro dos militares a receber –, houve uma cerimônia e o ministro da Justiça daquela época, Márcio Thomaz Bastos, empolgou-se e pediu a patente de general para Apolônio. Mas o posto de general é de nomeação do presidente da República, e suponho que o presidente Lula nunca se decidiu a enfrentar o Exército, cuja cúpula estava contra o fato de Apolônio tornar-se general da reserva. Também não seria uma situação nada fácil a ser enfrentada.

Muitos companheiros do Apolônio queriam voltar ao Exército com direito a usar uniforme e essas coisas todas. O Apolônio não tinha interesse nenhum nisso. E ficou em uma situação bastante difícil, porque ele não queria criar nenhum problema para ser general. Não era o objetivo dele. Por outro lado, deixar de atender aos companheiros que tinham lutado com ele até aquele momento... Depois de corrido certo tempo, a turma toda passou a coronel ou general da reserva. Entre eles, o Gutman; outro do Rio Grande do Sul, que morreu há pouco tempo, e ainda outro que está com quase cem anos... Nessa época da luta pela Anistia, esses militares vinham muito se reunir em nossa casa para discutir sobre o tema, como o Gutman e outros companheiros; além do Correia de Sá¹⁶, que também foi combatente na Espanha.

A respeito do rompimento de Prestes com o PCB, não tivemos muita informação. Sei que o Prestes aparecia em certos lugares, mas por conta própria, sem vínculo com qualquer grupo ou movimento. Lembro-me de tê-lo encontrado até em uma reunião do PT em homenagem à velha guarda. Prestes, no entanto, não aparecia como representante de um partido: estava sozinho.

Quanto ao fim da União Soviética, há muito tempo que não tínhamos mais ilusões. Em determinado momento, quando o Apolônio já não tinha muita atividade, a direção do PT nos convidou a ir a Berlim Oriental, na República Democrática Alemã (RDA). Havia sido feito um convite ao partido para mandar alguns companheiros até lá. Foi uma época de problemas na China, do ataque aos estudantes na Praça da Paz Celestial – onde houve o caso daquele estudante ter se jogado na frente dos tanques. Nós passamos esse período na

16. José Homem Correia de Sá, quando aluno da Escola de Sargentos da Aeronáutica participou ativamente do levante de novembro de 1935, sendo preso. Foi solto em 1937, seguiu para a Espanha, onde combateu nas Brigadas Internacionais. Membro do PCB, foi comunista até sua morte.

RDA procurando ler os jornais e nos informar sobre o assunto. E, claro, estávamos contra a repressão que estava acontecendo na China! Lembro-me de que em uma reunião, a única da qual nós participamos, um dirigente do partido na RDA disse sobre os acontecimentos na China: “Estudantes são feitos para estudar!”. Em outras palavras: estudante não é cidadão. Nós ficamos revoltados!

Fazia longo tempo que estávamos, afinal, em desacordo com esses dogmatismos e visões distorcidas. Quando estávamos em Berlim Oriental, estava também uma delegação do PCB. Não cheguei a ver nenhum dos filiados. Chegaram até a nos perguntar se queríamos ser encontrados e nós dissemos que para nós não havia problema algum. Não sei se houve empecilho por parte do PCB, o que sei é que não nos encontramos. Tudo isso aconteceu um pouco antes de cair o muro de Berlim¹⁷. Foi o começo da decomposição do bloco soviético.

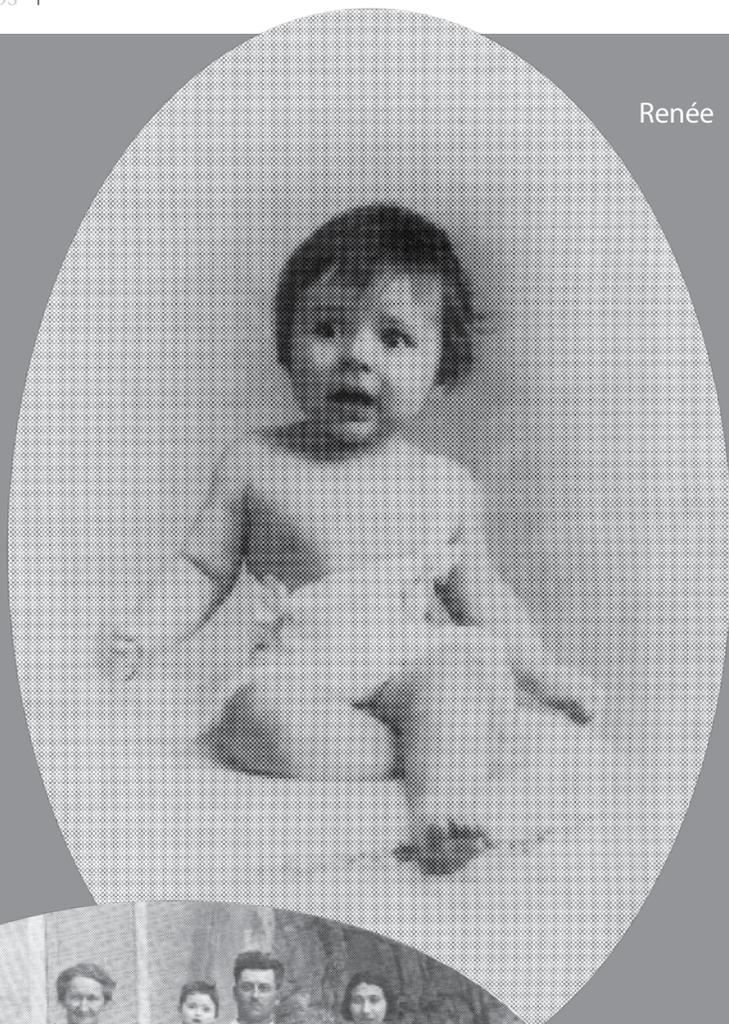
Lembro-me de Apolônio ter lido o relatório produzido por Gorbatchev¹⁸ e ter sentido alguma esperança de que ele pudesse mudar a situação, fortalecendo o socialismo. A verdade é que muita gente teve essa esperança. Não havia mais contexto, não seria possível. Quando ruiu o mundo “socialista”, não foi uma surpresa, não. Sabíamos da decomposição. Por isso, não houve surpresa alguma.

E nós continuamos a militância no PT durante certo tempo, mesmo o Apolônio não sendo mais da direção. O PT tinha organizações pelos distritos eleitorais. Nosso desempenho era constante: nos reuníamos e discutíamos. Pouco a pouco, no entanto, esses núcleos de massa foram desaparecendo. E, com o tempo, o PT passou a ter grande número de militantes eleitos, mesmo antes de chegar ao governo. E quando o partido se tornou governo, o movimento de massas praticamente sumiu. Apolônio já não estava bem de saúde, o que fez diminuir muito nossa participação. Ele passou a se ocupar de outras atividades, de igual mérito: recebia muita gente e dava entrevistas. Foi uma época em que ele começou a desenvolver outro tipo de participação.

17. O muro foi construído em 1961 entre as duas Alemanhas: a República Federal Alemã (RFA) e a República Democrática Alemã (RDA). Segundo as explicações da RDA, que ergueu o muro, o objetivo era evitar que as pessoas trabalhassem na RDA e morassem (e consumissem) na RFA. Derrubado em 1989, o evento deu início à reunificação da Alemanha.

18. Mikhail Sergueievitch Gorbatchev, nascido em 1931, é um político russo. Foi secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética de 1985 a 1991; responsável pelas políticas denominadas *glásnost* (abertura, clareza) e *perestroika* (reforma) que, ditas na intenção de democratizar o socialismo, acelerou seu fim.

Renée



Núcleo familiar
esquerda para direita:
Matilde (tia);
Elisa Peclord (avó);
Louis Langere (pai) com
Daniel, no colo e Juliette (mãe);
sentadas no chão Renée
e a irmã Paulette.



Renée France
em Marseille,
1932-1933.

Tia Mathilde; Paulette
(irmã); Daniel (irmão);
Renée, no dia de
Páscoa. Marseille,
1931-1932.



Renée France:
Coletando doações
para a juventude
comunista na Espanha
Republicana.
Marseille, 1938.



Renée com colegas
estudantes.
Marseille, 1941-1942.



Renée France,
Marseille, 1942.

Je soussignée Hélène TAICH, alias *Comte Domercq* à Marseille
217. Rd Chave

Certifie sur l'honneur que Renée France
LACGERY s'est incorporée dans les rangs des F.T.P. (M.O.I.) à Marseille
au mois de novembre de 1943. Elle a assuré des tâches concernant le transport
d'armes, d'explosifs et matériels destinés aux unités de combat. En janvier
1944 elle a été transférée à la Région comprenant le Gard, l'Ardèche et la
Drôme. Elle a été démobilisée en 1945 à la caserne de Reuilly, à Paris,
avec le grade de sous-lieutenant F.F.I.

Fait à Marseille le 18 novembre 1977

Le signataire de la présente attestation
engage sa responsabilité pénale
(Art. N° 48-127 du 27/8/48-J.O. du 28/8/48)

H. Taich
carte C.V.R. N° 019630

Atestado de Renée
France por sua
participação como
voluntária na 2ª
Guerra Mundial.

Vu la Comptes de M. *Hélène TAICH*
LE LIQUIDATEUR NATIONAL SUPPLÉANT
DU MONTREUR
Roussel
RENÉ ROUSSEL
Paris, le 23 *juin* 1978
MARS 2018

Le Signataire de M. Lucibello M.D. M. de Laugery (Ed. 18) devenu l'épouse de M. de Carvalho est une Résistante de son Commandement et approuvée au sein de M. Messinier, Résistant.

ATTESTATION

Jean CHAUMIER le 29/3/78

M. Je soussigné, Casimir LUCIBELLO, alias LABORDE, Carte C.V.R. n°96.703, Lieutenant-colonel homologué, Chevalier de la Légion d'Honneur, Croix de guerre, Médaille de la Résistance, ex-commandant Inter-Régional des F.T.P.F. de la 4^{ème} Région,

CERTIFIE SUR L'HONNEUR

que Madame Renée France de CARVALHO, née LAUGERY, le 10 avril 1925 à Marseille et résidant actuellement au n°173 de la rue de Charcuton - 75012, Paris, a fait partie de la Résistance française depuis janvier 1942, au sein du FRONT NATIONAL et des F.T.P.F., partie intégrante de la Résistance intérieure française.

Dès son engagement Madame de CARVALHO a été affectée au sein du FRONT NATIONAL à Marseille auprès de la Direction Régionale, pour accomplir des liaisons entre les responsables pour la fabrication et le transport des tracts anti-nazi, et cela jusqu'en novembre 1943 (responsable ROUCAUTE, Roger, colonel LAZARE).

En novembre 1943 elle est incorporée dans les rangs des F.T.P. (M.O.I.) à Marseille. En janvier 1944 elle est affecté au service des liaisons auprès de l'Etat-Major Inter Régional des FTFF du Gard, de l'Ardèche, de la Drôme, de la Lozère (I.R.G.). A cette fonction elle était chargée d'assurer la liaison entre les Etats Majors de chaque département, y compris vers les dirigeants de secteurs et des maquis en pleine voie de développement.

Pour ce faire elle transportait des ordres écrits ou verbaux auprès des responsables et, en plus, elle transportait le journal "France d'abord" et aussi des armes diverses (explosifs, plastique, armes légères, etc. ...).

Cette activité a été menée jusqu'à mai 1944 de façon continue de jour comme de nuit.

Pour des raisons de sécurité elle est affectée en mai 1944 à l'Etat Major Inter Régional de la Haute-Garonne, Lot et Garonne, Tarn et Garonne, Tarn, Aveyron (I.R.C.), pour y accomplir les mêmes fonctions.

Bien entendu son activité est de plus en plus importante compte tenu de la préparation de l'insurrection nationale. Transport de missives de combats et d'ordres à accomplir, en particulier dans les usines de l'Aérospatiale, de la cartoucherie et d'autres grandes entreprises de Toulouse et environs.

Je n'ai eue sous mes ordres directs et je n'ai eu qu'à me féliciter des missions qu'elle a accomplies.

Elle a été démobilisée après la libération de son groupe FTFF. Elle est aussi homologuée et a obtenu le grade de sous-lieutenant F.F.I. .

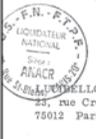
En foi de quoi je délivre la présente attestation pour valoir et servir ce que de droit.

Fait à Paris, le 29 février 1978

Pour servir et valoir ce que de droit

Le signataire de M. Lucibello présente attestation en vertu de son mandat de Résistant (lettre n° 42-1329 du 27/10/44-J.O. du 28/10/44)

LUCIBELLO Casimir
23, rue Crémieux
75012 Paris



Atestados de Renée France por sua participação como voluntária na 2ª Guerra Mundial.

ATTESTATION

Je soussigné Apollinio de CARVALHO, alias EDMOND, Lieutenant-colonel homologué, Chevalier de la Légion d'Honneur, Croix de guerre, ex-commandant Inter-régional des F.T.P. (M.O.I.) de la 4^{ème} Région et di commandement F.T.P. (M.O.I.) Zone Sud,

Certifie sur l'honneur

que Mademoiselle Renée France LAUGERY a accompli de janvier jusqu'à la fin du mois d'avril 1944 les fonctions de responsable de liaisons dans l'inter-région comprenant le Gard, l'Ardèche et la Drôme. Elle a, pendant cette période, assuré les liaisons entre cette inter-région et le commandement F.T.P. (M.O.I.) de la Zone Sud dont le siège était à Lyon.

Elle a réalisé d'une façon permanente des tâches concernant le transport d'armes, d'explosifs et matériels destinés aux unités de combat. Elle a assuré le transport et la mise en sécurité des prisonniers politiques évadés de la prison de Nîmes en février 1944. En mai 1944, elle a été transférée, toujours dans les rangs des F.T.P. (M.O.I.) dans la 4^{ème} Région.

Mademoiselle LAUGERY est devenue épouse de CARVALHO le 2 janvier 1945, à Toulouse (ci-joint extrait du livret de famille).

Elle a été démobilisée en 1945 à la caserne de Rouilly, à Paris, avec le grade de sous-lieutenant.F.F.I. .

Fait à Paris, le 29 novembre 1977.

Le signataire de M. Apollinio de Carvalho engage sa responsabilité personnelle (lettre n° 42-1329 du 27/10/44-J.O. du 28/10/44)

Vu la Signature de M. **de Carvalho**
LIQUIDATEUR NATIONAL DU FRONT NATIONAL
Jean CHAUMIER
Paris, le 29/3/78



Pour servir et valoir ce que de droit.

TITRE I. — MILITAIRES DES ARMÉES DE TERRE, DE MER ET DE L'AIR (Suite)

COLONNE
numéro
à la destination

Activités en faveur de l'ennemi :

- a. Arrivées, au cours de votre captivité, dans un quelconq. ou périodique paraissant sur territoire de la puissance détentrice..... oui ou non (1)
- Laquelle :
- b. Arrivées, militaire dans un groupe ou camp, créé dans votre camp, préconisé par un quelconq. de la collaboration avec l'ennemi..... oui ou non

TITRE II. — MEMBRES DE LA RÉSISTANCE MÉTROPOLITAINE OU HORS DE FRANCE

A. SERVICES DANS LA RÉSISTANCE

Date d'engagement : Janvier 1942
 Date de désactivation ou de fin de service : 1945
 Grades successifs : JOSEF - Secrétaire de la Libération
 Numéro matricule, indicatifs ou pseudonymes :

1° F.F.C. — Réseau dans lequel l'intéressé a servi :

de	à	en
de	à	en
de	à	en

À titre de P. 2 : (2)

2° F.F.C. — Périodes de contact auxquelles l'intéressé a participé (3) :

Lieux successifs (lieux, déplacements) :

SAINT-PIERRE (13) Ormaiz, de fin de M. novembre 1942 en janvier 1944
GRY, MONTRE, BREVILLON, G. de janvier 1944 en février 1944
à Giverny (Seine-et-Marne), P. de la Seine, de fin de M. 1944
de fin de M. 1944

3° Membres de mouvements de résistance d'armes ou de services, ou intéressés, ou membres occasionnels des réseaux visés au A, 1°, ci-dessus.

a. Mouvements ou réseaux pour les compte desquel l'intéressé a travaillé (4) :

de	à	en
de	à	en
de	à	en

b. Accomplissement de l'un ou de plusieurs des actes individuels de résistance énumérés limitativement ci-dessous :

— Création et direction aux échelons nationaux, régionaux et départementaux d'organisations de Résistance armées..... oui ou non

de

(1) Rayer les mentions inutiles.
 (2) Rayer la case mentionnée en cas de l'inscription P. 2 P. A.
 (3) Rayer la case mentionnée en cas de l'inscription P. 2 P. A.
 (4) Rayer la case mentionnée en cas de l'inscription P. 2 P. A.
 (5) Rayer la case mentionnée en cas de l'inscription P. 2 P. A.

TITRE IV. — SERVICES DE GUERRE ANTERIEURS AU 3 SEPTEMBRE 1939 (Suite)

COLONNE
numéro
à la destination

Services dans les Armées alliées..... oui ou non (1)

Unité :

Après le 11 novembre 1918 (T.O.E.) :

Carte de Combattant n° :

délivrée par l'O.D.E. de

TITRE V. — SERVICES DANS LES ARMÉES ALLIÉES APRÈS LE 3 SEPTEMBRE 1939

Arrivées, entièrement ou partiellement, servi dans les Armées alliées..... oui ou non

Unité :

Arrivées, sans avoir perdu définitivement votre nationalité française, servi dans les Armées alliées..... oui ou non

Unité :

(1) Rayer les mentions inutiles.

Fait à Paris le 20 novembre 1972

Je, soussigné, certifie sur l'honneur l'exactitude de mes réponses aux questions ci-dessus et déclare n'avoir pas été lésé, en application de l'ordonnance du 11 novembre 1944, sanctionnée par la Haute Cour de Justice, de l'ordonnance du 20 novembre 1944 relative à la répression des faits de collaboration et des textes relatifs, de l'ordonnance du 20 décembre 1944 portant modification et radiation des textes relatifs à l'indigénat national, ou du Code de Justice militaire, d'une condamnation aux peines.

Signature :
R. de Lurmelio

Détail des pièces jointes :

Attestations de :
1. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
2. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
3. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
4. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
5. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
6. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
7. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
8. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
9. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000
10. M. de Lurmelio, carte S.O.S. n° 96.763, Livret-mat. S.O.S. n° 100.000

Atestado de Renée France por sua participação como voluntária na 2ª Guerra Mundial.

- 3 -

TITRE II. — MEMBRES DE LA RÉSISTANCE (Suite)

COLLERE
destinado
à la Résistance

A. SERVICES DANS LA RÉSISTANCE (suite)

— Direction volontaire de matériel classé dans l'imprimé..... *oui* ou non (1)

de à

— Réception, transport ou distribution habituelle de tracts ou journaux clandestins, établis par une organisation reconnue..... *oui* ou *non*

de *juin 1943* à *la libération*

— Fabrication habituelle et sur commande de pièces d'identité pour les membres de la Résistance de à *oui* ou *non*

de *juin 1943* à *la libération*

— Transport ou direction volontaire d'armes ou d'explosifs dans un but de résistance..... *oui* ou *non*

de *juin 1943* à *la libération*

— Fabrication de matériel radio destiné aux émissions et réceptions de postes clandestins utilisés pour la Résistance..... *oui* ou *non*

de à

— Fourniture volontaire gratuite et habituelle de locaux aux réunions de groupes clandestins..... *oui* ou *non*

de à

— Hébergement gratuit et habituel de résistants (travailleurs ou militaires ou ceux d'une action militaire, de militaires (travailleurs ou militaires) ou de représentants des Armées alliées, de *juin 1943* à *la libération*) *oui* ou *non*

de *juin 1943* à *la libération*

— Passage habituel, à titre gratuit, de résistants ou de militaires évadés lors du service occupé vers la France libre ou les pays alliés..... *oui* ou *non*

de à

— Destruction habituelle de voies de communication ou d'installations ferroviaires, postales ou aéroportées..... *oui* ou *non*

de à

**B. AVEZ-VOUS ÉTÉ BLESSE
DANS L'EXÉCUTION D'UN ACTE QUALIFIÉ DE RÉSISTANCE
OU DE COMBAT** *oui* ou *non*

À quelle date : et :

Dans quelles circonstances : Insérer toute pièce justificative relative au cas

C. INTERNEMENT OU DÉPORTATION

1^{re} Date et lieu d'arrestation (2) :

Cause de l'arrestation (3) :

Dates successives d'internement :

de à

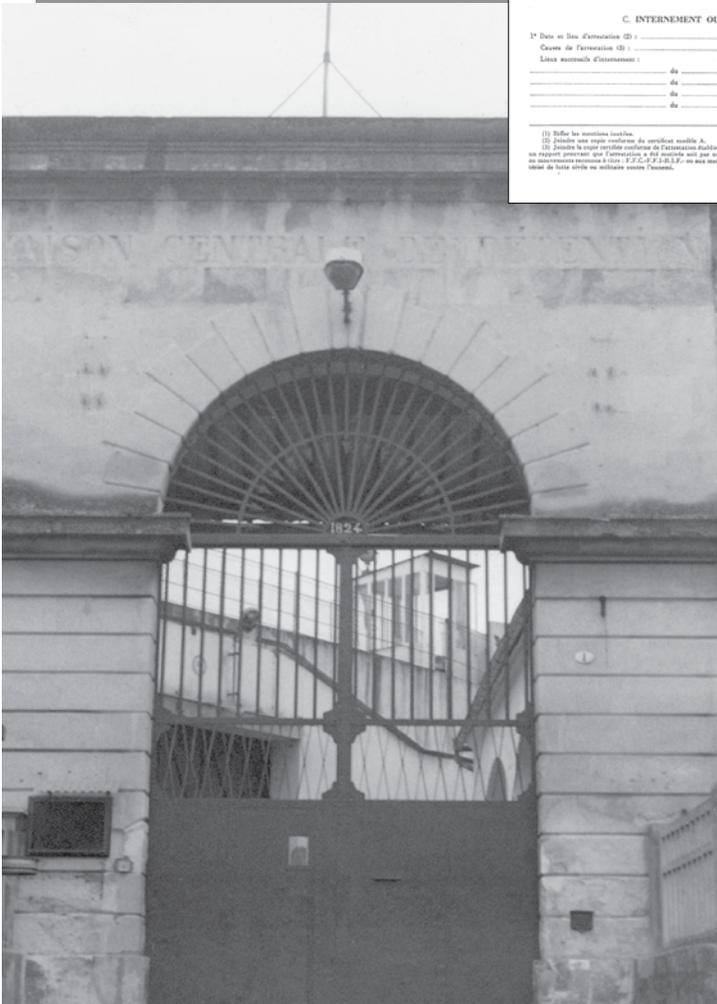
de à

de à

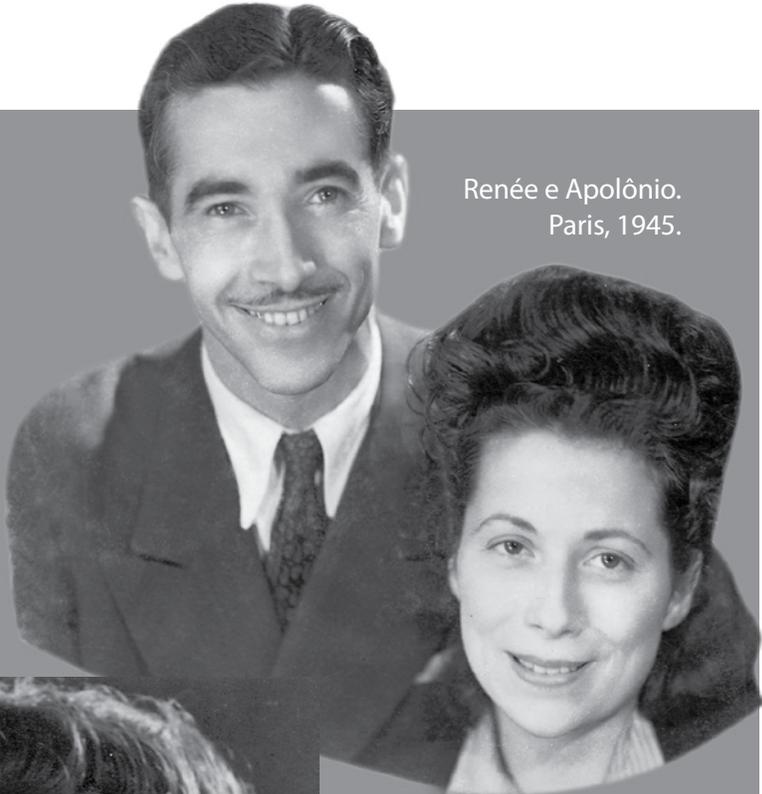
(1) Réferer les mentions inscrites.

(2) Joindre tout autre mention de certificat médical.

(3) Joindre le ou les certificats confirmant de l'arrestation établis au titre F.F.C. ou R.L.F. ou F.F.I. — A son défaut joindre un rapport concernant son internement à cet article ou par un acte d'acte volontaire arguant une blessure, l'arrestation ou le mouvement reconnu à titre F.F.C., F.F.I., R.L.F. ou aux membres individuels de ces formations, ou par un acte volontaire de lutte active ou militaire contre l'ennemi.



Prisão Fortaleza. Nîmes, 1944.

A black and white photograph of a man and a woman. The man, René, is on the left, wearing a dark suit, white shirt, and patterned tie. He has a mustache and is smiling. The woman, Apolônio, is on the right, with her hair styled in a large, dark, curly updo. She is also smiling. The background is a plain, light color.

Renée e Apolônio.
Paris, 1945.



Renée France .
Marseille, 1945.



Renée France e a irmã Paulette, na volta do campo de concentração. Paris, 1945.



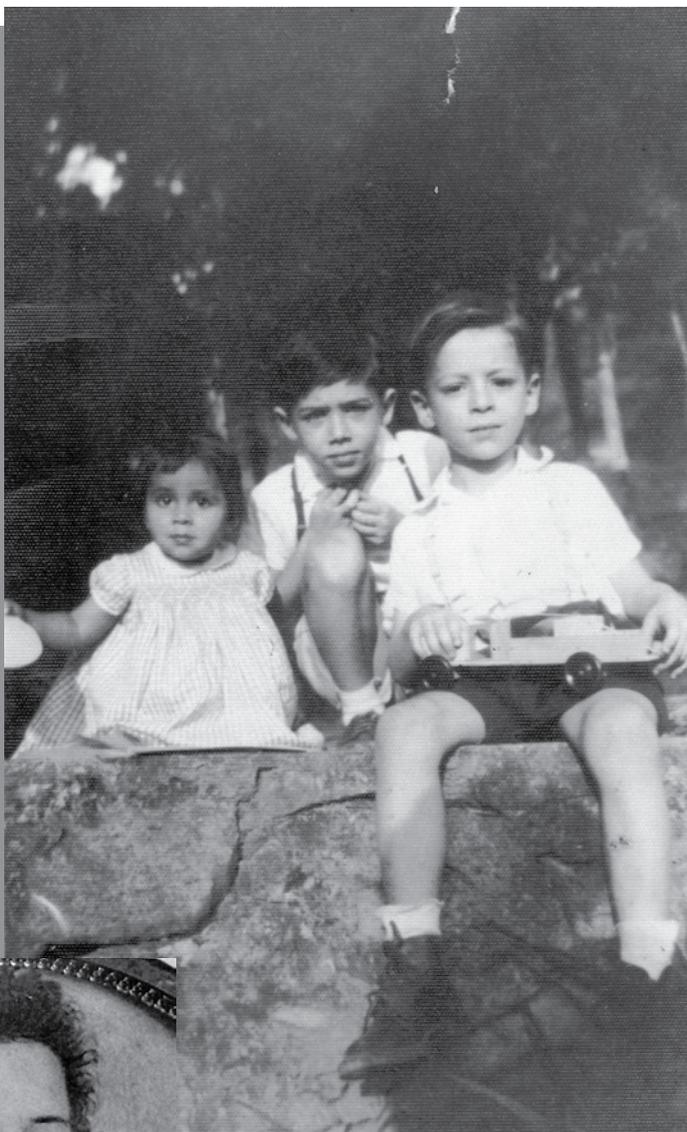
Renée com avó, o irmão e o filho René Louis. Paris, 1945-1946.

Renée e o
filho René
Louis.



Filhos Raul e
René, 1952.

René Louis, Raul e Zélia, a filha mais velha de João Amazonas, na clandestinidade. Rio de Janeiro, 1940-1950.



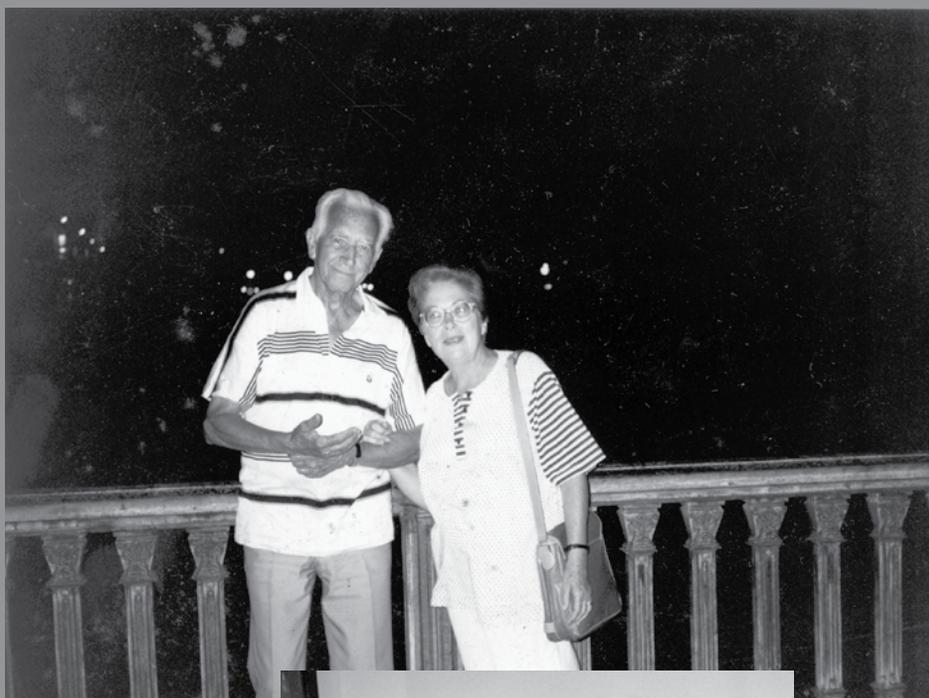
Hamilton - retrato pintado num medalhão. Raiz inglesa do ramo materno de Renée.



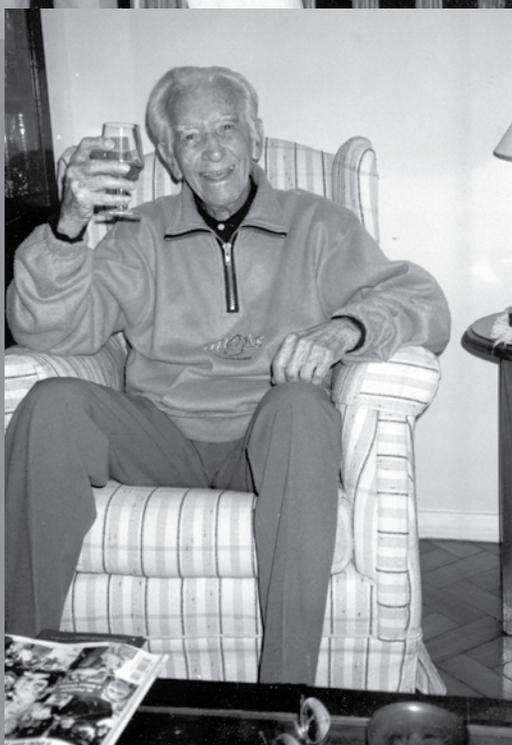
Maithé (neta) e João Lucas (neto).



Conceição
Silva,
amiga fiel.



Renée e Apolônio.
Paris, maio 1989.



Apolônio em casa.
Rio de Janeiro, 1990.



Da esquerda para direita: governador Sergio Cabral; ex-ministro Juca Ferreira; ex-presidente Lula, ex-ministro Luiz Dulci, Renée France e o ex-ministro Paulo Vannuchi, em homenagem no Consulado Francês.



Da esquerda para direita: amiga Zezé; o filho René e a nora Angela, em aniversário de Renée em 2011.



Apolônio, Renée e o amigo Adules. Nîmes, França, 1990.



Renée e Apolônio festejando com amigos e vizinhos a vitória de Lula, nas eleições de 2002. (RJ)

VIVÊNCIAS E LUTAS

Minha militância começou muito cedo. Desde minha pré-adolescência vivi participando da luta, mergulhada nela. Quando criança, ouvia atentamente o que meus familiares e as pessoas ao meu redor discutiam. Adolescente, militei na luta da Frente Popular, colaborando nas lutas operárias e, ainda jovem, entrei na Resistência e nela lutei até a libertação da França. Nunca tinha pensado, no entanto, em ser militante em tempo integral. Quando terminou a guerra, meu país estava libertado do nazismo, mas a luta não acabara na França, logo sentimos. Eu queria colaborar, ir às reuniões da célula, participar politicamente, mas não almejava ser uma profissional do partido. A ida para o Brasil me impôs outra trajetória.

Quando tivemos de vir para o Brasil, Apolônio tinha pena de deixar a França. Entretanto, o PCB o chamava, e isso significava muito para ele, seu partido o chamava e eu não iria me opor. Mas para mim não foi fácil deixar a França e a minha família, aceitar o que seria também uma mudança radical em minha própria vida. Eu tinha minha avó ao meu lado, que quase me “roubava” o filho de tão feliz de ter o primeiro bisneto... Ela vivera conosco nos últimos dois anos e estava feliz! Com a nossa vinda ela ficaria longe do René, de mim e do Apolônio, que ela adotara completamente. Tive remorso

por tê-la deixado. Há muitos remorsos que vamos carregando pela vida, principalmente em relação aos filhos.

Apolônio pensava que poderíamos manter nossa ligação com a França, porque ninguém imaginava que a legalidade do partido no Brasil seria tão curta. A nova clandestinidade caiu sobre mim de forma absolutamente imprevisível, tive que apelar ao espírito de partido, um companheiro velho de guerra... Na França, eu lutava na Resistência contra o nazismo – todo o contexto era muito concreto. Aqui no Brasil eu continuava comunista e me sentia uma militante comunista, mas não lutava por nada palpável.

As dificuldades que encontrei aqui foram numerosas, a começar pelo fato de não falar português. Assim que chegamos, o Apolônio sumiu... O Arruda o apresentava ao PCB e contava com ele. Logo foi criada a Juventude Comunista, pela qual o Apolônio ficou responsável e foi levado em turbilhão. De fato, fiquei muito sozinha em uma terra estranha, sem falar a língua, grávida e ao mesmo tempo cuidava de meu primeiro filho, então um garotinho de dois anos. Mas enfrentei todos os percalços. Não foi só por muito amor ao Apolônio, mas porque eu era uma militante comunista. Vou dar um exemplo, no momento em que o Raul estava para nascer. Tomei sozinha a decisão de não dizer nada ao Apolônio sobre o bebê que estava prestes a chegar e fiz isso com a finalidade de não criar problema de consciência para ele. Fui ter o meu filho sozinha. Havia companheiras a meu lado, sim, mas na verdade mal as conhecia, sentia-me mesmo sozinha. Tudo isso são coisas que acabamos por resolver... Quando estamos à beira do rio e não podemos voltar, é preciso pular...

No Brasil com um filho pequeno, outro que nasceu logo depois e sem falar a língua, tive uma moça para ajudar, a Xandoca, mas por curto tempo. Ela não falava francês e eu não falava português... Ao menos, eu tinha com quem falar e sempre conseguíamos nos comunicar sobre algum assunto.

Nasci em 1925 e quando cheguei ao Brasil tinha 21 anos e meio. Eu não saía de casa, não ia ao cinema. De vez em quando, se aparecia um livro em francês, os companheiros me mandavam. Era uma vida assim... Fiquei com muito sotaque porque aprendi mal o português, praticamente só lendo jornal. Apolônio e eu estávamos longe da família e não tínhamos contato com ninguém. E procurávamos não conhecer muito os vizinhos, para não ter que inventar histórias. A vida das mulheres no partido, casadas com militantes, foi uma vida muito brava, extremamente difícil.

Também é verdade que minha ligação com o Apolônio era muito profunda: não era apenas uma ligação entre um homem e uma mulher. O Apolônio me conheceu na luta e ele sempre teve o sentimento de que, por ser eu uma camarada, podia exigir mais de mim. Pode parecer que agora eu esteja

fazendo um ajuste de contas, mas não é isso; para mim, todas essas situações estão bem resolvidas, muito serenas – foi essa a trajetória da nossa vida. Quando perguntava a Apolônio: “Você se lembra disso?”, “Foi a nossa vida” – era a resposta que ele costumava me dar.

Criar uma família nessas condições é, sem dúvida, difícil. O René outro dia fez um comentário em relação a mim e a atitude deles. Vivíamos em um ritmo bastante provisório: seis meses em uma casa, quatro meses em outra... Ele comentou que, apesar dessa precariedade, eu procurava tirar esse caráter de provisório, sempre cuidava da casa como se fôssemos ficar por mais tempo. Havia muitas plantas em casa, tínhamos um colchão de palha, e eu fazia uma colcha para cobri-lo, dando a vaga impressão de ser um sofá... O René me disse que por isso as mudanças não perturbavam muito, porque procurei manter uma continuidade em nossas vidas. Deve ter sido o meu temperamento pequeno-burguês, que me levava a querer ter uma casinha arrumada... E sempre os coloquei em um jardim da infância perto de casa, para que tivessem contato com outras crianças.

Em muitas famílias de comunistas os filhos se revoltaram contra os pais, em razão de tantas dificuldades porque tiveram que passar. Lá em casa, não. Mesmo o Raul, que era o mais esquentado, nunca se revoltou contra nós. E o Apolônio também, apesar das prioridades impostas pelo partido, sempre foi próximo dos meninos e conversava muito com eles, e assim se sentiam queridos, sentiam o aconchego de ter uma família. René e Raul não foram crianças rebeldes, nunca tivemos que cobrar para que estudassem. Além disso, desde bem jovens começaram a militar no partido.

Eles passaram a primeira fase da vida na clandestinidade conosco e talvez por isso tiveram noção de muitas limitações... Quando, na França, ficaram sabendo nossos nomes verdadeiros e quem Apolônio e eu éramos, ao menos aparentemente aceitaram muito bem. Para eles, é provável que sentissem ter vivido um pouco uma vida de aventura, de mudar de casa, mudar de nome... Eles nunca se revoltaram ou se aborreceram com isso, nunca reclamaram de não poder levar amigos em casa. Sempre foram muito amigos nossos, compreensivos. Tanto Apolônio, que esteve mais tempo fora, quanto eu, estávamos muito presentes junto a nossos filhos. Procurávamos estar presentes sempre que possível, conversando muito, demonstrando a eles que podiam contar conosco, que tinham seu lugar na família. Eles não reclamavam do Apolônio estar longe, e para justificar a situação eu contava histórias. Mas a verdade é que foi duro para eles também!

Na época em que o René prestou o exame vestibular – naquele tempo cada faculdade organizava o seu próprio –, eu queria que ele fizesse a graduação

em Química, para ir trabalhar na Petrobras, que estava começando. Ele fez o vestibular para Química, dando-me uma satisfação. E na Química, mesmo perdendo uma prova e ficando com zero nesta, ele passou. Mas fez também Economia, nunca criei problema com isso, procurando não ser uma mãe muito intrometida... Eles militaram desde secundaristas e mais tarde participaram ativamente do PCBR, sendo que René foi também dirigente desse partido.

Quando o Apolônio viajou para a União Soviética e fiquei sozinha no Rio de Janeiro, foi outra época complicada. Viver na casa dos outros é difícil, ainda mais sem dinheiro. Foi uma época em que tive muita militância política, era membro da Comissão de Organização do Comitê Regional de São Paulo e, depois, da Comissão de Educação, foi uma experiência rica. Mas ficava todo o dia fora, no trabalho do partido, deixando as crianças na casa onde morávamos. Não havia muita opção. Depois de Apolônio ter saído em viagem, fiquei praticamente entregue ao partido, com os dois meninos.

Logo depois do fechamento da Juventude Comunista e da cassação do registro do partido, o Apolônio entrou na clandestinidade de novo... Fiquei morando em Santa Tereza com a Xandoca, e pensei: vou ficar sozinha, o que vou fazer? E resolvi procurar um emprego.

Era vizinho do prédio em que morávamos o Osvaldo Pacheco¹, cuja mulher também queria encontrar trabalho – ele era deputado. Ela devia estar preocupada que o marido perdesse o posto. Ela não era comunista e, pouco depois, eles se separaram e Osvaldo casou-se de novo – eu o via uma vez ou outra, parece que havia sido rebaixado, tendo que voltar à base em Santos.

Certa vez, fui à Livraria Francesa (atual Da Vinci) e o senhor me perguntou se eu sabia bater à máquina, datilografar, mas eu não sabia. Ele me disse: “Aprenda a bater à máquina que você pode ter um trabalho aqui”. Havia, no entanto, o impasse: se conseguisse o trabalho, como mantê-lo tendo que acompanhar Apolônio na clandestinidade? Não seria possível. O partido decidia por você! Os militantes pertenciam ao partido. Lutávamos para vencer a burguesia e para isso era preciso fazer sacrifícios: ser disciplinado, obedecer. E como comentei anteriormente, eu não pensava em me opor. Pensávamos exatamente deste modo: “O Partido”. Ele era para nós uma entidade mítica! E, no entanto, o partido eram pessoas, composto por fulano, beltrano, por companheiros que, como qualquer ser mortal, têm defeitos e qualidades, sem dúvida. Mas o problema é que decidiam por nós como se eles fossem “Deus-Pai”.

1. Osvaldo Pacheco da Silva (?-1993), estivador e líder sindical em Santos (SP), membro do PCB e de sua direção desde a III Conferência do PCB em 1946, quando eleito deputado constituinte. Foi fundador e presidente do Comando Geral dos Trabalhadores, em 1962. Depois do golpe militar, foi brutalmente torturado por agentes da repressão.

Tínhamos o ideal de uma revolução socialista, embora não nos dessemos conta de que essa revolução socialista só poderia acontecer em um futuro longínquo – e lutávamos por ela naquele momento! Isso parecia uma contradição, mas a verdade é que a mudança do modo de produção para o socialismo ainda não estava madura aqui; e nada indicava que fosse possível àquela altura dos fatos. O socialismo para nós existia na União Soviética, mas nas democracias populares já não acreditávamos muito que existisse.

E se é verdade que víamos o partido como uma religião, que o sacralizávamos, da mesma maneira pensávamos no âmbito do social. Fazíamos abstração completa da vida pessoal. E, para nós, o dirigente representava o partido. E o que era o partido? Uma entidade formada por pessoas, com seus defeitos e suas ambições. Nós podíamos discutir, até certo ponto, com um dirigente. Era sempre ele, porém, quem dava a última palavra. Quando o Apolônio foi estudar na União Soviética, disseram-me que eu fizesse as minhas malas, pegasse meus filhos e voltasse para a França... Eu não quis e respeitaram minha decisão. Depois, não sei porque resolveram que Apolônio ficaria mais dois anos estudando Filosofia, e sobre o assunto não me perguntaram nada nem levaram em conta o que eu teria decidido e me disseram: “Você também vai estudar na União Soviética, vá tratar dos passaportes”. Não tive – não sei bem se o termo é coragem – de discutir. Tudo isso considerando que Apolônio e eu sempre estivemos ligados à alta direção do partido.

Contatos com amigos não tínhamos, com ninguém... Muito em função das tarefas que nos davam, deixando-nos isolados, o que impedia de estabelecer relações com outras pessoas. O Apolônio tinha uma irmã em São Paulo, que tomava conta de uma casa do João Amazonas, com quem René ficou quando da doença do Raul. Ela morava em São Paulo, mas não a víamos, não tínhamos contato com ela.

O partido era muito desumano: não levava em conta a individualidade dos militantes nem seus problemas pessoais. Talvez por isso não fosse fácil fazer amigos no partido. Éramos companheiros, víamo-nos com frequência, nos respeitávamos, mas não existia entre nós uma amizade mais chegada, mais profunda, não. Claro que tínhamos maior afinidade com certos companheiros, mais simpatia – e dificilmente nada além dessa simpatia. Não eram pessoas a quem você pudesse confiar seus sentimentos, como a um irmão. Havia solidariedade, mas não baseada em amizade: éramos solidários porque essas pessoas pensavam como nós, eram membros do partido. Se houvesse qualquer problema que as afastasse do partido, também nos afastávamos delas.

Tenho como exemplo nossa ligação com o Amazonas, que viveu conosco em uma casa que montamos para ele. Eu gostava do Amazonas, mas não

ia além dessa simpatia, dessas boas relações. Talvez porque na clandestinidade não devêssemos saber nada da vida dos companheiros, para não identificar seus nomes reais. Então a forma desses contatos era limitada, porque quando se é amigo de uma pessoa, conhecemos algo da vida dela, da família, de seus problemas pessoais... E fazíamos questão, justamente, de não saber de nada. Além do mais, tudo que era pessoal era considerado pequeno-burguês.

A escassez e as dificuldades eram muitas... Roupas, por exemplo, recebíamos das mulheres dos contribuintes do partido, que eram profissionais liberais, médicos, dentistas. Quando elas não queriam mais uma ou outra peça, mandavam para o partido e nós recebíamos. Comprar roupa? Que nada! E para o Apolônio, não podíamos gastar dinheiro com isso... Muitas vezes tínhamos encontros em certos lugares onde precisávamos nos apresentar melhor, mas não tínhamos roupa! Minha argumentação era : “Tenho que vestir os meninos!”, “Mas isso é dinheiro do partido...” – era o que Apolônio me dizia. O dinheiro do partido era sagrado.

Vivíamos sempre em pindaíba! Mudávamos de casa a cada seis meses, às vezes menos, e então, o pouco que se tinha conseguido acumular, economizando, não era possível carregar, porque tínhamos que ir sem pacotes. E tínhamos de recomeçar: sempre e sempre... Os meninos mudavam de escola... Era preciso ter vontade que eles estudassem, eu inventava modos para isso acontecer. Como nessa época não havia muita burocracia, era mais fácil. Ninguém tinha carteira de identidade, não era algo importante como hoje em dia... Na escola dos meninos, como comentei, eu protelava a apresentação de documentos.

O ESPÍRITO CRÍTICO ENTRE NÓS

Eu fazia queixas ao Apolônio, mas nunca me queixei para outra pessoa. Apolônio me ouvia, mas também não havia como melhorar a situação... Tempos mais tarde, comecei a ter um pouco mais de espírito crítico, no entanto, nunca a ponto de criar problemas. Eu contei o caso das democracias populares, quando o Apolônio escrevia a coluna “Teoria e Prática”. Para os meninos e para mim aquilo se tornou um assunto pessoal, mas em tom de brincadeira, e o Apolônio dizia: “Mas como posso dizer isso que vocês querem no jornal do partido?! Eu tenho que encontrar um jeito de dizer, se não o Bonfim² não

2. Orlando da Silva Rosa Bonfim Jr. (1915-1975), advogado mineiro, membro do PCB desde a década de 1940, foi eleito membro do Comitê Central do partido e de sua comissão executiva no V Congresso, em 1960. Foi, durante a clandestinidade, o responsável pela imprensa do partido. Preso em outubro de 1975, foi assassinado pela ditadura e faz parte, até hoje, da lista de desaparecidos.

deixa sair!”. Pouco a pouco, fomos ganhando mais independência e houve uma época em que discutíamos bastante.

Antes de 1964, Apolônio e eu vimos um filme muito bonito sobre o muro de Berlim, chamado *Noite sem estrelas*³ – quando as coisas nos tocam não as esquecemos. Mostrava a vida das pessoas que tinham família do outro lado do muro de Berlim, o desespero em que pessoas viviam, mas não era um filme anticomunista. Lembro-me de que consideramos esse filme muito bonito. Estávamos saindo do cinema quando encontramos Mário Alves e a Dilma, que tinham visto o filme também e gostaram bastante. Depois discutimos sobre esse tema.

Nossa opinião sobre a União Soviética havia começado a mudar. Quando houve a invasão da Hungria, em 1956, Apolônio e eu estávamos em Moscou. Nosso coletivo tinha inventado de fazer um jornal falado e cada noite um de nós ficava no rádio procurando nas estações em português, em espanhol, em francês, comentários sobre fatos que pudéssemos compreender. No dia seguinte, na hora do café da manhã, fazíamos um resumo das notícias, como em um jornal. Além do que se dizia na União Soviética, também tivemos acesso a outras opiniões, na maioria das vezes contra a invasão, mas igualmente a favor. Na discussão da intervenção soviética na Hungria, lembro-me de que só não fiquei abertamente contra essa intervenção porque se dizia e insistia que o capitalismo iria se aproveitar da situação para intervir – o mundo estava em plena Guerra Fria. Isso fez com que não me posicionasse contra a intervenção. Esse passo não dei, embora tudo me levasse a isso. Além do mais, a direita na Hungria era violenta, lembro-me, por exemplo, do cardeal Mindszenty⁴... Por causa de situações como essas, nós hesitamos, mas estávamos contra os métodos soviéticos.

Quando morreu Stalin, Apolônio foi encarregado de escrever um artigo sobre ele, e não ia escrever esses relambórios tipo “pai dos pobres”, “guia genial” ou algo do gênero. Tínhamos sentido de ridículo! Apolônio disse: “O que vou escrever?”. Ele queria escrever sobre alguma tese lançada por Stalin e então começava a se lembrava de uma passagem e logo concluía: “Mas isso não é texto de Stalin, é sim de Lênin!”. E mais adiante, quando logo puxava pela memória outra informação, dava-se conta: “Isso não é de Stalin, é de Lênin!”. O único texto que ele encontrou produzido por Stalin foi sobre a questão das nacionalidades – talvez a única coisa escrita por Stalin que pres-

3. Originalmente, *The star look down*, filme de 1940 dirigido por Carol Reed. [N. E.]

4. Jozsef Mindszenty (1892-1975), cardeal húngaro violentamente anticomunista. Preso durante a Revolução Húngara em 1949, foi solto em 1956, na rebelião anticomunista da Hungria, quando se exilou nos Estados Unidos, onde morreu.

tasse. E assim prosseguia Apolônio, dizendo: “Vocês me ajudem, o que vou escrever?”. E ele não encontrava nada que pudesse atribuir a Stalin. Enquanto isso, eu estava desconsolada com a morte de Stalin... Foi muito curioso. Não me lembro do texto que Apolônio acabou escrevendo, nem mesmo sei se chegou a ser publicado.

Ao longo de todos esses anos, amadurecemos na vida partidária, então uma trajetória longa para nós. Para mim foi a vida toda, para Apolônio praticamente também, porque aos 23 anos ele estava na Escola Militar. Não tinha uma ideologia firmada, mas se revoltava contra tudo que julgava errado. Nós entramos no Partido Comunista cheios de crença e, depois, pouco a pouco, amadurecemos e fomos aprendendo, adquirimos certo espírito crítico que poderia ter vindo mais rápido, talvez. A verdade é que, naquela época, ninguém tinha espírito crítico.

Pensar em fazer nossa vida fora do partido era quase impossível, porque não havia meio termo: ou você estava no partido ou estava contra o partido. E todos os militantes se voltariam contra você, que poderia até ser expulso. Apolônio era uma pessoa inteligente, com conhecimentos, poderia ter encontrado um emprego com o qual pudéssemos viver melhor, mas onde encontraria um emprego, em um jornal? Ele seria utilizado contra o partido, seria uma situação muito difícil. Não chegamos a pensar nisso em razão de nunca termos pensado que poderíamos viver fora do partido.

Conheço um único companheiro que se afastou do partido e que todos os que souberam disso respeitaram a decisão: o [Francisco Antonio] Leivas Otero. Sua vida familiar estava muito difícil com os dois filhos. Afastou-se e nunca ninguém falou dele como um traidor. Mas, depois de certa idade, dificilmente uma pessoa poderia viver fora do partido e refazer uma vida, conseguir se estabelecer em uma profissão.

Apesar de nunca termos cogitado deixar o partido, havíamos começado a criticar, como no caso da China e da União Soviética. Começávamos a notar que algo estava errado, embora não tenhamos tomado partido de um lado ou de outro. Considero até que nossa ida à União Soviética acabou por facilitar esse espírito crítico, porque lá tínhamos uma vida mais coletiva e discutíamos as coisas que iam acontecendo, no dia a dia: a preparação para o XX Congresso do PCUS, a invasão da Hungria e a percepção de mudanças muito sutis na mentalidade de nossos professores, tudo isso nos fazia pensar. O fato é que quando voltamos ao Brasil, em 1957, depois do curso em Moscou, já tínhamos desenvolvido um pouco mais de espírito crítico.

Quando da invasão da Tchecoslováquia, em agosto de 1968, nos posicionamos contra. Até me lembro de termos nos encontrado, eu, Apolônio e

o Mário Alves, para conversar sobre o assunto. Estávamos contra a posição da União Soviética e o PCBR teve uma posição oficial, lançando um manifesto contra a invasão.

Desde a infância, fui comunista e, mesmo quando não estava com uma tarefa específica do partido, sentia-me uma militante comunista. Não considero que a minha militância tenha sido em função daquela desenvolvida por Apolônio. A minha ligação com Apolônio me influenciou certamente, até porque, entre outras decisões, as tarefas dele me obrigavam à clandestinidade. Mas éramos dois militantes.

A ruptura com o sentimento religioso em relação ao partido foi muito difícil. Foi uma situação que veio aos poucos, gradativamente. Dessa forma, eu me queixava de certas coisas e acabei me convencendo de que tinha razão, porque os próprios acontecimentos internacionais mostraram isso. Pouco a pouco fomos abrindo os olhos e vendo que diversas posturas podiam e deviam ser criticadas. Fomos desenvolvendo isso pouco a pouco: maior capacidade de criticar, de argumentar. Politicamente foram as questões da Hungria, da Tchecoslováquia, as divergências sino-soviéticas, e depois, aqui no Brasil, as divergências com a linha do PCB.

Havia ainda outros aspectos. Em Moscou, comecei a me dar conta de alguns problemas, mas pensava: “A guerra terminou somente há dez anos, houve 20 milhões de mortos, não se pode fazer tudo em um dia só”. Então havia situações que percebíamos, mas abafávamos. Por exemplo, morávamos no alojamento das mulheres, que ficava do outro lado de um parque. Havia lá uma camponesa que, para mim, devia ser muito velha, toda desdentada. Para ter um suplemento de renda ela criava coelhos angorás. Ela os escovava, juntava seus pelos para vender e fazer lã. Muitas vezes, nós íamos levar pão para os coelhos dessa mulher que eu imaginava ser tão velha, era uma verdadeira mujique (camponesa russa), com aquelas saias compridas... Certo dia, eu a vi subir na boleia de um caminhão, sem ajuda, com a maior agilidade! Ela estava grávida!

E havia outros disparates, sem qualquer justificativa... Quando eu via aqueles automóveis pretos oficiais, com cortinas nas janelas e certas pessoas tendo o privilégio – o monopólio – de andar nesses carros, isso me revoltava! Quando via a atitude de certas pessoas, que não eram dirigentes tão importantes assim, mas que se davam esses ares, isso me deixava magoada, me chocava, aquilo não podia existir no socialismo! Havia certos comportamentos adotados pela burguesia em que não acreditávamos e combatíamos. Mas isso ocorrendo na União Soviética, como justificar? E o próprio trabalho não era tão valorizado assim.

A medicina era a pior possível. Uma cirurgiã operou o calcanhar do David Capistrano da Costa e errou, cortando o músculo em outro sentido. Outra coisa: a esmagadora maioria dos médicos de lá eram mulheres, mas o professor, o bom médico, era sempre homem. As mulheres tinham alcançado várias conquistas, mas a igualdade ainda era bastante relativa. Lembro-me de uma moça da Juventude Comunista que estava esperando criança e para receber algum benefício, possivelmente o salário-maternidade, ela teve de trabalhar até o fim da gravidez. Sua tarefa era escovar o chão com água e sabão. Eu ficava com muita pena daquela mulher, já prestes a ter o bebê, tendo de realizar aquele trabalho. Não teria sido possível dar um jeito de encontrar outro trabalho para ela?

Em outra oportunidade, ouvi um tradutor elogiar muito um dentista porque ele era cirurgião. Então, eu disse: mas lá no Brasil todos os dentistas são cirurgiões! Ele não queria acreditar. Eu, felizmente, frequentava pouco a policlínica, mas havia quem fosse toda semana. Certa vez fiquei tão chocada! A nossa policlínica era a do Comitê Central, um dia fomos lá e havia uma senhora, que devia ser próxima de algum funcionário do comitê, esperando sua hora, havia outras pessoas também. Nós chegamos com a enfermeira e passamos à frente de todos que ali esperavam. Essa mulher não ousou protestar, mas pela expressão que fez, vimos o que estava pensando. Fiquei envergonhada! Mas, por outro lado, temos de pensar que a medicina era para todos: toda a população tinha acesso à saúde, à educação; todos estavam vestidos e calçados.

Durante nossa estada na União Soviética recebíamos uma espécie de bolsa, o “estipêndia”, e lembro-me de que contribuíamos para o coletivo com a maior parte do valor. Apenas uma vez guardei o dinheiro, porque precisava colocar um dente e puseram em mim um dente de ouro.

A experiência de as pessoas nos abordarem para comprar roupas e objetos só tive em um tempo mais tarde, quando em 1975 fui a Moscou com meu irmão e minha cunhada – já comentei antes sobre isso. Meu irmão não era rico mas gostava de se vestir bem, de estar na moda. Fomos a uma boate enorme, do estilo do Canecão, para ver um espetáculo. Uma senhora que trabalhava comigo disse: “Vamos embora senão teremos que levar seu irmão nu para o hotel!”. Queriam comprar tudo dele!

O início da Revolução Russa foi uma época muito diferente! As mulheres militavam intensamente, com independência, igual aos homens, mas depois tudo isso desapareceu. Eu me alimentei dos livros daquela época, quando era garota; e também de filmes que, de vez em quando, víamos na França.

Era difícil criticar. Relevávamos tantas situações erradas que víamos justamente pelo que já comentei: lembrávamos da guerra que terminara ha-

via pouco, era normal que ainda existisse miséria. As estradas pelo interior eram horrorosas! O ônibus em que viajávamos caía em uns buracos, e logo chamavam os trabalhadores que estavam por perto, que faziam um esforço monstruoso para retirar o ônibus... Era um pouco chocante como “o capital mais precioso”, o homem, era tratado.

A verdade é que, seguindo sem discutir o que vinha da Terceira Internacional, nunca podíamos levar em conta as particularidades do país, sua situação social real, suas tradições, as verdadeiras necessidades do partido... Aceitávamos tudo! Aquilo não podia dar certo.

Bem, já chorei minhas mágoas... Mas devo ressaltar: nunca briguei com o passado. E essas queixas todas eu fazia ao Apolônio... Para mim, teria sido uma satisfação se ele tivesse reconhecido que eu reclamava com razão, mas ele sempre me considerou uma companheira. Eu era uma companheira forte: tinha que aguentar! Apolônio fazia sacrifícios, então, que eu fizesse os meus, também não era problema. Se era problema para ele, nada dizia. Nossa ligação era muito profunda, muito forte. Tínhamos inteira confiança um no outro e isso consolidava nossa relação – e eu aguentava todas as dificuldades. Nunca consideramos nossa realidade de um modo muito amargo. O que tinha passado era passado e logo estávamos em outra.

Como eu reclamava, Apolônio citou no seu livro que eu lhe dava muitos beliscões... Eu dizia que eu era realista, que precisava ter os pés no chão para segurá-lo, porque do contrário ele era capaz de sair voando... Eu era o contrapeso que o retinha... Era a nossa brincadeira. Apolônio sempre foi uma pessoa compreensiva, uma pessoa boa e agradável de conviver!

Apolônio tinha certa mística do partido e eu, mais espírito crítico. Talvez pelas atividades partidárias na França, ou pelas atitudes da família. Na minha família, havia bastante espírito crítico. Quando Paulette esteve aqui ela se lembrou de como tínhamos liberdade na maneira de pensar, nos assuntos em geral. Éramos uma família sem muitos preconceitos: o problema religioso para nós não existia. E mesmo minha avó, que era religiosa e acreditava em Deus, nunca foi de frequentar igreja. Meu pai era comunista e meus dois avós eram livre-pensadores. O pai de minha mãe era um militante sindicalista que votava em Jaurés; era um operário esclarecido. E no partido, durante a Resistência, tínhamos muito mais autonomia e iniciativas.

OS CONFLITOS E OS RELACIONAMENTOS NO PARTIDÃO

Quando cheguei ao Brasil, estranhei os preconceitos que hoje ainda existem, embora menos. Um deles é esconder problemas de família: parece que

tudo tem de ser idílico, que tudo vai muito bem e, com isso, qualquer defeito ou problema vai para debaixo do tapete. Outro comportamento que estranhei muito: em muitos lugares no Brasil, as mulheres comiam na cozinha. Apolônio tinha me contado que, em Mato Grosso, as mulheres comiam na cozinha, em geral com as mãos, enquanto os homens se sentavam à mesa e se alimentavam usando talheres. Os maridos tinham todas as liberdades e as mulheres, não.

É difícil explicar certos conflitos pelos quais passei. Em minha consideração alguns dirigentes do partido eram incapazes, e talvez fossem mesmo... Mas não posso me esquecer de outros aspectos, como a dedicação que tiveram por um ideal, a coragem com que enfrentaram as adversidades, as privações pelas quais eles e as famílias passaram e tantos outros desafios em suas vidas destruídas! O levante de 1935 pode até ter sido o mais errado possível, mas eles lutaram com muita coragem e por ideais nobres!

Nós deixamos o partidão, o PCB, por uma questão de consciência: em nosso entendimento, a linha do PCB estava errada. Não podemos deixar de reconhecer, entretanto, o valor do desempenho de tantos militantes. Por isso, eu hesito em dizer: “eram incapazes”. Em parte, todos nós fomos incapazes!

Em relação a nossos companheiros, do Mário Alves eu gostava muito, ele tinha certo espírito irônico... Uma vez conversamos sobre o conflito sino-soviético e a questão de apoiar a política da União Soviética ou da China, e ele manifestara uma opinião a favor da China. Mais tarde, em uma reunião do Comitê Central que eu secretariava, ele fez uma intervenção sobre o assunto, mas apoiando a União Soviética. Então, eu disse a ele: “Oh, Mário, não foi bem isso que você me disse na nossa conversa informal”. “E como você pretende saber o que eu estou pensando?” – foi a resposta dada por ele. O Mário era capaz dessas coisas.

O Jacob Gorender conheci pouco, mas também o apreciava. Carlos Marighella era uma pessoa respeitável. Sua posição política depois do golpe militar de 1964 talvez tenha sido influenciada pela reunião da Organização Latino-Americana de Solidariedade (Olas), em Cuba, em 1967, não sei... Aliás, ele criou um grupo antes da Ação Libertadora Nacional (ALN), algum agrupamento militar, cuja estrutura me parecia meio anarquista. Marighella não queria mais a experiência de criar um novo partido. Meu contato com o Câmara Ferreira foi breve; eu o conheci em São Paulo – soube depois que morávamos no mesmo bairro, Apolônio e eu na rua Girassol e ele em uma rua transversal. Ele me parecia ser um homem tranquilo, de um espírito bem assentado. Minha impressão era de que o Câmara Ferreira tinha ficado meio afastado do partido e voltou na altura do V Congresso. Talvez tenha sido um homem mais dos bastidores.

Com o Prestes, mantive contato em algumas reuniões pelas quais o Apolônio era responsável e eu o ajudava na tarefa. Como comentei, um dos assuntos preferidos de Prestes era a Coluna, e outro era o Levante de 1935. Ele contava a respeito desses eventos históricos com boa vontade. Apesar das divergências criadas mais tarde e de uma melhor compreensão de suas limitações políticas, sempre tive respeito por ele. Prestes era um homem honesto, muito firme em suas ideias e, quando atuou na Coluna, foi um grande militar.

Com o Diógenes Arruda tive um pouco mais de contato. Ele fazia parte da direção, eu o tinha conhecido ligeiramente em 1947, ano em que chegamos ao Brasil. A aproximação maior se deu sobretudo no curso Stalin, época em que Apolônio viajou para a União Soviética.

Com as famílias desses dirigentes, o contato era pequeno. Tinha grande simpatia pela Edíria, a mulher do Amazonas, mas apenas nos últimos anos voltamos a nos encontrar e a nos corresponder. Praticamente não me dava com ninguém... Havia, contudo, pessoas com quem simpatizávamos mais, a exemplo do Jacob Gorender e a mulher dele, Idealina, que se conheceram no curso em Moscou.

Os limites eram grandes à aproximação com os companheiros, por toda aquela atmosfera da clandestinidade e do sistema imposto pelo partido. Era a vida que levávamos, de modo que manter relações de amizade, de procurar, encontrar ou visitar os companheiros, isso não existia. Com a mulher do Mário Alves, a Dilma, o contato foi maior depois das prisões do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), em 1970. Esporadicamente eu via a Lurdes, mulher do Giocondo Dias⁵. Víamos pouco Armênio Guedes⁶ e Zuleika, mesmo morando perto de nós, no Jardim Botânico – se não estou enganada, nos encontramos quando do retorno de Rui Facó, que era cunhado do Armênio.

A mulher do Jacob Gorender, Idealina Fernandes, era filha de um velho militante fundador do partidão; ela era muito divertida, uma dessas pessoas capazes de rir de si mesma, mas com um espírito crítico acentuado. Nieta Campos da Paz⁷ foi outra militante comunista com quem eu me dava muito bem.

5. Giocondo Gerbasí Alves Dias (1913-1986), militar brasileiro, comunista, ex-secretário-geral do PCB.

6. Armênio Guedes (1918-), jornalista, foi secretário de Prestes e militante comunista.

7. Antonietta Hampshire Campos da Paz (1911-1990) participou ativamente de campanha de solidariedade aos presos políticos e suas famílias, fez parte da comissão de Mulheres Pró-Anistia e do comitê Mulheres Pró-Democracia, trabalhos políticos do PCB com mulheres, no Rio de Janeiro.

CRÍTICA E AUTOCRÍTICA: UMA AVALIAÇÃO CONSCIENTE

Depois da Anistia (1979), fiquei entusiasmada com aquele movimento de massas que se formou com as grandes greves do ABC e com a ideia que estava no ar, de criação do PT. Foi assim que decidi ingressar no PT. Apolônio e eu sempre tínhamos desejado um PCB de massas, mas no Brasil nunca houve um partido de massas. No entanto, o PT nunca foi socialista, queria sim uma sociedade sem explorados e exploradores. Não vai mais longe do que isso. Atualmente, o PT é o partido que luta por uma sociedade melhor, para aumentar a oferta de trabalho, acabar com as desigualdades e amenizar a fome. Pode não ser o que esperávamos que ele fosse. Atualmente, sua militância não está mais nas ruas fazendo suas campanhas eleitorais, mas em compensação ganhou popularidade nos rincões mais pobres do país.

Minha entrada para o PT foi muito consciente, sem os mitos e as ilusões que tive a minha vida toda no PCB. E com uma peculiaridade: sem antolhos. Porque, em nossa militância no PCB, a verdade é que não víamos certas coisas porque não queríamos ver. Podemos criticar e as críticas que fazemos são verdadeiras! Com isso não posso esquecer de ressaltar, nós também estávamos lá! Com todo aquele contexto de época sobre o qual já me alonguei suficientemente, era difícil estar fora do partido e, se discordássemos, éramos postos de lado, em tarefas miúdas, até nos isolar. Se pensarmos bem, voltamos àquele ponto crucial. Nós víamos procedimentos errados e não dizíamos nada, sempre encontrávamos uma justificativa, pautada em um interesse maior, acima de nós – era a revolução. E também porque considerávamos que o partido não erra... E, desde o começo, o partido errou feio.

O que me torna feliz hoje em dia é saber que posso julgar por mim mesma, pela minha consciência. Posso me enganar, mas as opiniões são minhas e tenho a tranquilidade de dizer: “Eu critiquei, não estava de acordo com isso”.

Por sua vez, o PT não é um partido de carteirinha, o que cada um pode fazer, faz. Sou muito amiga do Lula e de outros companheiros, respeito-os muito, e sou capaz, se for o caso, de criticá-los. Sinto-me livre para agir dessa forma, postura que não tomava em relação ao PCB. Não me sentia livre no partidão, o que não se dava apenas por uma questão de disciplina, mas porque pensava: “Quem sou eu, diante dos dirigentes que conhecem a situação, que criam a linha do partido?”.

Agora tenho a alegria de saber que, se cometer erros, cometo *os meus erros*. Não vou seguindo o rebanho. Apesar de que rebanho é uma maneira de dizer, porque quantos intelectuais, cientistas os mais avançados, escritores, as

peças mais cultas da sociedade foram comunistas!? Claro que houve pessoas capazes que não eram comunistas, de modo geral, todavia, depois da Revolução de Outubro (1917), as pessoas mais progressistas tornaram-se comunistas. Esse é um aspecto relevante a ser considerado. Outro relaciona-se a um ponto que não podemos nos esquecer: o comunismo fracassou. Isso porque não tinha base econômica e sofria com muita corrupção.

Se essas pessoas cultas a que me referi acima se enganaram, como seria possível as pessoas mais simples – pequeninos grãos de areia – não se enganarem? Do ponto de vista científico, sejamos honestos, a União Soviética não fez nada, a não ser na corrida armamentista: lançou o primeiro astronauta e conseguiu criar a bomba atômica. E do ponto de vista cultural? A União Soviética não criou nada. Era a arte socialista, o realismo socialista, a ciência socialista.

Contudo, há um item absolutamente favorável, que deve ser lembrado. Sem dúvida, a grande contribuição da União Soviética foi a luta contra os nazistas, porque o que se almejava era acabar com o socialismo. Na Segunda Guerra Mundial a oposição dirigida à URSS era enorme. O que sabemos é que os aliados planejaram acabar, concomitantemente, com o nazismo e com a URSS. A prova disso é que logo depois da vitória veio a Guerra Fria, e foram retomadas as iniciativas contra a União Soviética.

Atualmente, ainda acredito no socialismo, porque o caminho do desenvolvimento, o crescimento das forças produtivas e a mudança do pensamento das pessoas ocorrem por intermédio dele. Mesmo sabendo que o acaso conta e possa haver uma guerra atômica que acabe com tudo... E cabe perguntar: como mudará essa consciência? Será um socialismo fraterno, como imaginávamos? Porque socialismo é humanismo! Hoje, nós não sabemos como será esse socialismo.

Em relação à queda do Muro de Berlim; não posso dizer que a presentimos, não seria verdade. Mas quando aconteceu não nos surpreendeu. A situação, por seu próprio curso, se encaminhava nessa direção, embora não pensássemos que o fim da União Soviética fosse tão rápido. Nos primeiros anos de Mikhail Gorbachev, ainda acreditávamos na possibilidade de reforma do regime; a corrupção, porém, tinha ido longe demais.

A União Soviética se atrasou muito na construção de uma sociedade humanista. Não gostamos de dizer, mas o stalinismo criou um estado policial. E com muita corrupção! Mas continuo acreditando no socialismo, mesmo que não saiba o que será exatamente esse socialismo. De todo modo, precisamos acreditar e lutar para que ele seja realmente humano. O marxismo continua vivo, apesar de muitos quererem jogá-lo no lixo – hoje em dia poucas pessoas têm coragem de dizer que são marxistas! Dizem que os marxistas pararam no

tempo, estão atrasados... Mas, na realidade, o marxismo é um instrumento de estudo, uma base fundamental para a compreensão da sociedade. Pode ainda ser uma utopia. É muito triste, no entanto, viver sem utopia. E isso falta à sociedade contemporânea, principalmente à juventude de hoje, que precisa ter um objetivo, um ideal pelo qual lutar.

VIII

O FRESCOR
DOS TEMPOS RECENTES

Nesse longo percurso de militância política, cheio de altos e baixos, chegou o momento em que podíamos, com um olhar mais distanciado dos fatos, fazer uma espécie de balanço da experiência; em especial, o Apolônio, que se destacou bastante em várias lutas. Algumas pessoas começaram a nos procurar para falar desses temas e das avaliações que fazíamos sobre o passado. Foi assim, de modo lento, que saiu o livro do Apolônio, *Vale a pena sonhar*. Foi necessário dez anos para prepará-lo. Dava entrevistas, contava sobre muitos episódios, que podiam servir para o roteiro do livro. O problema é que ele nunca se decidia, até porque era uma pessoa incapaz de dizer “eu”. Apolônio sempre dizia: *nós*. Não era, no entanto, num tom majestático, na verdade era para generalizar: “a minha geração”. Nunca destacava a participação dele.

Quem tomou mesmo a iniciativa e o estimulou a fazer o livro foi a Ana Duarte e seu marido dela, o Jander Duarte. Ele disse ao Apolônio: “Vou ao Museu da Imagem e do Som e peço uma cópia da entrevista que você deu ao pessoal de lá”. O Jander conseguiu a cessão de cópias das fitas e nós transcrevemos tudo. Tinha havido também um projeto da Universidade Federal Fluminense (UFF), do qual participaram Daniel Aarão Reis Filho¹, Álvaro Caldas²

1. Daniel Aarão Reis Filho, nascido em 1946, historiador e professor de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense (UFF).

2. Álvaro Caldas, escritor e jornalista, militante político contra a ditadura militar no Brasil e professor do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Caldas, Aarão e Nélie Sá entrevistaram Apolônio de Carvalho em 9 de outubro de 1986.

e Nelie Sá Pereira, que fizeram 70 horas de gravação com Apolônio e também comigo. Foi um processo muito dinâmico e envolvente, ficamos trabalhando bastante tempo nisso. Uma vez por semana nos reuníamos, eles formulavam as perguntas e tocávamos a entrevista.

A publicação do livro resultou do esforço da Ana Duarte, que se comprometeu com tal iniciativa. No início houve um assistente (não me lembro de seu nome, infelizmente), ele deu certo auxílio durante pouco tempo. Apolônio pediu ao professor Antônio Cândido para fazer o prefácio, que aceitou e o fez com aquela análise primorosa, fruto de seu vasto conhecimento. O livro foi lançado pela editora Rocco em 1997, a noite de autógrafos se alongou até uma hora da manhã, no Museu da República, no Rio de Janeiro. Só naquela noite, foram vendidos uns 500 exemplares! Tiveram que ir buscar mais livros na editora. Apolônio fazia um verdadeiro discurso antes de escrever cada dedicatória! E, nessa atividade de divulgação, fomos a várias cidades fazer o lançamento, entre elas São Paulo, Belo Horizonte, Recife.

O documentário sobre a trajetória de Apolônio, *Vale a pena sonhar*, veio depois, em 2003; foi feito pela Stela Grisotti, uma pessoa muito simpática, e por Rudi Böhm, experientes cineastas. Stela estava grávida – sua gravidez foi de risco, de modo que teve de ficar deitada o tempo todo da gestação –, nesse período, comprou o livro do Apolônio e o leu com grande interesse. Ficou encantada e se lançou ao projeto. Para ela, a gestação foi simultânea: a da filha e a da produção desse documentário.

Depois da divulgação do livro do Apolônio, meus filhos insistiram para eu dar minha opinião sobre esse período. Eu me negava e resisti muito a dar esse depoimento: não fui dirigente nem uma figura de expressão nas lutas de que participei. Minha visão e opiniões não eram relevantes – era o que eu reforçava quando me faziam o convite. Foi depois de uma discussão com Marly Vianna – historiadora e companheira –, na qual relembremos fatos e acontecimentos até hoje pouco conhecidos, que aceitei contar um pouco de minha vida. Não tinha, porém, a intenção de publicar. Isso porque ainda penso ter pouco a dizer sobre esses últimos 70 anos.

Não tenho nenhum amargor ao lembrar todas as dificuldades por que passamos. Ao fazer uma reflexão sobre esses anos do passado, confesso que tenho deles uma imagem predominantemente positiva. Muitas coisas poderiam ter sido diferentes, não há dúvida. Mas vivemos a vida que escolhemos! Cometemos erros, como muitos outros o fizeram em sua atuação política, mas tivemos a sorte de recuperar o espírito crítico. Lutamos por uma ideologia de acordo com nossa consciência – éramos da turma do bem.

É verdade que entramos para o partido como se entra em uma religião. E, pouco a pouco, fomos evoluindo, nossos olhos foram se abrindo... Eu tinha mais espírito crítico que Apolônio, pelo fato de ele se considerar um soldado do partido.

Apesar de terem ocorrido diferenças de opinião e discussões acirradas sobre a política a seguir, nunca tivemos ódio dos companheiros, sempre os respeitávamos. Quando membros do partido saíram para fundar o PCdoB, nós não os acompanhamos, porque discordávamos de suas posições – e mantivemos para com eles um comportamento fraternal.

Passamos ao largo de interesses individuais, nunca ambicionamos cargos ou honrarias, não tínhamos vontade nem interesse de fazer carreira política. Foi uma vida de entrega, de doação, de abnegação. Tínhamos o sentimento de caminhar no sentido da história, do progresso e da justiça.

Foram muitos também os momentos de felicidade. O momento mais marcante, o acontecimento que me deixou mais feliz foi a Frente Popular. Mesmo tendo um desfecho melancólico... Eu era criança ainda, mas fiquei emocionada com o entusiasmo popular delirante. Para mim, a Frente Popular foi ainda mais emocionante do que a libertação da França: foi uma espécie de revolução cultural. Com a legislação que instituiu as férias pagas, milhões de franceses puderam sair de férias e conhecer o mar. E nada mais empolgante do que a felicidade de um povo que lutou e obteve conquistas.

RITMO DE VIDA APÓS A ANISTIA E NOSSOS VÍNCULOS

Depois de termos permanecido no exílio, quando a Anistia foi decretada e pudemos voltar ao Brasil, inaugurou-se um momento de vida diferente para nós. Finalmente, passamos a ter o que podemos chamar de uma vida normal: o convívio com muitos amigos e a possibilidade de uma vida mais próxima de nossa família, tanto no Brasil como na França. E veio o tempo tão esperado da chegada de nossos netos.

João Lucas, filho de Raul e Izabel, foi o primeiro a aparecer, meio de supetão, mas com nome escolhido de longa data. Fui logo a Botucatu e passei com ele seu primeiro mês de vida. Supunha-se que eu tivesse algum conhecimento do assunto. Não foi bem assim: cuidar de um recém-nascido foi uma grande novidade. Ser avó é muito diferente de ser mãe. Essa experiência foi uma nova e agradável aprendizagem.

Poucos anos depois, em 1984, Maithé se anunciou e Angela e René, pais de primeira viagem, me convidaram para assistir a chegada da pequena. Confesso que foi uma alegria em dose dupla. A confiança e o carinho que esse

gesto demonstrava tocaram-me profundamente. Na época, não sabíamos se seria uma menina ou um menino, e Maithé veio como sua mãe queria, no feminino, e nas primeiras horas do primeiro de janeiro de 1984. Com muito cabelo negro em pé – parecia uma gatinha selvagem – e, também, com uma boa garganta.

René tinha aprendido a dirigir justamente para poder levar mulher e filha de João Pessoa até Campina Grande, onde moravam, na Paraíba. Dirigir ainda era uma habilidade recente... Confesso que, no banco de trás, com Maithé de três dias no colo, sentia-me com o coração nas mãos.

A chegada dessas crianças, muito tempo esperadas, completou um ciclo de vida que toda mulher almeja. Hoje, meus dois netos seguem carreiras bem diferentes. João Lucas é músico percussionista e está lançando seu primeiro disco. Maithé está terminando seu doutorado em neurociência. Ambos estão felizes com os estudos e a profissão que escolheram.

Nesse momento de vida também recebi, mais seguidamente, a visita de minha irmã, de meu irmão, a cunhada e de muitos amigos franceses que conhecemos durante o período de exílio. Quando meu irmão e cunhada vieram ao Brasil, a Paraíba estava no programa, sem dúvida. Ao chegar a Campina Grande, onde Angela e René lecionavam, pegamos um táxi e fomos procurar a rua indicada. Parece que os nomes das ruas não têm muito interesse para o pessoal de lá. Depois de rodar muito tempo, o motorista chegou à conclusão de que a rua, que não tinha placa, era aquela mesma onde já tínhamos passado. Por precaução, desci do carro e perguntei para uns garotos que jogavam bola qual era o nome da rua.

— Não sei não, dona! – responderam.

— Por acaso, vocês conhecem a professora Angela e o professor René?

— Não conhecemos não, dona.

— Será que vocês conhecem a Maithé, uma menina que tem um cachorro chamado Bidu?

— Ah! Maithé e Bidu? O Bidu é o pai dos filhotes da minha cachorra. Quer ver, dona?

E uma garota nos escoltou, correndo ao lado do táxi, até a casa da Maithé e do Bidu.

A dispersão de filhos e netos não os fazia sempre presentes em nosso dia a dia, mas, ao menos nas férias, eles vinham nos visitar. E sempre nos encontramos na ceia de Natal e no Réveillon, em casa. Angela e René voltaram a viver no Rio de Janeiro, com Maithé, em 1990. Raul permaneceu em São Paulo, mas vem ao Rio de Janeiro com frequência. Maithé está estudando no Canadá e só a vejo nos dez dias de férias a que tem direito. Para poder conver-

sar com ela e vê-la com mais assiduidade, tomei coragem e comprei um *laptop* e assim podemos conversar por um comunicador virtual. João Lucas vem ao Rio de Janeiro com certa frequência e aproveitamos para nos encontrar.

Apolônio continuou militando até o final de sua vida. Estivemos em quase todas as capitais do país para o lançamento de sua biografia, sempre dando entrevistas em canais de televisão, debatendo os temas do livro e, ao mesmo tempo, revendo velhos amigos de várias épocas de nossa longa militância. Essa mesma experiência aconteceu quando Stela Grisotti e Rudi Böhm lançaram o documentário que realizaram baseados no livro e, depois, a produção do DVD.

Em 1998, fomos a Paris participar dos debates do Espaço Marx, por ocasião dos 150 de aniversário do Manifesto Comunista. Apolônio envolveu-se muito nas discussões. Em 1996 fomos à Espanha, para o encontro de comemoração do sexagésimo aniversário das Brigadas Internacionais e lá encontramos velhos companheiros de vários países. Foram reencontros muito fraternos, cheios de caladas lembranças. Apolônio sempre guardou o mesmo entusiasmo e o mesmo otimismo – inveterado –, como ele gostava de dizer.

Uma curiosidade, Apolônio tinha horror de ouvir falar em doenças ou morte. Mudava sempre de assunto quando alguém se estendia sobre esses temas. Minimizava, assim, seus próprios problemas de saúde. Nunca se queixava de nada, para evitar que me preocupasse. Não tinha, entretanto, muito sucesso nesse intento, porque eu o conhecia bem.

Por um lado, as viagens que fazíamos, Apolônio e eu, me deixavam muito feliz, pelo que representavam de reconhecimento da trajetória política e pelas efusivas demonstrações de amizade dos companheiros. Por outro, no entanto, eu ficava apavorada e aflita. Ficava em constante estado de alerta com o cansaço a que Apolônio se submetia e com a possibilidade da ocorrência de um problema de saúde em locais onde os médicos não conheciam seu histórico clínico.

Sua morte, em 23 de setembro de 2005, foi um golpe muito forte para mim! Sofri muito, mesmo tendo consciência de que se aproximava, em função da evolução de sua saúde. Apolônio está muito presente em mim, e sua ausência física, após mais de 65 anos de vida e militância conjunta deixou um vazio enorme.

Demorei bastante tempo para me refazer da perda e recuperar, aos poucos, o ânimo de viver. O apoio e o carinho constantes que recebi dos filhos, das noras, Ângela e Silvana, que são minhas amigas, e dos netos, João Lucas e Maithé, foram decisivos. Igualmente acolhedor foi o apoio de meu círculo mais próximo de amizades, sempre presente. Rosali, anjo da guarda do Apo-

lônio, e agora meu também. Irene, Heleni e Nelly, que Apolônio considerava como filhas adotivas, adotaram a mim também e me cercam de muito carinho e atenção. A elas, mais recentemente, se juntaram Marly, que me convenceu a participar desta empreitada, e Zezé. Não posso deixar de mencionar também o apoio e o carinho cotidianos que tenho recebido de dona Conceição. E também não posso me esquecer de Aracy, vizinha e amiga de longa data e de muitos momentos difíceis.

As homenagens e o carinho que recebi quando Lula era presidente, ao lado dos ministros Luiz Dulci, Gilberto de Carvalho e Paulo Vannuchi, dos governadores Marcelo Déda e Zeca, e de tantos outros companheiros da época de criação do PT, me deixaram muito emocionada. Conheço pouco as novas lideranças petistas, mas guardo agradecida o carinho que todos tinham com Apolônio.

Também não posso deixar de lembrar – e agradecer – a linda homenagem que, em 2009, me foi prestada pelo Consulado da França, no Rio de Janeiro, no quadro das comemorações do ano França-Brasil. Homenagem que contou com a presença de todo o corpo da embaixada e do amigo e ex-presidente Lula, além de outras autoridades.

Continuo acreditando no socialismo, conforme tive a oportunidade de comentar neste livro, embora não saiba que forma ele adotará. Estou afastada da vida cotidiana do PT, mas sigo acompanhando com profundo interesse a vida política do país e a ação governamental. Penso que, ao menos em parte, acabei incorporando o otimismo do Apolônio. O Brasil ainda é um país com numerosas desigualdades e no qual parte da população vive em condições muito precárias. Estou feliz, contudo, de viver em um país que, nestes últimos anos, fez um grande esforço para erradicar a pobreza e proporcionar melhores condições de vida a seus habitantes.

MARLY DE ALMEIDA GOMES VIANNA é graduada em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFICS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Economia Rural pela Universidade Federal de Campina Grande(UFCG); e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

É autora do livro “*Revolucionários de 1935 - sonho e realidade*”, com 1ª edição pela editora Companhia das Letras, 1992; 2ª e 3ª edição pela editora Expressão Popular, 2007 e 2011.

Entre outras publicações, organizou a coletânea de documentos sobre a insurreição de 1935: “*Pão, terra e Liberdade*”, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, São Carlos, SP, Ed. da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Coordenou o Arquivo e História Contemporânea da UFSCar e foi diretora-presidente da Fundação Pró Memória de São Carlos. Até seu rompimento com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1979, foi membro do partido desde 1961, de seu Comitê Central e secretariado.

RENÉ LOUIS DE CARVALHO é economista, doutor e pesquisador pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atualmente leciona. Filho de Renée France e Apolônio de Carvalho, René Louis nasceu na França em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, engajou-se na luta armada contra a ditadura civil-militar instaurada em 1964, como militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR).

RAMÓN PEÑA CASTRO foi graduado em Economia pela Universidade Lomonosov de Moscou (1963) e doutorado em Ciências Econômicas pela Universidade Lomonosov de Moscou (1973). Atualmente é pesquisador visitante da FIOCRUZ e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional em Saúde, na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ; é professor colaborador (aposentado) do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

SOBRE O ARTISTA DA OBRA PRESENTE NA CAPA

SÉRGIO SISTER é jornalista e artista plástico. Foi militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), combateu a ditadura civil-militar imposta pelo golpe de 1964 e conviveu com a família Carvalho. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT).

O livro *Renée France de Carvalho - Uma Vida de Lutas* foi impresso pela Cromosete para a Editora Fundação Perseu Abramo. A tiragem foi de 2.000 exemplares. O texto foi composto em Adobe Garamond Pro no corpo 11/13,2. A capa foi impressa em papel Supremo 250g ; o miolo foi impresso em papel Avena 70g e Couché 115g para o caderno de fotos.